Um conto de fadas contemporâneo

NORA ROBERTS



QUARTETO DE NOIVAS 2

Mar de rosas

ARQUEIRO

Mar de rosas



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS — 2

Mar de rosas



Título original: *Bed of Roses*
Copyright © 2009 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna
preparo de originais: Rachel Agavino
revisão: Clarissa Peixoto e Flávia Midori
diagramação: Valéria Teixeira
capa: Miriam Lerner
imagem de capa: Getty Images
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Roberts, Nora, 1950-
Mar de rosas [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Janaína Senna]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

R549m

Tradução de: Bed of roses
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-274-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Casamento. 3. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.

14-10137

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para amigas

E tenho fé de que todas as flores
Apreciem o ar que respiram
– Wordsworth

O amor é como uma amizade em chamas
– Bruce Lee

prólogo

Para Emmaline, o romance torna as mulheres especiais. Faz com que todas sejam bonitas e transforma os homens em príncipes. Com romance, a vida de uma mulher é tão imponente quanto a de uma rainha, porque o seu coração passa a ser precioso.

Flores, luz de velas, longos passeios ao luar num jardim isolado... Só a ideia a fez suspirar. *Dançar* ao luar num jardim isolado: para ela, *isso* era o auge do romantismo.

Podia até imaginar a cena: o cheiro das rosas de verão, a música vindo das janelas abertas de um salão de baile, a luz que deixava tudo com um contorno prateado, como nos filmes. O modo como seu coração pulsaria (como pulsava agora quando ela visualizava tudo aquilo).

Ansiava por dançar ao luar num jardim isolado.

Tinha 11 anos.

Podia ver tão claramente como deveria ser – como *seria* – que descreveu a cena, nos mínimos detalhes, para suas melhores amigas.

Quando passavam a noite na casa umas das outras, ficavam horas e horas conversando sobre todo tipo de coisas, ouvindo música ou assistindo a filmes. Podiam ficar acordadas quanto tempo quisessem, até a noite *inteira*. Embora nenhuma delas tivesse conseguido isso. Não nessa época.

Quando iam dormir na casa de Parker, podiam ficar sentadas ou brincar na varanda do quarto até meia-noite, se o clima estivesse bom para isso. Na primavera, sua estação favorita, Emma adorava ficar naquela varanda sentindo o cheiro dos jardins da mansão dos Browns e da grama fresca, se o jardineiro a tivesse aparado naquele dia.

A Sra. Grady, a governanta, aparecia trazendo leite e biscoitos. Às vezes, bolinhos. De vez em quando, a Sra. Brown ia até lá para ver o que as meninas estavam fazendo.

Na maior parte do tempo, porém, as quatro ficavam sozinhas.

– Quando eu for uma mulher de negócios bem-sucedida de Nova York, não vou ter tempo para romance. – Laurel, que tinha os cabelos louros rajados de verde por conta de uma aplicação de suco industrializado de limão, exercitava seu senso estético nos cabelos ruivos e brilhosos de Mackensie.

– Mas você *precisa* ter – insistiu Emma.

– Hum-hum. – Com a ponta da língua para fora de tão compenetrada, Laurel continuava fazendo uma trança fina e bem comprida no cabelo de Mac. – Vou ser como a tia Jennifer. Ela diz para a minha mãe que não tem tempo para casamento, que não precisa de um homem para se sentir completa e coisas assim. Mora no Upper East Side e vai a festas com a Madonna. Meu pai diz que ela faz o tipo poderosa. Também vou fazer e irei a festas com a Madonna.

– Até parece – disse Mac, debochando. O puxão que levou na trança só a fez rir ainda mais. –

Dançar é legal, e acho que não tem nenhum problema viver um romance, contanto que não nos deixe idiotas. É só nisso que minha mãe pensa. Além de dinheiro. As duas coisas, acho. É mais ou menos assim: como conseguir romance e dinheiro ao mesmo tempo?

– Mas isso não é romance de verdade. – Emma fez um carinho na perna de Mac ao dizer essa frase. – Acho que romance é quando fazemos coisas um para o outro só porque estamos apaixonados. Adoraria ter idade para me apaixonar. – Emma deu um suspiro profundo. – Deve ser o máximo.

– Devíamos beijar um garoto para ver como é.

Todas pararam e encararam Parker, que estava deitada na cama de bruços, vendo as amigas brincarem de salão de beleza.

– Devíamos escolher um garoto e fazer com que nos beijasse. Já temos quase 12 anos. Precisamos ver se gostamos.

Laurel estreitou os olhos.

– Tipo uma experiência?

– Mas quem iríamos beijar? – perguntou Emma.

– Vamos fazer uma lista. – Parker se virou na cama para pegar o caderno novo na mesinha de cabeceira. Ele tinha um par de sapatos cor-de-rosa na capa. – Vou anotar o nome de todos os meninos que conhecemos. Depois, marcamos quais gostaríamos de beijar ou não e por quê.

– Isso não parece nada romântico.

Parker lançou um sorrisinho para Emma.

– Temos que começar de algum modo. E listas sempre ajudam. Mas acho que não podemos incluir parentes, como o Del – disse ela, referindo-se ao próprio irmão – ou os irmãos da Emma. Além disso, os irmãos da Emma são muito mais velhos.

Abriu o caderno numa folha em branco.

– E então?

– Às vezes eles enfiam a língua na nossa boca.

A declaração de Mac provocou gritinhos, exclamações e mais risos.

Parker saiu da cama e foi se sentar no chão ao lado de Emma.

– Ok, depois de fazer a lista principal, podemos dividir em duas: sim e não. Em seguida, escolhemos alguém da lista "sim". Se conseguirmos beijar o garoto que escolhemos, vamos ter que contar como foi. E se ele meter a língua na nossa boca, teremos que descrever como é.

– E se o garoto escolhido não quiser nos beijar?

– Em... – Prendendo a última trança, Laurel balançou a cabeça. – É claro que ele vai querer. Você é linda e trata os garotos de um jeito normal. Algumas meninas ficam completamente idiotas perto deles. Mas você não. Além do mais, já está começando a ter peitos.

– Eles gostam de peitos – disse Mac, com ar de entendida. – De qualquer jeito, se ele não beijar, você beija. Não acho que isso seja um problema.

Emma achava que era. Ou deveria ser.

Mas criaram a lista e isso foi suficiente para fazê-las rir. Laurel e Mac imitavam um ou outro garoto naquela situação imaginária. E *isso* as fazia rolar de rir pelo chão, a ponto de o Sr. Peixe

sair correndo do quarto e ir se enroscar na saleta de Parker.

A menina escondeu o caderno quando a Sra. Grady chegou com leite e biscoitos. Depois, tiveram a ideia de brincar de banda de rock. Todas foram remexer no closet e nas gavetas de Parker em busca das roupas certas para o palco.

Acabaram dormindo umas no chão, outras atravessadas na cama. Umas encolhidas, outras espalhadas.

Emma acordou antes de o sol nascer. O quarto estava escuro, iluminado apenas pela luminária da mesinha de cabeceira de Parker e por uma réstia de luar que entrava pela janela.

Alguém a cobrira com uma manta leve e pusera um travesseiro debaixo de sua cabeça. Alguém sempre fazia isso quando elas dormiam na casa umas das outras.

O luar a atraiu e, ainda meio sonhando, foi para a varanda. O ar fresco, com cheiro de rosas, roçou seu rosto.

Ficou olhando os jardins com bordas prateadas onde a primavera se instalara em cores brandas e formas delicadas. Quase podia ouvir a música. E se ver dançando por entre as rosas, as azaleias e as peônias, que ainda conservavam as pétalas e o perfume em botões bem fechados.

Chegava quase a ver seu parceiro, aquele que a fazia girar na dança. Uma valsa, pensou, suspirando. Tinha que ser uma valsa, como nos livros de histórias.

Isso, sim, era romance, pensou Emma, e fechou os olhou para inspirar o ar da noite.

Um dia, prometeu a si mesma, saberia como era aquilo.

capítulo um

Com a cabeça atordoada por tantos detalhes, muitos deles embaralhados, Emma deu uma olhada na agenda enquanto tomava sua primeira xícara de café. As reuniões com os clientes a deixavam tão animada quanto o café forte e doce. Contente com isso, recostou-se na cadeira de seu aconchegante escritório para reler as anotações que tinha acrescentado junto ao nome de cada casal.

A experiência lhe ensinara que a personalidade dos noivos – ou, mais precisamente, da noiva – ajudava a determinar o tom da reunião, a direção a seguir. Para Emma, as flores eram a alma de um casamento. Fossem elegantes ou alegres, elaboradas ou simples, elas eram o romance.

Seu trabalho era dar aos clientes toda a alma e todo o romantismo que desejassem.

Suspirou, espreguiçou-se e sorriu para o vaso de minirrosas sobre a escrivaninha. A primavera é o máximo, pensou. A temporada de casamentos estava à toda – o que significava dias ocupadíssimos e longas noites imaginando e projetando arranjos, tendo que criar não apenas para os casamentos *desta* primavera, mas também para os da próxima.

Adorava a continuidade quase tanto quanto o próprio trabalho.

Foi isto que a Votos deu a ela e às suas três melhores amigas: continuidade, trabalho recompensador e realização pessoal. E ela tinha que lidar com flores, viver entre flores, praticamente nadar em flores todos os dias.

Divagando, examinou as mãos com aqueles pequenos arranhões e cortes minúsculos. Às vezes pensava neles como cicatrizes de batalhas; em outras, como medalhas de honra. Nesta manhã, tudo o que queria era não ter se esquecido de marcar a manicure.

Olhou para o relógio, fez as contas. Pulou da cadeira, novamente animada. Foi até o quarto e pegou um moletom vermelho para vestir por cima do pijama. Tinha tempo de ir até a mansão antes de se vestir e se preparar para o dia de trabalho. A Sra. Grady já devia ter feito o café da manhã e, assim, Emma não precisaria ver o que havia na despensa ou preparar alguma coisa para comer.

Sua vida era cheia de coisas fantásticas, pensou, ao descer correndo as escadas.

Ao passar pela sala que usava como área de recepção e reuniões, deu uma rápida olhadela no aposento, dirigindo-se para a porta. Trocaria as flores da decoração antes da primeira reunião, mas, ah, aqueles lírios orientais tinham desabrochado de um jeito tão lindo...

Saiu da antiga casa de hóspedes da propriedade dos Browns, que agora era a sua casa e o escritório da Arranjos – a sua parte da Votos.

Respirou fundo aquele ar de primavera. E estremeceu.

Que droga! Por que não podia estar um pouco menos frio? Pelo amor de Deus, já era abril! Época de narcisos. Vejam só como os amores-perfeitos que tinha plantado pareciam

entusiasmados. E ainda por cima estava começando a chuviscar, mas Emma se recusou a deixar que a manhã gelada estragasse seu bom humor.

Encolheu-se dentro do agasalho com capuz, enfiou no bolso a mão que não estava segurando a caneca de café e saiu andando para a mansão.

Ao seu redor, tudo voltava à vida, pensou. Olhando bem de perto, era possível ver a promessa do verde nas árvores, o vestígio do que ia se transformar em delicados botões de cornisos e de cerejeira. Aqueles narcisos estavam querendo brotar e os crocos já tinham nascido. Talvez ainda houvesse neve nesse início de primavera, mas o pior tinha passado.

Em breve seria hora de remexer na terra, trazer algumas das suas belezas da estufa e deixá-las à mostra. Emma acrescentaria os buquês, os festões e as guirlandas, mas nada superava a Mãe Natureza quando se tratava de fornecer a paisagem mais emocionante para um casamento.

E, na sua opinião, nada superava a paisagem da propriedade dos Browns.

Os jardins, verdadeiras vitrines, mesmo nessa época, em breve iam explodir em cores, flores, odores, convidando as pessoas a passear pelos caminhos sinuosos ou sentar num banco, relaxando ao sol ou à sombra. Parker a encarregara – daquele jeito dela de dar incumbência aos outros – de supervisioná-los, e assim todo ano ela podia se divertir plantando algo novo ou ficando de olho na equipe de jardineiros.

Terraços e pátios criavam áreas externas adoráveis, perfeitas para casamentos e outros eventos, recepções junto à piscina ou nos terraços, cerimônias sob o caramanchão coberto pela roseira, na pérgula ou talvez até às margens do lago à sombra de um salgueiro.

Tem tudo aqui, pensou Emma.

E a mansão em si? Existiria lugar mais gracioso, mais bonito? O lindo tom de azul, com aqueles toques quentes de creme e amarelo. Todo aquele traçado variado dos telhados, as janelas em arco, os parapeitos rendados das varandas só aumentavam seu encanto e sua elegância. E, na verdade, a varanda da entrada parecia feita para abrigar folhagens exuberantes ou cores e texturas elaboradas.

Quando criança, ela pensava naquela propriedade como uma terra de conto de fadas, que tinha inclusive um castelo.

Agora aquele era o seu lar.

Dirigiu-se à casa da piscina, onde sua sócia Mac morava e mantinha seu estúdio fotográfico. Enquanto se encaminhava para lá, a porta da casa se abriu. Com um sorriso radiante, Emma acenou para o rapaz magro, meio descabelado, usando um paletó de tweed, que saía.

– Bom dia, Carter.

– Oi, Emma.

A família de Carter e a sua eram amigas desde que ela se entendia por gente. Agora, Carter Maguire, ex-professor de Yale, que atualmente lecionava literatura inglesa no ensino médio da escola local, estava noivo de uma das melhores amigas que ela tinha no mundo.

A vida não era apenas boa, pensou Emma. Era um incrível mar de rosas.

Enlevada por essa ideia, saiu quase dançando na direção de Carter, puxou-o pela lapela e, na ponta dos pés, lhe deu um beijo bem estalado.

– Uau! – exclamou ele, corando um pouco.

– Ei! – Com os olhos sonolentos e o cabelo vermelho brilhando na penumbra, Mac estava recostada no umbral da porta. – Está tentando conquistar o meu homem?

– Quem dera. Eu bem que o roubaria, mas você o enfeitiçou e se apoderou dele.

– Exatamente.

– Bom – disse Carter, sorrindo para as duas –, este é sem dúvida um ótimo jeito de começar o dia. O conselho de classe que vou ter agora nem de longe vai ser tão agradável.

– Diga que está doente – propôs Mac, toda dengosa. – Vou lhe dar uma coisa agradável.

– Ah... Bom... Tchau.

Emma abriu o maior sorriso quando ele se dirigiu apressado até o carro.

– Meu Deus, como ele é *fofo* – comentou.

– É mesmo.

– E olhe só para você, a Garota Feliz...

– A Noiva Feliz. Quer ver meu anel de novo?

– Oh! – exclamou Emma, toda solícita ao ver Mac mexer os dedos. – Ah!

– Está indo tomar café?

– Essa é a ideia.

– Espere um pouco. – Mac se inclinou para o interior de casa, pegou um casaco, saiu e fechou a porta atrás de si. – Ainda não comi nada, só tomei café, portanto...

Quando começaram a caminhar juntas, Mac franziu as sobrancelhas.

– Essa caneca é minha.

– Quer que eu a devolva agora?

– Sei por que estou tão animada nessa manhã horrível, e é a mesma razão pela qual não tive tempo de tomar café. É o chamado "vamos tomar banho juntos".

– A Garota Feliz também é a Vaca Exibida.

– Com muito orgulho. Por que você está tão animada? Tinha um homem na sua casa?

– Infelizmente, não. Mas tenho cinco clientes marcados para hoje. É um ótimo jeito de começar a semana, que, ainda por cima, vem depois do magnífico fim de semana com aquele casamento ao estilo chá das cinco. Foi uma graça, não foi?

– O casal sexagenário trocando seus votos e festejando, cercados pelos filhos e os netos de cada um. Não foi só uma graça, mas também uma perspectiva tranquilizadora. Uma segunda vez para ambos. E lá estavam eles, prontos para fazer tudo de novo, desejando se unir e compartilhar a vida. Tirei umas fotos ótimas. Mas mesmo que não tivessem ficado boas, acho que aqueles filhos malucos iriam querer todas.

– Por falar nisso, temos que conversar sobre as flores do seu casamento. Dezembro pode estar longe – disse Emma, estremecendo –, mas o tempo passa depressa, você sabe.

– Ainda nem decidi como vão ser as fotos de noivado. Não vi vestidos nem pensei em cores.

– Eu fico ótima com tons fortes e brilhantes – disse Emma, piscando várias vezes os olhos.

– Você fica ótima até de estopa. E eu que sou a Vaca Exibida, né?

Mac abriu a porta do saguão de entrada e, como a Sra. Grady tinha voltado das férias de inverno, lembrou de limpar os pés no capacho.

– Assim que eu encontrar o vestido, começamos a pensar no resto.

– Você é a primeira de nós a se casar. E vai ser aqui.

– Verdade, vai ser interessante ver como vamos nos sair organizando um casamento e *fazendo parte* dele.

– Sabe que pode contar com a Parker para cuidar de toda a logística. Se há alguém que consegue fazer as coisas funcionarem direito, esse alguém é ela.

Entraram na cozinha e o caos estava instalado ali.

Enquanto Maureen Grady, a retidão em pessoa, trabalhava diante do fogão, com movimentos eficientes e o rosto plácido, Parker e Laurel estavam paradas uma diante da outra.

– Temos que fazer – insistia Parker.

– Merda, merda, merda.

– Isso é trabalho, Laurel. E no trabalho você faz o que o cliente quer.

– Eu vou lhe dizer o que eu gostaria de servir para essa cliente...

– Pare com isso. – Parker, com o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, já estava usando um terninho azul-escuro próprio para as reuniões com clientes. Os olhos dela faiscavam de impaciência. – Olhe, já fiz uma lista das coisas que ela escolheu, com número de convidados, as cores e as flores. Você nem vai precisar falar com ela. Eu vou intermediar.

– Pois vou lhe dizer o que pode fazer com a sua lista...

– A noiva...

– A noiva é uma babaca. Uma idiota. Uma mimada que deixou bem claro, quase um ano atrás, que não queria os meus serviços nem precisava deles. Ela pode se danar, porque não vai sentir nem o cheiro dos meus bolos agora que se deu conta da própria estupidez.

Vestindo uma calça de pijama de algodão, a camiseta que tinha usado para dormir e com o cabelo ainda todo despenteado, Laurel se deixou cair numa das cadeiras da mesa posta para o café da manhã.

– Você precisa se acalmar. – Parker se abaixou para pegar uma pasta, que Laurel provavelmente tinha jogado no chão. – Aqui tem tudo de que você precisa – falou, pousando a pasta em cima da mesa. – Já garanti à noiva que vamos dar um jeito, então...

– Então você cria e prepara um bolo de casamento de quatro andares, mais um bolo para o noivo e uma seleção de sobremesas para duzentas pessoas. Tudo isso de hoje até sábado, sem nenhuma preparação prévia, quando tem três outros eventos no fim de semana e uma festa noturna daqui a três dias.

Com cara de poucos amigos, Laurel pegou a pasta e, num gesto deliberado, a atirou no chão.

– Você está sendo infantil.

– Ótimo, sou infantil.

– Meninas, suas amiguinhas chegaram para brincar – interveio a Sra. Grady, quase cantarolando, num tom de voz exageradamente doce, e os olhos risonhos.

– Ah, ouvi minha mãe me chamar – disse Emma pronta para sair da cozinha.

– Nada disso! – exclamou Laurel. – Escutem só. É o casamento Folk-Harrigan no sábado à noite. Com certeza vocês lembram que a noiva torceu o nariz só de pensar na possibilidade de

a Confeitaria da Votos fornecer o bolo ou qualquer sobremesa. Como ela *esnobou* a mim e a todas as minhas sugestões, insistindo em dizer que a prima, uma *chef pâtissier* em Nova York, que estudou em Paris e fazia bolos para ocasiões *importantes*, ia cuidar de toda essa parte. Vocês se lembram do que ela me disse?

– Ah. – Emma chegou um pouco para o lado porque o dedo de Laurel estava apontado bem direto para o seu coração. – Não das palavras exatas.

– Pois eu lembro. Ela disse, com aquele ar de deboche, que tinha certeza de que eu podia perfeitamente dar conta da *maioria* dos eventos, mas queria o *melhor* para o seu casamento. Disse isso bem na minha cara!

– O que foi muito grosseiro, sem dúvida – começou Parker.

– Ainda não terminei – atalhou Laurel, entre dentes. – Agora, em cima da hora, parece que a prima fantástica fugiu com um dos clientes dela. Dela, a prima. O maior escândalo, já que o tal cliente, pelo que se diz, conheceu a prima fantástica quando encomendou a ela um bolo para a festa de noivado *dele*. Agora que ninguém sabe por onde eles andam, a noiva quer que eu salve a festa dela.

– É isso que fazemos aqui. Laurel...

– Não estou falando com você – disse, fazendo um gesto na direção de Parker e se voltando para Mac e Emma. – Estou falando com elas.

– O quê? Você disse alguma coisa? – perguntou Mac, abrindo um largo sorriso. – Desculpe, deve ter entrado água nos meus ouvidos no banho, não estou ouvindo nada.

– Sua covarde! Em.

– Hã...

– O café está pronto! – A Sra. Grady traçou um círculo com o dedo. – Todas sentadas. Omeletes de clara com torradas de pão preto. Sentem, sentem. Comam.

– Não vou comer até...

– Vamos nos sentar – interveio Emma, procurando um tom apaziguador. – Deixe-me pensar só um pouco. Vamos sentar e... Uau, Sra. G., isso está com uma cara ótima. – Pegou dois pratos pensando neles como escudos, enquanto atravessava a cozinha até a mesa do café. – Não vamos esquecer que somos uma equipe.

– Porque não foi você que foi insultada. Nem é você que vai ter trabalho extra.

– Na verdade, vou ter, sim. Ou melhor, já tive. A noiva Whitney foi uma terrorista. Posso me lembrar dos pesadelos que tive com ela, mas essa história fica para outro dia.

– Também já tive a minha cota – acrescentou Mac.

– Ah, então agora voltou a ouvir? – resmungou Laurel.

– Ela é grosseira, cheia de frescura, mimada, difícil e desagradável – prosseguiu Emma. – Normalmente, quando planejamos a festa, mesmo com os problemas que possam surgir e as esquisitices de alguns casais, me agrada pensar que os estou ajudando a montar o cenário do dia que, para eles, é o começo do "felizes para sempre". Nesse caso em particular, não me espantaria nada que durasse só dois anos. Ela foi grosseira com você e não acho que tenha sido deboche, acho que foi desprezo mesmo. Não gosto dela.

Visivelmente satisfeita com aquele apoio, Laurel lançou um sorriso sarcástico para Parker e

começou a comer.

– Mas é preciso ressaltar que somos uma equipe. E as clientes, mesmo as babacas debochadas, precisam ser atendidas. Essas já são boas razões para se fazer isso – prosseguiu Emma, vendo Laurel fazer uma careta para ela. – Mas tem uma ainda melhor: você vai mostrar a essa grossa, debochada e desagradável a doceira brilhante que você é, mesmo quando trabalha sob pressão.

– Parker já tentou usar esse argumento.

– Ah! – Emma cortou uma fina fatia da sua omelete. – Mas é verdade.

– Eu poderia pôr a tal da prima ladra de homens no chinelo.

– Não tenho a menor dúvida. Pessoalmente, acho que ela teria que implorar, pelo menos um pouquinho.

– Gostei da ideia – disse Laurel. – Ela podia suplicar.

– Acho que posso conseguir isso – atalhou Parker, pegando seu café. – E também já avisei que, para darmos conta de um imprevisto como esse, precisaremos cobrar uma taxa extra de 25 por cento. Ela se agarrou a isso como a uma tábua de salvação e ficou choramingando, toda agradecida.

Os olhos azuis de Laurel brilharam.

– Ela chorou?

Parker inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha para a amiga.

– E então?

– Embora a parte de choro me agrade bastante, ela ainda vai ter que aceitar o que eu propuser e gostar.

– É claro.

– Só peço que me avise o que decidir – pediu Emma. – Vou providenciar as flores e a decoração das mesas – prosseguiu, lançando um sorriso compreensivo para Parker. – Que horas ela ligou para falar dessa história toda?

– Às 3h20 da manhã.

Laurel se aproximou de Parker e deu uma palmadinha em seu ombro.

– Sinto muito.

– Essa é a minha parte no negócio. Vamos conseguir superar isso. Sempre conseguimos.

Elas sempre conseguiam, pensou Emma enquanto borrifava água nos arranjos da sua sala. Acreditava que isso nunca iria mudar. Deu uma olhadinha na foto emoldurada por um porta-retrato branco simples: três garotinhas brincando de casamento no jardim, num dia de verão. Ela tinha sido a noiva naquele dia, com um buquê de dentes-de-leão e um véu de renda. Ficara tão encantada quanto suas amigas ao ver a borboleta azul pousar numa das flores de seu ramalhete.

Mac estava lá também, é claro; só que atrás da câmera, capturando o momento. Emma considerava um verdadeiro milagre terem transformado sua brincadeira favorita de infância

num negócio próspero.

Os dentes-de-leão tinham ficado no passado, pensou ela, afofando os travesseiros. Mas quantas vezes tinha visto o mesmo encantamento, o mesmo olhar extasiado no rosto de uma noiva ao lhe entregar o buquê feito para ela? Só para ela.

Esperava que a reunião que estava prestes a começar resultasse num casamento na próxima primavera, exatamente com esse mesmo olhar extasiado no rosto da noiva.

Deu uma ajeitada nas suas pastas, nos álbuns e livros, depois foi até o espelho ver como estava o cabelo, a maquiagem e o terninho.

A boa imagem era prioridade na Votos.

Virou-se para atender o telefone.

– Arranjos da Votos – disse em tom alegre. – Sim, como vai, Roseanne? Claro que me lembro de você. Seu casamento está marcado para outubro, certo? Não, não é cedo demais para tomar essas decisões.

Enquanto falava, pegou um bloquinho na escrivaninha e o abriu.

– Podemos agendar uma reunião para a próxima semana, se for conveniente para você. Pode trazer uma foto do seu vestido? Ótimo. E, se já tiver escolhido os modelos ou as cores das damas... Hã-hã. Posso ajudá-la com tudo isso. Que tal segunda, às duas?

Anotou o compromisso no bloco e deu uma olhadinha para trás porque ouviu um carro estacionando.

Uma cliente ao telefone, outra à porta.

Meu Deus, como *adorava* a primavera!

Emma levou a última cliente do dia ao local onde deixava expostos arranjos e buquês de flores artificiais, bem como várias amostras que havia disposto em mesas e prateleiras.

– Fiz isto depois que recebi seu e-mail com a foto do vestido, o que me deu uma ideia básica de quais são as suas cores e flores favoritas. Sei que já me disse que preferiria um buquê que fosse uma enorme cascata, mas...

Emma tirou da estante um arranjo de lírios e rosas envolto por uma fita branca-perolada.

– Só queria que visse este antes de decidir.

– É lindo! E essas são as flores de que mais gosto. Mas não me parece, como posso dizer... grande o bastante.

– Pensando nas linhas do seu vestido, no corte da parte de baixo e nas belas aplicações de pedras no corpete, o buquê mais contemporâneo ficaria um espetáculo. Mas escolha o que quiser, Miranda. Esse outro buquê é bem mais próximo do que tem em mente.

Emma pegou o arranjo em cascata na estante.

– Ah, ele parece um jardim!

– É, parece, sim. Deixe-me mostrar algumas imagens – propôs Emma, abrindo uma pasta de onde tirou duas fotos.

– É o meu vestido! Com os buquês!

– Minha sócia Mac é uma fera no Photoshop. Essas fotos podem lhe dar uma boa ideia de como cada buquê vai ficar com o vestido. Não tem como escolher errado. É o seu dia e cada detalhe deve ser do jeitinho que planejou.

– Mas você está certa. – Miranda examinou bem as duas fotos. – O maior parece que... Bem, ele esconde o vestido. Já o outro parece que foi feito para ele. É elegante sem deixar de ser romântico. Ele é romântico, não acha?

– É, sim. Tem os lírios com esse toque cor-de-rosa contrastando com o branco das rosas e nuances do verde-pálido... Tem a fita branca com o brilho perolado... Acho que, se gostar da ideia, poderíamos fazer arranjos só com os lírios para as damas, talvez amarrados com uma fita cor-de-rosa.

– Acho que... – Miranda parou diante de um grande espelho antigo, de corpo inteiro, que ficava num canto do aposento, segurando o buquê de demonstração. Ao ver o reflexo, seu sorriso se abriu como uma flor. – Parece feito por fadinhas criativas. Adorei.

Emma anotou a composição do arranjo no caderninho.

– Fico feliz que tenha gostado. Podemos trabalhar em cima disso. Usarei jarros transparentes nas mesas principais, assim os buquês se manterão frescos e também farão parte da decoração durante a recepção. Agora, para o que você vai jogar, pensei em usar apenas rosas brancas e fazê-lo um pouco menor. – Emma pegou outra amostra. – Envolto com fitas brancas e cor-de-rosa.

– Seria perfeito. Está sendo muito mais fácil do que eu imaginei!

Satisfeita, Emma fez mais algumas anotações.

– As flores são importantes, mas também podem ser divertidas. Não tem como escolher errado, lembre-se disso. Por tudo que já me disse, sinto que o tom do casamento é de um romance moderno.

– É isso mesmo que estou querendo.

– A sua sobrinha, que vai levar as flores, tem 5 anos, não é?

– Acabou de completar 5 no mês passado. Está animadíssima com a ideia de jogar as pétalas de rosa pelo caminho.

– Imagino. – Emma registrou em sua mente a possibilidade de usar uma almofadinha perfumada. – Que tal essa cesta, forrada com cetim branco, entrelaçado com minirrosas brancas, usando mais uma vez umas fitas cor-de-rosa e brancas? As pétalas seriam de rosas com os mesmos tons das fitas. Podemos fazer uma coroa para ela, com rosinhas cor-de-rosa e brancas. Dependendo do vestido que ela for usar, e do gosto de vocês, pode ser uma coroa simples ou com fitas caindo na parte de trás.

– Com certeza com as fitas. Ela é toda vaidosa. Vai ficar encantada. – Miranda pegou a coroa que Emma havia feito como exemplo. – Ah, Emma, parece mesmo uma pequena coroa. Digna de uma princesa!

– Exatamente. – Quando Miranda pôs o arranjo na própria cabeça, Emma sorriu. – Uma menininha de 5 anos muito vaidosa vai ficar nas nuvens com ela. E você será sua tia predileta para o resto da vida.

– Ela vai ficar lindinha. Sim, vamos fazer tudo o que propôs. A cesta, a coroa, as fitas, as

rosas, as cores.

– Perfeito. Você está tornando tudo mais fácil para mim. Agora, temos que pensar na sua mãe e nas suas avós. Podemos fazer arranjos para o pulso ou broches, usando as rosas, os lírios ou ambos. Mas...

Sorrindo, Miranda tirou a coroa da cabeça.

– Cada vez que você diz "mas" está prestes a apresentar algo fantástico. Então diga: mas o quê?

– Achei que poderíamos dar uma modernizada no clássico porta-ramalhete.

– Não faço a menor ideia do que seja isso.

– É um pequeno buquê, como este, carregado dentro de um suporte para que as flores se mantenham frescas. Poderíamos pôr apoios nas mesas a que elas forem se sentar, dando mais destaque às mesas delas em relação às demais. Podemos usar os lírios e as rosas em miniatura, mas talvez com as cores invertidas. Rosas cor-de-rosa e lírios brancos, com um toque de verde-pálido. Se isso não combinar com os vestidos, usamos todas as flores brancas. E o porta-ramalhetes pode ser pequeno, não muito sofisticado. Eu usaria um como este aqui, em prata, bem simples, sem qualquer ornamento. Depois podemos gravar neles a data do casamento, os nomes de vocês e os delas.

– É como se elas fossem ter seus próprios buquês. Uma espécie de miniatura do meu. Ah, minha mãe vai...

Ao ver que Miranda estava ficando com os olhos marejados, Emma lhe estendeu a caixa de lenços que tinha sempre à mão.

– Obrigada. Vou querer isso também. Tenho que pensar nos monogramas e gostaria de falar sobre isso com o Brian.

– Leve o tempo que precisar.

– Mas vou querer. E com cores invertidas, acho, porque assim vai parecer que os buquês são mais delas. Vou me sentar aqui um minutinho.

Emma a acompanhou até um canto com pufes e deixou a caixa de lenços perto de Miranda.

– Vai ficar lindo.

– Sei que vai. Posso imaginar. É como se realmente pudesse ver e ainda nem começamos a falar dos arranjos, dos centros de mesa e de todo o resto. Mas posso ver direitinho. Tenho que lhe dizer uma coisa.

– Diga.

– Minha irmã, a dama de honra, sabe? Ela nos pressionou muito para contratarmos a Felfoot. Sempre foi *o lugar* para se fazer casamentos em Greenwich. E é lindo.

– É mesmo uma maravilha. E eles fazem um trabalho fabuloso.

– Mas Brian e eu caímos de amores por este lugar aqui. O espaço em si, o ambiente, o jeito como vocês quatro trabalham juntas... Era exatamente o que queríamos. Toda vez que venho aqui ou me reúno com uma de vocês, confirmo que estávamos certos. Vamos ter um casamento incrível. Desculpe-me – disse Miranda, secando os olhos mais uma vez.

– Não se desculpe. – Emma lhe estendeu mais um lenço. – Para mim isso é um elogio, e nada me deixa mais feliz do que ter uma noiva sentada à minha frente chorando de alegria.

Que tal se tomarmos uma taça de champanhe para relaxar um pouco antes de passarmos para as flores das lapelas?

– É sério? Emmaline, se eu não estivesse loucamente apaixonada pelo Brian, pediria *você* em casamento.

Soltando uma gargalhada, Emma se levantou.

– Volto já.

Um pouco depois, Emma se despediu da animada noiva e, cansada porém feliz, foi para o escritório com uma caneca de café na mão. Miranda estava certa, pensou, enquanto organizava todos os detalhes. Ela teria um casamento espetacular. Com uma abundância de flores, de estilo contemporâneo e toques românticos. Velas e o brilho cintilante de fitas e rendas. Tons rosados e branco, com toques de azul e verde só para criar contraste e intensificar o efeito. Um prateado suave e vidros transparentes para dar mais ênfase. Linhas longas e luzes de conto de fadas.

Enquanto rascunhava os detalhes do contrato, felicitava-se pelo dia extremamente produtivo que tivera. E, como teria que acordar cedo para começar a fazer os arranjos da cerimônia noturna do meio da semana, decidiu ir dormir logo.

Resistiria à tentação de ir ver o que a Sra. G. tinha feito para o jantar. Prepararia ela mesma uma salada, talvez uma massa. Iria se acomodar para ver um filme ou dar uma folheada nas suas revistas e ligaria para a mãe. Assim, terminaria tudo a tempo de ter uma noite relaxante e dormiria por volta das onze.

Estava imprimindo o contrato quando ouviu o telefone e, pelo toque, soube que era a linha particular. Deu uma olhada no visor e sorriu.

– Oi, Sam.

– Oi, minha linda. O que está fazendo em casa quando deveria estar comigo?

– Estou trabalhando.

– Já passou das seis. Largue isso, querida. Adam e Vicki estão dando uma festa. Podíamos ir jantar antes. Passo aí para buscar você em uma hora.

– Ei, espere. Eu disse a Vicki que não poderia ir hoje. Tive um dia muito cheio e ainda preciso de mais uma hora antes de...

– Você vai ter que comer, não vai? E, se passou o dia todo trabalhando, merece se divertir um pouco. Venha se divertir comigo.

– Isso é muito fofo, mas...

– Você não quer que eu vá à festa sozinho, não é? Podemos dar uma volta, tomar um drinque, dar umas boas risadas. Saímos de lá a hora que você quiser. Não parta meu coração, Emma.

Ela ergueu os olhos para o teto vendo seu plano de dormir cedo ir por água abaixo.

– Não posso jantar, mas encontro você por volta das oito.

– Passo para buscá-la nesse horário.

E vai querer entrar quando vier me trazer em casa, pensou Emma. Mas isso não vai acontecer.

– Não precisa. Eu o encontro lá. Assim, se quiser vir embora e você estiver se divertindo, pode ficar.

– Se é o melhor que posso conseguir, combinado. Nos vemos lá.

capítulo dois

Emma gostava de festas. Gostava de ver gente e de conversar. Divertia-se escolhendo a roupa que ia vestir, se maquiando, lutando para arrumar o cabelo. Afinal, era mulher.

Gostava de Adam e Vicki – na verdade, foi ela que apresentou os dois, quatro anos antes, quando ficou claro na sua cabeça que Adam seria melhor como amigo que como amante.

O casamento foi organizado pela Votos.

Até que tinha uma quedinha por Sam, pensou Emma, suspirando ao estacionar o carro diante de um edifício contemporâneo de dois andares e virar o retrovisor para retocar a maquiagem.

Era bom sair com ele para jantar, ir a uma festa, a um show. O problema era o termômetro de emoções. No dia em que se conheceram, Emma lhe deu uma sólida nota 7, com grandes possibilidades de melhorar. Além disso, achou-o esperto e divertido, e ficou impressionada com sua boa aparência. No entanto, o beijo do primeiro encontro fez o termômetro despencar para um mísero 2.

A culpa não era dele, admitiu, enquanto saía do carro. Faltava *algo mais*. Fez outras tentativas. Alguns outros beijos – beijar era uma das suas atividades prediletas. Mas ele nunca conseguiu superar aquele 2 – e olha que estava sendo generosa.

Não é nada fácil dizer a um homem que você não tem intenção de dormir com ele. Há sentimentos e egos em jogo. Mas precisou fazer isso. O problema, ao que parecia, era que ele não havia acreditado.

Quem sabe não encontrava na festa alguém que pudesse apresentar a ele?

Assim que entrou no ambiente preenchido por música, vozes e luzes, sentiu o humor melhorar. Ela adorava uma festa!

Olhou em volta e viu um monte de gente conhecida.

Cumprimentou alguns com beijinhos, outros com abraços e foi procurar os anfitriões. À distância, reconheceu uma prima emprestada e acenou. Addison, pensou, e fez sinal para indicar que dali a pouco voltaria para falar com ela. Solteira, divertida, belíssima. Combinaria com Sam.

Daria um jeito de apresentá-los.

Encontrou Vicki na espaçosa cozinha da casa, conversando com amigos e reabastecendo uma bandeja com aperitivos.

– Emma! Achei que você não pudesse vir.

– É só um pulinho. Você está incrível.

– Você também. Ah, obrigada! – exclamou a moça, pegando o buquê de tulipas rajadas que Emma tinha levado para ela. – São lindas!

– “Caramba, estamos na primavera!” é uma frase que não me sai da cabeça. Esse buquê mostra que tenho razão. Quer uma ajuda?

– De jeito nenhum. Deixe-me pegar uma taça de vinho para você.

– Só meia. Estou dirigindo e realmente não vou poder ficar muito tempo.

– Então, meia taça de Cabernet. – Vicki deixou as flores em cima da bancada para liberar as mãos. – Veio sozinha?

– Na verdade, meio que combinei de encontrar o Sam.

– Ahhh! – exclamou Vicki, alongando-se bastante.

– Não, não tem nada a ver.

– Ah.

– Olhe, isso você pode deixar que eu faço – disse Emma ao ver a amiga pegar um vaso para pôr as flores. – O que acha de Addison e Sam?

– Estão juntos? Não tinha percebido.

– Não, é só uma especulação. Acho que se dariam bem.

– Claro. Acho que sim. Mas vocês combinam tanto, digo, você e Sam...

Emma fez um muxoxo.

– Onde está o Adam? Não o vi lá na sala.

– Provavelmente no terraço, tomando uma cerveja com Jack.

– Jack está aqui? – Emma mantinha as mãos ocupadas e foi em tom casual que disse: – Preciso ir lá dar um oi para eles.

– Estavam falando de beisebol da última vez que os vi. Sabe como eles são.

Sabia perfeitamente. Conhecia Jack Cooke havia mais de uma década, desde que ele e o irmão de Parker, Delaney, dividiram um quarto em Yale. E Jack passava muito tempo na casa dos Browns. Recentemente tinha se mudado para Greenwich e aberto sua pequena e exclusiva empresa de arquitetura.

Ele também dera o maior apoio quando os pais de Parker e Del morreram no acidente com seu avião particular. E tinha sido uma espécie de salva-vidas quando elas decidiram abrir a Votos, refazendo o projeto da casa da piscina e da casa de hóspedes para adequá-las às necessidades da empresa.

Era praticamente da família.

Sem dúvida iria lá falar com ele antes de ir embora.

Com a taça de vinho na mão, virou-se bem na hora em que Sam entrava. Como era bonito, pensou. Alto, com um físico invejável e sempre com aquele brilho nos olhos. Talvez só um pouquinho artificial, o cabelo sempre impecavelmente cortado e as roupas com caimento perfeito, mas...

– Aí está ela. Oi, Vic. – Mostrando-se ainda mais perfeito, entregou à anfitriã uma garrafa de Cabernet, cumprimentou-a com um beijo no rosto e abriu um sorriso caloroso para Emma. – Estava mesmo procurando você.

Beijou-a com tanto entusiasmo que quase conseguiu mais alguns pontos em seu termômetro de emoções.

Emma conseguiu se afastar um pouquinho e pôs a mão livre no peito dele, para que nem

pensasse em beijá-la de novo. Abriu um sorriso e disse de forma amistosa:

– Oi, Sam.

Com o cabelo louro-escuro despenteado pelo vento e um casaco de couro aberto sobre um jeans desbotado, Jack entrou, vindo do terraço. Olhou para Emma com as sobrancelhas erguidas e um sorrisinho nos lábios.

– Oi, Em. Não quero interromper.

– Jack! – exclamou ela, afastando-se mais um pouco do outro. – Você conhece o Sam, não conhece?

– Claro. Como vai?

– Bem. – Sam se virou e passou o braço pelos ombros de Emma. – E você?

– Não tenho do que reclamar. – Jack pegou uma batata chip e a mergulhou num molho. – Como vão as coisas lá na mansão? – perguntou a Emma.

– Estamos cheias de trabalho. A primavera é, por excelência, a estação dos casamentos.

– A primavera é, por excelência, a estação do beisebol. Vi a sua mãe um dia desses. Ainda é a mulher mais bonita que já existiu.

O sorriso casual de Emma se abriu, brilhando como um raio de sol.

– É mesmo.

– Ela se recusa a deixar seu pai para ficar comigo, mas a esperança é a última que morre. Bem, até logo. Tchau, Sam.

Quando Jack saiu, Sam se virou para ela. Conhecendo bem aquele movimento, Emma se virou também, evitando ficar presa entre ele e a bancada.

– Eu já não me lembrava que tinha tantos amigos em comum com Vicki e Adam. Conheço quase todo mundo aqui. Preciso dar um oi para algumas pessoas. Ah, aí está alguém que eu queria muito que você conhecesse.

Entusiasmada, pegou Sam pela mão.

– Você já conhece minha prima Addison?

– Acho que não.

– Há meses que eu não a via. Vamos lá falar com ela para que eu possa apresentá-los.

E saiu puxando-o pela festa.

Jack pegou umas castanhas e ficou conversando com um grupo de amigos, enquanto observava Emma conduzir pela multidão o Jovem Executivo a Ser Exibido. Ela estava simplesmente... deslumbrante, pensou.

E não era só sexy. Tinha aqueles olhos amendoados, o corpo curvilíneo, a pele dourada, o cabelo cacheados e os lábios carnudos e macios. Linda de morrer! Sem contar o calor e a luz que pareciam emanar dela. Um pedaço de mau caminho.

Além disso, pensou Jack, era quase uma irmã de seu melhor amigo.

De qualquer forma, era raro vê-la sem que estivessem por perto as amigas, alguém da família ou um monte de gente. Ou, como hoje, com um cara qualquer.

Uma mulher com a aparência de Emmaline Grant estava sempre acompanhada por um cara.

Mas olhar não tira pedaço... Jack apreciava linhas e curvas, tanto nas construções quanto nas mulheres. E, na opinião dele, Emma era arquitetonicamente perfeita. Comeu mais castanhas, fingiu que prestava atenção na conversa e a fitou deslizando pelo aposento com aquele balanço no andar.

O modo como ela parava, cumprimentava as pessoas, esperava, ria ou sorria parecia casual, observou Jack. Ao longo dos anos, porém, meio que fez um estudo a seu respeito. Ela tinha um propósito.

Com a curiosidade aguçada, ele se afastou do grupo e se misturou a outras pessoas, a fim de mantê-la em seu campo de visão.

O tal do Sam não parava de acariciar as costas dela e passou o braço pelos seus ombros. Emma sorria bastante para ele, fitando-o com aqueles cílios espessos. Mas sua linguagem corporal, bem... também tinha estudado a linguagem corporal dela... e não havia sinal algum de receptividade.

Ouviu quando ela gritou *Addison!* e, antes de abraçar uma loura muito bonita, deu aquela risada que fazia seu sangue ferver.

Começaram a conversar, rindo daquele jeito que as mulheres fazem, mantendo a distância apropriada para se examinarem antes de começarem a fazer os famosos elogios uma à outra.

Você está linda! Emagreceu, não foi? Adorei o cabelo. Pelo que notara, esse ritual tão particularmente feminino sofria umas variações, mas o tema era sempre o mesmo.

Emma achou um jeito de ficar numa posição que deixasse o cara que estava com ela de frente para a loura.

Foi então que entendeu tudo. Ela recuou uns centímetros, ergueu uma das mãos e deu uns tapinhas no braço de Sam. Queria se livrar dele e pensou que a loura pudesse distraí-lo.

Quando ela escapou dali, indo em direção à cozinha, Jack levantou seu copo de cerveja, como num brinde.

Bela jogada, Emmaline, pensou. Bela jogada.

Ele saiu cedo da festa. Tinha uma reunião no café da manhã, às oito horas, e depois o dia seria cheio, com direito a visitas e inspeções a obras. Em algum momento no meio disso tudo, ou talvez no dia seguinte, precisaria arranjar um tempinho para rascunhar algumas ideias para as mudanças que queria fazer no estúdio de Mac, agora que ela estava noiva de Carter e os dois moravam juntos.

Não sabia bem como faria isso sem descaracterizar as linhas e a forma da construção. Mas queria pôr as ideias no papel e brincar um pouco com elas antes de mostrar qualquer coisa a Mac.

Ainda não tinha se acostumado com essa história de Mac se casar... e com Carter. Era impossível não gostar dele, pensou. Os dois não tiveram muito contato quando estudaram

em Yale, junto com Del. Mas o cara era gente boa.

Além disso, ele fazia os olhos de Mac brilharem. E era isso que importava.

Com o rádio ligado no volume máximo, ficou repassando mentalmente as ideias para criar um espaço extra que servisse de escritório para Carter fazer... o que quer que professores de inglês fizessem em seus escritórios.

Enquanto dirigia, a chuva que ficara inconstante o dia todo reapareceu na forma de uma neve fraquinha. *Abril na Nova Inglaterra*, pensou.

Seus faróis iluminaram um carro parado à beira da estrada e ele viu uma mulher de frente para o capô aberto, com as mãos na cintura.

Jack parou, saltou e, com as mãos nos bolsos, aproximou-se de Emma.

– Há quanto tempo!

– Que droga! Ele morreu do nada. Simplesmente parou! – Ela agitava os braços, frustrada. Jack se afastou um pouco para não ser atingido pela lanterna em sua mão. – E está nevando. Está *vendo* isso?

– Estou, sim. Já verificou o combustível?

– Não ando por aí sem gasolina. Não sou idiota. É a bateria ou o carburador. Talvez uma dessas mangueiras ou correias.

– Bem, isso já reduz bastante o leque de possibilidades...

Ela deu um suspiro profundo.

– Que droga, Jack! Sou florista, não mecânica.

Ele riu.

– Boa justificativa. Já acionou o seguro?

– Vou fazer isso. Mas achei melhor dar uma olhada antes para ver se não era algo simples e óbvio. Por que não fazem essas partes dos carros mais simples e óbvias para facilitar a vida dos motoristas?

– Por que as flores têm nomes latinos tão estranhos que ninguém consegue pronunciar? Sempre me pergunto isso. Posso dar uma olhada? – indagou ele, estendendo a mão para pegar a lanterna. – Caramba, Emma, você está congelando!

– Teria vestido uma roupa mais quente se soubesse que acabaria parada na beira da estrada no meio da noite, em plena tempestade de neve.

– Mal está nevando. – Jack tirou o casaco e o ofereceu a ela.

– Obrigada.

Emma se enrolou no casaco enquanto ele se debruçava sobre o motor.

– Quando foi a última vez que fez uma revisão nele?

– Não sei. Tem um tempinho.

Jack virou-se para ela e lançou-lhe um olhar penetrante com aqueles seus olhos de um tom cinza-fumaça.

– Esse seu tempinho deve ter sido nunca. Os cabos da bateria estão corroídos.

– O que isso quer dizer? – Emma se aproximou e enfiou a cabeça sob o capô, ao lado dele. – Você sabe consertar?

– Posso...

Eles se viraram um para o outro. Tudo o que ele conseguia ver eram aqueles olhos castanhos amendoados e, por um instante, até perdeu a fala.

– O que foi? – perguntou Emma, seu hálito morno atingindo os lábios dele.

– O quê? – Que diabos estava fazendo?, pensou. Ergueu-se, tratando de se afastar da zona de perigo. – O que posso fazer é uma chupeta para que você consiga chegar em casa.

– Ah, claro, que bom. Muito bom.

– Depois você vai ter que levá-lo à oficina.

– Claro. É a primeira coisa que vou fazer. Prometo.

A voz dela ficou um pouco mais alta, o que o fez se lembrar do frio.

– Entre no carro, vou tentar ligar aqui. Não dê a partida e não mexa em nada até eu mandar.

Jack foi buscar o próprio carro e o deixou de frente para o dela. Enquanto pegava os cabos, ela saiu de novo.

– Vim ver o que você vai fazer – explicou Emma. – Caso eu precise me virar sozinha algum dia.

– Está bem. Temos os cabos e as baterias. Tem o lado positivo e o negativo. Não vá confundi-los porque, se ligar ao contrário...

Ele prendeu um na bateria, deu um gemido meio estrangulado e começou a tremer. Em vez de se assustar, Emma riu e deu um tapa no braço dele.

– Seu idiota. Eu tenho irmãos. Conheço bem as suas gracinhas.

– Esses irmãos deveriam ter lhe ensinado a fazer uma chupeta numa bateria arriada.

– Acho que ensinaram, mas não prestei atenção. Tenho um conjunto desses cabos no porta-malas, junto com outros materiais para emergências. Mas nunca precisei usar nada disso. As peças do seu carro brilham mais que as do meu – acrescentou ela, franzindo a testa para o motor.

– Acho que até o fogo do inferno é mais brilhante que o seu motor.

Ela deu um suspiro profundo.

– Agora que vi isso, não tenho como discutir.

– Volte para o carro e ligue o motor.

– Ligar? Está de brincadeira – disse ela.

– Quando ele pegar, se é que vai pegar, não o desligue.

– Entendido.

Lá dentro, Emma cruzou os dedos e virou a chave. O carro engasgou e roncou, fazendo Jack estremecer, mas por fim voltou à vida.

Emma pôs a cabeça para fora e deu um sorriso.

– Funcionou!

Jack pensou que aquele sorriso era tão poderoso que seria capaz de ressuscitar uma centena de baterias mortas.

– Vamos deixar carregando por uns minutinhos e depois eu a acompanho até em casa.

– Não precisa. É contramão para você.

– Prefiro acompanhá-la para ter certeza de que não vai ter problemas de novo pelo caminho.

– Obrigada, Jack. Sabe-se lá quanto tempo eu ficaria aqui parada se você não tivesse aparecido. Já estava me amaldiçoando por ter ido àquela festa quando tudo o que queria esta noite era ver um filme e dormir cedo.

– Então por que foi?

– Porque sou uma boba – respondeu, dando de ombros. – Sam não queria ir sozinho e, bem, eu gosto de festas, então achei que não custava nada encontrá-lo lá e ficar uma horinha.

– Sei. E como saíram as coisas com a loura?

– O quê?

– A loura que você empurrou para ele.

– Não empurrei ninguém. – Emma desviou os olhos. Depois, virou-se de novo para ele. – Ok, empurrei mesmo, mas só porque achei que iam gostar um do outro. E gostaram. Foi uma boa ação que fez valer a saída de hoje à noite. Se não fosse o carro ter enguiçado na beira da estrada... Acho injusto. E meio embaraçoso, já que você percebeu.

– Pelo contrário. Fiquei impressionado. Isso e o molho foram as coisas de que eu mais gostei esta noite. Vou desconectar os cabos, vamos ver se a bateria segura a carga. Se der tudo certo, espere eu entrar no meu carro antes de sair.

– Ok, Jack. Fico lhe devendo essa.

– Fica mesmo. – Ele sorriu antes de se afastar.

Como o motor continuou funcionando, Jack fechou o capô do carro dela e do seu, jogou os cabos no porta-malas, sentou-se ao volante, acendeu os faróis e fez sinal para ela seguir.

Foi atrás de Emma em meio à neve fina que continuava caindo, tentando não pensar naquele instante sob o capô quando o hálito dela aqueceu seus lábios.

Ela deu uma buzinada amistosa quando chegaram à estradinha da propriedade dos Browns. Ele reduziu a marcha e parou. Ficou vendo as lanternas traseiras brilharem na escuridão e desaparecerem na curva do caminho que seguia para a casa de hóspedes.

Permaneceu ali um pouco mais, no escuro, antes de dar meia-volta e pegar o rumo de casa.



Pelo retrovisor, Emma viu Jack parado no início da estradinha. Hesitou, perguntando-se se não deveria tê-lo convidado para entrar e tomar um café.

Provavelmente sim – era o mínimo que poderia ter feito –, mas agora era tarde demais. Sem dúvida tinha sido melhor assim.

Não era muito sensato receber alguém àquela hora da noite, e ainda por cima, um amigo da família que fazia seu termômetro de emoções atingir a pontuação máxima. Especialmente porque ainda estava sentindo um formigamento na barriga por causa daquele instante ridículo sob o capô, quando quase se humilhou, agarrando-o.

Isso nunca podia acontecer.

Pensou em ir contar essa maldita confusão para Parker, Laurel ou Mac – ou, o que seria ainda melhor, para as três juntas. Mas isso também não podia acontecer. Determinadas coisas não se devem compartilhar nem com nossas melhores amigas. Especialmente porque Mac e

Jack tiveram um rolo tempos atrás.

Suspeitava que Jack houvesse tido rolos com muitas mulheres.

Não o censurava, pensou, ao estacionar. Ela também gostava de ter companhia masculina. Gostava de sexo. E às vezes uma coisa levava a outra.

Além do mais, como alguém podia achar o amor da sua vida se não procurasse por ele?

Desligou o carro, mordeu o lábio e virou a chave novamente. Ele fez uns barulhos bem desanimadores, meio indecisos, e então pegou.

Devia ser um bom sinal, pensou, desligando-o mais uma vez. Mas tinha que levá-lo à oficina o mais rápido possível. Pediria uma indicação de mecânico para Parker, já que ela sempre sabia de tudo.

Entrou em casa e foi buscar uma garrafa d'água para levar para o quarto, no andar de cima. Graças a Sam e à maldita bateria não conseguiria dormir às onze, mas pelo menos iria deitar à meia-noite. O que significava que não havia desculpa para deixar de fazer o exercício que planejara para a manhã seguinte.

Sem desculpa, repetiu para si mesma.

Deixou a água na mesinha de cabeceira, ao lado de um vaso com frésias e foi se trocar. Então percebeu que ainda estava com o casaco de Jack.

– Ah, não, que droga!

Tinha um cheirinho tão bom, pensou. Um misto de couro e de Jack. Aquele não era um cheiro que lhe proporcionaria sonhos tranquilos. Levou-o para a outra ponta do cômodo e o pendurou no encosto de uma cadeira. Agora teria que devolver o casaco, mas pensaria nisso mais tarde.

Uma das meninas talvez precisasse fazer algo na cidade e poderia levá-lo. Não era por covardia que delegaria essa tarefa. Era uma questão de eficiência.

Não tinha nada a ver com covardia. Via Jack o tempo todo. O tempo *todo*. Só não havia motivo para ir à cidade só para isso se alguém já tivesse que ir mesmo. Com certeza ele tinha outros casacos. Não precisaria deste imediatamente. E, se era tão importante, por que não pedira de volta?

A culpa era dele.

Já não tinha dito a si mesma que pensaria nisso mais tarde?

Vestiu uma camiseta para dormir e foi ao banheiro para iniciar seu ritual noturno. Tirar a maquiagem, limpar, tonificar e hidratar a pele, escovar os dentes e o cabelo. Essa rotina diária e seu belo banheiro normalmente faziam com que relaxasse. Amava as cores alegres, a banheira adorável, a prateleira com vasos verde-claros onde punha as flores que tivesse colhido.

As de agora eram mininarcisos, para comemorar a primavera. Mas sua aparência alegre parecia zombar dela. Irritada, apagou a luz.

Prosseguiu com o ritual tirando da cama a pequena montanha de travesseiros, pondo de lado as almofadas bordadas e afofando os travesseiros que usava para dormir. Enfiou-se debaixo do edredom, aninhando-se para sentir o lençol macio em contato com a pele, o aroma calmante das frésias perfumando o ar e...

Merda! Ainda dava para sentir o cheiro do casaco.

Com um suspiro, virou-se de costas.

E daí? Qual o problema de ter pensamentos libidinosos a respeito do melhor amigo do irmão da sua melhor amiga? Não era nenhum crime. Pensamentos libidinosos eram absolutamente normais e razoáveis. Na verdade, até faziam bem. Era saudável. *Gostava* de ter pensamentos libidinosos.

Por que uma mulher normal não deveria ter pensamentos desse tipo com um homem sexy, lindíssimo, de corpo fantástico e olhos que eram como fumaça misturada a neblina?

Seria louca se não os tivesse.

Agora, concretizá-los, sim, *seria* uma loucura. Mas tinha todo o direito de fantasiar.

Gostaria de saber o que Jack teria feito se ela tivesse se aproximado só mais um centímetro quando estavam ambos sob o capô do carro, e se o tivesse beijado.

Como todo homem, pensou, iria retribuir. E teriam passado alguns minutos bem interessantes e abrasadores na beira da estrada, sob a neve fina. O corpo esquentando, o coração acelerando com os flocos caindo sobre eles e...

Não, não, já estava romantizando tudo. Por que fazia isso? Sempre passava da luxúria saudável para o romance. Esse era o seu problema e certamente estava enraizado na maravilhosa história de amor dos seus pais. Como poderia não querer aquilo para si também?

Trate de esquecer, ordenou-se. Com Jack não encontraria nada parecido com "felizes para sempre".

Então, estavam excitados, abraçados na beira da estrada. Mas... depois desse beijo impulsivo e sem dúvida eletrizante, teriam ficado sem jeito um com o outro.

Aí seriam obrigados a se desculpar ou tentar fazer algum tipo de piada a respeito do que havia acontecido. As coisas entre eles ficariam estranhas e tensas.

O fato era que estava muito tarde para se deixarem levar pela luxúria. Eram amigos, a coisa mais próxima que existe de ser da família. Não dá para ter um caso com amigos ou parentes. Melhor era deixar essas ideias bem guardadinhas só para si mesma e continuar procurando o amor de verdade.

Desses que duram para sempre.

capítulo três

Tomada por ressentimento e autopiedade, Emma foi se arrastando até a academia de ginástica da mansão. O ambiente refletia o estilo eficiente de Parker e seu indiscutível bom gosto, coisas que, nesse momento, Emma detestava amargamente.

A TV de tela plana transmitia a CNN bem baixinho enquanto Parker, com os fones de ouvido, ia acumulando quilômetros no transport. Com cara de poucos amigos para o aparelho de musculação, Emma tirou a camiseta. Deu as costas para ele e também para a bicicleta reclinada, para os pesos da prateleira, para a estante de DVDs com aqueles treinadores animados ou carrancudos, prontos para acompanhá-la numa sessão de ioga ou pilates, torturá-la com uma daquelas bolas de exercício ou intimidá-la com tai chi.

Desenrolou um dos colchonetes e se sentou com a intenção de se alongar. Mas acabou só ficando deitada mesmo.

– Bom dia – disse Parker sem interromper o exercício. – Foi dormir tarde?

– Há quanto tempo está nesse aparelho?

– Quer usá-lo? Estou quase acabando. Só vou desacelerar.

– Detesto este lugar. É uma câmara de tortura com piso reluzente e pintura bonita, mas ainda assim uma câmara de tortura.

– Vai se sentir melhor depois de 2 ou 3 quilômetros.

– Por quê? – Deitada de bruços, Emma estendeu os braços. – Quem disse? Quem foi que decidiu, de uma hora para outra, que as pessoas precisam percorrer quilômetros todo santo dia ou que faz bem se contorcer em posições nada naturais? Acho que são as mesmas pessoas que vendem esses detestáveis aparelhos e que desenham essas minúsculas roupas de ginástica bacaninhas como a que você está usando.

Emma olhou com uma cara emburrada para a legging cinza-escura e o top cor-de-rosa e cinza da amiga.

– Quantas roupas de ginástica estilosas desse tipo você tem?

– Milhares – respondeu Parker, seca.

– Viu? Se não tivessem convencido você a percorrer vários quilômetros todo dia e a se contorcer em posições antinaturais, porque isso vai deixá-la com um corpão, não gastaria todo esse dinheiro com roupinhas de ginástica. Em vez disso, poderia doá-lo a boas causas.

– Mas essa calça de ioga deixa a minha bunda linda.

– Deixa, claro, mas a única pessoa que está vendo a sua bunda sou eu. Qual a graça disso?

– Satisfação pessoal. – Parker diminuiu o ritmo e parou. Desceu do aparelho e passou uma toalhinha com álcool para limpá-lo. – O que está havendo, Em?

– Já disse: odeio esta sala e tudo o que ela representa.

– Isso você já disse mesmo, mas conheço esse tom. Você está irritada, coisa que não acontece com frequência.

– Fico irritada como qualquer outra pessoa.

– Não. – Parker pegou uma toalha, enxugou o rosto, depois tomou um gole de água da sua garrafinha. – Você está sempre animada, otimista, de bom humor, até quando se queixa de algo.

– Jura? Nossa, isso deve ser irritante.

– Só de vez em quando – disse Parker indo até o aparelho de musculação.

Começou um exercício para a parte superior do corpo que fazia parecer moleza. Emma sabia que não era bem assim. Sentindo mais uma pontada de ressentimento, resolveu sentar-se.

– Estou irritada. Estou completamente irritada esta manhã. Ontem à noite...

Parou de falar quando Laurel entrou, o cabelo preso num coque, o corpo esguio enfiado num top e numa bermuda de ciclista.

– Vou tirar da CNN – anunciou –, não dou a mínima para as notícias. – Pegou o controle remoto e trocou para um canal de rock pauleira.

– Pelo menos abaixe o volume – pediu Parker. – Emma vai nos contar por que acordou completamente irritada hoje.

– Em nunca fica irritada. – Laurel pegou um colchonete e o desenrolou no chão. – Chega a ser irritante.

– Viu? – Como já estava no chão, Emma achou melhor começar o alongamentos. – Vocês são minhas melhores amigas e durante todos esses anos me deixaram circular por aí irritando as pessoas.

– Só nós devemos nos irritar com isso, já que somos quem passa mais tempo com você. – Laurel começou uma série de abdominais.

– Tem razão. Nesse caso, que se danem. Meu Deus, vocês duas fazem isso todos os dias mesmo?

– Parker faz, porque é obsessiva. Eu venho três vezes por semana. Quatro, se estiver me sentindo com mais energia. Hoje costuma ser um dos meus dias de folga, mas como consegui bolar um desenho perfeito para aquela noiva enjoada, fiquei motivada.

– Já tem alguma coisa para me mostrar? – perguntou Parker.

– Viu? Obsessiva. – Laurel mudou de exercício. – Mais tarde. Agora quero saber sobre a irritação de Emma.

– Como consegue fazer isso? – grunhiu Emma, cada vez mais irritada. – É como se alguém estivesse puxando você com uma corda invisível.

– Barriga tanquinho, querida.

– Odeio você.

– Não dá para culpá-la por isso. Acredito que sua irritação tenha a ver com homens, não é? – prosseguiu Laurel. – Então, quero todos os detalhes.

– Na verdade...

– Minha nossa, o que está acontecendo aqui? É o Dia das Mulheres na Academia dos

Browns?

Mac entrou, tirando o casaco de moletom com capuz.

– Acho que essa é a cereja do bolo do Dia do Inferno. – Laurel fez uma pausa. – O que está fazendo aqui?

– Venho de vez em quando.

– De vez em quando você olha para uma foto da academia e considera que já malhou.

– Estou desenvolvendo um novo hábito. Pela minha saúde.

– Que mentira – disse Laurel, rindo.

– Ok, é mentira. É que tenho certeza de que não quero um vestido de noiva com alças. E quero mostrar braços e ombros bonitos. – Virou-se para o espelho e se curvou. – Até que são razoáveis, mas preciso melhorar. – Soltou um suspiro e tirou a calça de moletom. – E estou me tornando uma noiva obsessiva e meticulosa. Estou me odiando por isso.

– Mas você vai ser uma noiva obsessiva e meticulosa que vai ficar incrível no vestido. Veja só o que estou fazendo – disse Parker.

Mac franziu a testa.

– Estou vendo, mas não acho que vou gostar de fazer isso.

– Você só precisa manter o ritmo e a suavidade. Vou diminuir um pouquinho a resistência.

– Está achando que sou frouxa?

– Só quero evitar reclamações e choro amanhã se começar no mesmo nível que eu. Faço isso três vezes por semana.

– Você tem mesmo os braços e os ombros bem torneados.

– Além disso, fiquei sabendo por uma fonte segura que minha bunda fica ótima nessa legging. Vamos lá, mantendo o ritmo e com suavidade. Três séries de quinze repetições – disse Parker incentivando Mac com uns tapinhas. – Espero que essa seja a última interrupção. Emma, você tem a palavra.

– Ela nem conseguiu sair do chão... – observou Mac.

– Shhhh. Emma está irritada hoje porque...

– Fui a uma festa na casa de Adam e Vicki ontem. Os MacMillians, sabem? Pensei em não ir porque o dia tinha sido cheio, e hoje não vai ser diferente. Foi um dia bastante produtivo, especialmente a última reunião. Depois passei um tempo redigindo os contratos e fazendo umas anotações e decidi que ia preparar um jantarzinho, ver um filme e dormir cedo.

– Quem foi o cara que ligou e a convenceu a sair? – indagou Mac, a expressão franzida por causa do exercício.

– Sam.

– O nerd que consegue ser bem atraente apesar dos óculos Buddy Holly?

– Não – respondeu Emma, balançando a cabeça para Laurel. – Esse é o Ben. Sam é o que tem uma agência de publicidade e um sorriso lindo.

– Aquele com quem você disse que não ia sair mais – acrescentou Parker.

– É, e não saí com ele. Não exatamente. Não aceitei o convite para jantar, nem deixei que ele viesse me buscar. Mas... está certo, acabei cedendo quanto a ir à festa e combinei de encontrá-lo lá. Há duas semanas disse com todas as letras que não iria transar com ele, mas pelo visto

Sam não acreditou em mim. Mas a Addison estava lá, aquela minha prima de terceiro grau, por parte de pai. Ela é maravilhosa, bem o tipo dele. Então os apresentei e acho que deu tudo certo.

– Devíamos passar a vender também o serviço de cupido – propôs Laurel, começando a fazer os exercícios de pernas. – Mesmo que só trabalhássemos com os caras de que Emma quer se livrar, já duplicaríamos os rendimentos.

– Livrar-se de alguém tem uma conotação meio negativa. Eu apenas redireciono as pessoas. Enfim... Jack estava lá.

– Nosso Jack? – perguntou Parker.

– Ele mesmo, o que acabou sendo a maior sorte para mim. Saí de lá cedo e, no meio do caminho de casa, meu carro enguiçou. Tossiu, engasgou e acabou morrendo. Estava uma escuridão terrível e começou a nevar. Fiquei lá *congelando* justo na parte mais deserta da estrada.

Como os exercícios para pernas não pareciam horríveis, Emma começou a imitar os movimentos de Laurel.

– Você precisa instalar o OnStar – recomendou Parker. – Depois passo para você as informações.

– Não acham meio assustador deixar que saibam exatamente onde você está? – indagou Mac, ofegante com a terceira série do exercício – E acredito que eles consigam ouvir tudo, mesmo se não apertarmos o botão. Eles ficam ouvindo, isso sim.

– Claro, eles adoram ficar ouvindo pessoas desafinadas cantar a música do rádio. Devem ganhar o dia com isso! Para quem você ligou? – Parker perguntou a Emma.

– Acabei não ligando para ninguém. Jack apareceu antes que eu pensasse nisso. Deu uma olhadinha e descobriu que era a bateria. Fez uma chupeta. Ah, e me emprestou o casaco, que me esqueci de devolver. Com isso, em vez de ter uma agradável noite calma e serena, tive que me esquivar dos lábios de Sam, procurar alguém para quem redirecioná-lo e acabei num frio cortante na beira da estrada quando tudo o que eu queria era comer uma boa salada e ver um filme romântico. Agora vou ter que levar o carro para a oficina e ir à casa do Jack para devolver o casaco. E estou completamente assoberbada hoje. Não tenho como fazer isso. Então estou irritada porque...

Ela hesitou ao virar para fazer o exercício com a outra perna.

– Não dormi direito, preocupada com tudo o que devo fazer hoje e me amaldiçoando por ter cedido e saído ontem. – Deu um suspiro. – E agora que contei os motivos, vejo que não vale a pena ficar irritada.

– Carro enguiçado é sempre um saco – disse Laurel. – De noite e na neve então... não tem nada pior. Você tem toda razão de estar irritada.

– Jack fez questão de deixar claro que a culpa era toda minha, e o pior é que é mesmo, já que não fiz revisão no carro. Nunca. E isso foi uma chatice. Mas ele foi uma mão na roda. Ele e o casaco. Depois, veio me seguindo até em casa para garantir que eu chegaria bem. Enfim, o que passou passou. Agora preciso achar alguém para fazer uma revisão no carro e consertar o que for necessário. Tenho vários homens na família que provavelmente poderiam resolver isso

para mim, mas não quero ouvir outro sermão por ter sido negligente e blá-blá-blá, blá-blá-blá. Então, Parker, aonde devo levá-lo?

– Sei bem como é isso. Como sei. – Mac expirou e parou de fazer suas repetições. – Você devia ir na oficina daquele cara que rebocou o carro da minha mãe no inverno. Aquele amigo do Del, sabe? Quem quer que enfrente Linda quando ela está furiosa tem a minha aprovação.

– Concordo – reforçou Parker. – E ele tem o selo de aprovação do Delaney Brown. Del é tão maníaco com o carro que não deixa qualquer um pôr as mãos nele. A oficina é a Kavanaugh's. Vou pegar o telefone e o endereço para você.

– O dono se chama Malcolm Kavanaugh – acrescentou Mac. – É bem interessante.

– Sério? Ora, ora, talvez uma bateria estragada não seja tão ruim assim. Vou tentar entrar em contato com ele na semana que vem. Mas alguma de vocês por acaso vai à cidade, a algum lugar próximo ao escritório de Jack? Não tenho mesmo como sair hoje.

– Devolva no sábado – sugeriu Parker. – Ele está na lista de convidados do casamento da noite.

– Ah, que ótimo! – exclamou Emma, olhando com repulsa para o transport. – Já que estou aqui, melhor suar um pouco.

– E eu? – perguntou Mac. – Já fiquei sarada?

– O resultado é impressionante. Agora, malhando os bíceps – comandou Parker. – Vou lhe mostrar como é.

Por volta das nove da manhã, Emma já tinha tomado uma chuveirada, se vestido e estava exatamente onde queria: na sua mesa de trabalho, cercada de flores.

Para comemorar as bodas de ouro dos pais, seus clientes queriam que o casamento original fosse recriado, mas que a recepção acontecesse no jardim. Isso tornaria tudo ainda melhor!

Tinha afixado num quadro as fotos do álbum do casamento, uns esboços e gráficos, bem como uma lista das flores, de vasos e outros acessórios. Em outro quadro, havia pendurado o esboço que Laurel fizera de um bolo elegante e simples, com três camadas, decorado com narcisos amarelo e tulipas de um rosa esmaecido. Do lado, havia uma foto dos bonecos encomendados pela família para o topo e que os representavam no dia do casamento com tanta perfeição que era possível até ver a renda da saia da noiva.

Cinquenta anos juntos, pensou Emma, olhando as fotografias. Todos os dias e noites, aniversários e Natais. Os nascimentos, as mortes, as brigas, as gargalhadas.

Para ela, aquilo era mais romântico que o campo açoitado pelo vento e os castelos de contos de fadas.

Daria a eles seu jardim. Um mundo de jardins.

Começou com os narcisos, arrumando-os em vasos forrados com musgo, depois acrescentou tulipas e jacintos e finalizou com algumas pervincas. Meia dúzia de vezes encheu um carrinho de mão que usava para transportar as flores até a câmara fria e dela para a área de trabalho.

Misturou fertilizante em litros de água e encheu alguns grandes vasos cilíndricos. Tirou espinhos dos caules, cortando-os em água corrente e começou a fazer os arranjos com esporinhas, goivos, bocas-de-leão, nuvenzinhas de mosquitinhos e rendadas folhas de aspargos. Cores suaves e vivas, dispostas em diferentes alturas para criar a ilusão de um jardim de primavera.

O tempo foi passando.

Fez uma pequena pausa: girou os ombros, relaxou o pescoço, abriu e fechou os dedos.

Criou uma base com um suporte esponjoso úmido e o cobriu com folhas de limoeiro, as quais ainda pulverizou, para deixá-las mais brilhantes.

Escolheu umas rosas, tirou as folhas e os espinhos dos caules e não esboçou reação alguma quando se espetou. Cortou os caules na altura ideal para reproduzir o primeiro dos cinquenta buquês que seriam como o que a noiva tinha carregado meio século antes.

Ia fixando as flores de dentro para fora, prendendo cada uma com fita adesiva. Arrancar, cortar, juntar, levando em conta as várias cores de rosas escolhidas pela noiva.

Está bonito, pensou Emma, satisfeita. Quando pôs o suporte no vaso de vidro baixo, disse a si mesma: Maravilhoso!

– Agora só faltam 49.

Decidiu fazer um intervalo antes de continuar.

Levou a sacolinha com os restos das flores para suas composteiras e foi tirar a seiva verde acumulada nos dedos e sob as unhas na pia do lavabo.

Como recompensa pela manhã de trabalho, pegou uma Coca-Cola Zero e um prato com salada de macarrão e foi se sentar no pátio lateral. Seus jardins não podiam competir – ainda – com o que estava criando. De toda forma, tinha que levar em conta que os pombinhos tinham se casado no sul da Virgínia. Só preciso de algumas semanas, pensou, satisfeita ao ver os brotos verdes da primavera e as folhas novas das plantas perenes.

A neve da noite anterior era uma vaga lembrança diante do céu azul e da temperatura agradável.

Viu Parker fazendo uma visita guiada com um grupo de clientes em potencial, cruzando um dos terraços em direção à mansão. Parker apontava a pérgula e o roseiral. Os clientes teriam que imaginar as rosas brancas abundantes, as glicínias luxuriantes, mas Emma sabia que os canteiros de amor-perfeito e pervinca que tinha plantado já faziam uma vista e tanto. No lago, salpicado de vitórias-régias, os salgueiros começavam a recuperar o tom esverdeado.

Perguntou-se se aqueles noivos teriam, no futuro, uma florista atarefada, preparando cinquenta buquês para a comemoração de suas bodas de ouro. Teriam filhos, netos e bisnetos que os amariam tanto a ponto de lhes dar uma festa como essa?

Seus músculos doloridos pelo exercício e o trabalho daquela manhã fizeram-na soltar um pequeno gemido. Então esticou as pernas para pôr os pés na cadeira da frente, ergueu o rosto em direção ao sol e fechou os olhos.

Sentiu o cheiro da terra, aquele penetrante aroma vegetal, ouviu um pássaro cantando em celebração ao dia.

– Você precisa parar de trabalhar como uma escrava.

Levou um susto – teria cochilado? – e piscou ao ver Jack. Com a cabeça vazia, viu-o enrolar um pouco de macarrão no garfo e pôr na boca.

– Está bom. Tem mais?

– O quê? Ai, meu Deus! – Em pânico, Emma checou as horas e deu um suspiro, aliviada. – Devo ter cochilado uns minutinhos. Ainda preciso fazer 49 buquês.

Jack franziu as sobrancelhas que emolduravam seus olhos cinzentos.

– Vão fazer um casamento para 49 noivas?

– Humm, não. – Ela meneou a cabeça, tentando organizar as ideias. – São bodas de ouro, com a recriação do buquê original, um para cada ano. O que você está fazendo aqui?

– Preciso do meu casaco.

– Ah, claro. Desculpe por ter me esquecido de devolver ontem à noite.

– Não tem problema. Eu tinha uma reunião aqui por essas bandas. – Pegou mais um pouco do macarrão. – Tem mais disso? Não almocei ainda.

– Tenho, sim. Estou lhe devendo pelo menos um almoço. Sente-se aí, vou buscar um prato para você.

– Eu aceito. E não me importaria de ganhar também uma dose de cafeína, quente ou fria.

– É para já. – Examinando-o, Emma ajeitou o cabelo que tinha se soltado. – Você parece um pouco cansado.

– Minha manhã foi bem puxada. E ainda tenho que visitar outra obra daqui a 45 minutos. Como era no caminho, resolvi...

– Bem prático. Já volto.

Estava cansado mesmo, pensou Jack, esticando as pernas. Não exatamente por causa do trabalho nem pela acareação com o inspetor esta manhã, coisa que teria feito melhor se não tivesse dormido tão pouco. Mas ficar virando de um lado para outro na cama, tentando evitar os sonhos eróticos com uma mulher de olhos de espanhola teria deixado qualquer um cansado.

Então, é claro, tinha que bancar o idiota masoquista e dar uma passadinha lá com a desculpa de ir buscar o casaco.

Quem poderia imaginar que ela pareceria tão sexy dormindo ao sol?

Agora que ele tinha visto essa cena, seus sonhos seriam ainda menos tranquilos.

O que tinha que fazer era deixar isso de lado. Ia marcar um encontro com uma loura ou uma ruiva qualquer. Teria vários encontros com louras ou ruivas até pôr Emma de volta na lista de Proibidas.

Era esse o lugar dela.

Emma veio se aproximando, com o casaco no braço e uma bandeja nas mãos.

Ao olhar para ela, Jack percebeu que tinha um tipo de beleza que deixava os homens sem palavras. Quando Emma sorriu, sentiu como se tivesse sido atingido por um raio.

Mentalmente tentou produzir uma placa de Proibido Ultrapassar.

– Trouxe o pão de azeitona da tia Terry – disse Emma. – É divino. E escolhi cafeína fria.

– Está ótimo. Obrigado.

– De nada. É bom ter companhia quando se faz um intervalo – disse ela, sentando-se de

novo. – No que está trabalhando atualmente?

– Várias coisas ao mesmo tempo – respondeu Jack, provando o pão. – Você tem razão: é divino.

– É uma receita secreta da tia Terry. Mas você disse que está com um trabalho aqui perto, não é?

– Alguns. Estou indo agora para um que parece interminável. Há dois anos essa cliente queria dar uma repaginada na cozinha, o que acabou dando vontade de renovar completamente o banheiro principal, que agora conta com um ofurô, uma banheira de hidromassagem e um boxe com chuveiro a vapor tão grande que cabem seis pessoas.

Emma franziu as sobrancelhas sobre seus fabulosos olhos e deu uma garfada no macarrão.

– Chique, hein?

– Achei que fosse me pedir também uma piscina coberta, mas agora quer reformar a área externa. Decidiu-se por uma cozinha de verão ao lado da piscina. Viu numa revista e cismou que não pode mais viver sem uma.

– Como é que pode?

Ele deu um risinho e comeu.

– Ela tem 26 anos. O marido, 58, e gosta de fazer todas as vontades dela. E ela tem muitas!

– Tenho certeza de que ele a ama e, se tem dinheiro, por que não deixá-la feliz?

Jack limitou-se a dar de ombros.

– Por mim, está ótimo. Assim tenho uma graninha para a cerveja e uns aperitivos.

– Cínico! – exclamou ela, apontando o garfo para ele antes de pegar mais um bocado do macarrão. – Sei que ela é uma espécie de troféu para esse cretino de meia-idade.

– Aposto que é isso que a ex dele pensa, mas para mim são apenas clientes.

– Quando se trata de amor e casamento, acho que a idade não deve importar. O que conta são as pessoas e o que sentem uma pela outra. Talvez ela o faça se sentir mais jovem, mais disposto, tenha despertado algo de novo dentro dele. Se fosse só sexo, por que se casaria com ela?

– O que posso dizer é que uma mulher com a aparência dela pode ser muito persuasiva.

– Pode ser, mas já fizemos aqui muitos casamentos em que a diferença de idade dos noivos era significativa.

Jack mexeu o garfo no ar e depois o enfiou no macarrão, imitando-a.

– A festa e o casamento em si não são a mesma coisa.

Emma se recostou na cadeira e tamborilou na mesa.

– Você tem razão, mas a celebração é uma espécie de prelúdio, é o início ritual e simbólico da vida a dois, então...

– Eles se casaram em Las Vegas.

Jack continuou comendo, com cara de paisagem, enquanto tentava conter o riso.

– Muita gente se casa em Las Vegas. Não quer dizer que não possam passar muitos anos felizes juntos, plenamente realizados.

– Mas o sujeito estava vestido de Elvis.

– Agora você já está inventando. E mesmo que não estivesse, essas escolhas são indicativas

de bom humor, da capacidade de se divertir juntos, o que, a meu ver, são ingredientes importantes para que um casamento seja bem-sucedido.

– Boa saída. Ótimo macarrão. – Ele se voltou para o terraço principal, onde Parker tinha se sentado com os potenciais clientes. – Parece que a coisa lá está indo bem.

– Teremos cinco eventos aqui nesta semana e uma despedida de solteira, que organizamos, mas será em outro lugar.

– Venho para o evento de sábado à noite.

– É amigo da noiva ou do noivo?

– Do noivo. A noiva é um monstro.

– Meu Deus, é mesmo – concordou ela, rindo. – Ela me trouxe uma foto do buquê da melhor amiga. Não queria que eu o copiasse, de forma alguma. O dela tem um estilo completamente diferente, mas contou as rosas e me avisou que no dela queria pelo menos mais uma. Jurou que vai contar.

– E vai mesmo. Posso garantir que, mesmo que façam o melhor trabalho possível, ela vai encontrar algum defeito.

– É, já sabemos disso. Faz parte. Trabalhamos com anjos, monstros e quaisquer seres que possam existir entre os dois extremos. Mas hoje não preciso pensar nela. Hoje é um bom dia.

Jack sabia que era verdade. Ela parecia relaxada e tinha uma aura luminosa. Como de costume, aliás.

– Isso porque vai fazer cinquenta buquês?

– É. E por saber que a senhora que faz bodas de ouro vai gostar deles. Cinquenta anos de casados... Consegue imaginar isso?

– Não consigo imaginar cinquenta anos de nada.

– Não é verdade. Deve achar que suas construções vão durar cinquenta anos. De preferência, mais.

– É verdade – concordou Jack. – Mas é uma construção.

– O casamento também. Uma construção de vidas. Que exige trabalho, cuidado, manutenção. E esse casal é a prova de que é possível. Agora preciso voltar ao trabalho. Acabou o recreio.

– Também tenho que ir. Levo essas coisas lá para dentro. – Pôs a louça na bandeja e se levantou. – Está trabalhando sozinha hoje? Onde estão os seus duendes?

– Virão amanhã. Vai ser um caos quando começarmos a arrumar as flores dos eventos do fim de semana. Hoje estou só na companhia de 3 mil rosas e uma abençoada tranquilidade. – Abriu a porta para ele.

– Três *mil*? Sério? Seus dedos vão cair.

– Tenho dedos fortes. E, se precisar de ajuda, chamarei uma das outras para vir arrancar espinhos.

Jack deixou a bandeja na bancada da cozinha e então, como sempre acontecia, pensou que a casa dela tinha um cheirinho de campo.

– Boa sorte, então. E obrigado pelo almoço.

– De nada. – Foi levá-lo até a porta, onde ele se deteve.

– E o carro?

– Ah, a Parker me deu o nome de um mecânico. Da oficina Kavanaugh's. Vou ligar para ele.

– Ele é bom. Telefone logo. Nos vemos no sábado.

Enquanto andava até o carro, ficou imaginando-a de volta às rosas. Pensava nela sentada por horas, inebriada com seu aroma, tirando os espinhos e depois... fazendo sabe-se lá o que era preciso fazer para montar os buquês que as mulheres carregavam durante o casamento.

Lembrou-se de vê-la ao sol ao chegar, com o rosto erguido, os olhos fechados e aqueles lábios sedutores ligeiramente entreabertos, como se estivesse tendo um sonho muito agradável. O cabelo preso para cima, deixando à mostra os brincos compridos de prata.

Por um momento breve, porém intenso, pensou em se inclinar e beijar aquela boca. Podia ter feito uma brincadeira, recorrendo à história da Bela Adormecida. Emma era bem-humorada, teria achado graça.

No entanto, era também um pouco geniosa, pensou ele. Embora não fosse de demonstrar muito.

De qualquer modo, agora não importava; perdera a oportunidade. Partir em busca das louras e ruivas era uma ideia melhor que deixar avançar essa coceira desconfortável que sentia toda vez que estava com Emma.

Amiga era amiga; namorada era namorada. Era possível ficar amigo de uma namorada, mas tentar o contrário era um terreno meio perigoso.

Estava quase chegando ao local da obra quando percebeu que tinha esquecido o casaco.

– Merda. Que *merda*!

Agora estava parecendo um desses idiotas que esquecem alguma coisa na casa de uma mulher de propósito, só para ter a desculpa de voltar lá e tentar marcar pontos. E não era nada disso.

Ou era?

Merda. Talvez fosse.

capítulo quatro

No sábado, às duas e quinze, Emma já tinha sua tropa alinhada, pronta para transformar os cômodos usados no alegre casamento da manhã, de temática caribenha, no evento que ela secretamente chamava de Explosão Parisiense.

– Tudo certo – disse Emma, pondo-se na ponta dos pés, calçados com tênis que lhe permitiam mais agilidade. – A noiva vai querer todas as cestas, os vasos e centros de mesa que sobraram. Vamos ajudá-los a levar o que não foi distribuído para os convidados. Beach e Tiffany, podem tirar as grinaldas e as coroas de dentro e de fora? Comecem pelo pórtico, depois venham para dentro. Tink, você e eu vamos começar a trocar a decoração do salão principal. Quando o pórtico estiver pronto para receber as novas flores me avisem. As suítes da noiva e do noivo já foram reorganizadas. A noiva vai chegar às três e meia para fazer o cabelo e a maquiagem, vestir-se e tirar umas fotos na suíte. A entrada, o vestíbulo e a escada devem estar prontos às 15h20, e o salão principal às 16h. As varandas, a pérgula, os pátios, às 16h45, e o salão de baile, uma hora depois. Se precisarem de ajuda, venham falar comigo ou com a Parker. Vamos lá, mãos à obra.

Com Tink ao seu lado, Emma partiu como uma bala. Sabia que Tink era confiável quando estava disposta – ou seja, em cerca de 75 por cento do tempo. Mas Emma só precisava mostrar ou explicar algo a ela uma vez. Era uma florista talentosa, quando queria. Além do mais, tinha uma força que chegava a dar medo.

Miúda e musculosa, com o cabelo preto reluzente, com um corte meio selvagem e umas mechas cor-de-rosa por causa da primavera, Tink saiu como um furacão para cuidar dos ornamentos da lareira.

As duas tiraram de lá as peças, guardaram-nas em caixas, arrastaram, levantaram, puxaram, tiraram os candelabros com velas cor de laranja, as grinaldas de buganvília, os vasos com folhas de samambaia e palmeira.

Tink fez um barulhinho com seu indefectível chiclete. E então torceu o nariz fazendo tilintar a argolinha de prata que usava nele.

– Se a pessoa quer palmeiras e essas merdas, por que não vai logo para a praia?

– Se fizessem isso, não nos pagariam para reproduzir a praia.

– É, tem razão.

Quando recebeu o sinal, Emma saiu do salão e foi até o pórtico. Usou metros e metros de tule para os laços e revestimentos, espalhou toneladas de rosas brancas, criando assim uma entrada magnífica para a noiva e seus convidados. Os coloridos vasos com hibiscos e orquídeas cederam lugar a enormes urnas brancas com milhares de lilases.

– O casal um e todos os seus convidados já se foram – disse Parker, que vestia uma roupa

simples, cinza, e estava com o BlackBerry numa das mãos, o rádio preso no bolso e o fone de ouvido pendurado. – Meu Deus, Emma, está fantástico.

– É, está tomando forma. A Noiva Monstro não queria os lilases porque os achava muito simples, mas consegui uma foto que a convenceu – disse, dando um passo atrás para apreciar.

– Ok. Excelente.

– Ela estará aqui em vinte minutos.

– Vamos dar conta.

Emma foi correndo até a escada, onde Tink e Tiffany trabalhavam. Mais tule e rosas brancas, entremeadas a luzinhas coloridas, e longas grinaldas de rosas a cada 30 centímetros. Perfeito.

– Ok, Beach, vá cuidar dos arranjos da entrada e da mesa de presentes. Também já podemos trazer as primeiras peças do salão principal.

– Posso emprestar o Carter para isso. Pedi que trabalhasse no salão de baile, mas posso dispensá-lo.

– Foi providencial a Mac ter arranjado um noivo forte e prestativo. Aceito.

Com a ajuda de Carter e de Beach, que era bem fortinha, Emma transportou jarros, vasos, cestas, plantas, grinaldas, coroas e velas.

– A NM está chegando! – gritou Parker pelo fone de ouvido, fazendo Emma soltar um gemido. A Noiva Monstro.

Deu uns últimos retoques na lareira, muito elegante com as velas brancas e prateadas, as rosas brancas e os lisianthus lilás, antes de sair correndo para fazer os arranjos da parte de fora da casa.

Pôs mais lilases em urnas, carregou enormes cestas prateadas com copos-de-leite violeta e brancos, nas cadeiras do corredor, forradas de branco, pendurou buquês de flores com fitas prata pendendo deles e bebeu tanta água que parecia que estava morrendo.

– Jura que isso é o melhor que consegue fazer?

Passando as mãos pelas costas doloridas, Emma se virou e deu de cara com Jack.

Ele estava com as mãos nos bolsos de um belíssimo terno cinza; os olhos protegidos por óculos de sol.

– Ela queria que fosse simples.

Jack riu, meneando a cabeça.

– Está incrível, com um ar de sofisticação francesa.

– Isso mesmo. – Emma apontou para ele. – Era exatamente o que eu pretendia. Espere aí! – Sentiu o pânico se agitar em seu peito como um cachorro que perdeu o osso. – O que está fazendo aqui? Que horas são? Não podemos estar tão atrasadas assim. Parker... – interrompeu-se quando conferiu as horas. – Ai, graças a Deus. Você é que está muito adiantado.

– É. Parker disse ao Del que, já que eu vinha, podia chegar mais cedo para ajudar. Por isso estou aqui.

– Venha comigo. Tink! Tenho que ir buscar os buquês. Preciso de uns dez minutos, depois passo para o salão de baile.

– Entendido.

– Pode me ajudar a trazê-los. Vou lá agora – disse no fone. – Ah, Parker, ponha um Xanax no champanhe dela. Não tenho como ir mais rápido. Só preciso de dez minutos. Peça a Mac para distraí-la.

Saiu correndo, enfiou-se na van que usava para transporte e se acomodou ao volante.

– Vocês sempre fazem isso? – perguntou Jack. – Essa história de drogar a noiva?

– Nunca fizemos, embora às vezes tenhamos vontade. Mas, convenhamos, nesse caso seria um favor a todos. Ela quer ver o buquê imediatamente porque, se não ficar encantada com ele, vai rodar a baiana. Laurel me disse hoje cedo que a Mac contou que a NM fez a cabeleireira chorar e ainda brigou com a dama de honra. Parker é que teve que acalmar os ânimos, claro.

– O que é NM?

– Pense um pouco – propôs Emma, saltando da van para correr até seu escritório.

Ele a seguiu, pensando.

– Nojenta e Metida. Noiva Malvada. Noiva Monstro.

– Bingo! – Abriu a porta da câmara fria. – Tudo o que está do lado direito vai. Um buquê em cascata e doze para as acompanhantes. Confira se estão os doze. – Deu um tapinha numa das caixas. – Sabe o que é isto?

– Um buquê. Todo lilás. Bem bonito por sinal. Nunca tinha visto nada parecido.

– É couve.

– Está brincando!

– Uma couve ornamental lilás e verde. As cores da noiva são lilás e prateado. Usamos nos arranjos muitas nuances de prateado e tons que vão do lilás mais pálido até um púrpura fechado, além de muito branco e verde.

– Caramba! Você usou couve nos buquês. Não contou a ela, não é?

– Só vou contar depois que ela ficar encantada com eles. Bem, buquês, flores de lapela, pomanders, cestas para as duas daminhas, duas coroas de rosas brancas e alfazema e vasos de mão. Tudo certo. Vamos levar.

– Você nunca se cansa das flores? – perguntou Jack enquanto transportavam os buquês dentro das caixas.

– De jeito nenhum. Está sentindo o cheiro da alfazema? E das rosas?

– Impossível não sentir, dadas as circunstâncias. Bem, imagine que um sujeito a convide para sair. É o primeiro encontro, ou uma ocasião especial, e ele lhe traz flores. O que diz? "Ah, flores. Que maravilha!"

– Eu o acharia muito gentil. Nossa, todos os músculos do meu corpo estão suplicando por uma taça de vinho e um banho quente. – Alongou-se enquanto Jack fechava o porta-malas da van. – Vamos lá deixar a Noiva Monstro encantada. Ah, espere um instante. O seu casaco, aquele que me emprestou, está lá dentro.

– Venho buscá-lo depois. Diga, ela ganhou uma rosa a mais que a melhor amiga?

Emma não entendeu na hora, mas depois se lembrou do que havia contado a ele.

– Ganhou dez a mais. Ela vai ter que se render ao meu trabalho. Ok, Parker, está certo. Já estou indo. – Enquanto falava, o alerta de mensagem tocou. – O que foi agora? Pode ler para

mim? Não consigo pegá-lo enquanto dirijo. Está preso na minha saia, debaixo do casaco aqui do lado.

Ele levantou a ponta do casaco e, ao virar o rádio para ler, roçou os dedos na pele de Emma, que quase deu um gritinho, mas continuou olhando para a frente, como se nada estivesse acontecendo.

– É da Mac. Diz "MANM"!

– MANM? – perguntou Emma. Os dedos de Jack continuavam tocando a pele acima da sua cintura, o que a distraía. – Ah... Morte à Noiva Monstro.

– Quer que eu responda? Quem sabe não damos algumas sugestões de como fazer isso?

Emma não conseguiu conter o riso.

– Não precisa, obrigada.

– Bonito casaco – disse ele, arrumando-o.

Ela parou em frente à casa.

– Se me ajudar a levar isso lá para cima não conto a Parker nem dou bronca quando você fugir para tomar cerveja antes do casamento.

– Combinado.

Levaram as caixas para o foyer. Ele parou um momento e examinou o local.

– O trabalho que fez aqui está incrível. Se ela não se render ao seu trabalho, é ainda mais idiota do que acho que é.

– Shhh! – sussurrou ela, contendo uma gargalhada e revirando os olhos. – A essa hora, membros da família ou amigos podem estar circulando por aí.

– Ela sabe que não a suporto. Já lhe disse isso.

– Ai, Jack. – Dessa vez riu enquanto subia depressa a escada. – Não diga ou faça nada que a deixe irritada. Antes de abrir a boca, lembre-se da Ira de Parker.

Equilibrando em uma das mãos a caixa que carregava, abriu a porta da suíte da noiva.

– Até que enfim você apareceu, Emmaline! Meu Deus, como quer que eu tire as fotos oficiais sem o buquê? Estou com os nervos à *flor da pele*. Você sabia que eu queria vê-lo antes, para o caso de querer alguma alteração. Sabe que horas são? Você tem ideia?

– Sinto muito, não ouvi uma palavra do que disse. Estou atordoada. Você está espetacular, Whitney!

Essa parte, pelo menos, era verdade. Com uma saia quilométrica, um universo de pérolas e continhas brilhando no véu e no corpete, o cabelo louro com reflexos preso em cima com uma tiara, a Noiva Monstro estava magnífica.

– Obrigada, é que tenho andado uma pilha, preocupada com o buquê. Se ele não for perfeito...

– Acho que está do jeitinho que você queria.

Com bastante cuidado, Emma ergueu aquela enorme cascata de rosas brancas. Quando os olhos da noiva se arregalaram, parabenizou-se mentalmente, mas manteve o tom profissional.

– Alterei um pouco a temperatura para que as rosas ficassem parcialmente abertas. E acrescentei só uns toques de verde e umas contas prateadas para dar destaque aos botões. Sei

que havia falado em longas fitas prata, mas, honestamente, acho que iam diminuir o destaque das flores e das formas. No entanto, se ainda quiser, posso pôr as fitas num minutinho.

– A prata daria um tom reluzente, mas... talvez você tenha razão – acrescentou, estendendo a mão para pegar o buquê.

Ali ao lado, a mãe da noiva juntou as palmas das mãos, como se rezasse, e as levou até a boca.

Era sempre um bom sinal.

Whitney se virou para se olhar no espelho de corpo inteiro. E abriu um sorriso. Emma foi até ela e sussurrou algo em seu ouvido. E o sorriso se abriu ainda mais.

– Pode contar mais tarde – sugeriu Emma. – Agora, deixarei você com Mac.

– Vamos tentar entre aquelas janelas ali, Whitney? A luz está maravilhosa. – Mac mostrou o polegar para Emma pelas costas da noiva.

– Meninas – disse Emma –, é a vez de vocês.

Distribuiu os buquês, os ramalhetes, os vasos de mão e encarregou a mãe do noivo de arrumar as pomanders e as cestas de flores das daminhas.

Deu um passo atrás novamente e olhou para Jack.

– Uau!

– Vindo dela, aquele "talvez tenha razão" mostra que ficou encantada com o seu trabalho.

– É, eu entendi. Posso me virar sozinha agora. Vá tomar a sua cerveja. Carter está por aí em algum lugar. Vá corrompê-lo.

– Eu até tento, mas ele é osso duro de roer!

– As flores das lapelas – disse ela, já andando. – E tenho que verificar o salão de baile depois. – Checou as horas. – Fomos pontuais até agora. Obrigada, se não tivesse me ajudado a carregar e transportar tudo, estaria atrasada.

– Posso levar as flores das lapelas lá para cima. Aproveito para ver o Justin e fazer umas piadas sacanas sobre prisão e algemas.

– Boa ideia. Faça isso.

Como lhe sobraria algum tempo, Emma atravessou o salão principal e foi até a varanda.

Satisfeita com algumas mudanças que fizera, subiu para o salão de baile, onde sua equipe estava trabalhando. Arregaçou as mangas e pôs mãos à obra.

Enquanto isso, pelo fone de ouvido, de tempos em tempos recebia de Parker uma posição de como estavam as coisas, até que ela começou a fazer a contagem regressiva.

Os convidados estão chegando. A maioria está sentada ou na varanda.

A sessão oficial de fotos terminou. Mac já está a caminho da próxima tomada.

Dentro de dois minutos os avós vão precisar ser acompanhados. Vou me encarregar de trazer os rapazes para o andar de baixo. Laurel, prepare-se para a passagem.

– Entendido – respondeu Laurel em tom seco. – Em, o bolo está montado e pronto para a decoração da mesa.

Os rapazes já estão com a Laurel, anunciou Parker logo depois que Emma terminou de ajeitar uma bancada com hortênsias. *A mãe do noivo entra acompanhada pelo outro filho daqui a um minuto. A mãe da noiva está na varanda, seu acompanhante também é o filho. Os*

padrinhos estão se enfileirando. Quando eu der o ok, a música muda.

Emma voltou para a porta de entrada, fechou os olhos por dez segundos e então a abriu e viu todo o espaço. Respirou fundo.

Uma explosão de Paris, pensou, mas em grande estilo. Branco, prata, púrpura e toques de verde para contrastar e fazer tudo brilhar sob o perfeito céu de abril. Observou o noivo e seus acompanhantes tomarem seus lugares diante da pérgula repleta de flores.

– Pessoal, somos o *máximo*! Está perfeito. Agora vão até a cozinha comer e beber alguma coisa.

Sozinha, deu uma última circulada pelo aposento enquanto Parker mandava os padrinhos seguirem, um a um. Suspirou, esfregou as costas, a nuca, as mãos. E foi calçar os sapatos de salto enquanto Parker dava à Noiva Monstro sua deixa.

Jack não sabia como elas conseguiam; sempre. Em algumas ocasiões era chamado para dar uma mãozinha, arrastando e carregando coisas, atendendo no bar ou servindo as mesas. Como o pagamento invariavelmente era comida, bebida e música da melhor qualidade, não se importava nem um pouco.

Mas ainda não conseguia entender como elas conseguiam organizar tudo tão bem.

Parker era tão onipresente e tão sutil que ele suspeitava que ninguém percebia que ela podia, num momento, ajudar o padrinho com o brinde e, no seguinte, já estar oferecendo lenços de papel à mãe da noiva, sem deixar de lado a coordenação do serviço de bufê do salão principal, como uma espécie de general comandando suas tropas durante uma batalha.

Mac também surgia por todo lado, de forma igualmente discreta, registrando momentos informais dos padrinhos e dos convidados, ou tirando uma rápida foto posada dos noivos.

Laurel entrava e saía, seguindo as indicações recebidas pelos fones de ouvido que todas elas usavam, ou talvez algum tipo de linguagem gestual. Talvez fosse telepatia. Ele não descartava essa hipótese.

E Emma, é claro, estava sempre a postos para resolver tudo, caso um convidado derramasse vinho na toalha de mesa ou o pajem entediado resolvesse beliscar as daminhas.

Duvidava que alguém percebesse ou entendesse que essas quatro mulheres literalmente seguravam a onda juntas, fazendo os malabarismos necessários e passando a bola uma para a outra com a habilidade de jogadores profissionais.

Assim como imaginava que ninguém percebia a logística e o timing perfeito por trás do simples gesto de conduzir os convidados do salão principal ao salão de baile. Jack ficou ali enquanto Laurel, Emma e sua equipe se reuniam em torno da mesa grande para recolher os buquês e os vasinhos de mão.

– Quer uma ajuda? – perguntou a ela.

– O quê? Ah, não, obrigada, está tudo sob controle. Tink, seis de cada lado e as cestas na ponta. Deixamos tudo aqui por umas duas horas e depois desmontamos e levamos embora. Beach e Tiff, apaguem as velas e deixem acesas metade das luzes de cima.

– Posso cuidar disso – disse Tink quando Emma pegou o buquê da noiva.

– Se uma única rosa estragar, a noiva dará um chilique. Melhor ela cortar a minha garganta que a sua. Vamos, a primeira dança está começando.

Enquanto as flores eram levadas para o andar de cima pela escada dos fundos, Jack foi até o principal espaço de recepção. Entrou no salão de baile no meio da primeira dança oficial. Os noivos tinham escolhido "I Will Always Love You", que ele achava meio batida, numa versão excessivamente orquestrada. Alguns convidados assistiam de pé, naquele salão coberto de flores, ao passo que outros haviam se sentado às mesas estrategicamente dispostas em torno da pista de dança.

As portas que davam para o terraço estavam abertas, como se convidassem as pessoas a ir lá para fora. Pensou em fazer isso, assim que conseguisse uma taça de vinho.

Quando viu Emma sair novamente, mudou um pouco seus planos. Desceu pela escada dos fundos, levando duas taças de vinho.

Ela estava sentada no segundo degrau e saltou como uma mola quando ouviu seus passos.

– Ah, é só você – disse, tornando a se sentar.

– Só eu e o vinho.

Ela suspirou e girou o pescoço.

– Aqui na Votos não bebemos quando estamos trabalhando. Mas... posso me censurar amanhã. Passe essa taça para cá.

Ele se sentou ao lado de Emma e lhe deu uma das taças.

– Como estão indo as coisas?

– Eu é que deveria perguntar, afinal você é um convidado.

– Do ponto de vista do convidado, está maravilhoso. Tudo me parece perfeito, tem gosto perfeito, um aroma perfeito. As pessoas estão se divertindo e não fazem a menor ideia de todo o trabalho nos bastidores, num timing preciso que deixaria um maquinista suíço no chinelo.

– É exatamente isso que procuramos. – Ela bebeu o vinho e fechou os olhos. – Ai, Deus, como é bom!

– Como está se comportando a Noiva Monstro?

– Até que não está sendo muito problemática. É difícil ser uma megera quando todos estão dizendo que você está linda e que estão felizes por você. Ela contou mesmo as rosas do buquê e ficou bem feliz. Parker remediou umas possíveis crises, e Mac mereceu um gesto de aprovação pelas fotos dos noivos. Se o bolo e os doces de Laurel também forem aprovados, acho que posso dizer que atingimos nossos objetivos.

– Laurel fez aquelas miniporções de crème brûlée?

– Claro.

– Vocês valem ouro. Ouvi muitos elogios às flores.

– Sério?

– Vi até umas caras admiradas, no bom sentido, claro.

Emma fez uns movimentos com os ombros para relaxá-los.

– Então tudo valeu a pena.

– Espere aí.

Jack se sentou no degrau de cima, atrás dela, e pôs as mãos em seus ombros.

– Não precisa se... Esqueça o que eu ia dizer. – E se deixou relaxar sob as mãos dele. – Vá em frente.

– Parece que você pôs cimento aqui, Emma.

– É o resultado de uma semana com cerca de sessenta horas de trabalho.

– E três mil rosas.

– Ah, se acrescentar os outros eventos, podemos dobrar esse número facilmente.

Ele deslizou os dedos pela nuca de Emma, arrancando-lhe um gemido. Quando sentiu uma espécie de bolo no estômago, Jack percebeu que este não era exatamente um favor que estava fazendo a si mesmo.

– E como foi a celebração das bodas de ouro?

– Ah, uma maravilha. Eram quatro gerações. Mac tirou fotos incríveis. Quando o casal dançou pela primeira vez, não tinha ninguém no salão que não estivesse chorando. Esse vai ser um dos meus eventos favoritos de todos os tempos.

Ela suspirou novamente.

– Você precisa parar com isso. O vinho e as suas mãos mágicas vão acabar me fazendo dormir aqui mesmo na escada.

– Você não terminou ainda?

– Nem em sonho. Tenho que ir buscar o buquê que a noiva vai jogar e ajudar com os bolos. E ainda tem as bolas de sabão que queremos fazer lá fora. Daqui a uma hora, começaremos a tirar a decoração do salão principal, guardando em caixas os centros de mesa e os arranjos.

Sua voz ficou um pouco mais lânguida, um pouco mais sonolenta quando ele massageou seu pescoço.

– Humm... temos que carregar tudo isso e os presentes e tirar os arranjos da parte externa. Como temos outro evento amanhã de tarde, ainda precisamos arrumar o salão de baile.

Ele se torturou, descendo as mãos até os bíceps de Emma e trazendo-as de volta para seus ombros.

– Então, deveria relaxar enquanto pode.

– E você deveria estar aproveitando a festa lá em cima.

– Gosto de ficar aqui.

– Eu também, o que faz de você uma má influência, me trazendo vinho e fazendo massagem na escada. Tenho que voltar para substituir Laurel no patrulhamento. – Ela se virou e deu uma palmadinha nas mãos de Jack antes de se levantar. – O bolo será servido em meia hora.

Ele ficou de pé quando Emma começou a andar.

– Que tipo de bolo vai ser?

Ela parou, virou-se e ficou bem de frente para ele. Seus olhos, aqueles profundos olhos aveludados, tinham um ar tão sonolento quanto sua voz.

– Laurel o batizou de Primavera Parisiense. Ela usou um lindo tom esmaecido de lavanda e cobriu com rosas brancas e raminhos de lilases, pôs uma fita de chocolate ao leite e...

– Estava querendo saber do recheio.

– Ah, é branco com merengue italiano. Imperdível, viu?

– Deve superar o crème brûlée.

Emma tinha cheiro de flores, mas Jack não conseguia distinguir quais seriam. Era um buquê misterioso e exuberante. Seus olhos eram escuros, suaves, profundos, e a boca... teria um gosto tão bom quanto o do bolo de Laurel?

Que inferno aquilo!

– Olhe, isso com certeza não é lá muito apropriado, portanto, peço desculpas de antemão.

Pegou-a pelos ombros novamente e a puxou mais para perto. Viu então aqueles olhos escuros, suaves, profundos, se arregalarem de espanto um segundo antes de seus lábios tocarem os dela.

Emma não se afastou e também não riu, como se achasse que era brincadeira. Em vez disso, deixou escapar um gemido como aquele que soltara quando ele estava massageando sua nuca... só que esse parecia mais um suspiro.

Emma o segurou pela cintura e entreabriu aqueles lábios apetitosos.

Assim como seu cheiro, seu gosto era misterioso, essencialmente feminino. Escuro, quente, sensual. Quando sentiu as mãos dela subirem por suas costas, Jack a apertou mais, só um pouco mais.

Depois mudaram de ângulo, o beijo foi ficando mais intenso e Emma deixou transparecer nos gemidos o prazer que sentia.

Jack pensou em levá-la para o andar de cima, entrar no primeiro quarto que encontrasse para concluir o que havia começado por impulso.

O rádio tocou na cintura de Emma e os dois se assustaram. Ela abafou um gritinho e em seguida disse:

– Ah, bem... – Pegou depressa o rádio e leu a mensagem. – É a Parker. Preciso ir. Tenho que... ir. – Deu-lhe as costas e subiu correndo.

Sozinho, Jack desceu e, com duas goladas, tomou o vinho que tinha sido deixado de lado. Decidiu dar uma volta lá fora e perder o restante da festa.



Emma estava grata pelo fato de o trabalho a ter mantido tão ocupada que não lhe dera tempo para pensar. Ajudou na limpeza do incidente que envolveu o pajem e os éclairs de chocolate, entregou o buquê para a noiva jogar, rearrumou a mesa do bolo para facilitar na hora de servir, depois foi desmontar a decoração do salão principal.

Arrumou os centros de mesa e outros arranjos que seriam transportados e supervisionou sua transferência para os recipientes adequados.

Quando sopraram as bolas de sabão e a última dança terminou, foi para os pátios e as varandas desmontar tudo.

Não viu Jack em lugar algum.

– Está tudo bem? – perguntou Laurel.

– O quê? Ah, está sim. Foi tudo perfeito. Só estou cansada.

– Eu também. Pelo menos o evento de amanhã será mais leve. Viu o Jack?

– O quê? – Emma levou um susto tão grande que pareceu um ladrão ouvindo um alarme disparar. – Por quê?

– Eu o perdi de vista. Tinha pensado em suborná-lo com uns doces para que ajudasse na arrumação, mas acho que ele fugiu.

– Bem capaz. Não prestei muita atenção.

Sua mentirosa! Por que estava mentindo para a amiga? Isso não podia ser um bom sinal.

– Parker e Mac estão se despedindo dos retardatários – comentou Laurel. – Vão se encarregar da verificação de segurança. Quer que eu ajude a levar essas coisas para a sua casa?

– Não, está tudo sob controle.

Emma guardou o que restava para levar de volta para a câmara fria. A maior parte seria doada para o hospital e, com o que sobrasse, faria uns arranjos para enfeitar sua casa e a das amigas.

Fechou o porta-malas.

– Até amanhã.

Foi até a porta, descarregou a van e guardou as flores e as grinaldas.

Por mais que desse ordens expressas para sua mente se manter calma e vazia, ela continuava obsessivamente pensando numa única coisa.

Jack a beijara.

O que isso significava?

Por que tinha que *significar* alguma coisa?

Um beijo era só um beijo. Tinha sido apenas uma coisa momentânea. Nada mais.

Preparou-se para dormir, tentando se convencer de que não era nada além disso.

Mas, quando um beijo era tão explosivo assim, era difícil classificá-lo como "nada além disso".

Teve que admitir que era alguma coisa a mais. E não sabia o que fazer. O que era bem frustrante, pois *sempre* sabia o que fazer quando se tratava de homens, beijos e excitação. Simplesmente sabia.

Foi para a cama dizendo a si mesma que, mesmo que não conseguisse dormir, ficaria deitada no escuro até encontrar uma solução.

Porém estava tão exausta que, em poucos segundos, caiu num sono profundo.

capítulo cinco

Emma deu conta do evento de domingo, das reuniões de segunda, além de fazer ajustes no planejamento de algumas das próximas celebrações, porque as noivas tinham mudado de ideia.

Cancelou os encontros com dois caras bem legais, mas com quem agora ela não tinha a menor vontade de sair. Ocupou essas horas fazendo levantamento de estoque e encomendando fitas, alfinetes, recipientes e outros materiais.

E perguntando-se se deveria ligar para Jack e fazer algum comentário breve, discreto, sobre o beijo ou fingir que nada daquilo tinha acontecido.

Ficou oscilando entre essas duas opções e uma terceira, que envolvia a ideia de ir até a casa de Jack e transar com ele. Acabou não fazendo nada; só ficou mais confusa.

Aborrecida consigo mesma, chegou cedo para uma reunião da equipe marcada para aquela tarde. Entrou pela cozinha de Laurel, onde a amiga estava arrumando um prato de cookies junto com uma bandeja com frutas e queijo.

– Estou sem Coca-Cola Zero – declarou Emma, abrindo a geladeira para pegar uma lata. – Aliás, estou sem praticamente nada, porque sempre esqueço que a bateria do meu carro arriou.

– Ligou para a oficina?

– Bem, pelo menos disso eu me lembrei há uns dez minutos. Quando confessei, diante do interrogatório de especialista que o mecânico começou a fazer, que tinha o carro há quatro anos e nunca fiz uma revisão, não me lembrava da última vez, se é que houve alguma, em que tinha mandado trocar o óleo, verificar algum chip de computador de bordo e outras coisas de que agora não me lembro, ele disse que passaria aqui para rebocá-lo.

Com ar de vítima, abriu a Coca-Cola e começou a beber direto da lata.

– Eu meio que tive a impressão de que estava mantendo meu carro refém e que o tal sujeito vinha libertá-lo. Eu me senti ainda mais idiota do que com Jack. Quero um cookie.

– Sirva-se.

Foi o que Emma fez.

– Agora vou ficar sem carro até ele decidir me devolver. Se é que vai devolver, não tenho certeza se tem essa intenção.

– Já ficou sem carro mais de uma semana por causa da bateria.

– Verdade, mas eu tinha a ilusão de ter um carro porque ele estava estacionado ali. Acho que vou ter que pegar a van para ir ao mercado e aos zilhões de outros lugares em que tenho que passar. Acaba de me ocorrer que a van está comigo há um ano a mais que o carro, talvez ela seja a próxima a se rebelar.

Laurel jogou uns lindos confeitos em tom pastel na bandeja dos cookies.

– Sei que é uma ideia meio maluca, mas talvez, quando o seu carro ficar pronto, você possa mandar a van para a oficina.

Emma mordiscou o cookie.

– O cara da oficina sugeriu isso. Estou precisando de colo. Que tal um jantar e um filminho hoje à noite?

– Você não vai sair?

– Cancelei o encontro. Não estou muito a fim.

Chocada, Laurel soprou o cabelo que lhe caía nos olhos para ver melhor a amiga.

– *Você* não está a fim de sair com um cara?

– Preciso começar a trabalhar cedo amanhã. Tenho seis buquês para preparar, sete com o da noiva. O que dá umas boas seis ou sete horas de trabalho. A Tink vai chegar mais cedo, para ganharmos tempo. Mas ainda tenho que preparar todo o restante para o evento de sexta à noite. E passei a maior parte da manhã processando as flores.

– Isso nunca impediu você de sair antes. Tem certeza de que está se sentindo bem? Estou achando você meio abatida.

– Não, não, está tudo bem. Só não estou... a fim de sair com um homem.

– Mas isso não me inclui. – Delaney Brown entrou na cozinha e levantou Emma do chão para lhe dar um beijo estalado. – Humm, cookies de açúcar.

– Pegue um para você – disse Emma, rindo.

Ele pegou um cookie da bandeja, dando um risinho para Laurel.

– Considere que isso é parte dos meus honorários.

Conhecendo-o bem, Laurel pegou um saquinho e começou a enchê-lo com cookies.

– Veio para a reunião?

– Não, só tinha que tratar de umas questões legais com a Parks.

Já que a cafeteira estava ali e ele também, Del se aproximou dela.

Ele e Parker tinham o mesmo cabelo castanho-escuro, os mesmos olhos azul-escuros. O que Laurel definiria como "os traços refinados dos Browns" eram apenas um pouco mais acentuados no rosto de Del. Com o terno cinza risca de giz, os sapatos italianos e a gravata Hermès, ele era a imagem perfeita do advogado bem-sucedido. O herdeiro dos Browns de Connecticut.

Tendo terminado seu trabalho, Laurel tirou o avental e o pendurou num cabide. Del se apoiou na bancada da cozinha.

– Ouvi dizer que você rodou a baiana no casamento dos Folks, no fim de semana passado.

– Você os conhece? – indagou Emma.

– Os pais dela são nossos clientes. Não tive o prazer de conhecer a nova Sra. Harrigan, embora, pelo que Jack diz, "prazer" talvez seja um exagero.

– Vai conhecê-la quando eles entrarem com o processo de divórcio – comentou Laurel.

– Sempre otimista...

– Ela é um pesadelo. Mandou uma lista de críticas para Parker hoje de manhã. Um e-mail enviado de Paris, em plena lua de mel.

– Está brincando! – exclamou Emma, atônita. – Deu tudo certo. Foi tudo perfeito.

– O champanhe poderia estar mais gelado, o serviço do bufê poderia ser mais rápido, o céu poderia estar mais azul e a grama, mais verde.

– Que vaca! Eu lhe dei dez rosas a mais. Não uma, mas *dez* – disse Emma, balançando a cabeça. – Mas não tem importância. Todos os que estavam aqui e que eram seres humanos de verdade sabem que tudo saiu perfeito. Ela não pode estragar isso.

– Essa é a minha garota! – exclamou Del, erguendo um brinde a Emma com a xícara de café.

– Bom... por falar em Jack, você o viu? Quer dizer, vai vê-lo?

– Amanhã. Vamos até a cidade para ver os Yankees.

– Será que você pode levar o casaco que ele deixou aqui? Ou que eu esqueci de devolver. Bom, acontece que o casaco ficou comigo, e ele deve estar querendo de volta. Posso ir buscá-lo, está no meu escritório.

– Eu passo lá e pego o casaco quando estiver indo embora.

– Bom. Está ótimo. Afinal, já que você vai encontrar com ele mesmo...

– Sem problema. Melhor eu ir. – Pegou o saquinho e o balançou ligeiramente olhando para Laurel. – Obrigado pelos cookies.

– Vou descontar uma dúzia dos seus honorários, incluindo o que você comeu.

Del deu um risinho cínico e foi embora.

Laurel esperou alguns segundos e, então, apontando na direção de Emma, disse:

– Jack.

– O quê?

– Jack.

– Não – Emma apressou-se a dizer, pondo a mão no peito. – Emma. Em-ma.

– Engraçadinha. Conheço você muito bem. Falou "bom" três vezes em menos de um minuto.

– Não falei, não. E mesmo que tivesse falado, o que tem isso?

– E então, o que está acontecendo entre você e Jack?

– Nada. Absolutamente nada. Não seja ridícula. – Ela sentiu a mentira queimando a própria língua. – Você não pode contar nada para ninguém.

– Se não posso contar, é porque tem alguma coisa.

– Não é nada. Provavelmente não é nada. Eu é que estou exagerando. Droga! – exclamou Emma, enfiando na boca de uma vez só a metade do cookie que ainda estava segurando.

– Você está comendo como uma pessoa normal. Há algo de errado no Emmaniverso. Conte logo.

– Antes você tem que jurar que não vai dizer nada para Parker ou para Mac.

– Ai, que jogo duro. – Laurel cruzou os indicadores diante da boca e os beijou, dizendo: – Eu juro.

– Ele me beijou, ou, melhor, nós nos beijamos, mas foi ele que começou, e não sei o que teria acontecido depois, porque Parker me chamou. Tive que ir, e ele foi embora. Pronto, foi isso.

– Espere aí, fiquei surda logo depois que você disse que Jack a beijou.

– Ah, qual é? Isso é sério – replicou Emma, mordendo o lábio. – Ou não. Será que é?

– Nem parece a Em que eu conheço. Você é mestre em lidar com homens e situações românticas ou sexuais.

– Eu *sei*. Acontece que foi Jack. Não contava que... – ela agitou os braços – ... tivesse que lidar com ele desse jeito. Mas estou fazendo um drama. Foi só um momento, só as circunstâncias. Só uma coisa que aconteceu. Agora acabou. Não é nada.

– Emma, você tem tendência a romancear os homens, os relacionamentos potenciais, mas nunca fica tão atrapalhada com isso. E você está toda confusa.

– Porque é o Jack! Imagine só: você está parada ali, cuidando da sua vida, fazendo os bolos e Jack aparece e beija você assim, do nada. Ou o Del. Você também ficaria confusa.

– O único motivo que levaria qualquer um dos dois a entrar aqui seria beliscar os meus doces. Como Del acabou de fazer. Quando foi que isso aconteceu? Na noite em que seu carro enguiçou?

– Não. Mas quase. Naquele dia teve um segundo... Acho que foi justamente esse segundo que fez com que tudo acontecesse. Durante o casamento de sábado.

– Ok, ok, você disse que Parker a chamou. E como foi? Que nota você daria a esse beijo na célebre escala de Emmaline Grant?

Emma suspirou, ergueu um dos polegares e passou a mão por uma linha imaginária.

– Bateu no topo da faixa vermelha e estourou o termômetro.

Laurel assentiu, com os lábios contraídos.

– Sempre desconfiei disso. Tem uma aura de faixa vermelha cercando Jack. E o que vai fazer?

– Não faço ideia. Ainda não decidi. Isso mexeu muito comigo. Preciso recuperar o equilíbrio para pensar no que fazer. Ou no que não fazer.

– Então vai me contar tudo, e também tem que me avisar quando a lei do silêncio for anulada.

– Tudo bem, mas por enquanto nem uma palavra – disse Emma, pegando a bandeja com o queijo. – Está na hora de virarmos empresárias.

A sala de reuniões da Votos ficava na antiga biblioteca. Os livros continuavam ali, emoldurando o aposento e, de vez em quando, abrindo espaço para fotos e recordações. A sala mantinha seu ar acolhedor, sua elegância, mesmo sendo usada agora para negócios.

Parker estava sentada à grande mesa marchetada, com o laptop e o BlackBerry à mão. Como as reuniões com clientes e as visitas à propriedade já tinham acabado, ela pendurou o paletó do terninho nas costas da cadeira. Mac estava sentada diante dela, com as pernas compridas bem esticadas, usando uma calça jeans e o suéter que funcionavam como seu uniforme de trabalho.

Quando Emma pôs a bandeja em cima da mesa, Mac se esticou um pouco para pegar um cacho de uvas.

– Estão atrasadas, meninas.

– Del passou pela cozinha. Antes de começar, quem está a fim de um jantar e um filminho hoje à noite?

– Eu, eu! – exclamou Mac, levantando a mão. – Carter tem um daqueles negócios de professor, e isso me livra do risco de ficar trabalhando até ele chegar. Tive um dia cheio.

– Por acaso não tenho nada marcado para hoje – disse Laurel, pondo o prato de cookies ao lado da bandeja.

Parker limitou-se a pegar o telefone interno e apertar uma tecla.

– Oi, Sra. G, dá para nós quatro jantarmos aqui hoje? Está perfeito. Obrigada. – Desligou e acrescentou: – Vamos comer frango, e adorar.

– Por mim tudo bem – disse Mac, mordendo uma uva.

– Então vamos lá, o primeiro item da pauta é Whitney Folk Harrigan, também conhecida como Noiva Monstro. Como Laurel já sabe, recebi um e-mail com uma lista de vários pontos que, segundo ela, deveríamos melhorar.

– Vaca. – Mac se levantou de novo, dessa vez para passar um pouco de queijo de cabra num biscoito de alecrim. – Arrebentamos nesse trabalho.

– Nós deveríamos era ter arrebentado a cara dela – observou Laurel.

– Whitney acha, e isso não está necessariamente em ordem de importância, que – Parker abriu uma pasta para ler o e-mail que tinha imprimido – o champanhe não estava gelado como deveria, o serviço na hora do jantar foi bem lento, os jardins poderiam estar mais floridos e coloridos, a fotógrafa passou tempo demais registrando a festa quando é a noiva que merece mais atenção, e as opções de sobremesas não eram tão variadas nem tão bem apresentadas quanto ela esperava. Acrescenta ainda que se sentiu apressada e/ou deixada de lado pela cerimonialista em alguns momentos. Espera que a gente receba essas críticas no mesmo espírito com que estão sendo feitas.

– A minha resposta é... – disse Mac, mostrando o dedo médio.

– Bem sucinta – concordou Parker. – No entanto, respondi em nome de todas nós, agradecendo seus comentários e dizendo que esperávamos que ela e Justin aproveitassem bastante Paris.

– Vaselina – murmurou Laurel.

– Claro. Eu poderia ter respondido o seguinte: Cara Whitney, você é uma babaca. Aliás, esse foi meu primeiro impulso. Mas me contive. No entanto, ela foi promovida à categoria de Noiva Monstro Vaca.

– Ela deve ser muito infeliz. De verdade – disse Emma, e as amigas se voltaram para fitá-la. – Qualquer pessoa capaz de estragar uma festa de casamento como a que fizemos para ela só pode ser infeliz por natureza. Se não estivesse com tanta raiva, teria pena dela. Vou ter pena quando a raiva passar.

– Bom, raiva, pena, ou seja lá que porra for, o importante é que tivemos quatro novas visitas à casa marcadas por causa daquela festa, e acho que ainda teremos mais.

– Parks disse "porra" – observou Mac com um risinho e comendo mais uma uva. – Está furiosa mesmo.

– Mas vou superar, principalmente se marcarmos mais quatro eventos por causa do trabalho fantástico que fizemos no sábado. Por enquanto, estou botando Whitney no meu recém-projetado Armário de Desgraças, onde tudo vai fazê-la parecer mais gorda, todas as

estampas vão ser de bolinhas e as únicas cores possíveis serão marrom-escuro e bege-cadáver.

– Isso é que é maldade – comentou Laurel. – Adorei!

– Vamos adiante – disse Parker. – Del e eu nos reunimos para discutir algumas questões legais e financeiras da empresa. Está chegando a época de renovar o contrato de sociedade, o que inclui a porcentagem destinada à Votos pelos eventos externos realizados por qualquer uma das sócias. Se alguém quiser discutir mudanças no contrato, inclusive nessas porcentagens, a hora é esta.

– Está funcionando, não está? – indagou Emma, olhando para suas sócias. – Acho que nenhuma de nós fazia ideia de que íamos chegar aonde chegamos quando criamos a Votos. E não apenas em termos financeiros, o que sem dúvida é muito mais do que eu teria ganho, a esta altura, se tivesse aberto a minha própria loja. Mas, Noiva Monstro Vaca à parte, tanto juntas quanto individualmente, construímos uma reputação. A porcentagem é justa, e na verdade a cota de Del por sua parte na propriedade está bem abaixo do que ele poderia ter pedido. Estamos todas fazendo o que gostamos de fazer, com pessoas queridas. E ganhamos muito bem.

– Acho que o que a Em está dizendo é: estou dentro. – Mac pegou mais uma uva e acrescentou: – Assino embaixo.

– Contem comigo – disse Laurel. – Haveria algum motivo para mudar o contrato? – perguntou ela, dirigindo-se a Parker.

– Por mim, não, mas o conselho de Del, no seu papel de advogado, é que cada uma de vocês lesse novamente o contrato, expressasse qualquer ressalva e desse sugestões antes da renovação.

– Sugiro que Del prepare os papéis, que a gente assine tudo e abra uma garrafa de Dom Perignon.

Mac apontou para Emma, concordando.

– Aprovado.

– Por unanimidade – declarou Laurel.

– Vou falar com ele. Também tive uma conversa com nosso contador.

– Antes você do que eu – disse Laurel.

– Sem dúvida – concordou Parker, sorrindo e tomando um gole de água. – Tivemos um primeiro trimestre bem sólido. Nesse ritmo, devemos aumentar nosso lucro líquido em cerca de doze por cento com relação ao ano passado. Sugiro que consideremos reaplicar parte disso na própria empresa. Portanto, se alguma de vocês, ou todas, tiver alguma necessidade, algum capricho ou algum desejo egoísta de mais equipamento, ou alguma ideia sobre algo que a Votos pudesse estar precisando, vamos tratar de descobrir em que gastar nosso dinheiro e quanto, exatamente.

Emma levantou a mão antes que qualquer uma das outras tivesse tempo de reagir.

– Andei pensando nisso, principalmente depois que examinei meu trabalho do último trimestre. O nosso maior evento vai ser na primavera, com o casamento da filha dos Seamans. Só as flores vão ultrapassar a capacidade da minha câmara fria, o que significa que vamos ter que alugar outra por vários dias. Quem sabe não consigo encontrar uma usada, o que poderia,

a longo prazo, sair muito mais barato do que pagar um aluguel.

– Ótimo – disse Parker, tomando nota. – Faça uma pesquisa de preços.

– Considerando esse evento e o crescimento que temos observado nos negócios – prosseguiu Emma –, talvez seja hora de comprar outra coisa que geralmente alugamos: as cadeiras extras para o jardim. Assim, quando fizermos um evento externo, *nós* alugaremos essas cadeiras para o cliente e embolsamos o dinheiro. E...

– Você andou pensando mesmo – comentou Mac.

– Andei. E já que Mac está planejando reformar sua casa, aumentando o andar de cima para abrigar seu grande amor, por que não aproveitar e aumentar também a área de trabalho, o espaço do estúdio? Ela precisa de mais lugar para estocar material, um verdadeiro quarto de vestir em vez daquele lugarzinho que mais parece um provador. E, já que estou com a mão na massa, aquela copa da cozinha de Laurel é simplesmente inútil, já que temos a da cozinha principal. Com uma reforma, ela poderia ter ali uma cozinha auxiliar, com mais um forno, um freezer e mais espaço para guardar as coisas.

– Bom, vamos deixar as sugestões por conta da Emma – disse Laurel.

– E Parker precisa de um sistema de segurança computadorizado para monitorar todas as áreas públicas da casa.

– Acho que você gastou o tal aumento do lucro líquido várias vezes – observou Parker, depois de um instante.

– Gastar é a parte divertida de ganhar dinheiro. A sua função, Parker, é nos impedir de fazer loucuras. Mas acredito que deveríamos fazer pelo menos algumas dessas coisas e botar as outras numa lista para serem feitas assim que possível.

– Então, desempenhando minha função, diria que a história da câmara fria faz sentido. Veja o que consegue encontrar. E, já que temos que ver com Jack como incluir a câmara fria no espaço que você tem, podemos lhe pedir que nos dê alguma ideia sobre os acréscimos a serem feitos no estúdio de Mac e a reforma da copa. – Parker foi anotando mais coisas enquanto falava. – Eu mesma já tinha pensado em comprar os móveis e comecei a pesquisar os preços. Vou fazer umas projeções para saber em que pé estamos. Assim poderemos decidir por onde começar.

Fazendo que sim com a cabeça, passou ao outro item da reunião:

– Os próximos eventos é que vão nos ajudar a pagar nossas esperanças e nossos sonhos. A festa de casamento de sexta-feira. Elas me mandaram hoje seus votos e o roteiro da cerimônia. Depois de tirar cara ou coroa, ficou decidido que Allison, que a partir de agora será a Noiva Um, chega às três e meia da tarde, e Marlene, a Noiva Dois, às quatro. A Noiva Um fica com a suíte das noivas; a Noiva Dois, com a dos noivos. Como elas têm a mesma dama de honra, ela vai ficar revezando entre as duas suítes. O irmão da Noiva Um é padrinho, então, vamos usar a saleta do segundo andar para ele e para o pai da noiva, se necessário. O padrinho vai ficar ao lado da Noiva Um durante a cerimônia; e a dama de honra, ao lado da Noiva Dois.

– Espere um pouco. – Pediu Mac, que digitava todos os detalhes no laptop. – Pode prosseguir.

– As duas sabem exatamente o que querem e fazem questão de seguir um roteiro, então, no que me diz respeito, está sendo bastante fácil lidar com elas. A mãe da Noiva Um e os irmãos da Noiva Dois não estão lá muito felizes com a oficialização do relacionamento, mas estão cooperando. Mac, talvez você deva caprichar para tirar fotos que incluam essas pessoas, como as clientes esperam.

– Sem problemas.

– Ótimo. Emma, e as flores?

– Elas pediram uma coisa fora do convencional, porém feminino. Nenhuma das duas quer carregar um buquê, então decidimos usar um arranjo de cabeça em Allison e pentes de flor em Marlene. Uma guirlanda para a dama de honra, que vai estar segurando quatro rosas brancas. Elas vão trocar rosas brancas durante a cerimônia, assim que a vela da união for acesa. E cada uma também vai dar uma rosa à própria mãe. Os homens vão usar rosas brancas na lapela. Acho que vai ficar bem bonito.

Emma abriu os projetos dos arranjos, tomando uns goles da Coca-Cola Zero.

– Elas queriam um ar campestre nos arranjos e centros de mesa. Estou usando mosquitinhos e margaridas coloridas, margaridas comuns e gérberas, ramos de flores de cerejeira, morangos silvestres e assim por diante. Vai ter ainda um pouquinho de tule e umas guirlandas que estou fazendo, formando cadeias de margaridas. Solitários para as rosas, durante a cerimônia. Muitas luzinhas e velas, o salão principal e o salão de baile dando continuidade à aparência natural dos arranjos. Vai ser simples e bem delicado, acho. Se uma de vocês puder me ajudar a carregar tudo, será ótimo, porque não vou dar conta de fazer isso sozinha.

– Eu posso – disse Laurel. – O bolo é de baunilha, recheado com mousse de framboesa e coberto com merengue italiano. Elas queriam que também houvesse ali umas flores simples, combinando com os arranjos de Emma. Só vou precisar pôr as flores no bolo por volta das cinco, então, estou disponível. Fora isso, elas querem cookies sortidos e confeitos em tons pastel.

– Temos, então, o roteiro-padrão para sexta-feira à noite – acrescentou Parker –, excluindo o buquê e a história da liga. Ensaio quinta à tarde; assim, se houver algum problema, teremos tempo de acertar tudo.

Sempre que Emma pensava em seus pais, em como tinham se conhecido, se apaixonado, tudo parecia um conto de fadas.

Era uma vez uma jovem de Guadalajara, que cruzou o continente até a grande cidade de Nova York para trabalhar na empresa do tio, cuidando de casas e de filhos de gente que precisava, ou queria, que suas casas ou seus filhos fossem cuidados por outras pessoas. Mas Lucia tinha outros sonhos: uma casinha bonita em vez de um apartamento barulhento; árvores e flores em vez de asfalto. Trabalhava muito, sempre com a esperança de, um dia, ter sua própria casa, talvez uma lojinha, onde venderia coisas bonitas.

Um dia seu tio lhe falou de um conhecido seu que morava a quilômetros dali, num lugar chamado Connecticut. O tal homem tinha perdido a esposa, portanto seu filho pequeno não tinha mãe. Ele havia deixado a cidade em busca de uma vida mais tranquila, e talvez porque as lembranças fossem muito dolorosas na casa em que morou com a mulher. Como ele escrevia livros, precisava de um lugar tranquilo, e como viajava muito, precisava de alguém de confiança para cuidar do menino. A mulher que fazia isso havia três anos, desde a triste morte da esposa, estava querendo voltar para Nova York.

Então, Lucia enfrentou uma mudança radical e deixou a cidade grande para ir morar na mansão de Phillip Grant e seu filho, Aaron.

O homem era bonito como um príncipe e dava para ver que amava o filho. Mas havia em seus olhos uma tristeza que tocou o coração de Lucia. O menino havia passado por tantas mudanças em apenas 4 anos de vida que ela entendeu perfeitamente sua timidez. Cozinhava para os dois, cuidava da casa e tomava conta de Aaron enquanto o homem escrevia seu livro.

Logo ela se apaixonou pelo menino, e ele por ela. Nem sempre Aaron se comportava bem, mas Lucia teria ficado triste se não fosse assim. À noite, ela e Phillip geralmente conversavam sobre Aaron, livros ou interesses em comum. Sentiria falta daquelas conversas, do patrão, quando ele viajasse a trabalho.

Certas vezes, olhava pela janela para ver Phillip brincar com Aaron, e seu coração batia mais forte.

Não sabia, no entanto, que ele fazia a mesma coisa com frequência. Pois tinha se apaixonado por ela, como ela se apaixonara por ele. Phillip tinha medo de lhe dizer isso, achando que ela pudesse deixá-los. E ela temia lhe falar, pensando que ele podia mandá-la embora.

Um dia, porém, na primavera, sob os ramos arqueados e floridos de uma cerejeira, enquanto o menininho que ambos amavam brincava no balanço, Phillip segurou a mão de Lucia. E a beijou.

Quando as folhas das árvores vestiram as cores vivas do outono, os dois estavam casados. E viveram felizes para sempre.

Seria de espantar que ela fosse tão romântica?, perguntou-se Emma, parando a van na movimentada rua de mão dupla da casa dos pais num domingo à tardinha. Como alguém que cresceu com aquela história, com aquelas pessoas, poderia não desejar a mesma coisa para si?

Seus pais se amaram por 35 anos e criaram quatro filhos no amplo casarão vitoriano. Construíram ali uma vida boa, sólida e duradoura.

Emma não tinha a mínima intenção de ter menos que isso.

Tirou da van o arranjo que tinha feito e se dirigiu apressada até a porta da casa para o jantar familiar. Estava atrasada, pensou, mas tinha avisado que chegaria mais tarde. Segurando o vaso com um dos braços, abriu a porta e entrou numa casa saturada das cores sem as quais sua mãe não poderia viver.

A caminho da sala de jantar, foi penetrando no barulho tão colorido quanto as paredes e os tecidos.

À mesa grande estavam seus pais, seus dois irmãos, sua irmã, suas cunhadas, seu cunhado, suas sobrinhas e sobrinhos e comida suficiente para alimentar o pequeno exército que eles

haviam construído.

– Oi, mamãe – disse Emma, dirigindo-se primeiro a Lucia. Deu-lhe um beijo no rosto, pôs o arranjo de flores sobre o bufê, e deu a volta na mesa para beijar Phillip. – Oi, papai.

– *Agora* é hora de jantar – disse Lucia e sua voz ainda guardava o calor e a música do México. – Sente-se logo, antes que esses porquinhos acabem com toda a comida.

O sobrinho mais velho de Emma fez uns grunhidos de porco e uma careta quando ela veio se sentar ao seu lado. Aaron lhe passou uma travessa.

– Estou faminta. – Ela assentiu e, com um gesto, indicou que a travessa podia seguir adiante, enquanto seu irmão Matthew erguia uma garrafa de vinho. – Vamos, me contem tudo o que está acontecendo – disse Emma.

– Primeiro as notícias importantes.

Do outro lado da mesa, sua irmã Celia pegou a mão do marido. Antes que ela pudesse abrir a boca, Lucia soltou um gritinho de felicidade.

– Você está grávida!

Celia riu.

– Pronto, acabou a surpresa. Rob e eu estamos esperando o quinto e, definitivamente, último membro da família para novembro.

Todos à mesa começaram a lhes dar parabéns, enquanto o menorzinho da família, entusiasmado, batia com a colher na cadeirinha alta. Lucia se levantou de um salto para abraçar a filha e o genro.

– Ah, não há notícia melhor que a chegada de uma criança. Phillip, vamos ter outro bebê.

– Cuidado. Da última vez que você me disse isso, Emmaline chegou nove meses depois.

Rindo, Lucia se pôs às costas do marido, passou os braços pelo seu pescoço e encostou o rosto no dele.

– Agora o trabalho duro fica por conta das crianças e nós ficamos só com as brincadeiras.

– Em ainda não fez a parte dela – observou Matthew, erguendo as sobrancelhas para a irmã.

– Ela está esperando por um homem que seja tão bonito quanto o pai e que não seja tão chato quanto o irmão – retrucou Lucia, olhando feio para o filho. – E eles não dão em árvores.

Emma deu um sorrisinho debochado para o irmão e cortou uma primeira fatia de leitão assado.

– Mesmo assim, continuo passeando pelos pomares – disse, com uma vozinha doce.

Depois que os outros saíram, ficou mais um pouco para dar uma volta pelo jardim com o pai. Foi com ele que aprendeu tudo sobre flores e plantas, e também a amá-las.

– Como está o livro? – perguntou.

– Uma droga.

– É o que você sempre diz – retrucou Emma, rindo.

– Porque nessa fase é sempre verdade. – Enquanto andavam, Phillip passou o braço pela cintura da filha. – Mas os jantares em família e mexer com a terra me ajudam a deixar a droga de lado por algum tempo. E, depois, quando retomo o trabalho, as coisas nunca me parecem tão ruins quanto eu achava antes. E você, como está, moça bonita?

– Ótima. Ótima mesmo. Temos andado ocupadas. No começo da semana fizemos uma reunião porque os lucros estão aumentando e me passou pela cabeça que somos... que sou uma pessoa de sorte por fazer o que gosto e com as melhores amigas que tive na vida. Você e mamãe sempre nos diziam que, se descobríssemos o que gostávamos de fazer, trabalharíamos bem e felizes. Eu descobri.

Virou-se quando a mãe veio atravessando o gramado com um casaco na mão.

– Está muito frio, Phillip. Quer pegar uma gripe para eu ter que ouvir você se queixando o tempo todo?

– Pronto, descobriu o meu plano – disse ele, deixando a mulher agasalhá-lo.

– Encontrei Pam ontem – começou Lucia, referindo-se à mãe de Carter. – Ela está tão empolgada com o casamento... Também fico muito feliz por ver duas das pessoas de quem mais gosto se apaixonarem. Pam sempre foi uma boa amiga e me defendeu quando algumas pessoas ficaram escandalizadas por seu pai se casar com a empregada.

– Ninguém entendeu que eu estava sendo muito esperto, afinal ela passaria a fazer todo o trabalho de graça.

– O típico ianque pragmático – retrucou Lucia se aconchegando junto dele. – Um verdadeiro feitor de escravos.

Vejam só esses dois, pensou Emma. Como se entendem perfeitamente.

– Jack me disse outro dia que você era a mulher mais linda do mundo, e que ele está esperando para fugir com você.

– Não deixe que eu me esqueça de lhe dar uma surra na próxima vez em que o vir – observou Phillip.

– Jack é o mais charmoso dos galanteadores. Talvez eu faça vocês brigarem por mim – acrescentou Lucia, erguendo o rosto para o marido.

– Não seria melhor uma massagem nos pés?

– Temos um trato. Quando você encontrar um homem que lhe faça uma boa massagem nos pés, abra bem os olhos, Emmaline. Muitos defeitos desaparecem diante dessa habilidade.

– Vou me lembrar disso. Agora tenho que ir. – Abriu os braços para enlaçar os pais. – Amo vocês.

Olhou para trás enquanto se afastava e viu o pai pegar a mão da mãe sob os galhos da cerejeira, com os botões ainda bem fechadinhos.

E viu que ele a beijou.

Não, pensou Emma, eu só podia ter nascido romântica. Eu só podia querer isso, pelo menos parte disso, para mim.

Entrou na van e ficou pensando naquele beijo na escada dos fundos da mansão dos Browns.

Talvez tivesse sido apenas um flerte ou curiosidade. Talvez apenas química. Mas estaria perdida se fingisse que aquilo não tinha acontecido. Ou se deixasse Jack fingir.

Estava na hora de encarar os fatos.

capítulo seis

No seu escritório, no segundo andar da antiga câmara municipal que ele havia reformado, Jack aprimorava um projeto no computador. Estava trabalhando na ampliação do estúdio de Mac, mas, como nem ela nem Carter estavam com muita pressa, ele podia caprichar, recriar e revisar a estrutura como um todo e cada detalhe mais complicado.

Agora que Parker queria um segundo projeto para fazer ampliações tanto no primeiro quanto no segundo andares, ele tinha que rever não apenas os detalhes e o desenho, mas a reforma inteira. Em sua opinião, seria melhor fazer tudo de uma vez, mesmo que isso significasse jogar fora seu projeto original.

Ficou brincando com linhas e áreas livres, com o jogo de luz como parte integrante do espaço maior que continuaria sendo um estúdio. Remanejando os atuais espaços para os clientes se arrumarem e para Mac guardar seu material e ampliando a metragem quadrada de ambos, poderia aumentar o banheiro, acrescentar um chuveiro, coisa que achava que ia agradar a todos, dar a Mac o vestiário que ela queria e duplicar o espaço de que ela agora dispunha para guardar seu material.

O escritório de Carter no segundo andar...

Recostou-se, bebeu alguns goles de água e tentou pensar como um professor de inglês. O que ele iria querer e de que poderia precisar para um local de trabalho? Eficiência e um certo toque tradicional, já que se tratava de Carter. Estantes de livros embutidas, cobrindo a parede inteira. Duas paredes assim. Com portas de vidro, decidiu ele, deslocando-se em sua própria área de trabalho em forma de U para tentar fazer um rápido esboço à mão. E com parte inferior em madeira para ele guardar material de escritório, trabalhos de alunos.

Nada descolado nem com muito brilho. Não para Carter.

Madeira escura, pensou Jack, com aquele ar de móveis ingleses antigos. Mas com janelas bem amplas para combinar com o restante da construção. Um telhado em duas águas para dar uma quebra nas linhas. Uma ou duas claraboias. Fazer uma saliência nessa parede, formando uma janela mais projetada para o exterior. Acrescentar algum ponto de interesse, criando uma área em que se possa sentar.

Um lugar para onde um homem pudesse fugir quando a mulher estivesse irritada ou simplesmente quando quisesse dar um cochilo depois do almoço.

Pôr aqui uma porta de vidro e acrescentar uma varanda. Nada muito grande. Quem sabe o cara não ia querer tomar um conhaque e fumar um charuto? Seria bem possível.

Parou por um instante, voltou para o jogo que estava na tela à sua esquerda. Enquanto as ideias iam se formando em sua cabeça, ficou vendo o lance infeliz de Phillies no time do Red Sox.

Que droga.

Voltou mais uma vez ao desenho. E pensou em Emma.

Soltando um palavrão, passou a mão pelo cabelo. Vinha tendo sucesso na tentativa de não permitir que ela invadisse seus pensamentos. Era bom nessa história de compartimentalizar. Trabalho, jogo de beisebol, de vez em quando trocar de canal para ver o que estava acontecendo em outros jogos. Emma estava em outro compartimento, um que devia permanecer fechado.

Não queria pensar nela, não era nada bom pensar nela. Tinha cometido um erro, é claro, mas também não era nenhuma catástrofe. Beijou uma garota, só isso.

Mas que beijo!, pensou. Mesmo assim, foi só uma dessas coisas que acontecem. Um momento... Mais alguns dias para deixar a poeira baixar e tudo voltaria ao normal.

Emma não era o tipo de mulher que cobraria nada dele.

Além do mais, ela tinha entrado no jogo. Jack franziu a testa, tomou mais uns goles de água. É, tinha mesmo. Por que, então, ela iria criar caso?

Já eram bem grandinhos; haviam se beijado e pronto.

Se ela estivesse esperando um pedido de desculpas, que esperasse sentada. Teria simplesmente que lidar com isso... e com ele. Ele e Del eram próximos, e ele era muito amigo das outras três que formavam o quarteto. Além do mais, com essa história de reforma que Parker tinha lhe proposto, passaria mais tempo na mansão pelos próximos meses.

Passou a mão pelo cabelo novamente. Pois é, já que era assim, os dois teriam que lidar com o que aconteceu.

– Diabos!

Esfregou o rosto e ordenou que seu cérebro voltasse ao trabalho. Com o cenho franzido, ficou observando os meros traços do esboço que tinha feito. De repente estreitou os olhos.

– Espere um pouco, espere um pouco.

Se incluísse ali umas vigas, formando uma espécie de pérgula a partir do escritório, criaria um pátio parcialmente coberto nos fundos, o que lhes daria uma área externa que não possuíam, privacidade e, potencialmente, um pequeno jardim ou uma área verde. Certamente Emma teria algumas ideias a esse respeito.

Isso daria um toque especial à forma e às linhas da construção e ampliaria o espaço útil sem aumentar em quase nada o custo da obra.

– Você é um gênio, Cooke – disse a si mesmo.

Assim que começou a criar o novo projeto, alguém bateu à porta dos fundos.

Ainda pensando no desenho, levantou-se e percorreu toda a área do andar de cima da empresa, que era sua casa. Convencido de que era Del ou um de seus outros amigos, e torcendo para eles terem trazido a própria cerveja, abriu a porta que dava para a cozinha.

Ela estava parada ali, sob a luz da lâmpada que ficava acima da porta. E cheirava a campos enluarados.

– Emma.

– Queria falar com você. – Ela passou por ele como uma flecha, jogou o cabelo para trás e se virou. – Está sozinho?

– Hum... estou.

– Ótimo. Que diabos deu em você?

– Como assim?

– Não banque o engraçadinho. Não estou com clima para gracinhas. Você ficou me paquerando, me ajudou com o carro, fez massagem nos meus ombros, comeu o macarrão que eu preparei, me emprestou o casaco e então...

– Acho que devia ter me limitado a dar um tchauzinho quando passei por você na estrada. Ou deixado você tremer até ficar azul de frio. E eu estava com fome.

– Isso não muda nada – esbravejou ela e atravessou a cozinha, entrando pelo amplo corredor, sempre falando e gesticulando. – E de um jeito bem conveniente você deixou de fora a massagem nos ombros e o "e então".

Jack não teve alternativa senão ir atrás dela.

– Você parecia estressada e toda travada. E na hora achou tudo muito normal.

Voltando-se de repente, ela estreitou aqueles olhos castanhos aveludados.

– E então?

– Ah, claro, teve um "e então". Você estava ali, eu estava ali, "e então"... Eu não a agarrei e você não tentou fugir. Nós só... – *Beijar* de repente lhe pareceu uma palavra forte demais. – Nossos lábios se tocaram por um instante.

– "Se tocaram"! Quantos anos você tem? Doze? Você me beijou.

– Nós nos beijamos.

– Mas foi você que começou.

Jack sorriu.

– Quantos anos você tem? Doze?

Ela soltou um som sibilante bem baixinho que deixou Jack arrepiado.

– Começou, sim, Jack. *Você* foi pegar vinho para mim, *você* ficou todo aconchegado na escada, massageando meus ombros. *Você* me beijou.

– Culpado de todas as acusações. Mas você correspondeu ao beijo. E depois saiu correndo como se eu tivesse lhe arrancado um pedaço.

– Parker me chamou. Eu estava *trabalhando*. Você sumiu. E desde então não apareceu mais.

– Sumi? Eu fui embora. Você fugiu como se os cães dos infernos estivessem na sua cola, e Whitney conseguiu acabar com a minha paciência. Então, fui embora. Além disso, por mais estranho que pareça, eu trabalho, exatamente como você, e passei a última semana ocupado. Não sumi coisa nenhuma. Deus do céu, não acredito que eu esteja dizendo isso. – E respirou fundo. – Que tal a gente se sentar um pouco?

– Não quero sentar. Estou furiosa demais para me sentar. Não se faz uma coisa dessas e vai embora.

E já que ela apontou o dedo para ele num gesto de acusação, Jack fez o mesmo.

– Você que foi embora.

– Sabe muito bem que não é disso que estou falando. Rádio, Parker, trabalho. – Mais uma vez ela fez um gesto dramático com as mãos. – Não *fui* a lugar nenhum. Só tive que sair dali porque a Noiva Monstro Vaca decidiu que eu tinha que inspecionar o buquê que ela ia jogar

antes que ela se dignasse a fazer isso e insistiu que eu ficasse parada ali ao lado. Ela esgotou a paciência de todo mundo, mas eu não fui embora coisa nenhuma. – Encostando a mão no peito dele, Emma lhe deu um leve empurrão. – Você foi. E isso foi muito grosseiro.

– Céus! Você agora vai me dar uma bronca? Quero dizer, já está dando. Beijei você. Confesso. Você tem essa boca, e eu a queria, o que estava muito claro para mim. – Os olhos dele reluziram, como nuvens carregadas de raios e trovões. – Como você não gritou por socorro, eu a beijei, pode me enforcar por isso.

– Mas o problema não é o beijo. É, mas não é. O problema é o motivo, o depois e o quê.

– O quê? – exclamou ele, arregalando os olhos.

– Isso mesmo. Mereço algum tipo de resposta razoável.

– Onde... você esqueceu o onde, por isso vou incluir um. Onde está a pergunta razoável? Encontre essa pergunta e vou fazer o possível para encontrar uma resposta razoável. É isso.

Emma estava fervendo de raiva. Ele não sabia que uma mulher podia ferver de verdade. Nossa, como aquilo era sexy.

– Se você não pode falar disso como um adulto, então...

– Quer saber de uma coisa? Dane-se.

Se ia se ferrar por ter feito aquilo uma vez, poderia perfeitamente se ferrar por fazer duas vezes. Ele a agarrou, erguendo-a do chão. O som que ela fez bem poderia ser o começo de um "motivo", mas, antes que ela pudesse pronunciar as palavras, ele a beijou. Usou os dentes para lhe dar uma mordida rápida, impaciente, que fez os lábios de Emma se abrirem de surpresa ou para corresponder. Jack não estava em condições de se preocupar com isso, não no momento em que sua língua encontrou a dela, não quando o gosto de Emma se infiltrou em seus sentidos como um fio elétrico na corrente sanguínea.

Ele enfiou os dedos nos cabelos dela, gloriosos e selvagens, puxando-os, fazendo com que a cabeça dela se inclinasse para trás.

Pare. Era o que ela pretendia dizer. Mas era como mergulhar no verão. No calor e na umidade. Todos os pensamentos sensatos desapareceram quando o corpo dela passou subitamente da raiva à surpresa e à reação febril.

Quando ele ergueu os olhos e disse seu nome, Emma se limitou a balançar a cabeça, puxando-o de volta para si.

Por um momento impetuoso, as mãos dele a percorreram, incitando, excitando, a ponto de Emma quase perder o fôlego.

– Deixe-me... – murmurou ela ao perceber que ele estava todo atrapalhado com os botões da sua blusa.

– Ok. – Ele a deixaria fazer muito mais que isso.

Quando as mãos dele cobriram o seu coração acelerado, Emma o puxou para o chão.

Carne macia, músculos firmes e uma boca faminta. Ela arqueou o corpo sob o dele e em seguida rolou, para ficar por cima. Atirou longe a camiseta que ele usava e começou a mordiscar seu peito. Com um gemido, ele a puxou para cima para beijar sua boca, seu pescoço, num desespero frenético que não ficava nada atrás do dela própria.

Meio enlouquecido, ele a virou de costas, pronto para arrancar-lhe as roupas. O braço de

Emma bateu no chão com força, fazendo um barulho que mais parecia um tiro. Ela viu estrelas.

– Ai, meu Deus!

– O que foi? Emma? Merda. Cacete. Desculpe. Deixe eu ver.

– Não. Espere. – Aturdida, sentindo um formigamento, e ainda meio abobalhada, Emma conseguiu se aprumar. – Só vou ficar com dor de cotovelo. Rá, rá, rá. Ai, meu Deus! – repetiu ela.

– Sinto muito mesmo. Venha aqui.

Arrasado, Jack começou a massagear o antebraço dela para aliviar as fisgadas que imaginou que ela estivesse sentindo, ao mesmo tempo fazendo esforço para estabilizar sua respiração.

– Está rindo?

– Não. Claro que não. Estou com tanto tesão que não consigo respirar direito.

– Está rindo, sim – afirmou Emma, apontando para o peito dele com o indicador do braço que não estava machucado.

– Não. Estou lutando para me controlar e não rir. – Essa seguramente era a primeira vez, pensou ele, que acontecia algo desse tipo quando ele estava tão excitado. – Está melhor? Um pouco melhor pelo menos? – perguntou, e cometeu o erro de fitar seus olhos.

O riso brilhava neles, como um reflexo dourado no fundo castanho. Perdeu a luta e, relaxando, simplesmente caiu na gargalhada.

– Sinto muito.

– Por quê? Você se mostrou tão requintadamente fino.

– É o que todas as mulheres me dizem. Você foi a única que preferiu o chão quando tenho um sofá ótimo logo ali e, no alto da escada, uma boa cama. Mas você não conseguiu se controlar por tempo suficiente para que eu pudesse conduzi-la até uma superfície mais macia.

– Só os fracos precisam de superfícies macias para fazer sexo.

Ele continuou olhando para ela, com um sorriso provocante.

– Não sou fraco, mocinha – disse, sentando-se. – Vamos tentar de novo?

– Espere. – Ela espalmou a mão no peito de Jack. – Hum, belo peitoral, por sinal. Mas espere. – Erguendo o braço que ainda doía, pôs para trás o cabelo. – Jack, o que estamos fazendo?

– Se eu tiver que explicar isso, vou dizer que estou fazendo a coisa errada.

– Não, é sério. Quero dizer... – Emma baixou a cabeça e viu sua própria camisa desabotoada e o sutiã branco de renda insinuante à mostra. – Olhe para nós dois. Olhe para mim.

– Pode acreditar, era o que estava fazendo. Estou. E gostaria de continuar fazendo. Você tem um corpo que me deixa louco. Eu só quero...

– Eu sei, já entendi essa parte. Também quero, mas, Jack, não podemos simplesmente... sair do rumo aqui.

– Na minha opinião, estamos entrando no rumo. Só me dê cinco minutos que farei nosso ponto de vista se encaixar. Um. Pode me dar um.

– Provavelmente não precisa nem de trinta segundos. Mas não – acrescentou ela ao vê-lo sorrir. – De verdade. Não podemos fazer isso dessa forma. Não podemos de forma alguma.

Acho. – Tudo dentro dela faiscava e *queria*. – Não tenho certeza. Precisamos pensar, refletir, ponderar sobre o assunto. Jack, nós somos amigos.

– E estou me sentindo ainda mais amigável a seu respeito.

Com um ar terno, Emma pôs a mão no rosto dele.

– Somos amigos.

– Somos, sim.

– Mais que isso, temos um círculo de amigos em comum. Muitos amigos em comum. Então, por mais que eu quisesse dizer "que se dane, vamos testar o sofá, depois a cama e talvez pudéssemos disputar a melhor de três no chão..."

– Emmaline. – Os olhos dele assumiram um tom profundo, de fumaça escura. – Está me matando assim.

– Fazer sexo não é a mesma coisa que dar um beijo na escada. Mesmo que seja um beijo incrível. Então, temos que pensar duas vezes antes de decidir qualquer coisa. Eu me recuso a deixar de ser sua amiga, só porque agora adoraria que estivesse nu, Jack. Você é muito importante para mim.

Jack suspirou.

– Queria que não tivesse dito isso. Você é muito importante para mim. Sempre foi.

– Então, vamos nos dar um pouco mais de tempo para pensar nisso tudo. – Ela se afastou um pouco e começou a abotoar a camisa.

– Não sabe como fico triste em vê-la fazendo isso.

– Sei, sim. Fico tão triste quanto você. Não se levante – disse ela, pondo-se de pé e indo pegar a bolsa que largara quando ele a agarrou. – Se servir de consolo, vou ter uma noite horrível refletindo sobre o que poderia ter acontecido se não tivéssemos parado para pensar.

– Não me serve de consolo, porque vai acontecer o mesmo comigo.

– Bom... – começou Emma, virando-se para ele antes de sair. – Foi você quem começou.

Na manhã seguinte, depois da noite horrível, exatamente como previra, Emma foi buscar algum conforto com as amigas e as panquecas da Sra. Grady. Mas antes negociou consigo mesma. Poderia comer as panquecas, mas só se antes encarasse a temível academia.

De mau humor, foi se arrastando até a mansão, sem a dose de cafeína que costumava tomar. No caminho, fez um desvio e foi até o estúdio de Mac. Não via motivo para a amiga não ir sofrer junto com ela.

Sem pensar, foi entrando na cozinha. Mac estava ali, de calcinha de algodão estilo shortinho e uma regatinha, apoiada na bancada com um largo sorriso e uma xícara de café. E Carter estava diante dela, com a mesma pose e o mesmo sorriso, vestindo seu blazer de tweed.

Deveria ter batido, pensou Emma imediatamente. Tinha que lembrar que era preciso bater à porta, agora que Carter também morava ali.

Mac a viu e ergueu a xícara com a maior naturalidade.

– Olá!

– Desculpe.

– Está sem café novamente?

– Não, é que eu...

– Tem de sobra aqui – disse Carter. – Fiz uma garrafa cheia.

Emma lançou-lhe um olhar tristonho.

– Não sei por que vai se casar com ela e não comigo.

Carter deu de ombros, embora tenha ficado com as pontas das orelhas rosadas.

– Bom, talvez se as coisas não derem certo...

– Ele se acha um fofo – interrompeu Mac, secamente. – E a desgraça é que é mesmo. – Inclinou-se para a frente e o puxou pela gravata.

O beijo foi leve e doce aos olhos de Emma. O tipo de beijo matinal entre amantes que sabem que têm todo o tempo de mundo para beijos mais intensos, mais quentes.

Sentiu uma inveja horrível daquela leveza e doçura.

– Vá para a escola, professor. Vá iluminar as mentes jovens.

– Essa é a ideia – retrucou ele, pegando sua pasta e passando a mão no reluzente cabelo de Mac. – Vejo você mais tarde. Tchau, Emma.

– Tchau.

Ele abriu a porta, virou-se e deu com o ombro no batente.

– Merda – murmurou ele, fechando a porta atrás de si.

– Ele faz isso umas três vezes por... O que foi, Emma? – perguntou Mac. – Você está toda vermelha.

– Não foi nada – respondeu Emma, percebendo que estava esfregando o cotovelo e lembrando o que havia acontecido. – Só dei uma passada aqui a caminho da câmara de tortura. Pensei em implorar para a Sra. G fazer panquecas depois do sofrimento.

– Só me dê dois minutos para eu me trocar.

Mac subiu a escada apressada, enquanto Emma ficou andando de um lado para outro. Tinha que haver uma forma simples, sutil e sensível de explicar a Mac o que tinha acontecido entre Jack e ela. O que estava acontecendo. E de pedir que pusesse abaixo a regra que dizia ser proibido fazer sexo com os ex das amigas.

Mac e Jack eram amigos, então, isso deveria contar. O mais importante, porém, o maior atenuante era o fato de Mac estar totalmente apaixonada por Carter. Ela ia até se casar, caramba. Que tipo de amiga atrapalharia a outra com a regra de não se relacionar com o ex quando estava prestes a se casar com o Sr. Adorável?

Seria muito egoísmo, intolerância e mesquinharia.

– Vamos, antes que eu mude de ideia. – Mac entrou correndo na cozinha, com um casaco de capuz aberto por cima de um top e uma calça de ciclista. – Consigo até sentir meus bíceps e tríceps se fortalecendo. Vou ficar com braços poderosos!

– Por que você tem que ser assim? – perguntou Emma.

– Assim como?

– Somos amigas desde *bebês*. Não entendo por que se chatear tanto se nem quer ficar com ele.

– Com quem? Com Carter? Quero, sim. Você não tomou café hoje de manhã, não é?

– Se eu tomar café meu cérebro vai despertar e vai me dar razões para não fazer exercício. E essa não é a ideia.

– Entendo. Mas por que está chateada comigo?

– Não estou chateada com você. Você é que está chateada comigo.

– Então peça desculpas e eu a perdoarei – disse Mac abrindo a porta e saindo.

– Por que eu deveria pedir desculpas? Eu não deixei que fosse adiante. – Emma bateu a porta atrás de si.

– O que você não deixou ir adiante?

– Não deixei... – Gemendo, Emma pressionou os olhos com os dedos. – É a falta de cafeína. Estou confusa. Comecei pela metade. Ou talvez pelo fim.

– Exijo saber o motivo de estar chateada com você para tentar ficar bem. Sua vaca.

Emma respirou fundo e prendeu o ar.

– Eu beijei Jack. Ou ele me beijou. Ele que começou. E depois sumiu, então fui até a casa dele para lhe dar um esporro e ele fez de novo. Aí eu fiz de novo. Depois ficamos rolando pelo chão e começamos a tirar nossas roupas até que bati com o cotovelo. Com toda força. E isso me fez recobrar os sentidos. Então não deixei que fosse adiante, por isso não tem motivo para ficar chateada.

Desde a primeira frase, Mac ficou olhando para Emma boquiaberta.

– O quê? Como é que é? – Bateu numa orelha com a palma da mão e balançou a cabeça como se quisesse tirar água do ouvido. – *O que foi?*

– Não vou falar tudo de novo. O importante é que não deixei ir adiante e já pedi desculpas.

– Para o Jack?

– Não... Bem, também... mas para você. Estou pedindo desculpas a você.

– Por quê?

– Pelo amor de Deus, Mac, por causa da *regra*.

– Ah, sim. – Mac parou, pôs as mãos na cintura e ficou olhando para o horizonte. – Não, ainda estou confusa. Vamos tentar assim. – Fez uns gestos exagerados com as mãos, fingindo que estava apagando algo. – Eis o quadro, está inteiramente limpo. Vamos começar de novo. Você e Jack... Uau... Só um minuto para eu assimilar... Pronto. Você e Jack ficaram e deram um amasso!

– Não foi um amasso. Ele beija muito bem, como você deve saber.

– Eu?

– E não me arrependo de tê-lo beijado. Não mesmo, porque foi completamente inesperado. Tudo bem, não completamente, já que tinha sentido algo quando estávamos sob o capô.

– Sob o capô? Como é que é? Ah, o carro. Caramba, só alguém que conhece você a vida inteira é capaz de interpretar metade do que está dizendo.

– Mas eu não esperava que ele fosse me levar uma taça de vinho quando eu estava fazendo um rápido intervalo, sentada na escada dos fundos, pensando.

– Vinho, escada dos fundos... – murmurou Mac. – Noiva Monstro Vaca. O casamento.

– Depois ele fez uma massagem nos meus ombros, então eu *tinha* que ter adivinhado, mas

fui obrigada a ir embora. Tinha que voltar para a recepção e então ficamos ali de pé, e ele me beijou. Aí Parker me passou uma mensagem pelo rádio e precisei ir e me dei conta do que tinha feito. Não foi exatamente uma traição. Você tem o Carter.

– E o que *eu* tenho a ver com isso tudo?

– Mas eu não dormi com ele, e isso é o que importa.

Um pássaro passou voando e cantando como um doido. Sem nem olhar para ele, Emma deu um tapa no próprio quadril e fez uma careta.

– O beijo foi de surpresa, nas duas vezes. E o fato de rolarmos no chão, foi só o calor do momento. Não deixei que fosse adiante, então, tecnicamente, não quebrei a regra, mas estou me desculpando assim mesmo.

– Aceitarei de bom grado as suas desculpas se me disser que raios eu tenho com isso.

– É a regra dos ex.

– Os... Ah, a regra dos *EX*. Mas ainda está confuso para mim... Espere. Você acha que Jack e eu tivemos... Você acha que eu transei com Jack? Com Jack Cooke?

– Claro, Jack Cooke.

– Nunca transei com Jack Cooke.

Emma apontou para ela.

– Já, sim.

Mac apontou também.

– Não mesmo, e ninguém melhor que eu mesma para dizer com quem fiz ou deixei de fazer sexo. E com Jack, definitivamente, nunca fiz. Nunca rolei pelo chão com ele, nem tiramos a roupa.

– Mas... – Perplexa, quase sem forças, Emma deixou os braços penderem ao lado do corpo. – Mas quando ele começou a aparecer aqui com o Del, nas férias e nos feriados da faculdade, vocês dois...

– Foi só uma paquera. Ponto final. Do mesmo jeito que começou, acabou. Nunca estivemos juntos entre lençóis, rolando no chão, na parede ou em nenhuma outra superfície, muito menos sem roupas. Está claro?

– Sempre achei...

Mac ergueu as sobrancelhas.

– Podia ter me perguntado.

– Não podia, porque, *droga*, eu queria ficar com ele, mas você já estava ficando, então eu não podia, e achei o que achei. E quando ficou claro que vocês eram só amigos novamente, a regra entrou em vigor. Foi o que pensei.

– E tinha uma queda por Jack esse tempo todo?

– De vez em quando. Eu a canalizava para outras coisas, ou a reprimi, por causa da regra. Mas recentemente foi ficando mais problemático, digo, essa história de canalizar e reprimir. Deus! – Emma deu um tapa no próprio rosto. – Como sou idiota.

– Sua vadia! – exclamou Mac, com a cara fechada e os braços cruzados. – Você quase fez sexo com um homem com quem eu nunca fiz. Que tipo de amiga você é?

Emma baixou um pouco a cabeça e esboçou um sorriso.

– Eu pedi desculpas.

– Posso até perdoar você, mas só depois que me contar todos os detalhes, de forma coerente, sem deixar passar nada. – Pegando no braço da amiga, Mac fez o resto do percurso até a mansão correndo. – O que significa que será depois do café, ou seja, depois de malharmos.

– Podíamos pular essa parte da malhação e ir direto tomar café.

– Não, eu estou super a fim de puxar ferro. – Mac entrou pela porta lateral da mansão e foi até a escada. Quando chegaram ao terceiro andar, viram Laurel e Parker saindo da academia. – Em beijou Jack e eles quase fizeram sexo.

– O quê? – perguntaram as duas, em uníssono.

– Não posso falar disso agora. Ainda não tomei café. Não posso falar disso até tomar um e comer pelo menos uma panqueca. – Com uma cara de insatisfação, Emma foi para o elíptico.

– Panquecas. Vou pedir para a Sra. G fazer – disse Laurel de saída.

– Jack? Jack Cooke? – perguntou Parker.

Mac flexionou os braços e foi fazer sua musculação.

– Foi o que eu disse.

Quando se sentaram à mesa, e Emma já tomava sua primeira xícara de café, Mac ergueu a mão.

– Deixe que eu conto a primeira parte, porque vou ser mais rápida e você já terá normalizado suas células cerebrais quando eu tiver acabado. Bom, Emma tinha tesão por Jack, mas achava que ele e eu havíamos tido um rolo, que incluía sexo, anos atrás, então, por causa da regra de não envolvimento com os ex, ela sofreu em silêncio.

– Não estava sofrendo esse tempo todo.

– Sou eu que estou contando. Então, na recepção do casamento da Noiva Monstro Vaca, Jack mandou essa: "Ah, você está tão estressada, vou fazer uma massagem nos seus ombros", e depois tascou-lhe um baita beijo. Aí Parker mandou uma mensagem pelo rádio chamando-a.

– Ah, então foi por isso que achei que tinha algo errado com você. Obrigada, Sra. G. – Parker lançou um sorriso para a Sra. G e pegou uma panqueca da travessa que ela havia deixado sobre a mesa.

– Então, ontem à noite, depois de esperar uma semana inteira, ela foi até a casa de Jack tirar satisfação. Uma coisa levou a outra e eles acabaram rolando no chão, nus.

– Seminus. Talvez nem isso. Eu diria que um quarto nus – calculou Emma. – Se tanto.

– Hoje de manhã nossa amiga me pediu desculpas por quase ter feito sexo com meu ex imaginário.

– É assim que deve ser – interveio a Sra. Grady. – Nenhuma amiga deve se insinuar para o homem da outra, mesmo que ela tenha lhe dado um pé na bunda.

– Pois foi mais ou menos isso que aconteceu – começou Emma, encolhendo-se diante do

olhar frio da Sra. Grady. – Pedi desculpas e interrompi as coisas antes que efetivamente...

– Isso porque é uma boa menina, de coração honesto. Agora coma um pouco de fruta. Está fresquinha. O sexo fica melhor quando se tem uma alimentação saudável.

– Sim, senhora – respondeu Emma, pegando um pedacinho de abacaxi.

– O que não entendo é o motivo de você achar que Mac teria dormido com Jack – disse Laurel, pondo calda na sua panqueca. – Se tivesse feito isso, teria se gabado e falaria disso até querermos matá-la.

– Não, eu não ia fazer isso.

– Naquela época, teria feito, sim.

Mac pensou um pouco.

– É verdade. Naquela época eu teria feito isso. Mas amadureci.

– E foi quente o bastante?

– Extremamente. Jack atingiu o grau máximo lá na escada. Depois, bateu o recorde.

Ainda comendo, Parker assentiu.

– Ele beija excepcionalmente bem.

– É mesmo. Ele... Como é que você sabe?

Parker se limitou a dar um sorriso, e Emma ficou boquiaberta.

– *Você*? Você e Jack? Quando? Como?

– Que coisa mais desagradável – murmurou Mac –, essa história de outra das minhas melhores amigas se envolver com meu ex imaginário...

– Foram dois beijos, no meu primeiro ano em Yale, depois que nos encontramos por acaso numa festa e ele me acompanhou de volta ao dormitório. Foi muito bom. Mas por mais que o beijo dele seja incrível, foi meio como beijar meu irmão. E por mais que o meu beijo também seja incrível, creio que ele se sentiu como se estivesse beijando a irmã. Então deixamos essa história para lá. Provavelmente isso não acontece entre vocês.

– O que fizemos não parece nada com o que os irmãos fazem. Por que nunca nos contou que havia beijado Jack?

– Não sabia que tínhamos que informar sobre cada cara que já beijamos. Mas posso fazer uma lista.

Emma riu.

– Tenho certeza disso. E você, Laurel? Teve alguma coisa com Jack que queira nos contar?

– Sinto-me muito aborrecida e rejeitada por ter que confessar que não. Não tivemos nem mesmo algo imaginário. Ele podia ao menos ter me paquerado uma vezinha só nesses anos todos. Que safado! E você, Sra. G?

– Deu-me beijos muito bons sob o visgo em alguns Natais. Mas como não sou dessas que deixam o sujeito se apaixonar e o abandonam, eu o liberei logo para não partir seu coração.

– Eu diria que Em planeja laçá-lo com uma corda bem apertada – observou Mac, arqueando as sobrancelhas. – E acho que ele não conhece nenhuma prece contra o terrível poder de Emmaline.

– Não sei. Preciso pensar. É complicado. Ele é amigo. Nosso amigo. E o melhor amigo do Del. Del é seu irmão – prosseguiu, dirigindo-se a Parker – e quase um irmão para nós

também. Somos todos amigos *e* parceiros de trabalho. Del é nosso advogado, e Jack nos socorre quando precisamos dele. Além do mais, ele está projetando as reformas. Temos todas essas relações, e todas conectadas.

– E nada conecta mais as relações que o sexo – sentenciou Mac.

– Exatamente. O que aconteceria se acabássemos enveredando por esse caminho e as coisas não dessem certo? Ficaríamos desconfortáveis um com o outro, o que faria os demais ficarem incomodados também. Temos um bom equilíbrio, não é? Não vale a pena desequilibrar as coisas por causa de sexo.

– Não precisa fazer sexo imediatamente – comentou a Sra. Grady, meneando a cabeça. – Vocês, jovens, pensam demais! Vou lavar a louça.

Emma fechou a cara.

– Ela acha que estou sendo uma idiota, mas só o que quero é que ninguém saia magoado.

– Então, dite as regras do jogo. O que esperam um do outro e como vão lidar com possíveis problemas.

– Que tipo de regras são essas?

Parker deu de ombros.

– Isso é você quem tem que decidir, Em.

capítulo sete

Em sua mesa de trabalho, com uma relaxante música new age de fundo, Emma preparava uma embalagem para entrega. Para a despedida de solteira do meio da semana, fora da empresa, decidiu que faria algo divertido e feminino. As gérberas cairiam como uma luva.

Deu uma olhada no último arranjo e cortou a extremidade inferior dos caules na água. Frescas e lindas, pensou, transferindo as flores para uma mistura de água, fertilizante e conservantes.

Levou a primeira leva de flores para a câmara fria, a fim de que se reidratassem. Quando ia transferir a segunda leva, ouviu Parker chamá-la.

– Estou aqui dentro!

Parker entrou e viu as flores, as folhagens, as cestas e as ferramentas.

– São para a despedida de solteira da McNickey?

– Isso mesmo. Olhe só as cores dessas gérberas. Vão de tons mais pálidos até os mais vibrantes. Vão ficar perfeitas!

– O que vai fazer com elas?

– Para o centro de mesa, vou usar três vasos com arbustos simetricamente podados, cobertos com folhas de limoeiro. Trabalharei com flores-de-cera, acácias e fitas. A cliente quer outros arranjos, um mais elaborado para a mesa da entrada, outro com velas, para pôr na lareira, e algo delicado, cheiroso e bonito para o vestíbulo. Preciso estar com tudo pronto antes da minha reunião das onze. Estou preparando tudo.

– Festivo e feminino – observou Parker, examinando a mesa de trabalho. – Sei que está abarrotada de coisas para fazer, mas será que daria para incluir outro evento externo na sua programação?

– Quando?

– Na próxima quinta-feira. Eu sei... – disse Parker quando Emma a olhou com frieza. – A cliente ligou para o número geral da empresa e como eu sabia que você estava atoladíssima, não repassei a ligação. Ela veio ao casamento dos Folk-Harrigan. Disse que não conseguia esquecer as flores, o que é mais um ponto a nosso favor e contra a Noiva Monstro Vaca.

– Só está dizendo isso para que eu aceite.

– É verdade. Ela pensou em comprar umas flores cortadas e pôr em vasos, mas depois que viu seu trabalho, ficou fascinada. Não consegue esquecer como eram bonitas.

– Pare com isso.

– Como eram maravilhosas, criativas, perfeitas.

– Parker, sua desgraçada.

– Ela não conseguiu dormir, comer ou fazer qualquer outra coisa de maneira normal depois

que viu o que você podia fazer com as flores.

– Eu odeio você. Que tipo de evento vai ser? Sabe o que ela está querendo?

O sorriso que Parker esboçou era, ao mesmo tempo, presunçoso e compreensivo, o que para Emma era uma das maiores qualidades da amiga.

– É um chá de bebê, e acho que quer algo parecido com o que está fazendo aqui. A não ser pelo arranjo para a lareira. Quer algo bem feminino, pois o bebê é menina. Acho que está esperando muito cor-de-rosa. Mas me disse que confia no seu bom gosto.

– Está muito em cima. Preciso ver o que minha fornecedora teria condições de entregar. E tenho que ver como está a agenda da semana que vem.

– Já fiz isso. Tem o dia cheio na segunda, mas tem um intervalo na terça. Na quarta pode começar a planejar o evento da sexta; na quinta, o de sábado. Tink vem ajudar você nesses dois dias, então não acha possível assumirem mais esse compromisso? É para a nora dela – acrescentou Parker. – Vai ser sua primeira netinha.

Emma suspirou.

– Você sabia que eu acabaria aceitando.

– É, sabia – respondeu Parker, dando uns tapinhas no ombro da amiga. – Se precisar de mais ajuda, pode ligar para Tiffany ou Beach.

– Tink e eu nos viramos sozinhas. – Emma transportou mais uma leva para a câmara fria e voltou para finalizar o trabalho. – Vou ligar para a cliente assim que terminar aqui para ter certeza do que ela quer. Depois vou cuidar para que tudo transcorra da melhor forma possível.

– Deixei o nome e o telefone dela em cima da mesa.

– Como era de se esperar. Mas não pense que isso vai sair de graça, viu?

– Qual o seu preço?

– Ligaram lá da oficina. O carro já foi consertado, mas não tenho como ir buscá-lo hoje. E amanhã também tenho um dia cheio.

– Eu faço isso.

– Sabia que faria. – Olhando para a bandeja repleta de flores, Emma coçou a nuca. – Posso dedicar o tempo que vai me poupar ao evento da futura vovó.

– Vou ligar para tranquilizá-la e direi que em breve você entrará em contato. Aliás, falou com Jack?

– Não. Estou em fase de reflexão e meditação. Se falasse com ele agora, começaria a pensar que ia adorar me jogar em cima dele. O que, na verdade, é o que estou pensando neste exato momento, já que tocou no assunto.

– Quer que eu a deixe uns instantes sozinha?

– Muito engraçadinha. Eu disse a ele que tínhamos que pensar, então eu estou pensando. – Franziu a testa e disse, num tom um pouco afetado: – Sexo não é tudo.

– Como você pratica mais que eu, e tem mais oportunidades de continuar praticando, tenho que me curvar perante seus conhecimentos.

– Isso é porque não intimido ninguém – disse Emma, olhando de rabo de olho para Parker. – E não receba isso como um insulto.

– Não me importo de intimidar as pessoas. Isso me poupa tempo. Aliás – prosseguiu, dando uma olhada no relógio –, tenho que ir agora. Vou à cidade me encontrar com uma noiva. Mac está indo fazer uma entrega. Vou correr para tentar pegar uma carona com ela e pedir que me deixe na oficina. Devo estar de volta às quatro. Não se esqueça de que temos uma reunião marcada para o fim da tarde, às seis e meia.

– Está tudo anotado na minha agenda.

– Vejo você mais tarde, então. Obrigada, Emma. Obrigada mesmo – acrescentou Parker e saiu correndo.

Quando se viu sozinha, Emma limpou sua mesa de trabalho antes de passar o antisséptico que ela usava como outras mulheres usam creme para as mãos. Depois de tratar dos cortes e arranhões, foi se preparar para a reunião.

Satisfeita com a seleção de arranjos, os álbuns de fotos e as revistas, ligou para o número que Parker tinha deixado ali... e fez a alegria da futura vovó. Enquanto conversavam, Emma foi fazendo anotações, cálculos do número de minirrosas e dos copos-de-leite que usaria. As rosinhas seriam cor-de-rosa; os copos-de-leite, brancos. Fez mais cálculos mentais para saber quanto gastaria de material para projetar o arranjo maior. Copos-de-leite, rosas do tipo Bianca e rosas cor-de-rosa em botão para fazer arranjos.

Se tivesse conseguido interpretar corretamente o desejo da cliente, a ornamentação devia ser doce, feminina, mas com toques elegantes. Além disso tudo, anotou também a hora e o lugar da entrega, e prometeu à futura avó enviar por e-mail o contrato detalhado até o meio da tarde.

Calculando o tempo que lhe restava, deu uma ligada rápida para sua fornecedora e depois foi depressa trocar a roupa de trabalho por um terninho.

Enquanto retocava a maquiagem, ficou pensando se Jack estaria refletindo, ponderando sobre aquele assunto.

De impulso, sentou-se diante do computador para mandar-lhe um e-mail.

Continuo pensando. E você?

Clicou para enviar antes que pudesse mudar de ideia.



Jack estava no escritório, verificando as mudanças que o sócio fizera num projeto. Aqueles clientes não paravam de mudar de ideia. Eles queriam algo imponente, pensou, e tinham lhes dado isso. Também queriam seis lareiras. Até decidirem que precisavam de nove. E de um elevador.

A última mudança dizia respeito à piscina. Queriam que ela fosse coberta para que pudesse ser usada o ano todo e que se ligasse à casa por meio de um caminho também coberto.

Belo trabalho, Chip, pensou ele, apesar de ter feito umas pequenas mudanças. Avaliou o resultado, depois foi dar uma olhada nos desenhos do engenheiro civil.

Ótimo, decidiu. Muito, muito bom. A dignidade do estilo colonial georgiano não havia sido comprometida. E o cliente poderia dar suas braçadas no inverno.

Todos ficariam felizes.

Ia mandar um e-mail para explicar os desenhos e submetê-los à aprovação do cliente quando viu que tinha recebido uma mensagem de Emma.

Clicou para abri-lo e leu a única linha escrita.

Estaria de brincadeira?

Era uma luta fazer com que seus pensamentos não girassem em torno dela – particularmente em torno dela nua. Tudo o que fizera de manhã tinha lhe tomado o dobro do tempo habitual *porque* estava pensando nela.

Decidiu, no entanto, que não fazia sentido lhe dizer isso. Como deveria responder? Inclinou a cabeça e sorriu ao apertar a tecla "responder".

Estou pensando que você deveria vir aqui esta noite usando apenas uma capa com reforço acolchoado para os cotovelos.

Depois de apertar "enviar", recostou-se e ficou imaginando, em detalhes, como Emma ficaria vestida apenas com uma capa. Talvez com um sapato de salto bem alto. Vermelho. E quando ele desamarrasse o cinto...

– Terra chamando Jack.

Com a mente ainda ocupada em abrir aquela capa – curta e preta –, Jack ficou olhando para Del.

– Ei, onde é que você estava?

– Ah... só trabalhando. Em alguns projetos. – Merda. Tentou ativar o protetor de tela. – E você, não tem nada para fazer?

– Estou a caminho da câmara, e seu café é melhor que o de lá.

Del foi até a máquina que ficava em cima da bancada e se serviu de uma xícara de café.

– Pronto para perder?

– Perder o quê?

– É a Noite do Pôquer e sinto que estou com sorte.

– Noite do Pôquer.

Com as sobrancelhas erguidas, Del ficou olhando para ele.

– Em que diabos está trabalhando? Parece até que está em outra dimensão!

– O que mostra minha incrível habilidade de concentração neste projeto. É o mesmo que farei esta noite com o pôquer. Vai precisar de algo mais do que essa sensação de que está com sorte.

– Faço uma aposta de 100 pratas por fora.

– Fechado!

Del ergueu um brinde para o amigo e tomou um gole.

– Como estão indo as reformas do quarteto?

– Dei umas mexidas no projeto de Mac e Carter e gostei bastante. Só preciso aprimorar um pouco mais.

– Que bom. E está fazendo progressos com Emma?

– O quê? Estou o quê?

– A outra câmara fria da Emma.

– Ainda não. Mas... não deve ser lá muito complicado.

Então, por que estava sendo?, pensou Jack. Por que se sentia mentindo para o melhor amigo?

– O simples sempre dá certo. Tenho que ir bancar o advogado. – Del deixou a xícara ali e se dirigiu para a porta. – Vejo você mais tarde. Ah, e tente não chorar quando tiver que me pagar as 100 pratas. Vai ser meio vergonhoso.

Jack mostrou o dedo médio, o que fez Del ir embora rindo.

Depois de esperar por dez segundos inteiros, de orelha em pé para tentar perceber se o amigo tinha ido embora mesmo, Jack voltou ao e-mail.

Ainda não havia nenhuma resposta de Emma.

Como podia ter esquecido que era a Noite do Pôquer? Esse tipo de coisa estava mais do que gravada em sua memória. Pizza, cerveja, charutos, cartas. Só homens. Uma tradição, talvez até um ritual, que ele e Del haviam criado ainda na faculdade.

A Noite do Pôquer era sagrada.

E se ela dissesse que viria? Que bateria à sua porta esta noite?

Pensou em Emma com a capa preta e os saltos altos vermelhos.

Pensou nos seus bons amigos, na cerveja gelada e nas cartas.

É claro que só havia uma resposta, pensou. Se ela respondesse dizendo que viria, teria que arranjar uma desculpa.

Diria a Del que estava com uma diarreia violenta.

Nenhum homem, morto ou vivo, poderia culpá-lo.

Mac virou-se para Parker, que estava no carro ao seu lado, indo para Greenwich.

– E aí? Agora que estamos só nós duas, diga-me o que acha dessa história de Emma e Jack.

– Os dois são adultos, solteiros e saudáveis.

– Ah! Quero saber o que você acha de verdade.

Parker deixou escapar um suspiro e terminou com uma risada meio reticente.

– Não tinha percebido nada, e olha que me acho bem esperta para essas coisas. E se eu achei estranho, imagino que deve ter sido estranhíssmo para vocês também.

– Estranhíssimo no mau sentido?

– Não, não. Só no sentido de inusitado. Nós somos quatro; e eles, dois: Jack e Del. Juntos, somos seis. Bem, sete, com Carter, mas isso tudo remonta a um período pré-Carter. Há anos que participamos da vida pessoal e profissional uns dos outros. Se pensarmos em Del e nós quatro, isso acontece desde sempre. Mas já tem o quê? Mais de uma década que Jack se juntou a nós. Quando a gente pensa num homem como irmão, fica mais difícil admitir que nem todos do mesmo grupo sintam a mesma coisa. Para mim, é quase tão estranho quanto se uma de nós o detestasse.

– É isso que está deixando Emma preocupada.

– Já percebi.

– Eles estão na maior paixão, o que é ótimo, mas algum dia as coisas vão esfriar. Talvez aconteça antes com um do que com o outro, o que é bem esquisito. – Mac deu uma olhada nos retrovisores antes de passar para a outra pista. – Será que aquele ainda está em plena paixão fica magoado ou se sente traído de alguma forma?

– Sentimentos são sentimentos. Não consigo entender por que as pessoas culpam os outros pelo que elas mesmas sentem.

– Talvez seja complicado mesmo, mas é o que acontece. E Emma é supersensível nesse ponto. Leva o maior jeito com os homens, tiro o meu chapéu para ela, mas *morre de pena* do cara se não... sente nada por ele. Você sabe como é.

– Sei, sim. – Como já estavam perto da oficina, Parker voltou a calçar os sapatos que havia tirado ao se sentar. – Ela acaba saindo com o cara uma segunda vez, uma terceira, uma quarta... mesmo que já tenha percebido, no primeiro encontro, que não se interessava por ele. Isso tudo só porque não quer magoá-lo.

– Mesmo assim, ela já namorou mais que nós três juntas. No período pré-Carter – acrescentou Mac. – E quase sempre consegue dispensar o sujeito sem causar danos ao seu ego. Pode acreditar, ela leva jeito.

– Mas com Jack é diferente, os dois são muito próximos. Ela o adora.

– Você acha...

– Todas *nós* o adoramos – atalhou Parker.

– Ah, nesse sentido é verdade.

– Deve ser difícil terminar uma relação com alguém por quem você tem o maior carinho. E no caso de Emma, ela está tentando resolver essa questão antes que essa história fique mais séria. Ela nem considera a possibilidade de magoá-lo.

– Às vezes, eu adoraria ser tão gente boa quanto Emma, mas nem sempre. Dá muito trabalho – observou Mac, enquanto estavam paradas no sinal.

– Mas você é assim em várias ocasiões. Já eu intimido os outros.

Mac deu um risinho debochado.

– Ah, verdade. Morro de medo de você, Parks – disse ela, arrancando quando o sinal abriu. – Mas você consegue ser bem assustadora quando veste o manto de Parker Brown, uma dos Browns de Connecticut. E basta abaná-lo um pouquinho para um monte de gente cair fulminada.

– Fulminada, não. Talvez temporariamente sem sentidos.

– Você acabou com Linda – comentou Mac, referindo-se à própria mãe.

– Aquilo foi obra sua. Foi você que a enfrentou.

Mac negou com a cabeça.

– Já a havia enfrentado antes. Talvez não como dessa última vez, com tanta firmeza. Mas se fui eu que comecei, quem liquidou com ela mesmo foi você. E ainda teve Carter, que, meu Deus, *bonzinho* como é, não se deixa afetar pelas coisas que ela apronta. Além disso, Linda está sendo paparicada pelo noivo rico dela lá em Nova York. Resultado? Minha vida ficou bem mais fácil.

– Vocês se falaram depois daquele dia?

– Engraçado você perguntar isso. Ela ligou hoje de manhã e falou comigo como se aquela briga feia nunca tivesse acontecido. Ela e Ari meio que decidiram fugir para casar. Os dois pombinhos estão indo de avião para o lago de Como no mês que vem, e o casamento vai ser na *villa* de um dos maiores amigos de Ari, assim que Linda tiver planejado todos os detalhes, o que, acredito, é a ideia que ela faz de fugir para casar.

– Meu Deus, só falta você me dizer que o tal amigo é o George Clooney. Acho que vou a esse casamento.

– Antes fosse. De qualquer jeito, não acredito que sejamos convidadas. Ela praticamente só telefonou para deixar bem claro que o casamento dela vai ser muito melhor do que se fosse organizado pela Votos.

– E o que você disse?

– *Buona fortuna*.

– Disse isso mesmo?

– Claro. E fiquei me sentindo ótima. É verdade, eu lhe desejo sorte. Se ela for feliz com esse tal de Ari, finalmente vai me deixar em paz. Então... – Mac dobrou em uma rua, mais uma e outra ainda e parou o carro no estacionamento da oficina de Kavanaugh. – Está tudo perfeito. Quer que eu espere, só por garantia?

– Não, pode ir. Nós nos vemos na mansão para a reunião de hoje à noite.

Parker desceu do carro e ajeitou o portfólio na mão enquanto olhava o relógio. Bem na hora.

Passou os olhos pelo prédio comprido que abrigava o que parecia ser vários escritórios ligados a uma oficina enorme. À medida que ia chegando mais perto, começou a ouvir o zumbido de alguma espécie de compressor e, pela porta aberta, viu as pernas, os quadris e boa parte do torso do mecânico que trabalhava num carro erguido por um elevador.

Deu umas espiada nas prateleiras, que continham, pelo que presumiu, peças e outras parafernálias, conjuntos de ferramentas. Viu também tanques e mangueiras.

Sentiu cheiro de óleo e de suor, o que não chegava a incomodá-la. Eram cheiros de trabalho, odores produtivos, algo que aprovava, principalmente depois que viu o carro de Emma parado ali no estacionamento, limpíssimo e lustroso.

Curiosa, resolveu ir até lá. Os cromados reluziam ao sol e, pelas janelas, percebeu a meticulosa atenção dada a cada detalhe.

Se o motor do carro estiver tão bom, pensou ela, quanto a aparência dele, passaria a trazer o seu para essa oficina em vez de levá-lo à autorizada para a próxima revisão.

Atravessou o pátio, dirigindo-se ao escritório para pagar a conta e pegar a chave.

Ali dentro, uma mulher com o cabelo mais laranja que ruivo estava sentada numa banqueta, diante da parte mais curta do balcão em forma de L, digitando com dois dedos no teclado de um computador.

Tinha as sobrancelhas franzidas e a boca meio retorcida, de um jeito que fez Parker logo perceber que ela e o computador não se entendiam lá muito bem.

A mulher parou, olhou para Parker por cima de uns óculos verdes-claros.

– Pois não?

– Vim buscar o carro de Emmaline Grant.

– Você é Parker Brown?

– Sou.

– Ela disse que era você que viria buscar o carro.

Como a mulher não se mexia e continuava só a fitá-la por cima dos óculos, Parker sorriu de um jeito educado e perguntou:

– Quer ver minha identidade?

– Não. Ela disse como você era quando eu perguntei. E você é exatamente do jeito que ela descreveu.

– Bom, então, se puder me dar a conta...

– É o que estou preparando – disse a outra, remexendo-se no banquinho e recomeçando a digitar. – Não quer se sentar? Não vai demorar muito. Seria mais rápido se eu pudesse simplesmente preencher um bloquinho de recibos, mas Mal insiste em ser desse jeito.

– Tudo bem.

– Se quiser beber alguma coisa, tem umas máquinas logo ali depois daquela porta.

Parker pensou na cliente que encontraria, na distância até a loja de noivas e no trânsito.

– Você disse que não ia demorar.

– E não vai. Só estou dizendo... O que que essa maldita criatura quer de mim? – exclamou a mulher, passando as unhas compridas e vermelhas pelo cabelo laranja todo arrepiado. – Por que ela não cospe essa droga logo de uma vez?

– Será que eu... – principiou Parker, debruçando-se no balcão para olhar a tela. – Acho que já sei o que é. Aponte a setinha para esse lugar e clique com o mouse – prosseguiu ela, batendo com o dedo num ponto da tela. – Ótimo. Está vendo onde está escrito imprimir? Clique aí. Pronto. Agora clique em ok.

Parker voltou à posição inicial quando a impressora deu sinal de vida.

– É isso aí.

– Clique aqui, clique ali... Como é que a gente pode lembrar onde clicar primeiro? – Mas, pela primeira vez, ela olhou por cima do balcão e sorriu. Seus olhos eram de um verde tão forte e cativante quanto o aro dos óculos. – Obrigada.

– De nada.

Parker pegou a nota, soltou um ligeiro suspiro quando começou a lê-la: bateria nova, regulagem, distribuidor, troca de óleo, correias, alinhamento e balanceamento das rodas, pastilhas de freio.

– Não estou vendo a cobrança do polimento.

– É de graça para os clientes novos. Cortesia da casa.

– Que simpático – disse Parker, pagando a conta e enfiando a sua via num dos compartimentos da bolsa. Pegou as chaves. – Obrigada.

– Não há de quê. Volte sempre que precisar.

– Acho que vou voltar, sim.

Saiu do escritório e foi se dirigindo ao carro de Emma, destravando o alarme.

– Ei, espere aí.

Ela parou e se virou. Reconheceu as pernas, os quadris e o torso que vira debaixo do tal carro lá na garagem. Agora via também um peitoral e os ombros. A brisa leve da primavera soprava um cabelo escuro, que estava precisando de um corte, despenteado pelo trabalho ou por relaxamento. Parker achou que aquele cabelo combinava com as linhas retas e fortes do rosto do homem e com a sombra escura, o que demonstrava que fazia uns dois dias que ele não se barbeava.

Percebeu tudo aquilo num só relance, como percebeu também os contornos rígidos da boca dele e o verde intenso dos olhos que transmitiam um gênio forte.

Teria baixado os olhos se não houvesse sido forçada a olhar para cima quando ele parou à sua frente. Ergueu um pouco a cabeça, encarou aqueles olhos e disse no tom mais tranquilo que seria capaz de adotar:

– Sim?

– Você acha que só precisa de uma chave e de uma carteira de motorista?

– Como é?

– Os cabos da sua bateria estavam completamente corroídos; o seu óleo, pegajoso. Seus pneus estavam baixos e as malditas pastilhas de freio tinham praticamente desaparecido. Aposto que não passa um dia sem se encher desses cremes caríssimos.

– Não estou entendendo...

– Mas não se dá o trabalho de cuidar do próprio carro. Isso aí estava uma verdadeira desgraça, minha senhora. É provável que a senhora passe mais tempo cuidando desses sapatos do que da manutenção dele.

Seus sapatos? O que ele tinha a ver com os seus sapatos?, pensou Parker. Mas manteve um tom calmo, ostensivamente calmo.

– Acho ótimo ver a paixão que o senhor tem pelo seu trabalho, mas duvido que seu patrão aprove o jeito como fala com os clientes.

– O patrão sou eu e não vejo problema nenhum nisso.

– Ah, entendo. Sabe, Sr. Kavanaugh, o senhor tem um sistema de trabalho bem interessante. Agora, com licença, eu tenho que ir.

– Não existe desculpa para o seu descaso com esse veículo. Eu o deixei impecável, Srta. Grant, mas...

– Brown – atalhou ela. – Srta. Brown.

O rapaz estreitou os olhos, observando o seu rosto.

– A irmã de Del. Devia ter percebido. Quem é Emmaline Grant?

– Minha sócia.

– Ótimo. Transmita a ela o que eu lhe disse. Esse carro é ótimo, merece ser mais bem-tratado.

– Pode deixar, transmito, sim.

Parker estendeu a mão, mas ele foi mais rápido e abriu a porta. Ela entrou, pôs a bolsa no banco do carona, prendeu o cinto. Depois, ergueu um bloco de gelo entre ambos com um "Obrigada".

Ele sorriu e retrucou, mais rápido que um raio:

– Vá para o inferno, é o que quer dizer. Dirija com atenção – acrescentou, e fechou a porta.

Parker virou a chave na ignição e se viu levemente desapontada quando o motor ronronou como um gatinho. Quando ia saindo, olhou pelo retrovisor: ele estava parado no mesmo lugar, vendo-a se afastar.

Um grosso, pensou ela, incrivelmente grosso. Mas, aparentemente, era bom no que fazia.

Quando estacionou perto da loja de noivas onde se encontraria com a cliente, tirou da bolsa o BlackBerry para mandar um e-mail para Emma.

Em. O carro está pronto. Está lindo e funcionando como eu nunca vi desde que você o comprou. Está me devendo mais que a conta. Falamos disso hoje à noite. P.



Em casa, Emma estava aproveitando o tempo entre um cliente e outro para redigir contratos bem detalhados. Adorou as escolhas da última cliente, a noiva de dezembro. Cores, cores e mais cores, pensou. Seria um prazer trabalhar em pleno inverno com coisas tão quentes e intensas.

Mandou o contrato para a cliente aprovar, com cópia para o arquivo da Votos. Sorriu ao ver surgir um e-mail de Jack. Depois soltou uma risada quando o leu.

– "Uma capa com reforço acolchoado para os cotovelos". Ótimo. Vamos ver...

Você vai ter que escolher entre os meus reforços acolchoados de cotovelo em renda vermelha e o conjunto de veludo preto. Ou posso simplesmente lhe fazer uma surpresa. Vou experimentar os dois mais tarde com a minha coleção de capas. Tem uma que é a minha favorita. Ela é preta, com um brilho que a faz parecer sempre... molhada.

Infelizmente hoje não vai dar para mim. Mas isso nos dá um pouco mais de tempo para pensar.

– Isso deve lhe dar alguns momentos – murmurou ela, e clicou em "enviar".

capítulo oito

Às seis horas, Emma entrou na cozinha, vindo do vestíbulo, enquanto Parker chegava pelo corredor.

– Parece até que cronometramos! Tudo bem, Sra. G?

– Salada Caesar com tiras de frango grelhado – anunciou a Sra. Grady. – Vocês vão comer aqui mesmo. Não vou pôr a mesa da sala de jantar porque sei que vão ficar entrando e saindo, pegando uma coisa ou outra.

– Sim, senhora. Trabalhei direto, nem parei para almoçar. Estou faminta.

– Tomem uma taça de vinho – prosseguiu a Sra. Grady, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Parker. – Essa aí está precisando.

– Não estou precisando nada – retrucou Parker, mas pegou uma das taças que a Sra. Grady tinha enchido. – Sua conta.

Emma olhou direto para a última linha e franziu a testa.

– Uau! Acho que mereço isto.

– Talvez. Mas *eu* não merecia a bronca do dono da oficina que me confundiu com você.

– Oh, oh! Em que hospital ele está? Acho que devo mandar umas flores.

– Ele escapou ileso. Em parte porque eu estava em cima da hora e não tinha tempo para lhe dar uma surra. Por outro lado, seu carro também estava um luxo, por dentro e por fora. Cortesia para clientes novos, o que foi um ponto a favor dele. – Depois de uma pausa e de mais um gole de vinho, Parker prosseguiu, dirigindo-se à Sra. G:

– A senhora conhece todo mundo, não é?

– Querendo ou não. Sentem-se e comam. – Quando todas já estavam sentadas, a Sra. Grady se acomodou numa das banquetas e pegou também uma taça de vinho. – Quer informações sobre o jovem Malcolm Kavanaugh? Ele não é nada fácil. Filho de militar. O pai morreu lá do outro lado do oceano quando ele ainda era pequeno. Tinha uns 10 ou 12 anos, acho. O que pode ter contribuído para ele ser desse jeito. A mãe teve muito trabalho para mantê-lo na linha. Ela trabalhava como garçonete lá no Artie's da avenida principal. Era irmã do dono e foi por isso que veio para cá quando perdeu o marido.

A Sra. Grady tomou um gole de vinho e recuou um pouquinho na banqueta para contar o resto da história:

– Como vocês devem saber, Artie Frank é o maior babaca e a mulher dele, uma chata, esnobe. O que diziam era que Artie decidiu assumir a criação do sobrinho, e o garoto fez o que pôde para se livrar das garras dele. No que fez muito bem – acrescentou ela, com certo tom de desprezo. – Ele se mandou, para participar de corridas de carro ou moto, qualquer coisa assim. Acho que também andou fazendo algum trabalho no cinema. Pelo que sei, teve

sucesso nisso. E fez questão de que a mãe ficasse com parte de tudo o que estava conseguindo.

– Bom, acho que isso depõe a favor dele – admitiu Parker.

– Ele se acidentou numa dessas cenas de cinema e acabou ganhando algum dinheiro por causa disso. Usou a indenização para comprar a oficina, uns três anos atrás. E também comprou uma casinha para a mãe. Construiu um negócio sólido, pelo que me disseram, e continua sendo uma pessoa difícil.

– Para mim, ele teve sucesso com a oficina graças à sua habilidade com motores, e não com clientes.

– Você ficou mesmo furiosa – comentou Emma.

– Consigo superar isso desde que ele continue trabalhando bem. – Parker olhou para a porta por onde Laurel vinha entrando. – E pronto.

– O café e os biscoitos já estão lá. Algumas de nós não têm tempo para ficar sentadas, comendo e fazendo fofoca antes de uma hora marcada com um cliente – disse Laurel, franzindo a testa e passando os dedos pelo cabelo. – E ainda por cima bebendo.

– Parker estava irritada porque...

– Já ouvi essa história toda – atalhou Laurel, servindo-se de meia taça de vinho. – Quero novidades. Como andam as coisas com Jack?

– Acho que estamos fazendo sexo virtual. Ainda é o comecinho das preliminares, por isso não sei exatamente o rumo que isso tudo vai tomar.

– Nunca fiz sexo virtual. Nunca gostei de alguém a ponto de fazer isso – disse Laurel, balançando a cabeça, pensativa. – Isso parece bem estranho. Gosto de um cara o bastante para fazer sexo de verdade, mas não virtual?

– Porque é um jogo – observou Emma, levantando-se para dar a Laurel metade da sua salada. – Você pode gostar de um homem a ponto de querer ir para a cama com ele, mas pode não querer brincar com ele.

– Faz sentido, de um jeito estranho, mas faz. – Laurel assentiu, atacando a salada. – Aliás, no que se refere a homens, tudo o que você diz faz sentido, de um jeito estranho.

– E é óbvio que ela gosta de Jack o bastante para brincar com ele – acrescentou Parker.

– Jack tem senso de humor, uma das coisas de que sempre gostei nele. E que acho atraente. – Os lábios dela se curvaram mostrando um sorriso espontâneo. – Vamos ver até que ponto levamos essa brincadeira adiante.



Na sala de estar, diante de uma mesa com café e *macarons* feitos por Laurel, Parker comandou a reunião com o casal de noivos e suas respectivas mães.

– Como expliquei a Mandy e Seth, nós da Votos vamos moldar nossos serviços para atender às suas necessidades. Para que tudo saia do jeito que vocês querem. Nosso objetivo, tanto em conjunto quanto individualmente, é lhes oferecer o casamento perfeito. *Seu* casamento perfeito. Ora, quando nos falamos pela última vez, vocês ainda não tinham marcado a data, mas sabiam que queriam que fosse à noite e no jardim.

Começaram a tratar de datas, mas Emma mal os ouvia.

Ficava se perguntando se Jack já teria visto o e-mail.

A noiva queria romantismo. Não era isso que todas queriam?, pensou Emma. Mas o que chamou sua atenção foi quando ela disse que iria usar o vestido de noiva da avó.

– Trouxe uma foto – declarou Mandy –, mas Seth não pode ver. Então...

– Que tal uma cerveja, Seth?

Ele olhou para Laurel com um risinho.

– Seria ótimo.

– Por que não vem comigo? Vou pegar uma para você. Quando acabar, pode voltar que estaremos à sua disposição novamente.

– Obrigada – disse Mandy, pegando uma pasta grande quando Laurel saiu da sala seguida por Seth. – Sei que parece bobagem.

– De jeito nenhum – atalhou Parker, estendendo a mão para pegar a foto. Sua expressão polida era agora radiante. – Ai, é lindo! Simplesmente deslumbrante! Fim dos anos 1930, início dos 1940, não é?

– Você é boa nisso – observou a mãe da noiva. – Meus pais se casaram em 1941. Ela tinha apenas 18 anos.

– Desde pequena sempre disse que me casaria com o vestido de noiva da vovó. Ele precisa ser ajustado ao meu corpo, e também de alguns consertos, mas vovó cuidou muito bem dele.

– Tem alguma costureira em mente?

– Andamos pensando em Esther Brightman.

Observando a foto com atenção, Parker fez um gesto de aprovação.

– Ela é um gênio. É exatamente quem eu indicaria para esse tipo de trabalho. Mandy, você vai ficar incrível. E, se quiser, poderíamos bolar toda a cerimônia com base no vestido. O glamour da época, com classe. O toque romântico, com estilo. Para o noivo e os padrinhos, fraques em vez dos tradicionais smokings.

– Nossa! Uau! Será que ele vai concordar? – perguntou a Mandy, dirigindo-se à futura sogra.

– Ele vai concordar com qualquer coisa que você queira, meu anjo. Eu, pessoalmente, adoro a ideia. Devíamos procurar vestidos vintage para as damas e as madrinhas.

Emma ficou olhando a foto e de repente alguma coisa lhe ocorreu. Algo fluido, pensou; linhas inspiradas no estilo déco, com a leveza da seda. Ergueu os olhos para observar Mandy e chegou à conclusão de que a futura noiva ia ficar tão bem naquele vestido quanto a avó.

– Posso fazer uma réplica do buquê – disse Emma, quase falando sozinha.

– O quê?! – exclamou Mandy, interrompendo-se no meio de uma frase e voltando a atenção para Emma.

– O buquê... se você quiser, posso fazer uma réplica. Vejam como ela foi esperta, como foi inteligente contrabalançando as linhas fluidas do vestido com uma meia-lua de copos-de-leite bem grandes. Vocês têm o véu e a tiara?

– Temos, sim.

– Pelo que vejo aqui, ele acabava com uma grinalda de lírios-do-vale. Se gostar da ideia, posso fazer isso também. Só queria mencionar esses detalhes antes que Seth voltasse. Para

vocês pensarem a respeito.

– Adoro a ideia! E você, mamãe?

– Minha mãe vai se debulhar em lágrimas. E eu também. Adorei.

– Falaremos mais detalhadamente sobre isso quando tivermos nossa reunião particular. Até lá, enquanto escolhem os vestidos das damas e das madrinhas, se puderem me emprestar as fotos para que eu faça umas cópias ou se quiserem digitalizar e me mandar por e-mail, já posso ver que tipo de flores sua avó escolheu para elas.

Emma devolveu a foto para Mandy.

– Melhor ficar com você.

– Mac, por que não dá a Mandy uma visão geral do que pretende fazer em matéria de fotografia?

– Primeiro, quero ver se reproduzimos o retrato oficial da sua avó. É um clássico e belíssimo. Mas, esta noite, podíamos conversar sobre o que quer para as fotos do noivado.

Iam passando por todos os estágios, passo a passo, com um ritmo que tinham desenvolvido ao longo dos anos. Enquanto falavam das fotos, do bolo, da comida, Emma anotava algumas palavras-chave que a ajudariam a formar uma ideia da noiva, do noivo e do que eles desejavam.

E se seus pensamentos se desviavam na direção de Jack algumas vezes, tratava de lembrar a si mesma que era excelente em fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Quando ela e as sócias levaram os clientes até a porta, estava pronta para escapulir e ver se Jack havia respondido ao e-mail.

– Bom trabalho – disse. – Vou para casa abrir uma pasta relativa a esse evento. Então...

– Tem só mais uma coisa que eu queria dizer – interrompeu Parker. – Quando fui à loja hoje, achei um vestido para Mac.

– Como é que é? – perguntou Mac, olhando para ela. – *Meu* vestido?

– Conheço você e sei bem o que está procurando. E como ele estava lá, dizendo "Sou da Mac", lancei mão dos meus contatos e o trouxe para que você desse sua aprovação. Talvez tenha me equivocado, mas acho que vai querer ao menos experimentá-lo.

– Você trouxe um vestido de noiva para eu experimentar? – Estreitando os olhos, Mac apontava para Parker. – Não era você quem sempre dizia que as noivas deviam provar centenas de vestidos antes de se decidir?

– É, mas você não é como a maioria das noivas. Você sabe de cara o que vai cair bem ou não. Se não gostar, não tem problema. Por que não vamos dar uma olhada nele? Está lá em cima, na suíte da noiva.

– Ah, *temos* que ir lá vê-lo! – exclamou Emma, emocionada com a ideia. Agarrou a mão de Mac e a puxou. – Esperem, precisamos de champanhe. Mas Parker já deve ter pensado nisso também.

– A Sra. G já deve ter levado lá para cima.

– Champanhe e um possível vestido de noiva? – murmurou Mac. – O que estamos esperando? Não vai ficar chateada se eu não gostar, hein? – acrescentou quando já começavam a subir a escada.

– Claro que não. Se não gostar, só vou perceber como o meu gosto é infinitamente superior ao seu. – Com um risinho, Parker abriu a porta da suíte da noiva, onde a Sra. Grady estava servindo as taças de champanhe.

– Ouvi vocês subindo – disse, voltando-se para Parker.

Mac olhava para o vestido pendurado no cabide.

– É lindo – murmurou. – Ele é...

– Tomara que caia – completou Parker. – Achei que ficaria muito bem em você. O corte ligeiramente em A vai favorecer seu tipo físico. Sei que estava inclinada a escolher algo completamente sem adornos, mas acho que estava enganada. O tecido de organza por cima da seda dá um quê de romantismo e suaviza os contornos. E as costas?

Parker pegou o cabide e virou o vestido.

– Eu amei! – exclamou Emma, dando um passo à frente. – O babado vai até o chão, saindo da organza. É fabuloso! Provocante, mas sem exageros. Além disso, o caimento na bunda deve ficar perfeito...

– Na verdade vai até parecer que tem uma – concluiu Laurel. – Vá prová-lo, antes que eu faça isso.

– Só um segundo, este é um momento especial. Ok, é o meu momento. – Mac desabotoou a calça e a deixou cair no chão. Enquanto tirava a roupa, Emma fez um movimento com o dedo indicando que a amiga virasse de costas.

– Não fique de frente para o espelho. Assim vai ficar vendo enquanto o veste e vai perder o efeito surpresa.

– Largando as roupas no chão – observou a Sra. Grady, meneando a cabeça e abaixando-se para pegar. – Não mudou nada. Bom, tratem de ajudá-la a se vestir – ordenou, afastando-se com um sorriso.

– Ah, acho que vou chorar – disse Emma, fungando, enquanto Parker ajeitava o vestido.

– Não tinham do seu tamanho, então vai ficar um pouco grande.

– É por isso que estou aqui. – A Sra. Grady mostrou sua almofadinha de alfinetes. – Vamos fazer uns ajustes para que possa se ver melhor nele. É uma pena que sempre tenha sido essa coisinha feia.

– Pode me insultar, só não me espete.

– Por ora, já basta – decidiu a Sra. Grady, dando uma volta para avaliar o corpete e ajeitar o reluzente cabelo ruivo de Mac. – Temos que tirar partido das nossas qualidades.

– Conte até três e depois se vire, Mac – propôs Emma, que estava com as duas mãos sobre a boca. – Olhe para você!

– Ok!

Mac inspirou, expirou, depois se virou para o espelho de corpo inteiro onde já tinha visto tantas noivas admirarem o próprio reflexo. A única coisa que conseguiu dizer foi:

– Ah!

– Isso diz tudo – afirmou Laurel, piscando com os olhos cheios de lágrimas. – É... isso aí. Está perfeito.

– É... Eu... Caramba, sou uma noiva. – Mac pôs uma das mãos no peito e virou de lado. – Ah,

olhem só a parte de trás. É alegre, feminina, e mostra que eu *até tenho* bunda. – Pelo espelho, olhou para Parker. – Parks.

– E aí? Não sou boa nisso?

– É a melhor! Esse é o meu vestido de noiva. Ai, Sra. G.

– Só estou chorando de alegria por não ter mais que cuidar de quatro solteironas – disse ela, enxugando as lágrimas.

– Umas flores no cabelo. Um arranjo de flores do campo em vez de véu – sugeriu Emma.

– Acha mesmo? – perguntou Mac, franzindo os lábios e se olhando no espelho, tentando imaginar. – Pode ficar bom. Acho que vai ficar muito bom.

– Vou lhe mostrar umas ideias. E, como sabe, penso a partir das linhas do vestido. Adoraria ver buquê grande, talvez amarrado à mão. Talvez possa também carregá-lo no braço. – Emma dobrou um braço e mostrou como seria com a outra mão. – Ou podemos fazer um buquê em cascata, como se fosse uma queda-d'água. Com cores exuberantes e quentes de outono, e... estou me precipitando.

– Não. Meu Deus, está planejando o meu casamento, Emma. Acho que preciso de um drinque.

Laurel lhe deu sua taça de champanhe e foi para junto dela.

– Com certeza esse lhe cai bem melhor do que qualquer um que usou nas nossas antigas brincadeiras de Casamento.

– E o que é melhor: não coça.

– Vou fazer para você um bolo de comer rezando.

– Caramba, assim fico com água na boca.

– Virem para cá todas vocês – ordenou a Sra. Grady tirando uma câmera do bolso. – Nossa ruiva não é a única que sabe tirar fotos. Ergam as taças. É isso aí, minhas meninas – murmurou pouco antes de registrar o momento.

Enquanto as meninas tomavam champanhe e falavam sobre as flores do casamento, Jack abria uma cerveja e se preparava para depauperar seus amigos no pôquer.

Tentava não pensar no último e-mail de Emma.

– Como oficialmente é a primeira Noite do Pôquer de Carter, vamos tentar não humilhá-lo. – Del deu um tapinha amistoso no ombro do novato. – Pegar seu dinheiro é uma coisa, deixá-lo constrangido é outra bem diferente.

– Vou ser cuidadoso – prometeu Jack.

– Posso ficar só olhando.

– E onde ficaria a diversão e os lucros? Para nós, quero dizer – brincou Del.

– Ah, sim – disse Carter.

Estavam reunidos no porão de Del, que, na opinião de Jack, era o sonho de todo menino, com um bar em estilo antigo em que era possível tomar uma cerveja de Galway, uma mesa de sinuca, uma TV de tela plana – que era só uma TV auxiliar, porque havia outra maior na sala

do outro lado da casa. Havia também uma jukebox antiga, videogames e duas máquinas do clássico Pinball. Para completar, poltronas de couro e sofás onde as disputas aconteciam, e a mesa de pôquer estilo Las Vegas pronta para entrar em ação.

Não era difícil entender por que ele e Del eram amigos.

– Se você fosse uma garota – disse Jack para Del –, eu o pediria em casamento.

– Não. Só iria querer fazer sexo comigo e depois nunca mais ligaria.

– Talvez você tenha razão.

Já que tinha uma pizza ali, Jack pegou um pedaço. Raspar toda a grana dos amigos era um trabalho que dava fome. Enquanto comia, ficou observando o grupo. Dois advogados, um professor, um arquiteto, um cirurgião, um paisagista e... um mecânico, o último jogador que acabara de chegar.

Um grupo interessante, pensou. Com algumas variações, porque de tempos em tempos incorporava um novo integrante, como Carter, ou porque alguém não podia comparecer em determinado dia. A tradicional Noite do Pôquer havia começado quando ele e Del se conheceram, na faculdade. As caras iam mudando, mas os fundadores permaneciam.

Comer, beber, contar mentiras, falar de esportes. E tentar ganhar o dinheiro dos amigos.

– Todos já chegaram. Quer uma cerveja, Mal? – perguntou Del.

– Quero, sim. Como vai? – disse, dirigindo-se a Jack.

– Indo. Temos um novato, Carter Maguire. Carter, este é Malcolm Kavanaugh.

Mal o cumprimentou.

– E aí, cara?

– Prazer em conhecê-lo. Você é o Kavanaugh? Da oficina?

– O próprio.

– Você guinchou o carro da minha futura sogra.

– Ah, é? Ela que me chamou?

– Não. O nome dela é Linda Barrington.

Mal estreitou os olhos.

– Ah, sei. O BMW conversível. O 128i.

– Hum. Acho que sim.

– Ótimo carro. E ela é uma mulher interessante – disse Mal sorrindo e erguendo sua cerveja de novo. – Boa sorte.

– A filha não é como a mãe – explicou Del.

– Sorte a sua – disse Mal. – Eu a conheci... a filha. Mackensie, não é? É uma gata. Ela trabalha com essa coisa de casamento e tem um Cobalt que acabei de revisar.

– Essa é a Emma – corrigiu Del.

– Isso mesmo. Tinha que ser presa por maus-tratos a veículos. Conheci sua irmã quando ela foi lá buscar o carro – disse a Del, e riu. – É gata também. Mesmo quando dá aquele olhar congelante.

– Então... Emma não foi buscar o carro?

Mal olhou para Jack.

– Não, a outra que foi. A *Srta. Brown*. – Tomou um gole da cerveja. – A que diz "desculpe"

com tom de “foda-se”.

– Essa é a Parker – confirmou Del.

– A abusadora de carros é tão bonita quanto as outras duas?

– Todas elas são – murmurou Jack.

– Pena não tê-la conhecido também.

– Antes que eu tenha que bater em Mal por ter pensamentos libidinosos com minhas irmãs, a biológica e as de consideração, melhor começarmos o jogo – propôs Del.

– Em um minutinho me junto a vocês – disse Jack, indo verificar o e-mail pelo celular, enquanto os outros se sentavam à mesa.



Faltava pouco para a meia-noite quando Emma chegou em casa. Em meio aos planos e às ideias para o casamento de Mac, o tempo voara.

Foi entrando aos pulos, animada com a noite que tiveram e um pouco tonta por causa do champanhe.

O casamento de Mac.

Já podia até ver como ela ficaria perfeita naquele belíssimo vestido e com a cascata de flores nos braços. E ela, Parker e Laurel seriam as damas de honra. Vermelho para si mesma, dourado outonal para Parker, abóbora para Laurel. Ah, e teria uma rica paleta de cores outonais para trabalhar com as flores.

Seria um desafio, pensou Emma subindo a escada. Parker tinha acertado em trazer a questão à tona, assim podiam começar a planejar o que seria feito. Organizar um casamento era uma coisa. Organizá-lo e participar dele era outra bem diferente.

Precisariam de ajuda, de mais substitutas, mas não só iriam conseguir, como “iriam arrasar”.

Aproveitando o bom humor, foi fazer seu ritual noturno. Depois de ajeitar a cama e alisar os lençóis, sorriu em aprovação. Mostrava com isso uma grande maturidade. Tinha passado a noite com as amigas, num misto de trabalho e prazer, e não negligenciou seus afazeres noturnos.

O que provava que era uma adulta sensata.

Cruzando os dedos das duas mãos, saiu correndo até o escritório para verificar o e-mail.

– Eu sabia!

Clicou para abrir a última mensagem de Jack.

Agora está jogando sujo. Obrigado.

Adoro surpresas. Gosto especialmente de desembrulhá-las, por isso me ofereço para ajudá-la a tirar a capa. Gosto de saborear as surpresas aos poucos, criar um clima de suspense. Então, vou desencapar você bem devagar. Centímetro a centímetro.

– Aaai! – exclamou Emma. – Minha nossa!

E depois, vou querer dar uma boa olhada, por um bom tempo. Antes de tocar em você. Centímetro a centímetro.

Quando, Emma?

– Que tal agora mesmo?

Fechou os olhos e imaginou Jack tirando essa capa preta brilhosa que ela nem tinha. Num quarto iluminado por luz de velas. Ao fundo, uma música grave e sensual... o baixo pulsando no mesmo ritmo do sangue em suas veias.

Os olhos dele, perigosos como uma fumaça diabólica, percorriam o seu corpo até deixá-lo coberto de suor. Em seguida, suas mãos, fortes, decididas, lentas, seguiam a trilha do seu calor a partir do veludo dos cotovelos, descendo até...

– Mas que bobagem! – exclamou, ajeitando-se na cadeira.

Podia ser uma bobagem, pensou, mas tinha conseguido deixá-la excitada. Ele havia conseguido.

Precisava responder à altura.

Gosto de brincar, e não me importo se tiver que me sujar.

Surpresas são divertidas, e ser a surpresa é ainda melhor. Nesse caso, gosto de ser desembrulhada devagar. As pontas dos dedos pacientemente desatando o nó do cinto, as mãos cuidadosamente abrindo a capa até encontrar ali dentro a tão esperada surpresa.

Mas em outras vezes quero esses dedos, essas mãos, rompendo barreiras. Rápidos, gulosos, talvez até um pouco rudes.

Em breve, Jack.

A questão não era mais "se", pensou.

Era "quando".

Emma acabou de podar os três arbustos e, enquanto Tink se encarregava de preparar uma entrega, foi dar uma olhada em suas anotações e seus esboços.

– Seis pequenos buquês, incluindo o que a noiva vai jogar no evento de sexta. Seis arranjos para dispor em pedestais, dezoito centros de mesa, uma pomander de rosas brancas, guirlandas e festões para a pérgula – murmurou ela, acompanhando a lista que tinha feito. – Vou precisar de você por pelo menos três horas amanhã. Quatro seria melhor.

– Vou sair hoje à noite e espero ter sorte. – Com as mãos ocupadas, Tink fez uma bola de chiclete, que estourou. – Posso chegar por volta de meio-dia.

– Se puder ficar até as quatro, acho que daremos conta. E mais quatro horas na quinta. Cinco, se quiser. Tiffany vai vir na quinta e Beach está disponível na sexta o dia inteiro. Se você puder vir, pelo tempo que for, na sexta de manhã, vai me ajudar bastante. Podemos começar a arrumação para o evento às três. Sábado tem outra dobradinha. Temos que começar a preparação do primeiro às oito. Da manhã, Tink.

Tink revirou os olhos e continuou arrancando espinhos.

– O primeiro termina às três e meia, e tudo tem que estar pronto para o segundo por volta das cinco e meia. No domingo, tem um evento só, mas dos grandes, marcado para as quatro. Então, precisamos começar às dez ou dez e meia.

– Vou tentar encaixar a minha vida nos intervalos – disse Tink, com ar de vítima.

– Você vai conseguir. Vou levar de volta para a câmara fria o que você já preparou e buscar no estoque o material necessário para os arranjos. – Quando ela pegou o engradado e se virou, Jack estava entrando.

– Ah... Oi.

– Oi. Como vão as coisas, Tink?

– Emma está comandando suas escravas.

– Verdade, ela está sempre sendo maltratada – retrucou Emma. – Você bem poderia consolá-la enquanto levo isso de volta para a câmara fria.

Meu Deus, pensou, ele ficava *lindo* naquelas roupas que usava para trabalhar no canteiro de obras. As botas, o jeans desbotado, a camisa com as mangas arregaçadas acima do cotovelo.

Adoraria lhe dar só uma mordidinha.

– Não quer que eu ajude? – Ergueu do chão outro engradado e foi se encaminhando para a câmara fria.

– Estamos meio enlouquecidas esses dias – disse Emma. – Um evento externo no meio da semana e quatro no fim de semana. O casamento de sábado é monstruoso, no bom sentido. – Pôs no chão o engradado que carregava e, com um gesto, mostrou a Jack onde ele devia pôr o seu. – Agora tenho que...

Num gesto rápido, ele a virou, deixando-a na ponta dos pés. Emma passou os braços pelo pescoço dele num misto de instinto e resposta, no momento exato em que a boca de Jack procurou a dela.

O cheiro selvagem e intenso de flores saturava o ar, exatamente como o desejo e o prazer saturavam o próprio corpo. Voracidade e urgência se espalhavam pelo seu sangue.

Nada de mordidinha, pensou ela, e muito menos rápida. O que ele queria era gole após gole.

– A porta fecha por dentro?

Emma passou os dedos pelo cabelo, voltando a aproximar sua boca da dele.

– Que porta?

– Emma, você está me matando. Deixe-me só...

– Ah, essa porta. Não, espere aí. Droga. Só mais um – balbuciou ela, pegando o rosto de Jack com ambas as mãos e simplesmente mergulhando no beijo, no perfume, no desejo. Depois, voltou a si.

– Não dá. Tem a Tink. E... – suspirou, lamentando e olhando ao redor. – E aqui não tem espaço nenhum.

– A que horas ela vai embora? Eu volto.

– Não sei ao certo, mas... Espere aí.

Desta vez foi ele que segurou seu rosto e a fitou bem nos olhos.

– Por quê?

– Não... Não consigo pensar em nenhum motivo, mas pode ser porque perdi milhares de

células cerebrais durante esse beijo. Não consigo lembrar se tenho alguma coisa marcada para mais tarde. Minha cabeça está completamente oca.

– Volto às sete. Trazendo alguma coisa para a gente comer. A menos que você me ligue desmarcando. Às sete, aqui.

– Ok, certo. Vou olhar a agenda quando recuperar a capacidade de pensar. Mas...

– Às sete – repetiu Jack, e a beijou mais uma vez. – Se precisarmos conversar, vamos conversar.

– Talvez tenha que ser em frases curtas, assertivas e palavras de uma ou duas sílabas.

– Que seja. – O sorriso que ele lhe lançou fez surgir uma nova onda de calor na barriga dela. – Precisa levar alguma coisa daqui?

– Preciso, mas não consigo lembrar o quê. Só um segundo. – Enfiou as mãos no cabelo, fechou os olhos. – Ah, claro, essas e essas outras. Mas agora você tem mesmo que ir embora. Não vou conseguir trabalhar se ficar pensando em você, nesses beijos, em sexo, nada disso.

– E eu não sei? Às sete – repetiu ele e a ajudou a levar as flores para fora.

– Eu... volto a falar com você sobre isso – disse-lhe Emma quando ele pôs as flores na sua bancada de trabalho. – Assim que estiver menos... ocupada.

– Ótimo. – Aqueles olhos cinzentos e quentes se detiveram nela apenas um instante a mais. – Até qualquer hora, Tink.

– Ah, com certeza – respondeu ela, ajeitando mais uns poucos caules enquanto Jack saía e depois enfiando-os no recipiente que os prenderia. – Quando você e Jack começaram com isso?

– Com o quê? Ah, Tink! – Balançando a cabeça, Emma se virou para as prateleiras para escolher o recipiente adequado para o arranjo da lareira que tinha planejado. – Nós não...

– Se você me disser que ele não lhe deu o maior beijaço quando estavam lá nos fundos, vou afirmar que você é uma mentirosa.

– Não entendo por que você... – Idiota, disse Emma consigo mesma, estendendo a mão para pegar a espuma floral. – Como você sabe?

– Porque seus olhos ainda estavam meio vidrados quando vocês voltaram. E ele parecia um cara que tinha conseguido umas poucas migalhas quando estava preparado para dar uma mordida bem grande.

– Mordida. Rá, rá!

– Por que vocês não estão juntos? Ele é tão legal.

– Eu... Nós... Sabe, sexo não é uma coisa que me incomode. Quero dizer, falar sobre sexo, pois, se fazer sexo mesmo não mexe com você um pouquinho que seja, é porque tem alguma coisa errada. Mas isso me incomoda.

Tink assentiu com ar sensato, prosseguindo com seu trabalho.

– Passar de amigos a "algo mais" tem uma vantagem: você sabe para quem está tirando a roupa.

– Isso é verdade. Mas pode ser bem estranho, sabe? Depois.

– Só se um dos dois for um babaca – disse Tink toda animada, fazendo mais uma bola de chiclete. – Então, o meu conselho é: não seja babaca.

– De um jeito meio estranho, você tem razão – retrucou Emma, mergulhando a esponja na água. – Preciso ver uma coisa na minha agenda.

– Ok. Vou marcar essa transa para hoje à noite – disse Tink às costas de Emma. – Amanhã você vai ser a feliz senhora das flores.

Acertou de novo, pensou Emma.

Pela agenda, viu que tinha a noite livre. Havia marcado a data com um grande X depois das cinco da tarde – seu jeito de lembrar a si mesma que não devia aceitar convites para sair. Era trabalho demais para ainda ter um encontro.

Mas aquilo não ia ser exatamente um encontro, concluiu. Ele passaria lá, trazendo alguma coisa para comerem, e então... veriam. Não precisava trocar de roupa ou pensar no que deveria usar, nem...

Quem ela achava que estava enganando? É claro que tinha que se preocupar com o que usar. O que quer que fosse acontecer com Jack não ia acontecer com ela usando aquelas roupas de trabalho e com as unhas verdes de tanto mexer em caules e folhas.

Além do mais, precisava pôr flores frescas e velas no quarto. E ficaria mais relaxada se pudesse tomar um belo banho de espuma. Escolher a roupa era fundamental para uma noite como aquela. E não só o que ficaria por cima, mas também o que ficaria por baixo.

Fechou a agenda.

Pensando bem, um encontro que não era exatamente um encontro dava mais trabalho que um de verdade.

Apressou-se em voltar para as flores. Tinha que terminar o trabalho do dia, dar o melhor de si à cliente. E ainda por cima precisava de muito tempo livre antes das sete para deixar tudo perfeito, mas parecendo absolutamente natural.

capítulo nove

Pôs um vestido de estampa alegre. Casual, simples e sensível para combinar com um suéter curto, decidiu Emma.

A roupa de baixo é que era fatal.

Satisfeita com o resultado, deu mais uma última olhadinha no espelho antes de dar uma inspecionada geral no quarto. Velas para uma iluminação mais suave e acolhedora, lírios e rosas para impregnar o ar com cheiro de romance. O som também já estava preparado para tocar uma seleção de músicas calmas e românticas.

Tinha afofado os travesseiros e fechado as cortinas.

Decididamente tinha ali um reduto de sedução feminina. E estava orgulhosa de sua criação.

Agora, só faltava o homem.

Desceu para verificar se tudo estava mesmo bem preparado. Vinho, taças, velas, flores. A música desse ambiente também permaneceria baixa, mas escolheu um ritmo mais animado que o reservado lá para cima. Ligou o som, ajustou o volume, depois foi acender as velas previamente distribuídas pela sala.

Tomariam vinho e conversariam, pensou. Depois comeriam e continuariam conversando. Conversar nunca fora um problema para eles. Apesar de saberem como a noite ia acabar – talvez justamente por isso –, poderiam conversar, relaxar e simplesmente aproveitar a companhia um do outro antes de...

Quando a porta se abriu, Emma deu meia-volta, com os nervos à flor da pele. Era Laurel.

– Oi, Em, pode me ajudar a juntar... – Laurel se interrompeu e ergueu as sobrancelhas, dando uma boa olhada na sala. – Vai ter um encontro. Um encontro com direito a sexo!

– O quê? O que há de errado com você? De onde tirou essa...

– Há quanto tempo nos conhecemos? Desde sempre. Tem velas novas pela casa. E música para as preliminares.

– Estou sempre pondo velas novas; e gosto dessa seleção de músicas.

– Então deixe-me ver que calcinha e sutiã está usando.

Emma deu uma gargalhada.

– Não. Queria minha ajuda para que mesmo?

– Isso pode esperar. Aposto 20 pratas que está usando lingerie sexy. – Laurel se aproximou decidida e começou a puxar o vestido da amiga até que esta empurrou sua mão.

– Pare com isso.

– Você tomou um banho de espuma daqueles que significam "hoje tem" – prosseguiu Laurel, farejando-a. – Estou sentindo o cheiro.

– E daí? De vez em quando tenho encontros. E às vezes com direito a sexo. Sou uma mulher

adulta. Não tenho nada com isso se você não faz sexo há pelo menos seis meses.

– Cinco meses, duas semanas e três dias. Mas quem liga para isso? – Laurel parou de falar, inspirou exageradamente, apontou para Emma e então disse: – Você vai ter um encontro sexual com Jack.

– Pare. Quer parar com isso? Está me deixando nervosa.

– Quando é que ele chega? Qual é o plano?

– Daqui a pouco, e ainda estou montando meu plano. Mas ele não inclui você aqui. De jeito nenhum. Vá embora.

Ignorando a ordem, Laurel cruzou os braços.

– Está com a lingerie branca que diz "sou uma boa moça, mas também posso ser má" ou a preta que sugere "só estou usando isso para que você arranque, garotão"? Preciso saber!

– É a vermelha, com rosas pretas – disse Emma, olhando para cima.

– Vamos precisar chamar os paramédicos. Se estiver viva amanhã, tem como fazer três miniarranjos para mim? Pode ser com flores do campo. Vou ter uma reunião e um ar primaveril pode dar o tom do que acredito ser o desejo dessa cliente.

– Claro. Agora vá embora.

– Estou indo. Já estou indo.

– No caminho de casa, vai parar para contar a Mac e em seguida a Parker.

Laurel se deteve diante da porta e pôs para trás uma mecha de cabelo que lhe caía no rosto.

– Óbvio. E vou perguntar à Sra. G se pode fazer omelete para o café da manhã, quando você nos contará todos os detalhes.

– Vou ter um dia cheio amanhã.

– Eu também. Às sete tomamos café e teremos o boletim sexual. Boa sorte hoje à noite.

Resignada, Emma suspirou e decidiu não esperar por Jack para tomar a primeira taça de vinho. O problema das amigas, pensou a caminho da cozinha, é que elas nos conhecem bem demais. Não há segredos entre...

Parou com a garrafa na mão. Jack era um amigo. Jack a conhecia muito bem. Será que ele...? E se ele...?

– Que merda!

Serviu-se de uma generosa taça de vinho. Mas antes que pudesse tomar o primeiro gole, ouviu alguém bater à porta.

– Tarde demais – murmurou.

Era tarde para mudar o que quer que fosse. Teria que ver no que ia dar e lidar com as consequências.

Deixou o vinho e foi atender.

Ele também tinha trocado de roupa, observou Emma. O jeans tinha sido substituído por uma calca cáqui; a camisa de cambraia dera lugar a uma mais alinhada. Nas mãos, tinha uma sacola grande do restaurante chinês de que ela mais gostava e uma garrafa do seu Cabernet favorito.

Que fofo, pensou Emma. Certamente era uma das vantagens de serem amigos.

– Você estava falando sério quando disse que traria o jantar – comentou ela, pegando a

sacola. – Obrigada.

– Sei que gosta de escolher um pouquinho, pouquinho mesmo, de cada coisa. Por isso trouxe um jantar bem sortido. – Ele a segurou pela nuca e se inclinou para beijá-la. – Oi de novo.

– Oi. Tinha acabado de me servir uma taça de vinho. Quer também?

– Aceito. Como foi o trabalho? – perguntou ele, seguindo-a até a cozinha. – Estava bem atarefada mais cedo, quando estive aqui.

– Já acabamos. Os próximos dias vão ser bem corridos, mas também vamos dar conta. – Emma encheu outra taça e a ofereceu a Jack. – E a sua cozinha de verão?

– Vai ficar o máximo. Não sei se os clientes vão usá-la para valer, mas vai ser fantástica. Tenho que falar com você das obras daqui. Da sua segunda câmara fria. Deixei uns esboços preliminares com a Parker quando passei aqui, e o projeto para Mac está finalizado. Depois de passar um tempinho na sua câmara fria hoje, ficou fácil entender por que precisa de outra. Gostei do vestido.

– Obrigada. – Olhando para ele, deu uma bicadinha no vinho. – Imagino que tenhamos outras coisas para conversar também.

– Por onde quer começar?

– Continuo achando um exagero, mas percebi que na verdade são só duas coisas, e as duas surgem do mesmo ponto. Somos amigos. Somos, não somos, Jack?

– Somos, sim, Emma.

– Então, em primeiro lugar, acho que amigos devem falar a verdade um para o outro. Ser honestos. Se nos dermos conta, depois dessa noite, de que não foi como esperávamos, ou se um de nós achar que foi bom, mas que já deu, temos que dizer ao outro. Sem ressentimentos.

Foi sensata, direta, não fez rodeios ou ficou disfarçando. Perfeita.

– Por mim, tudo bem.

– Em segundo lugar, temos que continuar amigos – prosseguiu Emma, olhando para ele enquanto falava, com ar de preocupação. – Isso é o mais importante. Seja como for, o que quer que aconteça, temos que nos prometer que continuaremos a ser amigos. Não é só por você e por mim, mas por todos que estão ligados a nós. Podemos dizer que isso é só sexo, Jack, mas nunca é. Gostamos um do outro; nos importamos um com o outro. Não quero que nada mude isso.

Ele passou a mão pelo cabelo dela.

– Quer selar um juramento com sangue ou cuspe? – perguntou ele, fazendo-a rir. – Eu prometo, Emma. Porque você está certa. Amigos. – Ele beijou suas bochechas, depois encostou de leve os lábios nos dela.

– Amigos. – Emma repetiu os gestos dele e se viram frente a frente, olhos nos olhos, com os lábios quase se tocando. – Jack? Como não aconteceu nada entre nós todos esses anos?

– Não faço a menor ideia. – Seus lábios tomaram os dela novamente, e ele a pegou pela mão. – Estávamos na praia – principiou ele, encaminhando-a para a escada.

– O quê?

– Tínhamos ido passar uma semana na praia. Todos nós. Um amigo do Del nos emprestou a

casa, a casa dos pais, imagino, nos Hamptons. Acho que foi no verão anterior à criação da empresa de vocês.

– Ah, sim, eu lembro. Foram umas férias ótimas.

– Certa manhã, bem cedinho, como não estava conseguindo dormir, fui andar na praia. E vi você. Por um minuto, não, um segundo ou dois na verdade, não me dei conta de que era você. Estava com uma canga colorida amarrada na cintura e o vento a soprou revelando as suas pernas. Por baixo, estava usando um biquíni vermelho.

– Você... – Emma precisou literalmente reprimir um suspiro. – Você se lembra do que eu estava vestindo?

– Lembro, sim. E lembro que seu cabelo estava mais comprido do que hoje em dia, batendo no meio das costas. Seus cachos indomáveis balançavam com o vento. Estava descalça. Toda aquela pele dourada, as cores selvagens, os cachos rebeldes... quase fizeram meu coração parar de bater. Pensei: essa é a mulher mais linda que eu já vi. E desejei aquela mulher de um jeito que eu nunca tinha desejado nenhuma outra antes.

Ele se deteve e se virou um pouco, ao passo que Emma continuava fitando-o.

– Então percebi que era você. Você foi andando em direção à praia, com a espuma da água passando pelos seus pés descalços, batendo em seus tornozelos, nas panturrilhas. E desejei você. Pensei que fosse perder a cabeça.

Emma percebeu que não seria capaz de prender a respiração por muito mais tempo. Não seria capaz de pensar. Não queria pensar.

– Se tivesse se aproximado e me olhado do jeito que está me olhando agora, eu teria sido sua.

– Valeu a pena esperar. – Ele lhe deu um beijo demorado, lento, profundo, depois foi com ela até o quarto. – Que lindo! – disse ele, quando notou as flores e as velas.

– Acho que até amigos precisam ser paparicados. – Como isso a acalmaria e criaria um clima, começou a acender as velas.

– Ficou ainda melhor – disse, sorrindo quando ela ligou o som.

Emma se virou para ele, lá do outro lado do quarto.

– Vou ser honesta com você, Jack, como prometemos fazer. Tenho um fraco por histórias românticas, por rituais, por gestos. Também tenho um fraco por paixão, dessas fulminantes e doidas. Quero você das duas formas. E esta noite, serei sua, do jeito que você quiser.

Aquelas palavras e Emma ali de pé, iluminada pela luz das velas, o deixaram inteiramente seduzido.

Jack foi andando em sua direção, e ela fez o mesmo. Encontraram-se no meio do quarto. Ele passou os dedos pelo seu cabelo, afastando-o do rosto e, bem devagar, baixou a cabeça, procurando seus lábios. Essa noite faria tudo o que estivesse ao seu alcance para explorar os fracos de Emma.

Ela cedeu, o corpo lânguido, inteiramente rendido, e correspondeu àquele beijo. O calor ia ficando mais intenso, e o desejo crescia só de pensar no que viria pela frente. Quando ele a ergueu para levá-la para a cama, aqueles olhos escuros pareciam inebriados.

– Quero tocar cada parte do seu corpo com o qual venho sonhando. – Lentamente, enfiou a

mão por baixo do vestido dela e foi subindo pela coxa. – Cada parte do seu corpo.

Beijou-a mais uma vez, agora com um desejo de posse, enquanto seus dedos roçavam a pele dela por cima da renda que mal a cobria. Ela se curvou ao seu toque, oferecendo mais.

Os lábios de Jack vieram descendo pelo seu pescoço, entre sussurros, e ele começou a tirar seu suéter. Depois, num movimento rápido, brusco, ele a virou para morder seu ombro. Quando a ergueu para abrir o zíper do vestido, Emma virou a cabeça para trás, com um sorriso cheio de segredos.

– Quer ajuda?

– Acho que consigo.

– Também acho. E, já que não estou em condições de fazer isso eu mesma, tire a camisa.

Ele obedeceu, sob o olhar dela.

– Sempre gostei de ver você andando por aí sem camisa no verão. Agora estou gostando ainda mais. – Emma se virou de novo. – Tire a minha roupa, Jack. E toque o meu corpo. Inteiro.

Sob o seu corpo, ela se mexia, com movimentos lânguidos e provocantes, enquanto ele tirava seu vestido pela cabeça. Emma sentiu um prazer enorme ao ver os olhos dele percorrendo todo o seu corpo.

– Você é fantástica – disse Jack, acompanhando com os dedos as bordas da renda vermelha, as minúsculas pétalas pretas. – Talvez eu demore um pouco.

– Não temos pressa.

Quando ele baixou a cabeça novamente, Emma se deixou levar pela sensação de estar sendo explorada.

Centímetro a centímetro, dissera ele, e Jack era um homem de palavra. Ele foi tocando, provando, levando todo tempo do mundo até que os arrepios de Emma viraram tremores e o ar perfumado ficou mais espesso.

Curvas generosas, pele dourada à luz das velas, o cabelo espalhado pela cama em cachos exuberantes de seda preta. Jack sempre tinha reparado na beleza de Emma, mas naquela noite ela era um banquete, disposta a deixá-lo saboreá-la.

Cada vez que Jack voltava àqueles lábios macios e atraentes, ela cedia um pouco mais. Ele a ergueu, bem devagar, sentiu que ela subia e subia, depois se esticou toda e voltou a se deitar.

Viu-se inundada por uma sensação doce, quente, adorável.

– Agora é minha vez – disse Emma, erguendo-se para passar os braços pelo pescoço dele, colar os lábios nos seus.

Foi mudando de posição, tocando seu corpo por toda parte. Agora era ela que explorava aqueles ombros fortes, o peito firme, a barriga rija. E começou a baixar o zíper da calça para deixá-lo inteiramente nu.

– É melhor...

– Pode deixar – disse Emma.

Pegou uma camisinha na mesa de cabeceira. Demorou-se lhe dando prazer com o próprio ato de pôr o preservativo. Suas mãos e seus lábios pousavam em cada músculo que estremecia, até que ele a agarrou pelo cabelo e a puxou para si.

– Agora.

– Agora.

Ela deslizou para baixo, curvou o corpo e fez com que ele a penetrasse.

Um arrepio a percorreu inteira, forte, intenso, fazendo seu sangue ferver, quando ela começou a se mexer. Fez isso bem devagar, para extrair cada gota de prazer, com os olhos sempre pregados nos dele.

Jack a agarrou pelos quadris, lutando para deixá-la prosseguir naquele ritmo torturante. Ao passar as mãos por aquele corpo em glorioso abandono, seu desejo só fazia aumentar diante daquela visão. A pele de Emma brilhava como poeira de ouro, incandescente, e aqueles olhos de veludo negro reluziam à luz bruxuleante. Seu coração batia como tambores selvagens enquanto ela fazia o que bem entendia. Envolvendo-o com os braços, ela estava toda trêmula.

Jack se ergueu e a virou de frente. Ao ver que ela tinha se assustado, empurrou seus joelhos para cima.

– Agora é a minha vez.

Deixou para lá o controle.

Aquele prazer lânguido, que aumentava aos poucos, explodiu em verdadeiro frenesi. Emma soltou um gritinho de espanto quando ele começou a penetrá-la com movimentos rápidos e fortes. Rendida, excitada, ia correspondendo passo a passo. Veio então o orgasmo, que a preencheu completamente, e depois a deixou vazia.

Ficou deitada ali, desamparada, estremecendo, enquanto Jack prosseguia até gozar.

Ele deixou o corpo cair sobre o dela, inerte. Sentiu que ela tremia debaixo dele. Sentiu os batimentos acelerados do seu coração e mesmo assim ela ergueu a mão para acariciar suas costas, num gesto de afeto que era a cara de Emma.

Jack cerrou os olhos por um instante. Tinha perdido o fôlego e provavelmente a cabeça. Ficou ali respirando Emma, absorvendo a sensação do seu corpo, agora inteiramente relaxado, sob o dele.

– Bom, já que prometemos ser honestos – começou Jack. – Devo dizer que não foi lá essas coisas.

Ali debaixo, ela riu e beliscou a bunda dele.

– É, que pena. Acho que não temos química.

Ele deu um risinho e ergueu a cabeça.

– Nenhuma química mesmo. Por isso explodimos o laboratório.

– Laboratório... Caramba, pusemos o prédio abaixo. – Emma soltou um suspiro longo e profundo, deslizando as mãos para baixo. – Nossa, você tem uma bunda linda, se é que posso dizer isso.

– Claro que pode. E fique sabendo, querida, você também.

– Olhe só para nós – disse ela, sorrindo.

Ele a beijou de mansinho e a beijou de novo de um jeito levemente carinhoso.

– Está com fome? Eu estou faminto. Que tal comida chinesa fria?

– Por mim está ótimo.

Comeram na bancada da cozinha, pegando o macarrão, a carne de porco com molho agridoce e o frango xadrez direto das caixas de papelão.

– Por que você come assim?

– Assim como?

– Em porções microscópicas.

– Bem – disse Emma, enrolando um único fio de macarrão enquanto ele enchia sua taça de vinho. – Comecei com isso para implicar com meus irmãos e acabou se tornando um hábito. Cada vez que ganhávamos alguma guloseima, um sorvete, uma bala, ou qualquer outra coisa, eles comiam de uma vez só a parte deles. E ficavam loucos quando viam que eu ainda tinha a minha. Aí eu começava a comer mais lentamente para fazer render, o que os deixava ainda mais furiosos. De toda forma, agora como menos e, desse jeito, aproveito mais.

– Aposto que sim. – Jack enfiou na boca o garfo com uma enorme quantidade de macarrão. – Sabe, sua família faz parte do seu charme.

– Ah, é?

– Sua família provavelmente explica em parte o motivo de você ser tão atraente, quero dizer, são todos... fantásticos – concluiu, sem encontrar uma palavra melhor. – São todos fantásticos.

– Tenho sorte. De nós quatro... bem, nós seis, se contarmos você e Del, sou a única que ainda tenho a família toda. Os Browns eram maravilhosos. Você não chegou a conhecê-los direito, mas, quando criança, eu passava tanto tempo aqui quanto em casa. E eles eram maravilhosos. Ficamos todos arrasados quando eles morreram.

– Del estava devastado. Eu gostava muito deles. Eram divertidos e interessantes. Pessoas envolventes. Perder os pais tão de repente, os dois, de um dia para o outro, deve ser terrível. O divórcio dos pais é bem difícil para uma criança, mas...

– É duro. Foi brabo para Mac viver isso, e depois acontecer de novo. E mais uma vez. Para Laurel, acho que foi uma bênção. Ela era adolescente, e do nada os pais se separaram. Ela quase nunca os vê. Também não deve ter sido fácil para você.

– Foi duro, mas poderia ter sido bem pior. – Ele deu de ombros e comeu mais um pouco. Aquele não era um assunto no qual ele gostava de se estender. Para que ficar falando a respeito de algo tão doloroso e que não podia ser mudado? – Tanto meu pai quanto minha mãe fizeram um grande esforço para não me pôr um contra o outro, e conseguiram manter as coisas entre eles civilizadas. E acabaram conseguindo estabelecer uma relação cordial.

– Os dois são gente boa e amam você. É isso que importa.

– Estamos nos saindo bem. – Ele tinha aprendido que "se sair bem" por vezes tinha que ser o suficiente. – Além disso, acho que a distância ajuda. Minha mãe tem uma segunda família, meu pai também. – Seu tom parecia tranquilo, embora ele nunca tivesse conseguido lidar bem com o fato de cada um ter seguido seu caminho e ido viver sua vida. – Tudo ficou mais fácil quando entrei para a faculdade. E mais ainda quando decidi me mudar para cá.

Tomou um gole de vinho olhando para ela.

– Sua família, por outro lado, é como uma daquelas bolas feitas com elásticos, com todos entrelaçados, formando um núcleo sólido. – Pensou por um instante. – Vai contar a eles o que aconteceu?

Emma piscou.

– Ah, não sei. Se me perguntarem... Mas não sei por que algum deles o faria.

– Talvez fosse um pouco embaraçoso.

– Eles gostam de você. E sabem que faço sexo. Talvez fiquem surpresos. Quero dizer, eu estou surpresa. Mas não acredito que isso seja um problema.

– Que bom. Isso é bom.

– As meninas não acharam nada de mais.

– As meninas? – Aqueles olhos cor de fumaça se arregalaram. – Contou a elas que íamos transar?

– Somos mulheres, Jack – disse Emma.

– Verdade.

– E eu achava, antes, que você e Mac já tinham ficado.

– Ei!

– Bem, era o que eu achava, então, tive que falar com ela por causa da regra, mas esclarecemos essa história e todas ficaram sabendo que para mim Jack e sexo eram elementos que podiam conviver perfeitamente na mesma frase.

– Nunca transei com Mac.

– Agora eu sei disso. Mas eu não sabia que você tinha beijado a Parker.

– Foi há muito tempo. E não foi exatamente... Ok, foi um beijo, mas não funcionou – disse ele, pondo mais um pedaço de carne de porco na boca.

– *E* também beijou a Sra. G. Seu galinha.

– Isso, sim, poderia ter dado certo. Acho que não tivemos tempo suficiente.

Emma sorriu e pegou um pouquinho do frango.

– O que Del acha?

– De eu ter beijado a Sra. Grady?

– Não. De você e eu. Disso aqui.

– Não sei. Não sou mulher.

Ela se deteve com a taça a meio caminho da boca.

– Você não falou sobre isso com ele? Mas é o seu melhor amigo.

– Meu melhor amigo ia querer arrebentar minha cara se sonhasse que eu pensava em tocar você. Imagine se soubesse a respeito do que acabamos de fazer lá em cima.

– Ele também sabe que eu faço sexo.

– Não tenho certeza disso. Para ele, é como se isso ficasse em outra dimensão. Em outra dimensão, Emma faz sexo. – Jack balançou a cabeça. – Então, não acho que ele saiba de verdade.

– Se formos continuar com essa história, não vou lidar com isso como se fosse um caso ilícito. Ele vai acabar sabendo. É melhor você lhe dizer alguma coisa, antes que ele descubra. Porque, se não contar e ele descobrir, *aí sim* ele vai querer arrebentar a sua cara.

– Vou achar um jeito de fazer isso. Só tem mais uma coisa, já que estamos falando sobre o assunto. Como estamos juntos dessa forma, gostaria de saber que não estamos juntos com mais ninguém dessa mesma forma. Isso para você é um problema?

Emma tomou um gole de vinho tentando entender por que ele precisava perguntar aquilo.

– Quer selar um juramento com sangue ou cuspe? – Quando ele riu, ela sorveu mais um pouco. – Se estou com um homem, não saio com mais ninguém. Isso não apenas é grosseiro e contrário aos meus princípios, como também pode gerar muitos problemas.

– Ótimo. Então somos só você e eu.

– Só você e eu – repetiu ela.

– Preciso estar no trabalho às sete.

Pronto, já começou, pensou Emma. Levanto cedo amanhã, querida. Foi maravilhoso. Ligo para você.

– Se importa se eu ficar, já que vou ter que acordar por volta das cinco?

Emma deu um sorriso.

– Não, não me importo.



Quando finalmente foram vencidos pelo sono, Jack descobriu que Emma gostava de dormir aconchegada. Era o tipo de mulher que ficava coladinha, abraçada com o parceiro.

Ele normalmente era um homem que gostava de ter seu espaço. Isso não permitia que se visse preso, de forma literal ou metafórica.

No entanto, descobriu que, sob tais circunstâncias, aquilo não importava.

Emma dormiu como uma pedra. Em um minuto passou do estado de alerta para o sono profundo. Já ele ia se desligando aos poucos, repassando os acontecimentos do dia e programando os do dia seguinte, enquanto o corpo relaxava.

Então deixou-se ficar pensando. Emma estava com a cabeça aninhada na curva do seu ombro, o braço passado pela sua cintura e uma perna entre as suas.

Umas seis horas depois, ele acordou, quase na mesma posição, com o alarme do celular tocando. Sentiu o cheiro do cabelo de Emma, o que fez com que ela fosse o primeiro pensamento consciente do seu dia.

Tentou se afastar sem acordá-la, o que a fez se aconchegar ainda mais. Tentou de novo, apesar de seu corpo ter respondido àquele gesto com alegria.

– Hum? – murmurou Emma.

– Desculpe, tenho que ir.

– Que horas são?

– Um pouco depois de cinco.

Ela bocejou de novo, depois moveu-se para encostar os lábios nos de Jack.

– Ainda posso dormir mais uma hora. Pena que você não.

Jack tinha conseguido mudá-la de posição, ficando cara a cara com ela, que lhe fazia um carinho lento e preguiçoso na bunda.

– Tem duas coisas que considero realmente vantajosas neste instante.

– Quais?

– Uma é ser o chefe, o que significa que não serei despedido por chegar atrasado. A outra é um hábito que tenho de ter sempre uma muda de roupa no porta-malas. Se eu for direto daqui, ganho quase uma hora.

– Bem conveniente. Quer café?

– Vou querer, sim – respondeu Jack, rolando para cima dela.

capítulo dez

Enquanto tiffany cuidava de outra embalagem para entrega, Emma terminava o terceiro buquê com amarração artesanal. Adorava a combinação de tulipas, ranúnculos e hortênsias. E embora entremear os fios com pequenos cristais nas flores estivesse acabando com seus dedos, sabia que tinha feito bem em sugerir isso. Também tinha acertado na ideia de usar renda e pérolas para envolver os caules.

Com todos aqueles passos, os detalhes, a precisão requerida, e mesmo com sua experiência, cada buquê levou quase uma hora para ficar pronto. Pensou então que era uma privilegiada por desfrutar de cada minuto daquilo que fazia.

Para ela, não existia trabalho melhor no mundo. E, nesse exato instante, quando começava a montagem do buquê seguinte e Tiffany trabalhava em silêncio do outro lado da bancada, com uma música e o perfume impregnando o ar, sentiu-se a mulher mais sortuda do planeta.

Manipulava as flores, acrescentando tulipas em várias alturas, fazendo ajustes, intercalando ranúnculos para criar a forma que desejava. Depois, as pérolas davam o tom brilhante que queria. E assim o tempo ia passando.

– Quer que eu comece a fazer os arranjos de mesa?

– Hein? – perguntou Emma, erguendo a cabeça. – Ah, desculpe, estava viajando aqui. O que disse?

– Estão muito bonitos com todas essas texturas. – Enquanto admirava o trabalho, Tiffany tomava um gole d'água. – Ainda falta um depois desse. Se quiser, posso começar a fazer, mas não sou muito boa na amarração dos buquês. Posso fazer os centros de mesa. Tenho a lista e o modelo.

– Vá em frente. – Emma atou os caules e cortou o excesso de plástico com um alicate. – Tink ainda não chegou... Já devia estar aqui, está atrasada. – Trocou o alicate por uma tesoura de poda e cortou os caules. – Se você puder fazer os centros de mesa, vou encarregá-la de começar os arranjos para os pedestais.

Emma envolveu os talos na renda e fez o acabamento com as pérolas. Pôs o buquê no vaso e o levou para a câmara fria e depois foi lavar as mãos de novo, para começar a fazer o último buquê.

Quando Tink chegou, bebendo refrigerante direto da garrafa, Emma se limitou a erguer as sobrancelhas.

– Está atrasada. Blá-blá-blá – zombou Tink. – Ficarei até mais tarde se precisar de mim. – E bocejou. – Fui deitar, quer dizer, dormir, depois das três. Sabe aquele cara? O Jake? É o Homem de Aço, em todos os bons sentidos. Então, hoje de manhã... – Tink se interrompeu, soprou uma mecha de cabelo cor-de-rosa que lhe caiu no rosto e inclinou a cabeça. – Mais

alguém se deu bem essa noite. Jack, não é? Maneiro!

– Posso ter me dado bem, mas já terminei quatro buquês. Se quiser continuar a ter dinheiro para comprar refrigerante, melhor começar o seu trabalho.

– Está certo. Ele é tão bom quanto parece?

– Não estou reclamando, estou?

– Quem é Jack? – quis saber Tiffany.

– Você sabe. É aquele que tem uma bunda linda e olhos cinzentos – disse Tink indo lavar as mãos.

– *Esse* Jack? – Boquiaberta, Tiffany parou, com uma hortênsia nas mãos. – Uau! Não estava sabendo de nada!

– Ainda é novidade, está sabendo em primeira mão. Vão repetir? – perguntou Tink.

– Ao trabalho – murmurou Emma. – Veio aqui para trabalhar.

– Vão – concluiu Tink. – Lindo buquê – acrescentou. – As tulipas parecem ter vindo do planeta Zorth, mas são bem românticas. Por onde devo começar?

– Pelos arranjos para pedestal que vão ficar na varanda. Vai precisar...

– De hortênsias, tulipas e ranúnculos – interrompeu-a Tink, remexendo nas flores e folhas, lembrando a Emma o motivo de tê-la contratado.

Às cinco, dispensou Tiffany, deixou Tink fazendo seu trabalho mágico com as flores e parou para descansar as mãos e clarear a mente. Foi até o estúdio de Mac.

A amiga vinha saindo, com a bolsa da máquina fotográfica pendurada no ombro e uma lata de Coca-Cola Zero na mão.

– Às cinco e meia temos ensaio! – gritou Emma.

– Estou indo para lá. – Mac caminhou até ela.

– Pode contar à noiva que os arranjos de amanhã estão incríveis, se me permite dizer. – As duas se encontraram no meio do caminho. – Foi um longo dia e amanhã tem mais.

– Ouvi dizer que a Sra. G fez lasanha. Uma quantidade enorme. Carter e eu estamos pensando em encher a cara.

– Estou dentro. Na verdade, pensar em lasanha me deixa inspirada. Tink está terminando a parte dela. Vou dar uma ajuda a você e Parker com o ensaio, depois, mais tarde, compenso essa uma hora ou duas que tiver gastado.

– É uma boa ideia.

Emma olhou para si mesma, com aquelas roupas de trabalho.

– Estou muito desarrumada?

Mac deu uma boa inspecionada na amiga enquanto tomava um gole da Coca.

– Está com cara de quem teve um dia cansativo. A noiva vai ficar empolgada com você.

– Acho que está certa. Não quero ir me limpar sabendo que depois vou ter que voltar a me trocar. – Deu o braço para Mac e dirigiram-se para a mansão. – Sabe o que eu estava pensando hoje? Que sou a mulher mais sortuda do mundo.

– Jack é tão bom assim? Soltando uma gargalhada, Emma bateu com o quadril no de Mac.

– É, sim, mas estava pensando em outra coisa. Estou cansada, minhas mãos estão doloridas, mas passei o dia todo trabalhando no que amo. Recebi uma ligação hoje de tarde depois de ter

enviado minhas flores para o evento que organizamos fora daqui, o chá de bebê, sabe? A cliente estava exultante ao telefone, disse que teve que ligar assim que viu as flores para me dizer como estavam fantásticas. Quem mais recebe tantos elogios, Mac? – Ela suspirou e ergueu o rosto em direção ao sol. – Esse trabalho nos dá muita alegria.

– Embora em geral eu concorde, é disso que eu gosto em você. Você consegue esquecer todas as Noivas Monstro, todas as Mães Loucas, todos os Padrinhos Bêbados, todas as Madrinhas Vadias e só se lembra das coisas boas.

– É que normalmente tem mais coisas boas.

– Verdade. Apesar do pesadelo que foi a sessão de fotos de noivado de hoje. Antes que eu pudesse tirar a primeira foto, o casal feliz teve uma briga horrorosa. Meus ouvidos ainda estão doendo.

– Odeio quando isso acontece.

– Odeia? Gritos, lágrimas, saídas bruscas, voltas súbitas. Acusações, ameaças, ultimatos. Mais lágrimas, desculpas, maquiagem desfeita, vergonha e uma terrível sensação de constrangimento. Eles arruinaram o meu dia. E, ainda por cima, por causa dos olhos vermelhos e inchados, tivemos que remarcar a sessão.

– De toda forma, esse drama todo faz o dia ficar mais interessante. E agora, é isso aí. – Emma apontou para o noivo do dia seguinte que vinha se aproximando da casa brincando de rodar no ar sua futura esposa.

– Merda. Estão adiantados. Continue andando, continue andando – murmurou Mac passando a latinha para Emma e tirando a câmera da bolsa.

– Estão ansiosos para que chegue o dia – observou Emma. – E felizes.

– São encantadores – acrescentou Mac, ajustando o zoom para fazer algumas fotos. – Falando em encanto, olhe só quem acabou de estacionar.

– Ah – exclamou Emma que, ao reconhecer o carro de Jack, instantaneamente pôs a mão no cabelo.

– Ele já viu você em dias piores.

– Ah, muito obrigada. Nós dois íamos ter um dia muito atarefado, por isso, não esperava...

Ele estava tão bonito... com aquela calça cáqui e uma camisa de algodão listrada, o que significava que tinha se reunido com clientes e trabalhado no escritório, e não visitado obras. O porte elegante, o cabelo brilhando à luz do sol, o sorriso rápido e fascinante, tudo contribuía para que... humm.

– Minha bunda fica muito grande com essa calça – sussurrou para Mac. – Não me importo, porque ela é só para trabalhar, mas...

– Ela não deixa sua bunda grande coisa nenhuma. Eu diria se deixasse. Sabe o moletom vermelho estilo corsário? Ele deixa sua bunda grande.

– Lembre-me de queimá-lo. – Emma devolveu a lata de refrigerante para Mac e abriu um sorriso quando Jack se aproximou.

– Oi, meninas.

– Cara – respondeu Mac –, preciso voltar ao trabalho. Vejo vocês depois.

E foi embora.

– É um ensaio – explicou Emma.

– Você não tem que participar?

– Só vou dar uma ajuda. Já terminou seu trabalho por hoje?

– Já. Tive que encontrar um cliente que mora perto daqui, então eu... Estou atrapalhando?

– Não. Não – disse ela afobada, ajeitando o cabelo. – Só estava descansando um pouco, e pensei em ajudar no ensaio caso precisassem de mim para alguma coisa.

Jack enfiou as mãos nos bolsos.

– Estamos meio estranhos um com o outro.

– É verdade. Estamos. Vamos parar com isso. Venha cá. – Ela ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo decidido. – Estou feliz que tenha passado aqui. Estou trabalhando desde as oito horas e queria dar uma parada. A Sra. G fez lasanha. Fica para o jantar?

– Claro.

– Então, por que não joga um charme para cima dela, toma uma cerveja e nos vemos lá dentro assim que tivermos terminado?

– Vou fazer isso. – Ele pôs as mãos no rosto de Emma e se inclinou para beijá-la de novo. – Você tem cheiro do seu material de trabalho. É muito bom. Nos vemos lá dentro.

Quando se afastaram, ela deu um sorriso.

Emma entrou na mansão e sentiu o delicioso aroma do jantar da Sra. Grady, que dava uma bela e irreverente risada. Aquela combinação aumentou ainda mais seu bom humor. Ouviu que Jack estava contando o que parecia ser o finalzinho de uma história de trabalho.

– Então, quando entendeu, ela disse: "Ah, mas você não pode simplesmente *mudar* o lugar da porta?"

– Ela não fez isso!

– Acha que eu mentiria para você?

– Todos os dias e duas vezes aos domingos. Você mudou a porta de lugar?

– Mudamos, o que vai custar o dobro do preço do armário pelo qual ela se apaixonou. Mas é o cliente quem manda.

Ele tomou um gole da cerveja, e seus olhos se voltaram para Emma quando ela entrou na cozinha.

– Como foi?

– Fácil e divertido, o que é sempre um bom sinal antes da cerimônia para valer. Eles estão contando com a sorte, pois a previsão do tempo para amanhã diz que só deve chover à noite, e não vamos usar os toldos. Portanto, estamos de dedos cruzados.

Como se estivesse em sua própria casa, Emma pegou uma taça de vinho.

– Estão ensaiando o jantar. Mas acho que teremos um bem melhor aqui – disse, farejando o ar. – O cheiro está delicioso, Sra. G.

– A mesa está posta – disse a Sra. Grady acabando de arrumar uma salada. – Vocês vão comer na sala de jantar como pessoas civilizadas.

– Parker e Mac logo estarão aqui. Mas não vi a Laurel.

– Está fazendo uns testes na cozinha dela, mas já sabe a que horas vou servir o jantar.

– Vou mandar uma mensagem para ela.

– Está certo. Jack, já que veio de penetra, não quer ajudar levando essa salada lá para a mesa?

– Sim, senhora. Oi, Carter.

– Olá, Jack. As garotas já estão vindo, Sra. G.

Ela lançou um olhar carregado para Carter.

– Ensinou alguma coisa que preste hoje?

– Gosto de acreditar que sim.

– Já lavou as mãos? – perguntou ela.

– Sim, senhora.

– Então pegue o vinho e vá se sentar. E nada de beliscar até todos estarem à mesa.

Serviu uma refeição estilo família na enorme sala de jantar com pé-direito alto e janelas avantajadas. Como fazia parte das Regras da Sra. Grady, os celulares foram desligados e Parker deixou seu BlackBerry na cozinha.

– A tia da noiva de domingo deu uma passada aqui – começou Parker. – Trouxe o *chuppah* que acabou de fazer na noite passada. É uma verdadeira obra de arte. Deixei lá em cima. Emma, talvez você queira dar uma olhada para saber se é preciso fazer alguma alteração nos arranjos. Carter, o filho mais velho da cunhada da tia é seu aluno. Ele se chama David Cohen.

– O David? É um menino brilhante que normalmente exercita sua criatividade atrapalhando as aulas. Semana passada me entregou um trabalho sobre o livro *Ratos e homens* no estilo comédia em pé.

– E como ele se saiu? – indagou Mac.

– Não tenho certeza como Steinbeck se sentiria a respeito disso, mas dei um 10.

– É um livro tão triste... Por que temos que ler tantas histórias tristes na escola? – quis saber Emma.

– Minha turma de primeiro ano está lendo *A princesa prometida*.

– Por que não tive professores como você? Gosto de livros alegres, com final feliz. E olhe só você, com a sua Buttercup.

Mac revirou os olhos.

– É, sou mesmo uma princesa. Uma verdadeira Buttercup. Tenho a sensação de que o evento de amanhã vai ser um conto de fadas. Com todas essas luzes piscando, as velas, as flores brancas...

– Tink reclamou dizendo que vai ficar cega com tanto branco. Mas está lindo. Umas poucas horas a mais esta noite e estará tudo pronto. Todas aquelas amarras e fiações exigiram um grande esforço da equipe. Além do mais... Ui! – Ela ergueu a mão para mostrar os arranhões e machucados.

– Nunca imaginei que ser florista era uma profissão arriscada. – Jack pegou a mão de Emma e a examinou. – Mas você tem suas feridas de guerra. – Ele beijou os nós dos dedos dela.

Houve um longo instante de silêncio, acompanhado de olhares interrogativos.

– Parem – ordenou Jack com um meio sorriso no rosto.

– Já deviam estar esperando por isso – retrucou Laurel, ainda olhando para eles e espetando o garfo na salada. – Teremos que nos acostumar. Acho que você devia se deitar com ela bem aqui na nossa frente para que o impacto visual faça com que nos habituemos.

– Espere aí! Só um minuto! – exclamou Mac, com a mão para cima. – Deixem-me pegar a câmera.

– Pode me passar a lasanha? – pediu Jack.

Recostando-se na cadeira, Parker tomou um gole de vinho.

– Pelo que estamos vendo, esses dois estão só fazendo graça com a nossa cara. Ficam fingindo que estão juntos e depois, pelas costas, riem de termos caído nessa história.

– Aaahh... – murmurou Mac. – Que esperta!

– Sou mesmo – concordou Parker. – Agora, falando sério, nenhum dos dois faz o tipo envergonhado. Certamente não são tímidos para dar alguma demonstração de afeto na frente dos amigos. – Ela deu de ombros com um sorrisinho no rosto. – Por isso estou inclinada a pensar que isso não passa de uma piada.

– Beije-a – ordenou a Sra. Grady –, ou eles não vão deixá-los em paz.

– E não comerão a lasanha – decidiu Laurel e, batendo palmas, entoou: – Beija! Beija! Beija!

Mac engrossou o coro e deu uma cotovelada em Carter para que fizesse o mesmo, mas ele se limitou a rir e menear a cabeça.

Desistindo, Jack se virou para Emma, que não parava de rir, puxou-a para si e lhe deu um beijo, arrancando saudações e aplausos dos que estavam à mesa.

– Parece que alguém resolveu dar uma festa e se esqueceu de me chamar.

A algazarra sumiu quando todos se viraram para a porta e viram Del. Ele encarava Jack, e ergueu a mão para impedir que Parker se levantasse.

– Que droga é essa que está acontecendo aqui?

– Estamos jantando – respondeu Laurel com ar indiferente. – Se quiser comer, vai precisar ir buscar um prato.

– Não, obrigado – disse ele, assumindo o mesmo tom. – Parker, tenho que ver uma papelada com você. Mas faremos isso em outro momento, já que estão no meio de algo que aparentemente não é da minha conta.

– Del...

– Você e eu – prosseguiu ele, interrompendo a irmã, sem deixar de olhar para Jack um segundo sequer – também temos algo a tratar mais tarde.

Quando ele saiu batendo a porta, Parker soltou um longo suspiro.

– Você não contou a ele.

– Estava pensando em como ia fazer isso... Não – confessou Jack. – Não contei. Preciso resolver essa questão – disse, voltando-se para Emma.

– Vou com você. Posso...

– Melhor não. Talvez demore um pouco, então... Ligo para você amanhã. Desculpe – concluiu, levantando-se.

Depois que ele saiu, Emma levou cerca de dez segundos para reagir.

– Pelo menos tenho que tentar. – Pulou da cadeira e foi atrás de Jack.

– Ele ficou bem furioso – observou Mac.

– É claro que ficou furioso. Seu equilíbrio perfeito foi destruído. – Laurel deu de ombros quando Parker a olhou de cara feia. – Em parte é por isso. E o fato de Jack não ter lhe contado nada só piorou as coisas. Ele tem o direito de estar furioso.

– Posso ir atrás deles – sugeriu Carter. – Para tentar mediar as coisas.

– Os mediadores sempre acabam levando um soco na cara vindo de ambos os lados.

Ele deu um sorriso sem graça para Mac.

– Não seria a primeira vez.

– Não, deixe que eles se entendam. – Parker suspirou novamente. – É o que fazem os amigos.



A preocupação de Emma deteve Jack ali por uns bons dez minutos e com isso ele não conseguiu alcançar Del ainda dentro da propriedade. Mas sabia para onde ele tinha ido. Para casa, onde podia xingar, vociferar e refletir sozinho.

Bateu à porta com a certeza de que Del atenderia. Por um motivo bem simples: Jack tinha a chave e não hesitaria em usá-la caso fosse preciso. Além do mais, Delaney Brown não era do tipo que fugia de um confronto.

Quando Del abriu abruptamente a porta, Jack o encarou.

– Se tentar me bater, vou revidar. Vamos acabar os dois machucados, sem resolver nada.

– Vá se foder, Jack!

– Ok, vou me foder. E vá se foder você também, Del, por ser um estúpido que...

Como estava distraído, levou um soco na cara, mas sua reação imediata foi revidar. Ficaram os dois parados ali na porta, com a boca sangrando.

Jack limpou a sua.

– Quer que a gente continue a se esmurrar lá dentro ou aqui fora?

– Quero saber que diabos estava fazendo com as mãos em Emma.

– Quer ouvir sobre isso dentro ou fora de casa?

Del se virou e foi pisando duro até sua grande sala pegar uma cerveja.

– Há quanto tempo está dando em cima dela?

– Não estou dando em cima dela. Nós dois quisemos isso. Caramba, Del, ela é uma mulher adulta, pode fazer suas próprias escolhas. Parece até que sou um canalha desvirginando a mocinha inocente.

– Veja lá como fala – advertiu Del, com um ódio nos olhos que parecia letal. – Você transou com ela?

– Vamos começar do começo? – Com certeza esse não foi o melhor ponto de partida, Cooke, pensou ele.

– Sim ou não, porra?

– Sim, porra. Transei com ela, ela transou comigo. Transamos um com o outro.

– Eu devia encher você de porrada – disse Del, com um brilho assassino nos olhos.

– Pode tentar. Vamos acabar os dois na emergência. E quando eu sair de lá, vou continuar transando com ela. – Um ímpeto igualmente mortal tomou conta de Jack. – Isso não é da sua conta!

– O cacete que não é!

Como achava que Del tinha mais razão que ele, Jack assentiu.

– Ok, dadas as circunstâncias, é da sua conta, sim. Mas não tem o direito de decidir com quem podemos ou não sair.

– Há quanto tempo?

– Foi de repente. Eu percebi, nós percebemos, acho, há umas duas semanas.

– Umas duas semanas – repetiu Del, enfatizando bem as palavras. – E não me disse uma palavra a respeito.

– É, não disse, talvez para evitar levar uma porrada na cara. – Jack abriu bruscamente a geladeira e pegou uma cerveja. – Sabia que você não ia gostar nada dessa história e não achava um jeito de explicar.

– Aparentemente não teve o menor problema em explicar para todas as outras pessoas.

– Não, não tive. Com certeza porque não me dariam um soco na cara por transar com uma mulher bonita, interessante e *desejável*.

– Ela não é qualquer mulher, é a Emma.

– Sei disso. – Um sentimento de frustração parecia querer substituir a raiva. – Sei quem ela é, e sei também o que sente por ela. Por todas elas. E foi por isso que me mantive afastado até... recentemente – concluiu ele, encostando a garrafa gelada no queixo machucado. – Sempre tive uma queda por ela, mas deixava isso de lado. "Não vá se meter nisso, Jack." Porque você não ia gostar, Del. Você é o meu melhor amigo.

– Você tinha uma queda por várias mulheres.

– Verdade – disse Jack num tom neutro.

– Emma não é o tipo de mulher com a qual você pode ficar transando até resolver procurar outra novidade. Ela é do tipo para quem se faz promessas, com quem se deve fazer planos.

– Meu Deus, Del, estou me acostumando a... Nunca tinha feito planos ou promessas. Planos mudam, não é? Promessas são quebradas. Deixar as coisas fluírem era mais honesto. Ficamos juntos apenas uma noite. Ainda estamos vendo no que vai dar. E deixe-me fazer uma ressalva. Mesmo que tenha namorado muitas mulheres, nunca menti para elas ou as tratei de forma desrespeitosa.

– E April Westford?

– Caramba, Del, estávamos na faculdade ainda, e ela me perseguia. Era uma doida. Ela tentou invadir nossa casa. Estragou a pintura do meu carro com uma chave. E fez o mesmo no *seu* carro.

Del tomou um gole da cerveja e, depois de uma pausa, disse:

– Está certo, com essa você tem razão. Mas Emma é diferente. Ela é diferente.

– Deixe-me continuar, Del. Sei que ela é diferente. Você acha que não gosto dela? Que é só sexo? – Sem conseguir ficar parado, Jack ficava indo e voltando do bar até a bancada da cozinha. Estava sem coragem de dizer quanto gostava dela. As coisas já estavam bem

complicadas a ponto de seu melhor amigo estar lhe dando um sermão a respeito de promessas e de como Emma era diferente.

– Sempre gostei da Emma. De todas elas. Você sabe disso. Cacete, você sabe muito bem disso.

– Você fez sexo com as outras também?

Jack deu um longo gole na sua cerveja e pensou em jogar a bosta no ventilador.

– Eu beijei a sua irmã. A Parker, já que agora você considera todas elas suas irmãs. Na época da faculdade, uma vez, quando nos encontramos numa festa.

– Você deu em cima da Parker? – A expressão de Del agora era de absoluto espanto. – Será que eu sei mesmo quem você é?

– Não dei em cima dela. Encostei meus lábios nos dela. Foi o que me pareceu na época. Depois, como me senti beijando *minha própria* irmã, e ela teve a mesma sensação, demos umas boas risadas e não passou disso.

– Tentou alguma coisa com Mac depois? Ou com Laurel?

Seu olhar era duro, inflamado; retesou os dedos como se fosse dar outro soco.

– Ah, claro, experimentei todas elas. É isso que eu faço. Vou trocando de mulher como se elas fossem sacos de batatas fritas que eu depois amasso e jogo no chão com as sobras que ficaram ali dentro. Quem você pensa que eu sou?

– Nesse momento, não faço a menor ideia. Devia ter me contado que pensava em Emma dessa forma.

– Ah, claro, estou vendo que devia. "Ei, Del, estou pensando em fazer sexo com Emma. O que você acha?"

Não foi a raiva nem o espanto que se estamparam no rosto de Del dessa vez: ele ostentava uma expressão fria, congelada, o que, para Jack, era bem pior.

– Vamos tentar ver as coisas de outra forma. Como se sentiria se tivesse sido você no meu lugar entrando na casa hoje à noite? Tente imaginar isso, Jack.

– Eu ficaria furioso e me sentiria traído. Quer que eu diga que estraguei tudo? Pois eu estraguei tudo. Mas posso tentar ver sob qualquer ângulo que as coisas não vão mudar. Você acha que não sei como se sente? O papel que assumiu depois que seus pais morreram? E o que cada uma delas significa para você? Eu estava com você quando tudo aconteceu, Del.

– Isso não tem nada a ver com...

– Tem a ver, sim. – Jack fez uma pausa e depois prosseguiu, mais calmo. – Sei que não importa que Emma tenha a família dela. Ela faz parte da sua.

Um pouco daquele gelo começou a derreter.

– Fique sabendo de uma coisa: se a fizer sofrer, vou tratar de fazer o mesmo com você. Não se esqueça disso.

– Parece justo. Estamos acertados em relação a isso?

– Ainda não.

– Avise-me quando estivermos – disse Jack, largando a cerveja pela metade.

Como não podia fazer nada, na sexta de manhã, Emma resolveu se concentrar em terminar o trabalho para o evento da noite. Ela e sua equipe tinham começado cedo, concebendo e criando os arranjos de flores para os outros eventos do fim de semana.

No final da tarde, foi tirar as flores da câmara fria, pondo outras lá dentro, e arrumar a van para que sua equipe desse início à decoração da casa e das varandas.

Quando a recepção começasse, voltaria para terminar o que tinha deixado para fazer ela própria.

Um pouco antes da chegada da noiva, ela e Beach enfeitaram o pórtico com jardineiras cheias de enormes hortênsias brancas.

– Belíssimo. Perfeito. Vá lá dentro ajudar Tiffany com o hall. Vou trabalhar com Tink.

Saiu apressada, calculando o tempo e verificando os vasos e arranjos pelos quais passava. Na varanda, subiu numa escada para pendurar uma bola de rosas brancas no meio da pérgula.

– Não achava que fosse gostar disso – disse Tink arrastando os arranjos de pé para o seu lugar. – O branco é tão, sabe?, *branco*. Mas ficou bem interessante, meio mágico. E aí, Jack? Putz, quem bateu em você?

– Del e eu trocamos uns socos. Fazemos isso de vez em quando.

– Meu Deus do céu!

Se estava esperando que Emma se sentisse lisonjeada ao vê-lo com a cara roxa, ficaria desapontado. Mostrando seu aborrecimento, ela desceu da escada e pôs as mãos na cintura.

– Por que os homens acham que podem resolver as coisas com violência?

– Por que as mulheres acham que podem resolver as coisas comendo chocolate? É da natureza humana.

– Tink, vamos terminar as guirlandas. Chocolate, pelo menos, faz a gente se sentir bem – retrucou Emma, continuando a fazer seu trabalho. – Um soco na cara, não. Conseguiram acertar as coisas assim?

– Não completamente. Mas foi um começo.

– Ele está bem? – perguntou Emma, apertando os lábios e olhando para Jack. – Sei que Parker tentou ligar, mas ele estava no tribunal o dia todo.

– Ele me bateu primeiro. – Jack pegou a escada das mãos dela, levou-a para o local que Emma indicou e tocou nos lábios inchados. – Ai!

Revirando os olhos, ela lhe deu um selinho.

– Não tenho tempo para ficar com pena de você agora, mas prometo arranjar um espaço na minha agenda mais tarde, caso queira ficar.

– Só dei uma passada aqui para lhe dizer que as coisas não estão... exatamente resolvidas, mas já estou me mandando. Sei que está cheia de trabalho nesse fim de semana.

– Estou mesmo. E tenho certeza de que você vai encontrar algo bem melhor para fazer que ficar circulando por aqui.

Ele estava se sentindo culpado, um pouco infeliz e também irritado, percebeu Emma. Ia precisar de amigos e familiares por perto.

– Mas... se quiser ficar circulando por aqui, tudo bem. Pode ir chamar Carter, ou ir lá para casa. Vou dar uma escapulida na hora da recepção para terminar umas coisas para o evento de

amanhã.

– Por que não deixamos as coisas simplesmente acontecerem?

– Por mim tudo bem. – Ela deu um passo atrás, examinou a pérgula, depois passou um braço na cintura de Jack. – Gostou do resultado?

– Não sabia que existiam tantas flores brancas no mundo. Está elegante e ao mesmo tempo criativo.

– Exatamente. – Virou-se para ele, passou os dedos em seu cabelo e encostou os lábios no canto daquela boca machucada. – Preciso ir verificar como está o salão principal e o de baile.

– Vou ver se Carter pode sair para brincar comigo.

– Vejo você mais tarde se...

– Se – concordou ele e abandonou a dor para lhe dar um beijo de verdade. – Ok. Vejo você mais tarde.

Ela riu e saiu em disparada para o interior da mansão.

capítulo onze

No fim da noite, com a câmara fria repleta de buquês, centros de mesa e arranjos para o resto do fim de semana – e consciente de que teria que levantar às seis para terminar o que faltava –, Emma mal conseguiu chegar até o sofá, onde desabou.

– Vai ter que repetir tudo isso amanhã, não é? – perguntou Jack. – Duas vezes.

– Ahã.

– E mais uma vez no domingo.

– Ahã. Terei que trabalhar por umas boas duas horas no domingo antes de começar a arrumar a decoração do primeiro evento. Mas minha equipe pode terminar os arranjos restantes do domingo enquanto me dedico aos de sábado. As duas celebrações do sábado.

– Ajudei vocês algumas vezes, mas na verdade nunca... É assim todo fim de semana?

– No inverno o ritmo diminui um pouco – respondeu Emma, aconchegando-se e tirando os sapatos. – O período de abril a junho é o mais movimentado, e há outra alta temporada de setembro a outubro. Mas normalmente é assim mesmo, todo fim de semana.

– Fui dar uma olhada na sua câmara fria quando você estava trabalhando. Definitivamente, você precisa de outra.

– Preciso mesmo. Quando começamos, nenhuma de nós imaginava que o negócio cresceria desse jeito. Não, não é verdade. Parker imaginou. – Ao pensar nisso, ela deu um sorriso. – Parker sempre acreditou. Eu só pensava que poderia ganhar a vida fazendo o que gostava. – Ia relaxando aos poucos, movendo os dedos dos pés doloridos. – Nunca pensei que chegaríamos a ter que fazer malabarismo para dar conta de todas as nossas funções individuais e também dos eventos, das responsabilidades, dos clientes, dos ajudantes. É incrível.

– Poderiam contratar mais ajudantes.

– Talvez. Não acha que acontece o mesmo com você? – Emma fechou os olhos quando ele pôs seus pés no colo e começou a massagear os dedos e as solas cansados. – Lembro-me de quando você abriu sua empresa. Era só você, praticamente. Agora tem uma equipe e sócios. Quando não está desenhando os projetos, vai visitar as obras ou se reunir com clientes. Quem tem empresa própria não tem hora para começar ou acabar as tarefas.

Emma voltou a abrir os olhos e o fitou.

– E cada vez que contratamos alguém, mesmo quando é a melhor coisa, a coisa certa a se fazer pelo trabalho e por si mesmo, é como se tivesse deixando de lado alguma coisa.

– Já disse a mim mesmo várias vezes que deveria contratar Chip e depois desisti pela mesma razão. O mesmo aconteceu com Janis e depois com Michelle. Agora contratei um estagiário para o verão.

– Isso é ótimo. Quero dizer, isso acaba nos transformando na geração mais velha, não é?

Acho difícil lidar com isso.

– Ele só tem 21 anos. Fiquei me sentindo um velho quando o entrevistei. Que horas você começa a trabalhar amanhã?

– Deixe-me ver... Acho que seis. Seis e meia, talvez.

– Tenho que deixar você dormir um pouco. – Como quem não quer nada, Jack percorreu com mão a panturrilha de Emma. – Está muito ocupada no fim de semana. Então, se quiser, podemos sair na segunda.

– Sair? Está falando em sair de casa? – perguntou ela, gesticulando. – Para algum lugar onde trazem comida e é possível se divertir?

Ele sorriu.

– Que tal jantar e depois ir ao cinema?

– Jantar e cinema? Essa ideia caiu do céu.

– Então caio do céu na segunda e venho pegar você. Que tal às seis e meia?

– Está ótimo. Muito bom. Quero perguntar uma coisa. – Emma se sentou espreguiçando-se prazerosamente. – Você ficou me esperando até depois da meia-noite e agora vai para casa para que eu possa dormir um pouco?

– Seu dia foi longo – começou Jack, dando uma beliscada na perna dela. – Deve estar cansada.

– Nem tanto – disse ela, agarrando-o pela camisa e puxando-o para si.



Na noite de segunda-feira, Laurel acompanhava até a porta uns clientes que tinham vindo para uma reunião. Os noivos de setembro estavam levando várias amostras de bolo. Mas ela sabia que acabariam optando pelo bolo de creme italiano. Assim como sabia que a noiva preferiria o formato Fantasia Real, ao passo que o noivo ia escolher o Mosaico Esplendoroso.

A noiva ganharia, não tinha dúvida, mas era bom ver um homem se interessar genuinamente por esses detalhes.

Falaria depois com a noiva sobre a possibilidade de fazer um bolo Mosaico para o futuro marido, que seria uma espécie de complemento ao bolo de casamento.

Todos sairiam ganhando, pensou.

– Só me avisem quando se decidirem. Mas não se preocupem se mudarem de ideia. Temos bastante tempo pela frente. – Ela manteve o sorriso no rosto e o ar despreocupado, mesmo quando viu Del se aproximando.

Era o protótipo do advogado bem-sucedido, pensou, com seu terno de corte impecável, aquela pasta perfeita e os belos sapatos.

– Parker está no escritório dela – informou. – Acho que deve estar com tempo livre.

– Ok. – Ele entrou, fechando a porta atrás de si. – Ei, não vai falar comigo? – perguntou quando a viu subir a escada.

Laurel virou-se para trás para olhar para ele.

– Foi o que acabei de fazer.

– Mal e porcamente. Eu é que deveria estar chateado. Você não tem motivo nenhum para estar com esse ar de arrogância.

– Eu estou com ar de arrogância? – Ela fez uma pausa, esperando que ele a alcançasse na escada.

– Não esperava que meus amigos e minha família mentissem para mim, ou que mentissem por omissão. E quando fizeram isso...

Laurel pressionou o indicador com força no ombro dele e em seguida o ergueu.

– Em primeiro lugar, eu não sabia que *você* não sabia. Nem Parker, Mac ou Carter. Aliás, nem Emma. Então isso é algo que deve ser resolvido entre você e Jack. Em segundo... – prosseguiu ela, cutucando-o de novo quando Del tentou interrompê-la. – Concordo com você.

– Se tiver um minuto para... Você concorda comigo?

– Concordo. E, se estivesse no seu lugar, teria ficado magoada e furiosa também. Jack deveria ter lhe dito que Emma e ele estavam juntos.

– Bom, está certo. Obrigado... ou desculpe. O que preferir.

– Seja como for...

– Merda.

– Seja como for – repetiu Laurel –, você precisa se perguntar o motivo de seu melhor amigo não ter lhe contado. Deveria repensar a sua atitude da outra noite, tentar entender por que chegou lá todo tenso, tendo um ataque de mau humor.

– Ei, espere aí!

– É o meu ponto de vista, e é por isso que acho que Jack não lhe contou nada, embora não concorde com a atitude dele. Você teria despejado todo o peso de Delaney Brown em cima dele.

– E o que isso significa exatamente?

– Se não sabe, por mais que eu lhe diga, não vai fazer qualquer diferença.

Del pegou a mão de Laurel para detê-la quando a viu se mover.

– Ei, vai pular fora agora?

– Ok. Delaney Brown não aprova. Delaney Brown sabe mais que os outros. Delaney Brown vai manipular e conduzir tudo até fazer com que você fique aonde ele bem entender, para o seu próprio bem, claro.

– Isso é cruel, Laurel.

Ela suspirou e abrandou o tom.

– Não é, não. Sei que você faz tudo com a melhor das intenções, querendo o bem dos seus amigos e da sua família. Só que, Del, você tem sempre tanta certeza de que sabe o que é melhor para os outros...

– Agora você vai me dizer que essa história do Jack e da Emma é ótima para os dois?

– Não sei. – Ele ergueu as mãos, com as palmas voltadas para cima. – E não quero achar que sei. Tudo o que sei é que, por ora, eles estão gostando de estar juntos.

– Você não achou nem um pouco estranho? Não lhe pareceu que estava entrando numa realidade paralela?

Laurel não conseguiu conter o riso.

– Não exatamente. É um pouco...

– É como... se de repente eu desse em cima de você. Como se eu simplesmente resolvesse de uma hora para outra: "É isso, quero fazer sexo com a Laurel."

A brandura se foi junto com o riso.

– Você é um idiota mesmo!

– Que foi? *O que eu disse*? – perguntou ele enquanto ela subia a escada irritada. – Estava falando de uma realidade paralela – murmurou ele e dirigiu-se ao escritório da irmã.

Parker estava sentada à mesa, exatamente onde Del esperava que ela estivesse, falando ao telefone ao mesmo tempo que trabalhava no computador.

– É exatamente isso. Sabia que podia contar com você. Eles vão querer 250. Pode entregar aqui para mim que eu levo. Muito obrigada. Para você também. Tchau.

Tirou o fone da orelha.

– Acabo de encomendar 250 patinhos de borracha.

– Por que isso?

– Os clientes querem que eles estejam na piscina no dia do casamento. – Ela se recostou, tomou um gole d'água direto da garrafa e olhou para o irmão com ar de compaixão. – Como vai?

– Já estive melhor, mas também já estive pior. Laurel acabou de dizer que concorda que Jack foi um cretino por não ter me contado nada, mas aparentemente a culpa é toda minha, já que sou Delaney Brown. Eu manipulo as pessoas?

Parker o examinou cuidadosamente.

– É uma pegadinha?

– Cacete. – Ele largou a maleta na mesa e foi até a máquina de café.

– Ok, é sério. Claro que manipula. Assim como eu. Nós resolvemos problemas e somos ótimos em encontrar soluções e respostas. Quando fazemos isso, direcionamos, por assim dizer, as pessoas para essas soluções e respostas.

Ele se virou para a irmã e tentou ler suas feições.

– Faço isso com você, Parks?

– Del, se não tivesse me manipulado, até certo ponto, no que se refere à nossa propriedade, resolvendo tudo depois que nossos pais morreram, eu não estaria aqui encomendando 250 patinhos de borracha. Eu não teria começado esse negócio. Nenhuma de nós teria.

– Não é a esse tipo de coisa que estou me referindo.

– Está perguntando se algum dia já me forçou a fazer alguma coisa que eu não quisesse fazer e você tenha insistido porque era algo que queria que eu fizesse? Não. Sinto muito que tenha descoberto a história de Jack e Emma daquela forma, mas acho que a situação é estranha para todos nós. Ninguém percebeu como isso começou. Acho que nem mesmo eles.

– Não sei se vou me acostumar com isso. – Ele se sentou e tomou um gole de café. – Quando conseguir me acostumar, talvez já tenha terminado.

– Nossa, como você é romântico!

Ele deu de ombros.

– Jack nunca teve nada sério com uma mulher. Não é exatamente um cafajeste, mas também não é do tipo que fica muito tempo num relacionamento. Ele não a magoaria de propósito. Não é do seu feitio, mas...

– Talvez você pudesse apostar um pouco mais nos seus dois amigos – disse Parker, girando a cadeira de um lado para o outro. – Acredito que se duas pessoas se aproximam é por algum motivo. Caso contrário, eu não poderia fazer o meu trabalho. Às vezes dá certo, às vezes não, mas sempre tem um motivo.

– Com isso está querendo me dizer para deixar de ser um babaca e agir como um amigo.

– É – respondeu ela, sorrindo. – Essa é a minha resposta, a minha solução, a minha tentativa de manipular você. Como me saí?

– Muito bem. Acho que tenho que ir falar com a Emma.

– Isso seria ótimo.

– Mas antes, temos que dar uma olhada nesses papéis – disse Del, abrindo a pasta.

Vinte minutos depois, deu uma batidinha na porta de Emma e percebeu que estava aberta.

– Em?

Ouviu uma música, ou o que ele achava que fosse uma música de fundo que ela ouvia para trabalhar, com harpas e flautas. Então, entrou e dirigiu-se ao ateliê. Sentada, Emma arrumava uns botões de rosa cor-de-rosa numa cesta branca.

– Em.

Ela deu um pulo.

– Que susto! Não ouvi você chegar.

– Estou atrapalhando?

– Estava só adiantando uns arranjos para o chá de bebê desta semana. Del – prosseguiu ela, levantando-se –, você está muito zangado comigo?

– Nem um pouco. Menos que nada. – Ficou envergonhado de saber que ela achava isso. – Com Jack, de zero a dez, posso dizer que meu aborrecimento está na faixa dos sete. E isso porque já melhorou um pouco.

– Quero que saiba que, quando Jack transou comigo, eu também queria transar com ele.

– Talvez pudéssemos usar um código para esse assunto. Por exemplo: você e Jack estavam escrevendo um livro juntos ou fazendo experiências no laboratório.

– Está zangado porque estávamos fazendo experiências no laboratório ou porque não lhe contamos?

– Ele não me contou. De toda forma, é uma mistura das duas coisas. Estou tentando lidar com o fato de haver essas experiências no laboratório e estou irritadíssimo por ele não ter me contado que você e ele estavam...

– Alinhando os tubos de ensaio? Etiquetando placas de Petri?

Franzindo a testa, ele enfiou as mãos nos bolsos.

– É, acho que também não gosto desse código usando terminologia de laboratório. Só quero que você fique bem, e feliz.

– Estou bem. E feliz. Apesar de saber que vocês se agrediram por causa disso. Na verdade, talvez isso tenha me deixado ainda mais feliz. Fico lisonjeada de ter homens se esmurrando

por minha causa.

– Foi um impulso momentâneo.

Emma se aproximou dele, pôs as mãos em seu rosto e lhe deu um beijo na bochecha.

– Tente não fazer isso de novo. É algo que afeta meus dois rostos preferidos. Vamos sentar lá fora no pátio dos fundos, tomar um refrigerante e agir como amigos.

– Ok.



Enquanto isso, Jack tinha ido ao estúdio de Mac e abria as plantas com o projeto de ampliação.

– É o mesmo desenho que mandei por e-mail, só que mais detalhado e com as pequenas mudanças que você queria.

– Olhe, Carter! Você vai ter seu próprio escritório.

Carter fez um cafuné no cabelo curto e reluzente de Mac.

– Tinha certa esperança de que fôssemos continuar dividindo um único local de trabalho.

Mac riu, debruçando-se sobre as plantas.

– Veja só o meu provador. Quero dizer, o provador dos clientes. Nossa, adorei esse espaço externo que vamos ganhar. Quer uma cerveja, Jack?

– Não, obrigado. Tem algo mais inocente?

– Claro. Coca-Cola Zero.

– Eca. Prefiro água.

Enquanto ela ia até a cozinha, Jack explicava os detalhes do projeto para Carter.

– Essas estruturas embutidas vão lhe proporcionar uma boa quantidade de prateleiras para livros ou o que mais quiser: arquivos, material de escritório...

– O que é isso? Uma lareira?

– Foi um dos pedidos de mudança da Mac. Ela me disse que todo professor doutor merece ter uma lareira no escritório. É um modelo compacto, a gás. Assim, o ambiente terá uma fonte extra de calor.

Carter olhou para Mac, que voltava com uma garrafa d'água e duas cervejas.

– Você mandou fazer uma lareira para mim.

– É. Deve ter sido o amor que me levou a fazer isso. – Ela lhe deu um beijo e se abaixou para pegar Tripé, seu gato de três patas, no colo.

Deve mesmo, pensou Jack ao vê-la sentada com o gato aninhado em seu colo.

Enquanto discutiam os detalhes e escolhiam materiais, ele ficou se perguntando como deveria ser sentir esse vínculo com outra pessoa, a certeza de querer estar com ela.

Sem dúvida eles deviam pensar que aquela era a sua cara-metade. A pessoa com quem queriam morar, construir um futuro, talvez até ter filhos. E compartilhar um gato.

Como podiam ter certeza? Ou pelo menos acreditar o suficiente a ponto de correr os riscos?

Esse era, para ele, um dos grandes mistérios da vida.

– Quando podemos começar? – perguntou Mac.

– Amanhã vou solicitar as licenças. Estão pensando em algum empreiteiro específico?

– Hum... a empresa que fez a primeira reforma foi boa. Ainda estão no ramo?

– Sou eu que a administro, em nome do proprietário. Posso entrar em contato amanhã e pedir que faça um orçamento.

– Você é o máximo, Jack. – Mac lhe deu um soco amistoso no braço. – Quer ficar para jantar? Fizemos massa. Posso ligar para ver se Emma está a fim.

– Obrigado, mas vamos sair.

– Ohn!

– Pare com isso – disse Jack, balançando a cabeça e rindo.

– Não posso me impedir de achar fofo que meus amigos estejam juntos.

– Vamos arranjar algo para comer e pegar um cineminha.

– Ohn!

Ele riu de novo.

– Já vou indo. Vejo você na Noite do Pôquer, Carter. Prepare-se para perder.

– Eu poderia já dar o dinheiro agora. Assim pouparíamos tempo.

– É tentador, mas prefiro a satisfação de depená-lo na mesa. Deixo você dar o lance – acrescentou, encaminhando-se para a porta. – Podem ficar com as cópias das plantas.

Um segundo antes de avistar Del, ouviu Mac fazer "oh, oh".

Eles se detiveram, um de frente para o outro, a uns cinco passos de distância.

– Esperem! – gritou Mac. – Se forem se esmurrar de novo, vou lá pegar minha câmera.

– Vou mantê-la de boca fechada – prometeu Carter.

– Ei! Esperem! Eu estava falando a sério – disse ela, antes de Carter a arrastar para dentro.

Jack pôs as mãos nos bolsos.

– Isso é a maior estupidez.

– Talvez. Provavelmente.

– Olhe, já batemos um no outro e dissemos tudo o que queríamos dizer, tomando uma cerveja. De acordo com as regras, já era para ter terminado.

– Não é uma partida de jogo.

Jack sentiu a tensão em seus ombros diminuir. Aquilo era mais a cara de Del.

– Podemos fazer isso amanhã? Tenho um encontro agora.

– Está esquecendo outra regra: amizade acima da pegação.

Um sorriso amistoso surgiu no rosto de Jack.

– Você acabou de chamar a Emma de pegação, percebeu?

Boquiaberto, Del passou a mão pelo cabelo.

– Está vendo como isso é complicado? Só disse isso porque não estava pensando na Emma como a Emma, e porque tenho agido como um babaca.

– É, já tinha percebido. Caso contrário, teria que dar outro soco na sua cara. Os Yankees jogam em casa amanhã à noite.

– Você dirige.

– Ahã! Vamos chamar o Carlos. Eu me encarrego de bancar o motorista e você se encarrega da grana para gorjeta e da cerveja. O cachorro-quente a gente divide.

– Está certo. – Del pensou por um instante e acrescentou: – Você me daria um soco na cara por causa dela?

– Já fiz isso.

– Não foi por causa dela.

Será mesmo?, pensou Jack.

– Não sei.

– É uma boa resposta – decidiu Del. – Vejo você amanhã.



Já que o jantar e o filme de ação deram tão certo, marcaram um segundo encontro oficial para a semana seguinte. Os inúmeros compromissos de trabalho impediam que passassem mais tempo juntos, mas se organizaram para estabelecer o que chamavam de amistosa comunicação apimentada a distância, acrescida de e-mails provocadores.

Emma não tinha certeza se aquela relação se baseava no sexo ou na amizade, mas dava para sentir que ambos estavam tentando encontrar o equilíbrio perfeito.

Estava acabando de se arrumar para a noitada quando Parker apareceu e gritou por ela do pé da escada.

– Já estou descendo. As flores que você pediu estão num vaso lá nos fundos. Ainda não consigo entender, no entanto, por que você tem que fazer favores para as pessoas.

– A mãe da noiva quer que eu dê uma passada lá para revisar tudo. Então, é o que vou fazer. Não vai demorar muito.

– Eu poderia ter economizado seu tempo se tivesse conseguido passar lá para deixar as flores, mas me atrasei com a última reunião do dia. – Emma desceu apressada, parou de frente para a amiga e deu uma voltinha. – Como estou?

– Belíssima. Como era de se esperar.

Emma riu.

– O cabelo preso para cima ficou bom, não é? Deixei meio bagunçado, como se estivesse prestes a se soltar.

– Ficou ótimo. Assim como o vestido. Esse vermelho carregado cai muito bem em você. E preciso acrescentar que a malhação está valendo a pena.

– Ai, preferiria não ouvir essa parte. Isso significa que vou ter que continuar me exercitando. Levo uma echarpe ou um suéter? – perguntou, segurando cada um numa das mãos.

– Para onde vão?

– A um vernissage. De um artista local, moderno.

– A echarpe é mais artística e você é muito esperta.

– Sou?

– A maior parte das pessoas vai estar de preto, então esse vestido vermelho vai atrair todas as atenções. Você devia dar aulas.

– Se é para se produzir, melhor ser notada, não acha? Gostou dos sapatos?

Parker examinou aqueles sapatos de salto agulha com uma sensual tira de tornozelo.

– São um arraso! Ninguém que tenha um cromossomo Y vai dar bola para os quadros.

– Só tenho interesse em chamar atenção de um cromossomo Y.

– Está feliz, não é, Emma?

– Claro, porque eu sou feliz. Estou me relacionando com um homem interessante que me faz rir e estremecer, um homem que ouve atentamente o que digo e que me conhece bem o bastante, o que me deixa ser eu mesma, sem precisar de filtro. E o mesmo acontece com ele. Sei que ele é divertido, engraçado, esperto, que não tem medo de trabalho, valoriza suas amizades, é obcecado por esportes. E... bem, e todas as outras coisas que a gente simplesmente sabe quando conhece alguém há mais de dez anos, como é caso do Jack.

Emma foi até seu ateliê.

– Algumas pessoas talvez possam pensar que assim não há o prazer da descoberta ou a excitação, mas estão erradas. Sempre há coisas novas a descobrir e ainda podemos contar com a estabilidade de saber que realmente nos entendemos. Com ele, sinto-me confortável e excitada ao mesmo tempo. Escolhi tulipas cor-de-rosa e íris. Acho que ficou alegre, feminino, primaveril.

– Ficou, sim, está perfeito. – Parker esperou que Emma tirasse as flores do vaso e as amarrasse com um laço branco.

– Posso acrescentar uns lisianthus, se quiser um pouco mais de volume.

– Não, está ótimo. Impecável! Emma – começou Parker enquanto a amiga envolvia o arranjo num papel translúcido e brilhante –, Jack sabe que está apaixonada por ele?

– O quê? Não. Eu nunca disse... Bom, é claro que amo Jack. Nós *todas* o amamos.

– Mas nenhuma de nós pôs um vestido vermelho e sapatos sexy para sair à noite com ele.

– Ah, bem, isso é só... porque queria sair arrumada.

– Não é só por isso. Em, você vai sair com Jack. Você está transando com Jack. Era o que eu achava que sabia. Mas o que acabei de ouvir, e a sua cara... Querida, eu conheço você. Está apaixonada por ele.

– Por que está dizendo isso? – perguntou Emma, meio aflita. – Esse tipo de coisa é que confunde a minha cabeça, pois deixa tudo mais meloso e complicado.

Parker a fitava com a cabeça inclinada e as sobrancelhas erguidas.

– Desde quando acha que estar apaixonada deixa tudo meloso e complicado?

– Desde que comecei a sair com Jack. Gosto de como as coisas estão. Estou num relacionamento excitante com um homem excitante e não... não espero nada mais que isso. Porque sei que ele é assim. Não é do tipo que fica planejando o que vamos fazer daqui a cinco anos, ou daqui a cinco semanas. Estamos... curtindo o agora.

– Sabe, é estranho que tanto você quanto Del, que é a pessoa mais próxima dele, tenham tão pouca confiança nele.

– Não é isso. É que nessa área em particular, Jack não parece procurar algo... permanente.

– E quanto a você?

– Vou aproveitar o momento – respondeu Emma, decidida. – Não vou me apaixonar por ele porque sabemos muito bem o que aconteceria. Eu começaria a criar fantasias românticas, a pensar nele, em nós dois, e ia querer que ele...

Parou e pôs a mão na barriga.

– Parker, sei bem como é ter alguém se sentindo assim a nosso respeito, quando não sentimos o mesmo. É tão ruim para a pessoa que não está apaixonada quanto para a que está.

Ela meneou a cabeça.

– Não, decididamente não vou seguir por esse caminho. Só vamos sair algumas vezes por um tempo. Não vou me apaixonar.

– Está certo. – Para tranquilizá-la, Parker pôs a mão em seu ombro. – Se está feliz, também estou.

– Estou feliz.

– É melhor eu me apressar. Obrigada pelo arranjo.

– De nada.

– Vejo você amanhã na reunião sobre o casamento da Seaman.

– Tenho tudo anotado na agenda. Sei que querem dar uma volta pelos jardins para ver como estão agora e ter uma ideia do que vão querer nesses espaços em abril. Levarei um par de jardineiras com hortênsias azuis que tenho mantido na estufa. Estão exuberantes e vão impressioná-los. Tenho também outras cartas na manga – acrescentou, levando Parker até a porta.

– Você sempre tem. Divirta-se esta noite.

– Pode deixar.

Emma fechou a porta e, virando-se, apoiou as costas nela.

Podia enganar a si mesma, admitiu. Com certeza podia enganar Jack. Mas nunca enganaria Parker.

É claro que estava apaixonada. Talvez estivesse apaixonada por Jack há anos e resolvera se convencer de que era só tesão, o que já seria complicado, mas paixão? Era fatal.

Sabia exatamente que tipo de amor queria, um amor que se infiltra nos ossos, se enraíza no coração e floresce no corpo. Queria um amor que durasse para sempre.

Queria alguém com quem pudesse viver dia após dia, noite após noite, ano após ano, queria casa, família, brigas, conforto, sexo, tudo.

Sempre soube que queria isso do parceiro, o amante, o pai dos seus filhos.

Mas por que tinha que se apaixonar por Jack?

Quando finalmente sentia todas essas coisas que esperou a vida toda para sentir, por que tinha que ser justamente por aquele homem que ela conhecia tão bem? Bem o bastante para entender que ele era alguém que queria ter seu próprio espaço, seguir seu próprio caminho e que considerava o casamento uma aposta de longo prazo.

Sabia de todas essas coisas a respeito dele e ainda assim tinha se apaixonado.

Se ele soubesse, ficaria... atordoado?, pensou. Não, talvez esta fosse uma palavra pesada demais. Ficaria preocupado, se sentindo culpado, o que seria pior. Com muita delicadeza, daria um jeito de se afastar.

E isso a deixaria mortificada.

Não havia motivo para ele ficar sabendo. Só seria um problema se ela deixasse virar um problema.

Então, não iria deixar, decidiu.

Tinha tanta habilidade para lidar com homens quanto para lidar com flores. Continuariam exatamente como estavam, e se em algum momento aquilo lhe causasse mais dor que prazer, ela é que se afastaria.

Depois, iria superar.

Afastou-se da porta e se dirigiu para a cozinha para tomar um copo d'água. A garganta estava seca e um pouco arranhada.

Iria superar, assegurou a si mesma. De que adiantava se preocupar tanto com isso agora, se ainda estavam juntos?

Bom... sempre podia tentar fazê-lo se apaixonar por ela. Se sabia como impedir que um homem se apaixonasse por ela, ou sabia como convencê-lo a se desencantar quando ele achava que estava apaixonado, por que não conseguiria fazer o contrário?

– Espere aí, estou me confundindo.

Respirou fundo e tomou um gole d'água.

– Se eu fizer com que ele se apaixone por mim, seria um sentimento legítimo? Caramba, é muita doideira. Vamos a um vernissage. É isso, só isso.

Ficou aliviada quando ouviu baterem à porta. Agora podia parar de pensar e de se preocupar com tudo isso.

Iam sair e se divertir juntos. O que tivesse que acontecer depois, aconteceria.

capítulo doze

A SATISFAÇÃO SUBSTITUIU a preocupação. O que Emma viu nos olhos de Jack ao abrir a porta era exatamente o que estava pretendendo.

– Preciso de um momento de silêncio – disse ele – para fazer minha prece de agradecimento.

Com um sorriso brando e sensual, ela retrucou:

– Então, deixe que eu lhe diga que é muito bem-vindo. Não quer entrar?

Aproximando-se um pouco mais, ele passou os dedos pelos ombros dela e foi descendo pelo braço. Aqueles olhos acinzentados estavam pregados nela.

– Acabei de ter uma ideia. Que tal eu entrar e a gente esquecer essa história de vernissage?

– Ah, não! – exclamou Emma, empurrando-o e se afastando. Entregou-lhe a echarpe, virou-se de costas e deixou que ele a envolvesse nos ombros dela. – Você me prometeu pinturas estranhas, péssimo vinho e canapés empapados.

– Bem que poderíamos voltar lá para dentro – disse ele, inclinando-se para roçar o seu pescoço com a boca e o nariz. – Faço uns desenhos eróticos, tomamos um bom vinho e pedimos uma pizza.

– Hum, por que escolher? – rebateu Emma enquanto os dois se dirigiam para o carro. – Primeiro, o vernissage e, depois, os desenhos eróticos...

– Se não tem outro jeito... – disse Jack. Mas parou junto do carro, puxou-a para si e lhe deu um beijo estonteante. – Adorei a sua roupa. Você está incrível.

– Era essa a intenção. – Ela acariciou o suéter cinza que ele estava usando por baixo da jaqueta de couro. – Gosto da sua roupa, Jack.

– Já que estamos tão bonitos, é melhor nos exibirmos por aí. – Ele se sentou ao volante e acrescentou, com um sorriso: – Como foi o fim de semana?

– Cheio, como previsto. E um sucesso, porque Parker convenceu os clientes a alugarem tendas para o sábado. Quando começou a chover, ninguém precisou sair correndo. Foi até melhor. Pusemos mais velas e mais algumas flores do meu estoque de emergência. Resultado: havia aquela luz suave e o perfume das flores com a chuva tamborilando nas tendas. Ficou lindo.

– Incrível que tudo tenha corrido bem. Eu estava na obra nova sábado à tarde e, para nós, foi impossível! Quero dizer, tivemos que sair correndo.

– Gosto dessas chuvas de primavera. O barulho, o cheiro... Nem todas as noivas pensam assim, mas conseguimos que a de sábado ficasse realmente feliz. E como foi a Noite do Pôquer?

Fitando a estrada que os faróis iluminavam em meio à escuridão, Jack fechou a cara.

– Não quero falar sobre isso!

Emma riu.

– Pelo que me disseram, Carter levou até o seu relógio.

– O cara nos enganou direitinho com aquela história de "não sei jogar muito bem" e com aquele ar todo honesto. É uma verdadeira fera.

– Ah, sei... Carter, uma verdadeira fera...

– É mesmo. Jogue com ele para você ver...

– Você é um mau perdedor.

– O pior é que sou mesmo...

Com um ar divertido, Emma se recostou no banco do carro.

– E então, fale um pouco sobre a artista da exposição.

– Ah, claro... Seria bom mesmo. – Ficou um instante em silêncio, tamborilando no volante. – Ela é amiga de um cliente. Acho que já disse isso.

– Disse, sim. – Ela estava querendo saber sobre a obra, mas, pelo tom de voz dele, percebeu que era melhor mudar de rumo. – É sua amiga também?

– Mais ou menos. Saímos juntos algumas vezes. Poucas. Talvez várias.

– Ah, sei. – Apesar de curiosíssima, Emma manteve um tom desinteressado. – É uma ex...

– Não exatamente. Nunca fomos... Saímos por algumas semanas. Já faz mais de um ano. Na verdade, quase dois. Foi só uma coisa passageira que acabou logo.

Vê-lo assim tão sem jeito deixou-a ao mesmo tempo interessada e lisonjeada.

– Não precisa ficar constrangido, Jack. Sempre desconfiei que você já tinha dormido com outras mulheres.

– Dormi, sim. E Kellye – ele pronunciou o nome acentuando o "e" final – é uma delas. É uma mulher... interessante.

– E artística.

Ele retorceu um pouco os lábios, deixando Emma mais intrigada.

– Isso você é que vai decidir.

– Então por que terminaram? Ou será que estou sendo indiscreta?

– A coisa foi ficando um pouco intensa demais para o meu gosto. Ela é do tipo decidida, cobradora.

– Exigia atenção demais? – perguntou Emma, com uma pontinha de frieza na voz.

– *Exigia* muita dedicação. Mas, seja como for, acabou.

– E vocês dois continuaram amigos.

– Nem tanto. Mas encontrei com ela uns dois meses atrás, e não houve problemas. Depois, ela me avisou do vernissage e percebi que não faria mal nenhum ir até lá. Principalmente com você para me proteger.

– É comum você precisar de proteção contra mulheres?

– Sempre – respondeu ele, fazendo-a rir novamente.

– Não se preocupe – replicou Emma, dando-lhe uns tapinhas na mão que estava na alavanca do câmbio. – Estou aqui para isso.

Depois de estacionarem, saíram andando pelo ar fresco da noite de primavera. Uma brisa

erguia as pontas da echarpe de Emma. As lojinhas que ela gostava de ver já estavam fechadas, mas os bistrôs ainda tinham bastante movimento. Vários clientes enfrentavam o frio para jantar na varanda com velas nas mesas.

Sentiu cheiro de rosas e de molho de tomate.

– Sabe o que ainda não fiz para você? – indagou.

– Tenho uma listinha, mas acho que preciso rever alguns dos itens mais importantes.

Ela o cutucou com o cotovelo.

– Cozinhar. Sou boa na cozinha quando tenho tempo. Preciso seduzi-lo com minhas fajitas.

– Quando e onde quiser – disse ele, parando diante da galeria. – Chegamos. Tem certeza de que não preferiria cozinhar?

– Arte – replicou ela, entrando.

Não. Não exatamente, foi o que logo lhe passou pela cabeça. A primeira coisa que viu, além de várias pessoas paradas, com um ar concentrado, foi uma tela branca gigantesca atravessada por uma única linha preta, larga e meio turva.

– É uma marca de pneu? Uma única marca de pneu numa estrada branca, ou a divisão de... uma coisa qualquer?

– É uma linha preta numa tela branca. E vamos precisar de uns drinques – afirmou Jack.

– Ahã...

Enquanto ele ia buscar as bebidas, Emma começou a circular pela sala. Parou para olhar outra tela, onde havia uma corrente preta retorcida com dois elos quebrados, intitulada *Liberdade*. Outra ainda exibia o que parecia ser uma série de pontos pretos, mas que, vistos mais de perto, se revelavam um punhado de letras minúsculas.

– Fascinante, não é mesmo? – Um homem usando óculos de aro escuro e um suéter preto de gola rulê tinha se aproximado. – A emoção, o caos.

– Hum... é...

– A abordagem minimalista da intensidade e da confusão. Brilhante! Poderia passar horas analisando essa tela e ver algo diferente a cada instante.

– Depende da disposição que der às letras.

– Exatamente! – exclamou ele, com um sorriso radiante. – O meu nome é Jasper.

– Emma.

– Já viu *Nascimento*?

– Não ao vivo.

– Acho que é o melhor trabalho dela. Está logo ali. Adoraria saber o que pensa dele.

Quando fez o gesto indicando o caminho, roçou no cotovelo de Emma. Ela percebeu que estava sendo sondada.

– Que tal um vinho?

– Na verdade... já tenho a minha taça – respondeu ela quando Jack se aproximou trazendo sua bebida. – Jack, este é Jasper. Estávamos admirando... *Babel* – acrescentou, lendo o título da obra.

– Uma confusão de linguagem – observou ele, pondo a mão de leve, mas de um jeito possessivo, no ombro de Emma.

– Claro. Se me derem licença...

– Acabei com a festa dele – disse Jack, vendo o outro se afastar. Provando o vinho de péssima qualidade, ficou olhando a tela à sua frente. – Parece um daqueles kits de ímãs que as pessoas compram para pôr na porta da geladeira.

– Graças a Deus! Graças a Deus! Achei que estivesse vendo realmente alguma coisa aí.

– Ou que alguém deixou cair as peças de um jogo de formar palavras.

– Pare com isso – atalhou Emma, tendo que respirar fundo para conter uma gargalhada. – Jasper acha essa tela brilhante em seu caos minimalista.

– Bom, parece a cara de Jasper... Por que não...

– Jack!

Emma se virou para ver surgir da multidão uma ruiva de mais de 1,80 metro, com os braços abertos. Estava usando um vestido preto bem justo que deixava à mostra quilômetros de pernas e tinha uns seios firmes que quase saltavam pelo decote. Cada passo que dava era acompanhado pelo tilintar de umas dez pulseiras prateadas que trazia num dos pulsos.

E quase massacrou Emma quando atirou os braços ao redor do pescoço de Jack para colar na dele aquela boca vermelha e assassina.

O máximo que Emma pôde fazer foi segurar a taça de vinho dele antes que ela caísse no chão.

– Sabia que você viria – disse a ruiva baixinho, quase num soluço. – Nem imagina como isso é importante para mim. Não faz ideia.

– Ah... – replicou ele.

– A maioria dos que estão aqui não me *conhece*. Nenhum deles esteve *dentro* de mim.

Céus! Meu Deus!

– Ok. Que tal... – balbuciou Jack, tentando se desvencilhar daqueles braços que apertavam seu pescoço como um garrote. – Quis vir até aqui e lhe dar parabéns. Deixe-me que lhe apresente... Kellye, você está me sufocando!

– Estava com *tanta* saudade... E esta noite significa muito para mim. Agora mais ainda. – Lágrimas dramáticas brilharam em seus olhos e os lábios dela tremiam de emoção. – Agora que está aqui, sei que posso enfrentar esta noite com todo esse estresse, todas essas *solicitações*. Ah, Jack, Jack, fique junto de mim. Bem juntinho.

Um pouco mais perto que isso e *estaria* dentro dela.

– Kellye, esta é Emmaline. – Já em desespero, Jack agarrou os pulsos da ruiva, tentando tirá-los do seu pescoço. – Emma...

– Muito prazer em conhecê-la – disse Emma, num tom animado, entusiasta, estendendo-lhe a mão. – Você deve...

Kellye recuou, como se houvesse sido apunhalada. Depois, virou-se para Jack, exclamando:

– Que ousadia! Como pôde fazer isso? Trazer *essa mulher* aqui? Só para esfregá-la na minha cara? Seu desgraçado! – E saiu como uma bala, afastando do caminho a multidão fascinada.

– Ok, foi bem divertido. Vamos embora – disse Jack. Pegou a mão de Emma e foi puxando-a em direção à saída. – Que roubada! A maior roubada – acrescentou quando conseguiu respirar um pouco de ar fresco. – Acho que ela perfurou minhas amígdalas com a língua.

Você não me protegeu...

– Verdade. Estou tão envergonhada...

Ainda puxando Emma pela mão na calçada, ele a fitou estreitando os olhos.

– E você achou engraçado?

– Também sou uma cobra. Tenho um coração de pedra. Estou mais envergonhada ainda. – Precisava parar e rolar de rir. – Céus, Jack! O que estava pensando?

– Quando uma mulher tem o poder de perfurar as amígdalas de um homem com a língua, ele para de pensar. E ainda tem aquele jeito quando ela... Eu quase disse em voz alta... – Passou a mão pelo cabelo, analisando o rosto radiante de Emma. – Fomos amigos por tanto tempo! Isso é meio perigoso.

– Em nome da amizade, vou lhe pagar um drinque. Você merece – respondeu Emma, segurando a mão dele. – Não acreditei quando você disse que ela era decidida e coisas do gênero. Achei que era só uma típica manifestação do homem anticompromisso. Mas *decidida* é pouco para Kellye. Além do mais, a pintura dela é ridícula. Sinceramente, acho que ela devia namorar Jasper. Ele a adoraria.

– Vamos para o outro lado da cidade tomar aquele drinque – sugeriu Jack. – Quero evitar qualquer possibilidade de encontrá-la outra vez – acrescentou, abrindo a porta do carro para Emma. – Você não ficou nem um pouco constrangida com aquela situação?

– Não. Para me deixar constrangida, é preciso muito mais que isso. Se tivesse percebido ali um mínimo de sinceridade que fosse, teria pena dela. Mas Kellye é tão falsa quanto a arte que produz. E também deve ser igualmente esquisita.

Dando a volta até a porta do motorista, Jack perguntou:

– Por que diz isso? Por que acha que ela é falsa?

– O que contava ali era o drama, e ela bem no meio da cena. Talvez sinta alguma coisa por você, mas seus sentimentos mais fortes são em relação a si mesma. Além do mais, com certeza ela me viu quando pulou no seu pescoço. Sabia que estávamos juntos e foi por isso que armou todo aquele show.

– Criar uma situação constrangedora para ela mesma? Por que alguém faria isso?

– Ela não estava nem um pouco constrangida. Estava em êxtase – respondeu Emma, virando a cabeça e percebendo o espanto nos olhos dele. – Os homens não percebem mesmo esse tipo de coisa, não é? Acho tão interessante... Ela estava sendo a estrela da própria tragédia romântica, Jack, e foi ficando cada vez mais empolgada. Aposto que, hoje à noite, por causa dessa cena, vai vender muito mais daquela besteirada que ela chama de arte.

Enquanto ele seguia dirigindo em silêncio por alguns instantes, Emma estremeceu.

– E tudo isso acabou com o seu ego, não foi?

– Só uns arranhões superficiais. Comparando isso ao medo de ter dado motivo para ela me interpretar mal e merecer efetivamente aquele showzinho tão divertido – acrescentou ele, dando de ombros –, acho que prefiro os arranhões.

– Com certeza. Afinal... tem alguma outra ex-nós-andamos-saindo-juntos que você queira me apresentar?

– De jeito nenhum. – Ele se virou para fitá-la e as luzes dos postes reluziram nos tons de

dourado e de cobre do seu cabelo. – Mas quero deixar claro que, em sua maioria, as mulheres que namorei não eram loucas.

– O que depõe a seu favor...



Escolheram um pequeno bistrô e dividiram um prato de fettuccine alfredo. Emma o deixava mais relaxado, pensou Jack, o que era estranho, porque ele sempre se achou um cara bastante tranquilo. Mas ficar com ela, só conversando sobre o assunto que lhes passasse pela cabeça, fazia qualquer problema ou preocupação que pudesse estar enfrentando desaparecer por completo.

Mais estranho ainda era o fato de ficar simultaneamente excitado e relaxado junto de uma mulher. Não conseguia se lembrar de ter experimentado essa combinação de sensações com ninguém antes de Emma.

– Como é possível – perguntou ele – que, em todos esses anos de convivência, você nunca tenha cozinhado para mim?

Enrolando um único fio da massa no garfo, ela retrucou:

– Como é possível que, em todos esses anos de convivência, você nunca tenha me levado para a cama?

– Ah! Quer dizer que só cozinha para homens em troca de sexo?

– É uma boa política – respondeu ela, sorrindo, e mordiscando a massa. – Cozinhar me dá um trabalho danado. Tem que valer a pena.

– Que tal amanhã? Posso fazer o trabalho valer a pena.

– Claro que pode. Mas amanhã não vai dar. Não vou ter tempo de ir ao mercado. Sou muito chata com a escolha dos ingredientes. Na quarta-feira ainda fica meio em cima, mas...

– Tenho um compromisso de trabalho na quarta à noite.

– Bom, é melhor mesmo ficar para a semana que vem. Diferentemente de Parker, não tenho a agenda na cabeça, reforçada pelo BlackBerry sempre nas mãos, mas acho que... Ah! Cinco de Maio. Estamos quase em maio. Altas festas de família. Lembra? Você foi a uma delas.

– A maior festança do ano!

– Uma tradição na família Grant. E, em termos de cozinha, nem se fala... Vou dar uma olhada na agenda e depois falo com você.

Emma se recostou na cadeira, com a taça de vinho na mão.

– Quase maio. O melhor dos meses.

– Para casamentos?

– Bom, é um mês ótimo para isso, mas estou pensando de um modo geral. Azaleias, peônias, lilases, glicínias. Tudo começa a brotar e a florescer. E posso começar a plantar algumas espécies anuais. A Sra. G vai colocar no jardinzinho da cozinha. Tudo recomeça e volta. Qual o seu mês favorito?

– Julho. Um fim de semana na praia. O sol, a areia, o surfe. Os jogos de beisebol. Os dias longos, as churrasqueiras a todo vapor...

– Hum, nada mau também. O cheiro da grama recém-aparada...

– Não tenho grama para aparar.

– Ah, o menino da cidade – disse Emma, apontando para ele.

– Esse é o meu lugar.

Ambos estavam brincando com a massa no prato. Emma se inclinou para a frente. Mal percebiam as conversas que ocorriam ao seu redor.

– Já pensou em ir morar em Nova York?

– Já. Mas gosto daqui. Tanto para viver quanto para trabalhar. E estou perto o bastante para ir ver os Yankees, os Knicks, os Giants, os Rangers.

– Ouvi dizer que lá também tem coisas como balé, ópera e teatro.

– Verdade? – exclamou Jack, exagerando na expressão de espanto. – Que coisa estranha...

– Você é uma peça, Jack, sabia?

– Admito.

– Acho que nunca lhe perguntei isso. Por que escolheu arquitetura?

– Segundo minha mãe, comecei a construir prédios de dois andares quando tinha 2 anos. Acho que virou uma mania. Gosto de imaginar como usar o espaço ou modificar uma estrutura já existente. Como utilizar aquilo melhor? Você vai morar ali, trabalhar ali, se divertir ali? E o que cerca aquele espaço, que finalidade pode ter? Quais são os melhores materiais, os mais interessantes, os mais práticos? Quem é o cliente e o que ele está procurando de verdade? De certo modo, não é muito diferente do que você faz.

– Só que as suas obras duram mais.

– Tenho que admitir que sofro vendo o meu trabalho ir desaparecendo e terminar. Não acha isso chato?

Emma pegou um pedacinho de pão.

– É claro que existe algo especial com a transitoriedade. O que acontece é que só o temporário faz aquilo ser mais imediato, mais pessoal. Uma flor desabrocha e você pensa: Ai, que linda! Ou você projeta e cria um buquê, e acha que ficou deslumbrante. Não sei se o impacto e a emoção seriam os mesmos se a gente não soubesse que aquilo só vai durar algum tempo. Um prédio tem que durar; o seu jardim tem que cumprir seus ciclos.

– E desenhar paisagens? Já pensou nisso?

– Provavelmente por menos tempo que você pensou em morar em Nova York. Gosto de trabalhar no jardim, ao ar livre, sob o sol, vendo o que plantei ali ressurgir no ano seguinte, ou florescer durante toda a primavera e o verão. Mas sempre que chega uma remessa do meu fornecedor, é como se eu estivesse ganhando uma caixa de brinquedos novinha em folha.

Seu rosto adquiriu um ar sonhador.

– Cada vez que entrego o buquê a uma noiva, vejo a reação dela ou os convidados admirando os arranjos, penso: fui eu que fiz isso. E mesmo que já tenha feito o mesmo arranjo antes, o resultado nunca fica igual. Portanto, é algo sempre novo.

– E nunca fica entediante. Antes de conhecer você, achava que o que as floristas faziam era enfiar flores em vasos.

– Antes de conhecer você, eu achava que arquitetos passavam o tempo todo sentados diante

de pranchetas. Veja como já aprendemos...

– Poucas semanas atrás, não me passaria pela cabeça que estaríamos sentados aqui, desse jeito – disse Jack, pousando a mão sobre a de Emma, movendo ligeiramente os dedos e com os olhos pregados nos dela. – E que, antes do final da noite, eu já soubesse que ia descobrir o que existe debaixo desse vestido lindo.

– Poucas semanas atrás... – Por baixo da mesa, Emma passou o pé bem devagar pela perna dele. – Eu nunca teria imaginado que escolheria esse vestido com a intenção de deixar que você o tirasse. É por isso que...

Debruçou-se um pouco mais sobre a mesa, fazendo a luz dourada da vela dançar em seus olhos, e os seus lábios roçaram os de Jack.

– Não tem nada embaixo do vestido.

Ele continuou a fitá-la, penetrando naqueles olhos ardentes e maliciosos. De repente, ergueu a mão livre.

– A conta, por favor!

Jack precisou se concentrar na estrada, especialmente porque parecia estar tentando quebrar o recorde mundial de velocidade. Emma o deixava louco com aquele jeito de se sentar bem recostada, com as pernas incríveis à mostra, fazendo o vestido subir levemente pelas coxas.

Ela se debruçou – deliberadamente, é claro – e, no único segundo em que Jack ousou tirar os olhos da estrada à frente, teve a magnífica visão dos seios dela surgindo daquele vermelho tão sexy.

Emma pareceu estar um tanto atrapalhada com o rádio, mas virou a cabeça o suficiente para lhe dar um sorriso de fêmea felina e, depois, voltou a se recostar no banco. Cruzou as pernas novamente. O vestido subiu mais um centímetro.

Ele teve medo de perder a cabeça.

Fosse qual fosse a música que começou a tocar no rádio, tudo o que lhe chegava aos ouvidos era o som do baixo. Aquele som vigoroso, penetrante. O resto lhe parecia apenas ruído, estática.

– Você está pondo vidas em risco – disse Jack, e ela apenas riu.

– Poderia tornar tudo ainda mais perigoso. Poderia lhe dizer o que quero que faça comigo. Como quero que me coma. Hoje, estou a fim de ser comida. De ser usada – prosseguiu ela, passando um dos dedos para cima e para baixo bem no meio do corpo. – Poucas semanas atrás, ou há mais tempo ainda, você teria se imaginado me comendo, Jack? Me usando?

– Claro. A primeira vez foi depois daquele dia que a vi na praia. Só que, quando imaginei isso, era noite e eu fui correndo para a água, surfar. Dava para sentir o gosto da sua pele e do sal. Senti os seus seios nas minhas mãos, na minha boca, onde quer que a água nos tocasse. Depois, eu a levava para a areia, enquanto as ondas quebravam, até que tudo o que você conseguia dizer era o meu nome.

– Foi há bastante tempo – disse Emma, com a voz meio rouca. – Bastante tempo para

imaginar. Só sei de uma coisa: precisamos voltar à praia.

O riso poderia ter aliviado um pouco a ansiedade, mas acabou tornando-a mais forte ainda. Mais uma diferença, pensou Jack: uma mulher que podia fazê-lo rir e ao mesmo tempo deixá-lo incrivelmente excitado.

Saiu da estrada e entrou na longa alameda da propriedade dos Browns.

Havia luz no terceiro andar, em ambas as alas da mansão, e uma claridade branda na janela do estúdio de Mac. E, logo ali adiante, graças a Deus, a lâmpada da entrada da casa de Emma e o abajur que ela deixara aceso lá dentro.

Ao frear o carro, Jack já estava soltando o cinto de segurança. Antes mesmo que Emma pudesse fazer o mesmo, ele deu um jeito de agarrá-la e começou a beijá-la.

Pegou os seus seios, se deu o prazer de passar as mãos por aquelas pernas, por baixo do vermelho tão sedutor.

Conseguiu baixar um dos ombros do vestido, mas bateu com o joelho na alavanca do câmbio.

– Ai! – exclamou Emma, rindo baixinho. – Temos de acrescentar joelheiras àqueles protetores de cotovelos.

– Droga de carro pequeno. É melhor a gente entrar antes de se machucar para valer.

Emma o segurou pela jaqueta, puxando-o para junto de si e voltaram a se beijar com sofreguidão.

– Depressa.

Saíram do carro, cada um por um lado, e correram ao encontro um do outro. Mais um riso baixinho e um gemido desesperado ressoaram no silêncio. E lá foram eles, trôpegos, tateando, se beijando sem parar.

Com um puxão, Emma arrancou a jaqueta de Jack enquanto ambos giravam como um casal de dançarinos loucos. Quando chegaram diante da casa, ela simplesmente o empurrou contra a porta. A sua boca devorava a dele, só parando por um instante quando as suas mãos puxaram o suéter, as unhas arranhando a pele, até ela conseguir atirá-lo longe.

Os saltos altos e a posição em que estavam deixavam a boca de Emma na altura da mandíbula dele. Dando-lhe umas mordidas, ela tirou o cinto de Jack e também o jogou longe.

Ele teve problemas com a maçaneta às suas costas, e os dois entraram quase caindo. Dessa vez, foi ele que a empurrou contra a porta, ergueu os braços dela e segurou os seus pulsos com ambas as mãos. Mantendo-a assim, imobilizada, levantou a saia do vestido e a olhou, já bastante excitada. E a respiração entrecortada de Emma se transformou num grito quando ele a levou bem depressa ao clímax.

– Quanto será que você aguenta?

Quase sem fôlego, o corpo ainda em chamas, ela o fitou diretamente nos olhos.

– Tudo o que você tiver para dar.

Jack a ergueu de novo, entre gemidos e gritos, cobrindo todo o seu corpo com as mãos e a boca. O fogo a envolveu, lambeu toda a sua pele quando ele arrancou-lhe o vestido para deixar seus seios à mostra e abocanhá-los. Tudo o que Emma queria, até mais do que poderia imaginar, com vigor e com urgência, ele usou para explorar o seu corpo.

Possuí-la, pensou ela. Será que ele sabia? Será que fazia ideia?

Desejar já era o bastante, desejar desse jeito, ser desejada desse jeito. Conseguiria fazer com que isso bastasse. E, desejando-o, sentindo-se louca por ele, ela se apoiou na porta e passou uma das pernas por sua cintura.

– Quero mais.

Ela o consumiu. No momento que precedeu a penetração, o seu olhar, o seu jeito, a sensação que vinha dela, o seu gosto o consumiram. Depois, num novo tipo de loucura, ele a empurrou para a porta, e ambos se chocaram mil vezes contra ela. O cabelo de Emma se soltou dos grampos que o prendiam, enquanto ela repetia o nome dele sem parar.

O orgasmo foi brutal e glorioso.

Jack não saberia dizer se ainda estava em pé ou se o seu coração voltaria a bater normalmente. Ele continuava martelando em seu peito, tornando o simples ato de respirar um desafio.

– Ainda estamos vivos? – conseguiu perguntar enfim.

– Acho... Acho que não poderia me sentir assim se não estivesse. Mas acredito que, a certa altura, minha vida passou diante dos meus olhos.

– E eu estava lá?

– Em todas as cenas.

Jack se concedeu ainda mais um minuto e depois recuou. Pôde ver que ainda estava de pé. E ela também – afogueada e radiante, e inteiramente nua, a não ser pelos sapatos incrivelmente sexy, de saltos altíssimos.

– Céus, Emma, você é... Nem sei como dizer. – Voltou a tocá-la, mas, desta vez, de uma forma quase reverente. – Não vamos subir ainda...

– Ok. – Quando ele a pegou pelos quadris, erguendo-a do chão, ela passou as duas pernas pela cintura dele. – Consegue chegar até o sofá?

– Vou tentar.

Ele a carregou até lá e ambos se deixaram cair, os corpos emaranhados.



Duas horas depois, quando finalmente subiram, os dois pegaram no sono.

Emma sonhou e, no sonho, estavam dançando no jardim, ao luar. O ar da primavera era suave e cheirava a rosas. A lua e as estrelas prateavam as flores que estavam por toda parte. Seus dedos se entrelaçaram quando eles se viraram e, então, ele levou aqueles dedos à boca para beijá-los.

Quando ela ergueu o rosto, quando sorriu para ele, viu as palavras nos seus olhos antes mesmo que ele as pronunciasse.

– Eu te amo, Emma.

No sonho, seu coração desabrochou como as flores.

capítulo treze

Preparando-se para a reunião com as Seamans, Emma encheu as jardineiras da entrada da mansão com enormes hortênsias. O azul intenso cria um efeito impressionante, pensou ela, dramático, romântico e atraente. Como as cores da noiva eram azul e pêssego, contava que as hortênsias se encarregassem do impacto inicial.

Cantarolando, voltou para a van para descarregar os vasos de tulipas brancas – as flores favoritas da noiva – que disporia nos lados dos degraus da entrada. Elas criariam uma imagem mais doce que a do azul intenso, mais branda e delicada. A seu ver, era uma bela mistura de textura, forma e estilo.

Uma prova do que a noiva poderia esperar.

– Em!

Inclinada sobre as jardineiras, com os braços cheios de tulipas, Emma virou a cabeça na direção do chamado. E Mac apertou o disparador da câmera.

– Perfeita!

– As flores estão. Espero conseguir me arrumar antes da reunião. Nossa melhor cliente precisa ser recebida impecavelmente. – Emma ajeitou os vasos em seus lugares e prosseguiu: – Temos que verificar todos os detalhes.

Vestida com um tailleur num tom de verde tão intenso quanto o dos seus olhos, Mac se plantou na frente da amiga.

– Não tem mais muito tempo para ficar embelezando a propriedade.

– Está quase pronto. Este é o último. – Emma respirou fundo, deixando-se inebriar com as flores e seus aromas. – Meu Deus, que dia maravilhoso!

– Nossa, está animada, hein?

– Tive um encontro incrível ontem à noite. Com direito a comédia, drama, conversa e sexo. Estou me sentindo... energizada.

– E está com os olhos brilhando.

– É provável – disse, apoiando a cabeça no ombro de Mac. – Sei que é muito cedo e ainda nem falamos ou chegamos perto de falar em amor. Mas... Você sabe, Mac, que tenho aquele sonho recorrente com a noite enluarada, as estrelas...

– Você dançando no jardim. – Instintivamente, Mac passou o braço pela cintura da amiga. – Claro, você fala nisso desde que éramos pequenas.

– Sonhei com isso ontem à noite e Jack estava no sonho. Eu dançava com ele. É a primeira vez que tenho esse sonho, ou imagino essa cena, sabendo quem é o meu par. Não acha que isso quer dizer alguma coisa?

– Que está apaixonada.

– Foi o que Parker disse ontem à noite antes do meu encontro com ele. Eu neguei, dizendo que não estava nada. Mas, como sempre, é claro que ela estava certa. Acha que sou louca?

– Quem disse que o amor é coisa de gente sã? Você meio que já passou por isso antes.

– É. Mais ou menos – atalhou Emma. – Queria me apaixonar, esperava me apaixonar. Mas agora que aconteceu, é mais forte do que eu imaginava. E olha que eu imaginava muito. – Emma deu um passo para o lado, rodou, fez uma pirueta. – Estou tão feliz!

– Vai contar a ele?

– Claro que não. Ele entraria em pânico. Você conhece o Jack.

– É – disse Mac, cautelosa. – Conheço.

– Estou tão feliz! – repetiu Emma, pondo a mão no coração. – Posso continuar do jeito que está. Ele sente alguma coisa por mim. Uma mulher sabe quando um homem sente algo por ela.

– Isso é verdade.

– Então, vou ficar feliz, pensando que ele pode vir a se apaixonar por mim.

– Emma, quer que eu diga a verdade? Não sei como ele pode resistir ao seu charme. Está na cara que vocês combinam. E, se você está feliz, também estou.

Mas Emma conhecia muito bem aquele tom, aquelas expressões, o que se passava no coração da amiga.

– Está com medo que eu me machuque. Consigo perceber isso no seu tom de voz. Porque nós sabemos como o Jack é. Mac, você não queria se apaixonar por Carter.

– Tem razão. – Mac deu um leve sorriso e passou os dedos nas pontas do cabelo da outra. – Eu não queria, mas aconteceu, então preciso deixar de ser cética.

– Muito bem. Agora tenho que ir me arrumar para ficar com cara de profissional. Diga a Parker, por favor, que já terminei e que estarei de volta em vinte minutos.

– Pode deixar. – Visivelmente preocupada, Mac ficou vendo a amiga se afastar apressada.



Uma hora depois, vestida com um terninho elegante e sapatos de salto baixo, Emma levava a noiva, a mãe de olhos de lince e a encantada irmã da mãe para conhecer os jardins.

– Vocês podem ver que teremos uma grande variedade de espécies florescendo na próxima primavera. Agora elas não estão ainda tão exuberantes quanto vocês precisariam ou gostariam que estivessem.

– Não sei por que não podem esperar até maio ou junho – murmurou Kathryn Seaman.

– Mãe, não vamos discutir isso de novo.

– Seja como for, está na época das tulipas, que sei que são suas flores favoritas – disse Emma, voltando-se para Jessica. – Vamos plantar mais nesse outono, brancas e pêssego. Você vai ter um mar de tulipas e de jacintos azuis. Também vamos encher muitos vasos brancos com rosas cor de pêssego, esporinhas, bocas-de-leão, goivos e hortênsias. Todas as cores combinando com o branco para realçar mais. Pensei em cobrir de rosas essa área aqui de trás.

Virou-se sorrindo para Kathryn.

– Prometo que vai ficar como um jardim de mundo da fantasia, tão rico, exuberante e romântico quanto você deseja para o casamento da sua filha.

– Bem, já vi o seu trabalho, por isso acredito no que diz. – E dirigiu-se a Mac com um gesto de assentimento. – As fotos do noivado ficaram exatamente como disse que seriam.

– Ajuda muito ter um casal tão belo e perdidamente apaixonado.

– E nos divertimos muito também... – confessou Jessica. – Além do mais, fiquei me sentindo uma princesa de conto de fadas.

– Estava parecendo uma princesa mesmo – respondeu a mãe. – Muito bem, vamos falar das varandas.

– Vocês se lembram dos esboços que apresentamos? – começou Emma, abrindo caminho.

– Também já vi o seu trabalho – disse Adele, a tia da noiva, examinando as varandas. – Estive em três casamentos aqui e todos estavam lindos.

– Obrigada – respondeu Parker, com um sorriso educado por conta do elogio.

– Na verdade, o que fizeram aqui, tudo o que criaram, tem me inspirado a abrir um negócio parecido. Passamos parte do ano na Jamaica, um lugar que tem sido muito procurado para casamentos e que é perfeito para abrir uma empresa sólida, de qualidade e que ofereça pacotes com todos os serviços incluídos.

– Está falando sério? – perguntou Kathryn.

– Sim, tenho pensado seriamente no assunto. Meu marido vai se aposentar – disse Adele para Parker –, e estamos querendo ficar ainda mais tempo na nossa casa de veraneio de lá. Acho que seria um excelente investimento, e também divertido.

Ela deu uma piscadinha para Emma e sorriu.

– Agora, se eu conseguir seduzir você com a promessa de ilimitadas flores tropicais e as suaves brisas de uma ilha, vai ser o primeiro tijolo da minha construção.

– Tentador – disse Emma, com a mesma naturalidade –, mas a Arranjos, minha parte da Votos, já me mantém muito ocupada. Se levar adiante esses seus planos, tenho certeza de que todas nós ficaremos felizes em tirar qualquer dúvida que tenha. Agora, vamos ver as outras áreas...

Depois da reunião, as quatro estavam desabadas na sala.

– Meu Deus! – disse Laurel, esticando as pernas. – Essa mulher sem dúvida sabe como testar os conhecimentos de alguém. Estava me sentindo mais uma vez como se fosse o próprio evento, e não apenas uma visita para falar sobre ele.

– A menos que haja qualquer objeção, gostaria de propor que não marcássemos nada da sexta da semana anterior até o domingo depois da cerimônia. O porte e o escopo desse casamento compensam em muito a perda desses dias. Além do mais, ele nos trará muita propaganda e divulgação boca a boca, atraindo mais clientes – disse Parker, chutando os sapatos para longe. – Isso nos dará uma semana inteira para nos concentrarmos exclusivamente nele.

– Graças a Deus. – Emma deu um suspiro longo e aliviado. – Com essa quantidade de flores e de trabalho de paisagismo, os vários tipos de buquê e arranjos, os centros de mesa, as guirlandas, as árvores ornamentais, eu teria que contratar mais pessoas para me ajudar. Mas com a semana toda voltada para esse único evento, acho que dá para me virar com a equipe de sempre. Posso pensar em mais alguém só para ajudar na decoração, mas prefiro fazer isso pessoalmente e com gente que eu já conheço.

– Concordo com a Emma – disse Laurel. – Os bolos, as barrinhas, os chocolates personalizados são a parte mais elaborada e que exigem mais trabalho. Se tiver a semana toda para fazer isso sem me preocupar com mais nada, vou poder até dormir umas horinhas.

– Então somos três – complementou Mac, erguendo a mão. – Eles querem documentar com fotos todos os ensaios, inclusive o jantar, então, se tivéssemos outro evento na sexta, eu teria que arranjar um fotógrafo para me substituir, já que estaria com os Seamans. Do jeito que as coisas estão, vou ter que contratar dois fotógrafos para o evento em si, mais um cinegrafista. E ter o domingo livre significa que não precisaremos nos matar nem sacrificar os ajudantes tirando coisas de um casamento para pôr as do outro.

– E nem mencionamos o que eles esperam de você... – disse Emma, dirigindo-se a Parker.

– Então, estamos todas de acordo – concluiu Parker. – Vou dizer à mãe da noiva que teremos a agenda da semana livre só para podermos dedicar todo nosso tempo, toda nossa atenção e nossos talentos ao casamento da filha dela. Ela vai adorar isso.

– Ela gosta de nós – observou Emma. – A ideia de uma empresa fundada e administrada por quatro mulheres a atrai.

– Parece que atrai a irmã dela também. Quem mais a sorrateira Adele tentou aliciar a ir com ela para a Jamaica? – perguntou Laurel.

As quatro levantaram a mão.

– E nem sequer percebeu como estava sendo grosseira – acrescentou Parker. – É a *nossa* empresa. Não somos contratadas. A Votos é nossa.

– Foi grosseira, sim, mas não acho que tenha sido por mal. – Emma deu de ombros. – Prefiro me sentir envaidecida. Ela considera minhas flores fabulosas, os bolos e doces de Laurel, sensacionais, e a coordenação de Parker, incomparável. Como se não bastasse, Mac deu um show com as fotos de noivado.

– Foi mesmo – concordou Mac. – Dei um show.

– Vamos aproveitar esse momento para nos parabenizar pelo nosso trabalho brilhante e pelo nosso talento. – Parker ergueu a garrafa d'água para brindarem. – Depois, voltemos ao trabalho.

– Também gostaria de aproveitar o momento para agradecer a Emma pela diversão da noite passada.

Emma fitou Laurel sem entender nada.

– Como é?

– Fui para a varanda respirar um pouco de ar fresco ontem à noite antes de ir dormir e vi um carro chegando na maior correria. Por um minuto pensei: "Xiii, alguma coisa aconteceu." Mas não, não era nada disso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Emma, tapando o rosto com as mãos. – Ai, meu Deus!

– Quando vi que ninguém saiu dali de dentro cuspindo sangue, que na verdade ninguém saiu, pensei em correr e me preparar para oferecer os primeiros socorros. Mas de repente duas portas do carro se abriram. Emma saiu por um lado, Jack pelo outro.

– Você *viu* tudo?

Laurel fez uma cara sarcástica.

– E aí? – incentivou Mac. – Precisamos saber o resto.

– E aí vocês devem imaginar. Eles se agarraram feito animais.

– Ah, fizemos isso... também – lembrou-se Emma.

– Depois aconteceu aquela cena clássica de pegação na porta de entrada.

– Puxa, faz tanto tempo que ninguém me encosta na porta... – comentou Parker e, com um ligeiro arrepio, enfatizou: – Muito tempo mesmo.

– Pelo que vi, Jack é bom nisso. Mas a nossa menina não fica para trás.

– Caramba, Laurel!

– Ela tirou o casaco dele e jogou longe. Depois fez o mesmo com o suéter.

– Ai, ai, ai! – exclamou Mac.

– Mas o Oscar vai para a cena do cinto. Ela puxou o cinto como se fosse um chicote... – Laurel movia o braço imitando a amiga. – Depois, o fez alçar voo.

– Acho que vou precisar de outra garrafa d'água.

– Infelizmente, Parker, depois disso eles entraram.

– Estraga-prazeres – murmurou Mac.

– O resto eles deixaram por conta da minha... imaginação fértil. Então, quero agradecer a você, Emmaline, por essa cena que vi da varanda. Menina, só aplaudindo de pé.

Diante do aplauso entusiasmado, Emma disse apenas:

– Agora, deixo vocês com a espiã e seus pensamentos libidinosos. Preciso trabalhar.

– Contra a porta – sussurrou Parker. – Confesso que estou com inveja.

– Eu até ficaria com inveja dela pela transa contra a porta, mas não: no momento estou declaradamente numa fase de jejum sexual.

– Jejum sexual? – repetiu Mac, voltando-se para Laurel.

– Isso mesmo. Como estou na fase de jejum sexual, também estou em jejum de encontros, porque nos últimos meses os achei uma chatice – comentou, dando de ombros. – Para que fazer algo que está nos aborrecendo?

– Pelo sexo? – sugeriu Mac.

Com os olhos apertados, Laurel apontou os dedos como uma arma para a amiga.

– Só está dizendo isso porque tem com quem transar regularmente.

– É – concordou Mac. – Tenho mesmo feito isso.

– É uma grosseria vir se gabar disso para nós, que não temos feito o mesmo – disse Parker.

– Mas tenho transado por amor. – Mac acentuou tanto a última palavra que Laurel caiu na gargalhada.

– Agora está me deixando enjoada.

– Não sou a única que está desse lado. Emma me disse que você está certa, Parks. Ela está

apaixonada pelo Jack.

– É claro que ela está apaixonada pelo Jack – interrompeu Laurel. – Se não estivesse, não teria transado com ele.

– Hum, odeio desapontá-la, Sra. Ingenuidade, mas Emma já fez sexo com homens por quem não estava apaixonada. E – prosseguiu Mac – já recusou gentilmente ir para cama com uma quantidade de homens maior que a soma de todos os casos que nós três já tivemos na vida.

– Era exatamente a isso que estava me referindo. O que acontece quando nós quatro saímos juntas? Somos quatro mulheres atraentes, portanto, é natural conseguirmos ser paqueradas. Mas com Emma a coisa é diferente. Os homens ficam rodando em volta dela feito moscas.

– Não entendo...

– É mesmo – assentiu Parker. – Ela não precisa transar com alguém só por se sentir atraída. Tem muitas opções. E é mais seletiva que promíscua. Se fosse só tesão, ela poderia resolver essa questão com outro, porque com Jack seria mais complicado e arriscado.

– É por isso que ela esperou tanto tempo para agir – observou Mac. – Não entendo... Bom, entendo, sim – corrigiu-se. – Que droga, odeio quando perco a chance de acertar antes de vocês.

– Agora que ela se deu conta de algo que eu poderia ter lhe dito há algumas semanas, me pergunto o que vai fazer.

– Ela teve aquele sonho da dança no jardim – contou Mac –, e estava com o Jack.

– É, a coisa está séria. Não é só uma paixão – disse Laurel –, é *a* paixão.

– Ela está lidando bem com isso. Disse que vai aproveitar o momento.

O silêncio foi geral.

– Acho que o amor nunca está errado – começou Parker. – Seja ele passageiro ou eterno.

– Todas sabemos que Emma sempre quis que fosse eterno – observou Mac.

– Mas não dá para se ter um amor eterno sem antes passar pela fase inicial, pela incerteza de ser passageiro.

– E se não der certo – acrescentou Laurel, olhando para as amigas –, estamos aqui para apoiá-la.



No seu ateliê, Emma tratava de assuntos burocráticos enquanto fazia uma máscara facial de hidratação e limpeza profunda. Quantas mulheres tinham a sorte de poder se dedicar aos cuidados com a pele enquanto trabalham? E de ficar descalças, com a Norah Jones cantando nos fones de ouvido?

E quantas dessas sortudas teriam feito sexo selvagem, duas vezes, na noite anterior, com um homem incrível?

Apostava que não muitas. Não mesmo.

Enquanto a máscara agia, preparou um pedido para os fornecedores contendo espuma para arranjos, tiras de plástico, arame, pedras translúcidas e coloridas. Depois, deu uma olhada no

site para ver se achava alguma promoção e acrescentou ao pedido folhas de espuma e três dezenas de bases pequenas.

Isso ia bastar por um tempo, pensou, enviando o pedido. Em seguida, contatou seu fornecedor de velas para saber o que ele tinha a lhe oferecer.

– Emmaline! Está em casa?

– Mãe? Estou aqui em cima – respondeu, salvando os pedidos no carrinho de compras antes de se levantar. Foi encontrar a mãe na escada. – Oi!

– Oi, minha querida. Está com o rosto cor-de-rosa.

– Eu... Ah, tinha esquecido. – Rindo, Emma deu umas batidinhas com os dedos nas bochechas. – Tenho que tirar isso do rosto. Estava comprando velas e me distraí. – Foi até o banheiro para tirar a máscara. – Está de bobeira?

– Trabalhei de manhã, e agora estou livre como um passarinho. Então, resolvi passar para ver minha filha antes de ir para casa. – Lucia pegou o potinho da máscara facial. – Ela é boa?

– Diga você o que achou do resultado. É a primeira vez que estou usando. – Emma terminou de lavar o rosto com água fria, depois deu umas batidinhas para secar.

Lucia franziu os lábios.

– Você é tão bonita que fica difícil saber se isso se deve aos bons genes que herdou de mim ou se tem a ver com esse potinho.

Emma sorriu. Examinou o próprio rosto no espelho acima da pia, passando de leve os dedos nas bochechas e no queixo.

– Dá uma sensação boa. O que sempre ajuda.

– Você me parece radiante – acrescentou Lucia, enquanto Emma borrifava o tônico e passava o hidratante. – Mas, pelo que tenho ouvido, isso também não é efeito do potinho.

– São os bons genes?

– Ou alguma outra coisa boa. Sua prima Dana foi até a livraria hoje de manhã. Parece que uma grande amiga dela, a Livvy... Você conhece a Livvy, não é?

– Um pouco.

– Livvy saiu com o novo namorado para jantar e adivinhe só quem ela viu sentada num canto reservado, do outro lado do restaurante, dividindo um vinho, uma massa e tendo um conversa íntima com um belo arquiteto?

Emma estremeceu.

– Quantas chances tenho?

Lucia ergueu e baixou as sobrancelhas.

– Vamos lá para baixo pegar alguma coisa para beber. Prefere café ou algo gelado?

– Algo gelado.

– Jack e eu fomos a um vernissage juntos – começou Emma quando estavam descendo a escada. – O evento foi um verdadeiro fiasco, mas a história é ótima.

– Pode me contar depois. Primeiro, fale da massa e do vinho.

– Comemos a massa e tomamos vinho depois do vernissage. – Na cozinha, Emma pegou copos e os encheu de gelo.

– Está sendo evasiva.

– É. – Rindo, Emma fatiou um limão. – O que é uma bobagem, pois você obviamente já deve imaginar que Jack e eu estamos juntos.

– Está sendo evasiva porque acha que não aprovo?

– Não. Talvez. – Emma abriu a água com gás de que a mãe tanto gostava, encheu os copos e acrescentou umas rodelas de limão.

– Está feliz? Já vi a resposta no seu rosto, mas pode me dizer sim ou não.

– Sim.

– Então, por que acha que eu não iria aprovar?

– É que é um pouco estranho, não é? Depois de todo esse tempo...

– Algumas coisas precisam de mais tempo que outras. – Lucia dirigiu-se para a sala e sentou no sofá. – Adoro essa salinha. As cores, os cheiros... Sei que esse é um lugar que faz você feliz.

Emma foi se sentar ao lado da mãe.

– É mesmo.

– Está feliz com seu trabalho, com sua vida, com sua casa. E tudo isso faz com que uma mãe, mesmo mais velha como eu, durma bem de noite. Agora, se além de tudo isso está com um homem que por coincidência é alguém de quem eu gosto, fico ainda mais feliz. Você precisa levá-lo lá em casa para jantar.

– Ah, mãe. Só estamos... saindo.

– Ele já jantou lá outras vezes.

– Sim, jantou. Mas foi como amigo do Del, e eram aqueles almoços no quintal ou festas. E você não está me pedindo para levar o amigo do Del para jantar.

– Por que de repente ele não pode mais comer a minha comida ou tomar uma cerveja com seu pai? Não sei se sabe, *nina*, mas entendo o que significa estar "saindo".

– Tudo bem.

– Ele pode ir no Cinco de Maio. Pode convidar todos os seus amigos. Vamos assar o porco na churrasqueira. E não estou me referindo ao Jack.

– Ok – disse Emma, rindo. – Estou apaixonada por ele, mãe.

– Eu sei, querida. – Lucia puxou Emma, fazendo-a encostar a cabeça em seu ombro. – Vi no seu rosto.

– Ele não está apaixonado por mim.

– Então, ele não é tão esperto quanto pensei que fosse.

– Ele gosta de mim. Você sabe. Ele gosta de mim e existe uma enorme atração tanto da parte dele quanto da minha. Mas não está apaixonado. Ainda.

– Essa, sim, é a minha menina – disse Lucia.

– Você acha... pouco honesto tentar deliberadamente fazer um homem se apaixonar?

– Você pretende mentir, fingir ser quem você não é, enganar, fazer promessas que não vai cumprir?

– Claro que não.

– Então, por que seria pouco honesto? Se eu não tivesse feito seu pai se apaixonar por mim, não estaríamos aqui sentadas na sua linda salinha.

– Você... fez isso mesmo?

– Ah, eu estava tão apaixonada... Não havia a menor esperança, ou pelo menos era o que eu pensava. Ele era tão bonito, tão gentil, tão doce e engraçado com seu filhinho... Era muito solitário e me tratava bem, com respeito, com dignidade... e, à medida que fomos nos conhecendo melhor, também passou a me tratar com amizade. Eu queria que ele superasse aquilo tudo, que me visse como mulher, que me levasse para a cama, mesmo que só por uma noite.

Emma sentia que seu coração romântico mal cabia no peito.

– Ah, mãe.

– O que foi? Achou que você tivesse inventado isso? A necessidade, o desejo? Eu era jovem, e ele, de uma classe social mais alta. A riqueza e a posição eram barreiras, ou pelo menos eu achava que fossem. Mas não custava nada sonhar. E talvez mexer um pouco os pauzinhos – acrescentou Lucia com um sorriso misterioso. – Tentava ficar o mais bonita possível, fazer suas comidas favoritas, ouvir quando ele precisava de um ombro amigo. E eu sabia fazer isso tudo muito bem. Quando ele tinha que sair, sempre lhe dizia que a gravata não estava reta, mesmo quando estava, só para eu poder arrumar. Continuo fazendo isso – murmurou ela. – Ainda tenho vontade de fazer. Sabia que existia algo entre nós dois que ia além daquele laço de união que era o amor pelo menininho, podia sentir isso, podia ver em seus olhos que havia algo mais que amizade e respeito. Tudo o que eu podia fazer então era lhe mostrar, de pequenas formas, que eu era dele.

– Mamãe, isso é tão... Você nunca me contou essa história antes.

– Nunca precisei. Seu pai era muito cuidadoso comigo, a ponto de não tocar na minha mão ou sustentar meu olhar por muito tempo. Até aquele dia em que eu estava debaixo da cerejeira e o vi se aproximar. Ele vinha até mim e eu soube que ali, refletido em seus olhos, estava o meu coração. – Ao dizer isso, Lucia pôs a mão no peito. – Ah, estava caída a seus pés. Como ele poderia não perceber? Quando percebeu, seu coração ficou entregue, como o meu.

– É isso que quero.

– É claro.

Emma precisou piscar para afastar as lágrimas.

– Não acho que vou conseguir isso arrumando a gravata de Jack.

– São pequenas coisas, Emma. Os gestos, os momentos. E o mais importante de tudo: mostrei meu coração. E o entreguei a ele, mesmo quando acreditava que ainda não podia ou queria aceitá-lo. Eu o entreguei assim mesmo, como um presente. Mesmo que fosse parti-lo. Fui muito corajosa. O amor exige muita coragem.

– Não sou tão corajosa quanto você.

– Acho que está enganada. – Lucia passou o braço pelo ombro da filha e a abraçou. – Muito enganada. Mas, por ora, é tudo novo, não é? Novo, radiante e feliz. Então, aproveite.

– É o que estou fazendo.

– E leve-o para a festa.

– Está certo.

– Agora, vou para casa para deixar você voltar a trabalhar. Vão se encontrar?

– Esta noite não. Tivemos uma reunião interminável hoje: o casamento da filha dos

Seamans.

Lucia mexeu os olhos para cima e para baixo.

– Ah, o *grande* casamento.

– É, o grande casamento. E tenho umas coisas burocráticas para resolver, arrumar e planejar até de noite e um dia cheio amanhã. Ele tem uma reunião de trabalho amanhã de noite, mas vai tentar dar uma passada aqui depois e...

– Sei o que esse "e" significa – disse Lucia, com uma risada. – Tenha uma boa noite de sono hoje então. – Deu uns tapinhas no joelho de Emma e se levantou.

– Estou tão feliz que tenha vindo aqui. – Emma deu um abraço apertado na mãe. – Dê um beijo no papai por mim.

– Por você e por mim. Acho que ele vai me levar para jantar fora hoje. Vamos dividir um vinho e uma massa, tendo uma conversa íntima. Para mostrar que não estamos enferrujados.

– Como se isso pudesse acontecer.

Emma foi até a porta se despedir da mãe. Depois, em vez de voltar a trabalhar, deixou a porta aberta para que o ar da primavera entrasse e foi dar uma volta pelos jardins.

Botões bem fechados, flores recém-abertas, brotos tenros. O início de um novo ciclo, pensou. Andando pelas estufas, ficou feliz com seu trabalho. Sementes que havia plantado no inverno eram agora plantinhas jovens e cresciam sadias. Começaria a aclimatá-las nos próximos dias.

Deu a volta e parou para encher os comedouros dos pássaros que compartilhava com Mac. O ar tinha começado a refrescar quando voltou para casa. Vai fazer frio depois que o sol se puser, pensou.

Num impulso, pegou uma vasilha. Descascou, cortou e despejou ali alguns cubos com verduras do verão que tinha congelado. Deixou a panela no fogo, e foi terminar seus afazeres.

Uma hora depois, desceu para mexer o caldo e olhou pela janela quando ouviu um barulho de carro. Surpresa e satisfeita, correu até a porta para receber Jack.

– Oi!

– Tive uma reunião, mas consegui resolver as coisas depressa, por isso, terminou mais cedo. Deixei meu casaco aqui de novo, então pensei em passar para pegá-lo quando estivesse indo... Está cozinhando?

– Fui dar uma volta e, como peguei um pouco de friagem, fiquei com vontade de tomar uma sopinha. Tem bastante, se estiver interessado.

– Na verdade, estava... Tem um jogo esta noite, então...

– Eu tenho televisão. – Aproximou-se dele e ajeitou sua gravata com um sorriso misterioso. – E permito que ela transmita jogos.

– Sério?

Emma deu um puxão na gravata.

– Deixo você provar a sopa. Se não gostar, devolvo o seu casaco e você vai assistir ao jogo em casa.

Voltou para a cozinha e mexeu mais um pouco a sopa. De rabo de olho, pôde ver que Jack tinha ido atrás dela.

– Abra a boca e feche os olhos.

Ele fez exatamente o que ela mandou, então Emma levou a colher com uma provinha até seus lábios.

– Está boa – disse ele, erguendo a sobrancelha, surpreso. – Está ótima. Como é que eu nunca soube que você fazia uma sopa tão gostosa?

– Nunca tinha vindo buscar seu casaco depois de terminar uma reunião mais cedo. Quer ficar para jantar?

– Quero, obrigado.

– Só fica pronto daqui a uma hora, mais ou menos. Por que não abre uma garrafa de Cabernet?

– Ok. – Ele se inclinou para beijá-la. Deteve-se uns instantes e depois lhe deu outro beijo, suave, lento. – Estou feliz de ter passado aqui.

– Eu também.

capítulo catorze

As bandeiras do México e dos Estados Unidos exibiam orgulhosas as suas cores, já que a mãe mexicana e o pai americano de Emma combinavam duas culturas para celebrar o Cinco de Maio.

Todo ano, no amplo quintal, podia-se jogar boliche na grama e badminton ou até brincar num pula-pula inflável ou num minitoboágua. Amigos, parentes e vizinhos divertiam-se e competiam enquanto outros lotavam as mesas de piquenique, fartando-se com as travessas de porco ou frango, tortilhas quentes, tigelas de feijão vermelho ou de chili, guacamole ou molho de pimenta tão forte que chegava a arranhar a garganta.

Havia galões de refresco, de cerveja Negra Modelo ou Corona, tequila e *frozen* margaritas para animar ainda mais a festa.

Sempre que passava lá no Cinco de Maio, Jack ficava espantado com a quantidade de gente que podia comer na casa dos Grant. E a variedade de fajitas e hambúrgueres, de feijão, arroz e salada de batatas. Além de pudins ou torta de maçã.

Aos seus olhos, a comida era apenas um símbolo da combinação perfeita que havia entre Phillip e Lucia.

Ficou tomando a sua cerveja e olhando alguns dos convidados que dançavam ao som do trio de violões e marimbas.

Ao seu lado, Del tomou um gole da própria cerveja.

– Que festa, hein?

– Eles não medem esforços para que tudo saia fantástico.

– E aí, é estranho estar aqui este ano, na casa dos pais da namorada?

Jack ia negar, por uma questão de princípio, mas, que diabo, era Del.

– Um pouco. Mas, até agora, não vi nenhuma forca por aí.

– Ainda é cedo demais...

– Ah, só você mesmo para me tranquilizar, Brown. É impressão minha ou tem pelo menos o dobro de crianças do ano passado? No ano retrasado... – emendou ele. – Não pude vir no ano passado.

– Talvez. Acho que nem todos são parentes. Mas Celia está grávida de novo.

– É, Emma me disse. Está sozinho?

– Estou – respondeu Del, com um sorrisinho. – Nunca se sabe, não é mesmo? Olhe só aquela loura de vestido azul. Que pernas...

– Verdade. As pernas de Laurel são sempre fantásticas.

Del engasgou com a cerveja.

– Não... Ah... – foi tudo que conseguiu dizer quando a moça se virou, sorriu e ele pôde vê-la

melhor. – Quase não a vejo de vestido. – E, num gesto deliberado, voltou o rosto para o outro lado. – Mas, por aqui, tem um monte de morenas charmosas, de louras legais e até algumas ruivas bem sexy. E muitas delas estão sozinhas. Só que, para você, os dias de sondar o terreno já terminaram.

– Estou namorando. Não fiquei cego nem estou morto. – A ideia lhe deu um certo frio na espinha.

– Onde está Emma?

– Foi ajudar alguém com alguma história de comida. Não estamos grudados um no outro.

– Ok – retrucou Del, erguendo uma sobrancelha.

– Tenho meus amigos, Emma tem os dela, e alguns são amigos em comum. Não precisamos ficar juntos o tempo todo numa festa.

– Claro – disse Del, tomando mais um gole de cerveja, com um ar contemplativo.

– E... aquele cara que ela está beijando na boca neste exato momento é amigo dela, seu ou em comum?

Jack se virou e ainda viu o final do beijo entre Emma e um sujeito que parecia um daqueles deuses nórdicos. Ela estava rindo e gesticulando de forma expressiva. Depois, pegou o Thor pela mão e o levou até um grupo de pessoas.

– Aparentemente, não é um dos seus – comentou Del.

– Por que não... – começou Jack, mas não concluiu o pensamento porque Lucia parou diante deles.

– Vocês deviam estar comendo em vez de ficar parados aí, só fazendo pose.

– Estou considerando todas as possibilidades – respondeu Del. – Vou ter de tomar uma decisão séria no caminho daqui até onde estão a torta de maçã e o pudim.

– Também tem tartelete de morango e empanadas.

– Está vendo? Não dá para fazer nada assim, de forma precipitada.

– Que tal provar um pouco de cada e, depois, decidir o que vai querer? Olhe ali – prosseguiu Lucia sorridente, apontando para Mac e Carter, que se aproximavam. – Mackensie! Que bom que conseguiram vir!

– Desculpe chegarmos assim tão tarde. A sessão de fotos demorou um pouco mais que o esperado – disse Mac, beijando Lucia.

– Mas você veio! Isso é que importa. E você também! – acrescentou a dona da casa abrindo os braços para abraçar Carter.

Ele a ergueu um pouquinho do chão, numa demonstração de um afeto que vinha de longa data.

– Já faz anos que não aparece no Cinco de Maio.

– A festa está bem maior – respondeu ele, com um sorriso.

– Porque a família cresceu. Seus pais estão aqui, com os filhos de Diane. Sherry e Nick também vieram – prosseguiu Lucia, referindo-se à irmã caçula de Carter. – Diane e Sam não devem demorar. Sua futura sogra me disse que os planos para o casamento estão correndo muito bem, Mac.

– É. As coisas estão se ajeitando.

– Deixe-me ver seu anel de novo. Ah! – exclamou ela, abrindo um sorriso para Carter depois de observar o diamante. – Você escolheu bem. Venha comigo, Carter. Celia ainda não o viu – acrescentou, e, dirigindo-se a Mac: – Vá comer alguma coisa, pegar uma bebida.

Mas Carter não se moveu.

– Não venho a essa sua festa há... talvez uns dez anos. Já tinha esquecido como era. Parece até Carnaval.

– A melhor da região – observou Del. – Os Grants ou são parentes ou conhecidos de todo mundo. Inclusive, ao que parece, do nosso mecânico e parceiro de pôquer. Oi, Mal!

– Oi – respondeu o outro, aproximando-se. Era uma figura sombria, usando um jeans velho e uma camiseta preta. Segurava pelo gargalo duas garrafas de cerveja. – Quer uma, Maverick? – perguntou, dirigindo-se a Carter.

– Claro. Não sabia que conhecia os Grants.

– Faz uns seis ou oito meses que eles vêm levando os carros lá na oficina. E, quando você se dá conta, já está contando a Lucia a história da sua vida, comendo o pão de milho que ela faz e torcendo para ela largar o marido e fugir com você para Maui.

– O pior é que é verdade – observou Jack.

– Ela pediu que eu passasse aqui depois do trabalho, porque iam festejar o Cinco de Maio no quintal. Pensei que fosse um churrasco, talvez um pouco mais caprichado, com cerveja mexicana e tortillas – acrescentou Mal, meneando a cabeça. – Tem alguém que não esteja aqui?

– Acho que conseguiram trazer todo mundo.

– Desculpem a demora – disse Emma, aproximando-se apressada, com uma margarita na mão. – Houve alguns imprevistos.

– É. Vi um deles.

Depois de sorrir para Jack com um ar meio intrigado, ela se virou para Malcolm.

– Olá, sou Emmaline.

– O Chevrolet Cobalt.

– Eu... – Emma arregalou os olhos com um ar de arrependimento. – Isso mesmo. Você deve ser Malcolm.

– Mal – respondeu ele, olhando-a de alto a baixo. – Sabe, sorte sua ser parecida com sua mãe, com quem espero me casar. Caso contrário, ia repetir o puxão de orelhas que dei em sua sócia pensando que fosse você.

– Sei que mereço. Embora tenha aprendido a lição e esteja sendo bem mais cuidadosa. Você fez um trabalho fantástico. É bom nisso, sabe? Será que teria tempo para fazer uma revisão na minha van? Posso levá-la até lá na semana que vem.

– Não é só fisicamente que você se parece com ela, não é verdade?

Emma sorriu, tomando mais um gole de margarita.

– Você está precisando de um prato – observou. – E com bastante comida.

– Por que não me mostra... – começou Mal, mas se deteve quando notou o sinal de alerta nos olhos de Jack e o carinho que a mão dele fez no cabelo de Emma, numa demonstração de posse. – Bom, acho que vou circular um pouco por aí.

– Eu também – decidiu Carter.

Del fez um muxoxo.

– Acho que a cerveja acabou – disse, agitando a garrafa que tinha nas mãos. – Em, quem é aquela morena alta? De blusa rosa e jeans justinho?

– Ah, é a Paige. Paige Haviller.

– Solteira?

– É.

– Até mais tarde.

– Ele devia ter me perguntado se ela tem alguma coisa na cabeça – observou Emma quando Del se afastou. – Em meia hora ou menos, ele vai estar de saco cheio.

– Depende do que eles fizerem nessa meia hora.

– Acho que tem razão – disse ela, rindo. Pegou a mão de Jack e a apertou. – Está ótimo, não é?

– Nunca consegui entender como eles conseguem fazer isso tudo.

– Passam várias semanas trabalhando e contratam um verdadeiro pelotão para ajudar a organizar os jogos e as atividades. E Parker ajuda na coordenação. Falando nisso, eu...

– Quem era aquele cara?

– Aquele cara? Tem um monte de gente aqui. Que tal me dar alguma pista?

– Aquele que você beijou ainda agora.

– Preciso de mais pistas.

Aquela reação só fez piorar as coisas para Jack.

– Aquele que parece o príncipe da Dinamarca.

– O príncipe da... Ah, deve ser Marshall. Foi um dos motivos de eu demorar tanto para voltar.

– Isso eu vi.

Emma inclinou a cabeça. Uma ligeira linha tinha se formado entre suas sobrancelhas.

– Ele demorou a chegar. Com a esposa e o filhinho recém-nascido. Depois, veio me procurar e fui brincar com o bebê por uns instantes. Algum problema?

– Não. – Idiota. – Del estava me enchendo o saco e acabei entrando na pilha. Mas vamos voltar a fita. Estávamos falando de...?

– Marshall e eu saímos juntos anos atrás. Fui eu que o apresentei à esposa. E fizemos o casamento dos dois há um ano e meio mais ou menos.

– Entendi. Desculpe.

– Ele não agarrou o meu traseiro como uma artista maluca fez com você – replicou Emma, sorrindo.

– Azar o dele.

– Por que não andamos um pouco por aí, para conversar com algumas pessoas?

– Boa ideia.

– Ah! – exclamou Emma assim que começaram a andar. – Por falar em ideias, preciso lhe dizer uma coisa. Já que tenho mil coisas para fazer na cidade amanhã, talvez fosse mais prático eu dormir na sua casa hoje. Parker veio comigo, já que ambas tínhamos que chegar mais cedo

para ajudar, mas ela pode voltar com Laurel. Assim, eu não precisaria ficar indo para cá e para lá.

– Dormir lá em casa?

Emma ergueu as sobrancelhas e, sob elas, os seus olhos ficaram mais frios.

– Posso dormir no sofá se você não quiser companhia.

– Não. Só achei que você teria que voltar para casa. Em geral, começa a trabalhar bem cedo.

– Amanhã começo na cidade, e nem tão cedo assim. Mas se tiver algum problema...

– Não. – Jack se deteve e a virou. Ficaram então de frente um para o outro. – Tudo bem. É ótimo. Mas não vai precisar de algumas coisas... para amanhã?

– Pus umas coisas no carro quando tive essa ideia.

– Então, está combinado – disse ele, inclinando-se para beijá-la.

– Acho que está precisando de outra cerveja.

Depois se virou de súbito, ao ouvir a voz do pai dela.

Phillip estava sorrindo. Aparentemente, sem nenhum motivo especial, pensou Jack. A menos que você fosse o sujeito que estava acabando de combinar que ia dormir com a filha dele.

– Negra Modelo, certo? – disse o anfitrião, oferecendo-lhe uma garrafa.

– Isso mesmo. Obrigado. A festa está fantástica, como sempre.

– É a minha favorita do ano – replicou Phillip, passando o braço pelos ombros de Emma. Como quem não quer nada. Um gesto afetuoso. Demarcando território. – Começamos a tradição quando Lucia estava grávida de Matthew. Eram só os amigos, a família, as crianças. Agora nossos filhos cresceram e têm a própria família.

– Você está bem sentimental – disse Emma e, erguendo o rosto, roçou o queixo do pai com os lábios.

– Ainda vejo você correndo pelo gramado com seus amigos, tentando loucamente ganhar prêmios no lançamento de argolas ou quebrar uma das pinatas. Exatamente como sua mãe, você dá cor e vida a tudo.

– Papai...

Phillip voltou os olhos diretamente para Jack.

– O homem que recebe essa cor e essa vida é um sortudo. E quem dá valor a isso é um sujeito sensato.

– Papai... – repetiu Emma, mas, agora, havia um tom de alerta na sua voz.

– Isso é coisa que não aparece todo dia – disse ele, batendo com a ponta de um dos dedos no nariz da filha. – Vou dar uma olhada na churrasqueira. Não confio nos seus irmãos e nos seus tios por tanto tempo assim. Jack – acrescentou, com um aceno de cabeça, antes de se afastar.

– Desculpe. Ele não consegue se conter...

– Tudo bem. Minha camisa ficou encharcada de suor?

Rindo, Emma o abraçou pela cintura.

– Não. Por que não vamos mostrar a essas crianças como se quebra uma pinata?

Mais tarde, sentaram-se no gramado para ver alguns adolescentes que tinham improvisado uma partida de futebol. Parker se juntou a eles, tirando as sandálias e ajeitando a saia do vestido de verão.

– Assistir futebol à noite – observou Jack. – Não é a sua cara.

– Você joga? – indagou Emma.

– Não é o meu esporte. Podem me dar um taco, uma bola de futebol americano, uma cesta... Mas gosto de ver.

– Você gostava de qualquer coisa, contanto que tivesse uma bola no meio – disse Mac, deixando-se cair na grama ao lado dos outros três e puxando Carter consigo. – Comi demais. Mas também, com toda essa comida na minha frente...

– Ah, que jogada lamentável – murmurou Emma quando um passe saiu errado. – Será que ele acha que a bola tem olhos ou radar?

– Você gosta de futebol?

– Fui da equipe do colégio no campeonato estadual – respondeu ela, olhando para Jack.

– Sério?

– Éramos as capitãs – acrescentou, apontando com o polegar para si e para Parker.

– Eram craques... – disse Laurel, ajoelhando-se na grama ao lado de Parker. – Mac e eu íamos a todos os jogos e ficávamos com pena das adversárias. Vá até lá – acrescentou, cutucando Parker com o cotovelo. – Entre nesse jogo e mostre a eles...

– Hum. Quer tentar? – perguntou Emma.

– Já faz uns dez anos, Em!

Emma ficou de joelhos e pôs as mãos nos quadris.

– Está dizendo que somos velhas demais para encarar esses pernas de pau? Está dizendo que... não leva mais jeito?

– Que droga! Um gol...

– Vamos lá!

Como Parker, Emma tirou as sandálias.

Fascinado, Jack ficou olhando as duas mulheres se dirigirem para o campo, usando aqueles lindos vestidos primaveris.

Houve certa discussão, algumas vaias e assobios.

– O que está acontecendo? – perguntou Mal, que vinha chegando.

– Emma e Parker vão acabar com aqueles pernas de pau – respondeu Laurel.

– Está brincando? Isso deve ser bem interessante.

Foram se instalar na grama iluminada pelos holofotes. O time adversário é que ia repor a bola em jogo. As duas mulheres se entreolharam. Emma ergueu três dedos e, depois, dois. Parker riu, dando de ombros.

A bola subiu pelos ares. Emma tocou para Parker, que rebateu e saiu correndo entre três adversários com tamanha habilidade que as vaias de antes se transformaram em torcida entusiasmada.

Ela girou o corpo, fez uma finta e lançou a bola para o outro lado do campo onde Emma correu para recebê-la. E esta marcou com um chute de efeito que deixou o goleiro

boquiaberto.

Ela e Parker ergueram os dois braços e gritaram.

– Elas sempre fazem isso – disse Mac, dirigindo-se aos demais. – Sem qualquer modéstia. Vamos lá, Sabiás!

– É o nome do time feminino de futebol – explicou Carter. – A ave-símbolo do estado.

Parker já se preparava para sair do campo quando Emma a pegou pelo braço e Jack a ouviu dizer:

– Mais um.

A outra fez que não com a cabeça; Emma insistiu. Parker segurou a saia do vestido e, sabe-se lá o que a amiga lhe disse ao ver o seu gesto, mas a ex-capitã começou a rir.

Posicionaram-se diante de um time que, agora, demonstrava muito mais respeito. Lutaram, marcaram, obrigaram os adversários a recuar.

O sorriso de Jack ficou mais largo quando Emma deslocou um jogador da outra equipe com um tranco de ombro. E ficou linda fazendo aquilo, percebeu ele: com um tantinho de violência. Sentiu uma onda de desejo percorrer o seu ventre quando ela partiu para cima do jogador que estava com a bola e o desarmou – Céus! Olhe só para isso! –, deixando o pobre rapaz desequilibrado.

Muito atenta, Parker pulou para não alcançar a bola e, com a saia esvoaçando, fez o lançamento com uma cabeçada certeira.

– Ora, ora... – murmurou Malcolm.

– Cuidado aí! – gritou Parker quando Emma recebeu o passe. – Aí!

Com uma pedalada, ela evitou as tentativas do adversário de desarmá-la. De bicicleta, devolveu a bola a Parker, que chutou entre as pernas do goleiro.

Braços erguidos, um grito, e Parker passou o braço pelos ombros da amiga.

– Missão cumprida?

– Mais que cumprida – disse Emma, respirando fundo. – Não temos mais 17 anos, mas ainda estamos em forma. Foi merecido.

– Vamos deixar os vencedores. Cumprimentaram mãos que se levantavam, agradeceram os aplausos e saíram do campo.

– Menina – disse Jack, segurando a mão de Emma para fazê-la se sentar novamente ao seu lado –, você é craque mesmo!

– Claro! – replicou Emma, estendendo o braço para pegar a garrafa de água que Malcolm lhe oferecia. Antes mesmo que pudesse tomar um gole que fosse, sua boca estava às voltas com a de Jack.

O beijo recebeu mais aplausos.

– Sou escravo – murmurou ele, com os lábios ainda colados aos dela – de uma mulher capaz de executar uma bicicleta fantástica!

– Verdade? – replicou Emma, mordiscando de leve o lábio inferior dele. – Precisava ver meu chute de efeito...

– Qualquer dia desses. Onde você quiser.

Quando Parker vinha deixando o campo, Mal interceptou o seu trajeto e lhe ofereceu uma

das duas garrafas de cerveja que tinha nas mãos.

– Quer?

– Não, obrigada.

Desviando dele, pegou uma garrafa de água num dos baldes de gelo.

– Onde você faz ginástica?

– Em casa.

– Óbvio. Você tem uma agilidade incrível. Pratica algum outro esporte?

– Toco piano.

Tomando um gole da sua cerveja bem devagar, Mal ficou observando Parker, que se afastava.



Mais tarde, Laurel foi se sentar nos degraus da varanda da casa dos Grants, com os cotovelos dobrados atrás da cabeça, os olhos semicerrados. Um silêncio a invadiu, bem como o cheiro de grama que vinha do jardim. As estrelas do céu primaveril brilhavam por toda parte.

Ouviu passos, mas não abriu os olhos, torcendo para que a visita que estava indo embora seguisse em frente, sem atrapalhar aquele seu momento de solidão.

– Está tudo bem?

Que falta de sorte, pensou, e abriu os olhos para fitar Del.

– Tudo. Só resolvi ficar sentada aqui.

– Estou vendo.

Ele se sentou ao seu lado.

– Já me despedi das pessoas. Parker continua lá dentro, ou lá fora, fazendo o seu famoso balanço para ver se não ficou faltando nada. Tomei tequila demais para me preocupar com isso.

Ele a observou com mais atenção.

– Levo você para casa.

– Dei a chave do carro para Parker. É ela que vai dirigir. Não há necessidade de equipe de resgate, senhor.

– Ok. Pelo que ouvi dizer, as Sabiás voltaram à ativa há algumas horas. Pena que não vi.

– E arrasaram, como sempre. Achei que você estivesse ocupado com outra coisa qualquer – disse Laurel, olhando por trás das costas dele, de um lado para outro, com movimentos exagerados. – Sozinho, Delaney? Com todas as possibilidades que havia hoje aqui? Não acredito que as Sabiás fizeram gols e você não...

– Não vim aqui para isso.

Ela lhe deu um leve empurrão, fazendo um ruído de descrédito.

Os lábios dele se retorceram num sorriso relutante.

– Minha querida, você está bêbada.

– Estou mesmo. Vou ficar com ódio de mim amanhã, mas agora? Estou com uma sensação ótima. Nem lembro quando foi a última vez que bebi tanta tequila ou tanto sei lá o quê. Podia

ter marcado o meu golzinho.

– Como?

– E não estou me referindo ao futebol. – Laurel caiu na gargalhada e deu mais um empurrão em Del. – Um cara bem gracinha chamado... não lembro o nome dele... ficou todo interessado. Mas estou em jejum sexual.

Ainda sorridente, ele ajeitou uma mecha loura do cabelo de Laurel, pondo-a atrás da orelha.

– Ah, é?

– Verdade. Estou bêbada e estou naquilo que acabei de dizer e que não quero ter que repetir. – Balançou a cabeça, voltando a soltar a mecha de cabelo que ele acabara de ajeitar, e lhe deu um sorrisinho. – Você não está planejando fazer sexo, está?

– Não – respondeu Delaney, e o sorriso se apagou de seu rosto.

Laurel voltou a fazer aquele ruído de descrédito, recostou-se novamente e abanou a mão diversas vezes, mandando-o sair dali.

– Vá embora.

– Só vou ficar sentado aqui até Parker aparecer.

– Será que você nunca se cansa de tentar salvar as pessoas, Sr. Brown? Sr. Delaney Brown?

– Não estou tentando salvar você. Só estou sentado aqui.

Está certo, pensou ela. Só sentado. Numa linda noite de primavera, com esse céu todo estrelado e o perfume das primeiras rosas se espalhando pelo ar...

Emma estacionou atrás do carro de Jack e pegou a bolsa bem grande que tinha levado. Desceu, fechou o porta-malas e sorriu quando ele se esticou para pegar a sacola com as coisas de que ela precisava para dormir fora.

– Não vai perguntar o que tem aí dentro?

– Para dizer a verdade, pensei que estivesse bem mais pesada.

– Eu me contive. Nem perguntei a que horas você tem que levantar amanhã.

– Por volta das oito. Não é tão cedo assim.

Emma enfiou o braço no dele e saiu balançando aqueles dois braços enlaçados.

– Vou pagar pela hospitalidade preparando o café da manhã. Tem alguma coisa em casa?

– Provavelmente. – Subiram a escadinha que levava à porta dos fundos do apartamento em cima do escritório.

– Morar e trabalhar no mesmo lugar facilita muito as coisas, não é? Embora às vezes ache que acabamos trabalhando mais do que se os espaços fossem bem definidos. Adoro esse prédio. Ele tem personalidade.

– Eu me apaixonei completamente – observou Jack abrindo a porta.

– É perfeito para você. O estilo e a tradição pelo lado de fora, as linhas simples e o espaço bem equilibrado do lado de dentro – acrescentou ela, entrando na cozinha.

– Por falar em linhas e espaço, ainda estou tentando encontrar palavras para descrever aquele show de futebol.

– É bem provável que um impulso momentâneo deixe as minhas coxas arrebentadas amanhã.

– Acho que elas vão aguentar perfeitamente. Já lhe disse que tenho um fraco por mulheres que praticam esportes?

– Nem precisava – replicou Emma, seguindo-o até o quarto. – Sei que você tem um fraco por mulheres e um fraco por esportes.

– Junte os dois e estou perdido...

– Vira escravo de uma mulher que sabe dar uma bicicleta – prosseguiu ela, ficando na ponta dos pés para lhe dar um beijo. – Você devia ter me visto com o uniforme do time.

– Ainda tem esse uniforme?

Emma riu. Pôs a sacola em cima da cama e abriu o zíper.

– Na verdade...

– Aí dentro?

– Infelizmente, não. Mas tenho isto aqui – acrescentou, tirando algo bem transparente, curto e preto. – Se estiver interessado...

– Acho que esse dia vai ser fechado com chave de ouro.

Pela manhã, Emma preparou torradas com queijo e, cortando uma maçã em fatias, criou uma consistência um pouco crocante, com um sabor levemente adocicado.

– Incrível! Uma artista com as flores, craque no futebol e fantástica na cozinha.

– Sou muitas coisas – disse ela, sentando-se diante dele no pequeno recuo perto da janela que era onde ele fazia as refeições. Achou que o lugar estava precisando de flores, algo forte e brilhante, numa floreira de cobre. – Agora, os ovos acabaram e o leite está quase no fim. Tenho mesmo que ir ao mercado hoje. Se quiser compro isso para você, ou qualquer outra coisa que queira.

Emma percebeu o sobressalto, a hesitação que precedeu a resposta de Jack.

– Não, obrigado. Tenho que fazer umas compras essa semana. Como estão as coxas?

– Tudo bem. – Ela decidiu não criar caso com a relutância do namorado em permitir que ela comprasse uma droga de uma caixa de ovos. – Acho que o transport está funcionando. Como mantém a forma?

– Vou à academia três ou quatro vezes por semana, jogo basquete, esse tipo de coisa.

Ela lhe lançou um olhar meio de esguelha, com um quê de acusação.

– Aposto que adora. A academia, digo.

– Gosto, sim.

– Parker também. Acho que vocês dois não batem muito bem...

– É maluquice se manter em forma?

– Não. A maluquice é *gostar* de fazer isso. Eu faço, mas, na minha opinião, é uma tarefa, uma obrigação, um mal necessário. Como couve-de-bruxelas.

Um ar divertido iluminou os olhos de Jack.

– Couve-de-bruxelas é um mal necessário?

– Claro! Todo mundo sabe disso, embora nem todos admitam. São umas bolinhas verdes de pura coisa ruim. Exatamente como agachamento é uma forma de tortura inventada por gente que não precisa praticar esse exercício. Filhos da mãe!

– A sua filosofia sobre ginástica e nutrição é fascinante.

– Sinceramente, pode ser mesmo – disse ela, tomando o último gole do café. – Pelo menos, no verão posso usar a piscina. É uma sensação gostosa, e é divertido. Bom, é melhor eu ir tomar um banho, já que fiquei com a barriga no fogão quente enquanto você tomava o seu. Vou andar bem depressa para você não se atrasar. – E, olhando o relógio que ficava em cima do fogão, acrescentou: – Depressa mesmo.

– Olha... Não precisa correr, não. É só bater a porta dos fundos quando sair.

Animada, Emma sorriu.

– Então, vou tomar mais um café antes de entrar no chuveiro.

Aquilo lhe permitia ficar um pouco mais por ali, tomando o seu café, tomando o seu banho. Enrolada na toalha, passou creme na pele e, depois, pegou o hidratante facial.

Quando estava começando a se maquiar, viu Jack surgir no banheiro e percebeu que os seus olhos se detiveram na coleção de tubos e potinhos espalhada pela bancada da pia. Ele conseguiu disfarçar, mas não havia dúvida quanto à estranheza que se via em seu olhar – e não havia como negar que aquilo a magoou profundamente.

– Tenho que ir. – O toque da mão dele em seu cabelo foi doce como o beijo que os dois trocaram. – A gente se vê mais tarde?

– Claro.

Já sozinha, Emma terminou a maquiagem, penteou o cabelo, vestiu-se e arrumou suas coisas.

Quando ficou pronta, voltou ao banheiro e vasculhou escrupulosamente a pia e a bancada, até ter certeza de que não havia vestígio da sua presença no espaço dele.

– Não precisa se apavorar, Jack – murmurou consigo mesma. – Está tudo direitinho. Do seu jeito.

Antes de sair, parou e escreveu um bilhete no quadro que havia na cozinha.

Jack. Esqueci que tenho compromisso hoje à noite. Depois a gente vê o que faz. Emma.

Precisava de um tempo.

Verificou a porta, para ver se estava mesmo trancada e levou a sacola até o carro. Quando se viu ao volante, pegou o celular e ligou para Parker.

– Oi, Emma, estou na outra linha com...

– É rapidinho. Será que podemos ter uma noite só nós quatro?

– Qual é o problema?

– Nada de mais. Só estou precisando de uma noite com minhas amigas.

– Em casa ou em outro lugar?

– Em casa. Não estou a fim de sair.

– Pode deixar. Vou providenciar tudo.

– Obrigada. Estou chegando daqui a uma ou duas horas.

E desligou.
Amigas, pensou ela. Elas nunca deixam a gente na mão.

capítulo quinze

– Acho que exagerei...

Depois de um dia inteiro de trabalho, durante o qual passou e repassou mentalmente milhares de detalhes, Emma ficou mais calma.

– Bom, a gente é que vai decidir – disse Laurel, ocupando seu lugar na sala de estar do terceiro andar e, depois, mordendo uma fatia da fantástica pizza que a Sra. G fazia em casa.

– Ele não fez nada de errado. Não disse nada de errado. Estou chateada comigo mesma.

– Está certo, mas é mais fácil para você ficar chateada consigo mesma do que com os outros. Mesmo quando os outros fizeram por merecer – observou Mac, servindo-se de uma taça de vinho e oferecendo a garrafa a Laurel.

– Nem pensar. Preciso me desintoxicar de umas doses de tequila. Talvez leve alguns dias.

– Não é verdade – replicou Emma, olhando de cara feia para as amigas por cima da sua fatia de pizza. – Parece até que sou uma imbecil.

– Imbecil, não. Só é tolerante e compassiva – disse Mac, enchendo a taça que a amiga tinha estendido em sua direção. – Portanto, quando fica chateada com alguém é porque teve bons motivos.

– Não sou assim tão palerma – insistiu Emma.

– Você não é palerma; só não é tão malvada quanto a gente – observou Laurel.

– Posso muito bem ser má.

– Claro que pode – observou Mac, incentivando Emma com uns tapinhas no ombro. – Tem as ferramentas e a capacidade. Mas raramente tem coragem de ser.

– Eu...

– Ser legal por natureza não é uma falha de caráter – atalhou Parker. – Gosto de pensar que todas somos assim.

– Exceto eu – disse Laurel, erguendo a lata de Coca-Cola Zero.

– Exatamente. Mas por que não nos conta o que a deixou tão chateada, Emma?

– Vai parecer a maior bobagem. Sem importância alguma. – Ficou olhando a taça de vinho e depois o esmalte rosa cintilante das suas unhas dos pés. – É que ele protege tanto o seu espaço, a sua casa... Na verdade, nunca diz nada, mas existe uma fronteira invisível cercando a área. Mas ele disse, sim. Você deve se lembrar, Mac.

– Me dê uma pista...

– Quando você decidiu reformar o quarto no inverno passado. Aquela história do closet. Ficou louca porque Carter deixou algumas coisas na sua casa. E, quando Jack chegou, concordou com você. Falou à beça sobre o que acontece quando a gente deixa alguém com quem está envolvido ganhar território.

– Mas, no geral, era brincadeira. Você ficou furiosa – acrescentou Mac, lembrando o tal momento. – Simplesmente foi embora.

– Jack disse que as mulheres começam deixando coisas espalhadas pela bancada do banheiro e, depois, pedem uma gaveta. Quando menos se espera, elas já se instalaram. Como se deixar uma escova de dentes significasse que você está pronta para passar no caixa da Tiffany...

– Ele deu um ataque porque você quis deixar uma escova de dentes lá? – indagou Laurel.

– Não. Sim. Não exatamente, porque nunca falei de escova de dentes. É o seguinte: mesmo que estejamos num lugar pertinho da casa dele, é para cá que voltamos. Ontem à noite, perguntei se podia dormir lá porque tinha que estar na cidade de manhã e ele... hesitou.

– Talvez porque a casa não estivesse em condições de receber uma namorada – sugeriu Mac. – Ele tinha que lembrar se havia meias sujas espalhadas ou revistas de sacanagem pelo chão. Ou até se tinha trocado os lençóis nos últimos dez anos.

– Não era nada disso. A casa dele está sempre arrumada, o que deve ser parte do problema. Ele gosta das coisas nos seus devidos lugares. Como Parker.

– Ei!

– É verdade – disse Emma, mas com um sorriso que era tanto um carinho quanto um pedido de desculpas. – Tem gente que é assim. O que eu queria saber é: você acharia legal se um cara dormisse aqui e talvez deixasse uma escova de dentes? Com certeza ia arranjar um lugar para guardar a tal escova.

– Que cara? Pode me dar o nome, o endereço e uma foto?

Emma já havia relaxado o suficiente para rir.

– Estou falando na teoria... Depois, quando estávamos tomando café da manhã, mencionei que tinha que passar no mercado e que, já que ele estava sem ovos e leite, poderia comprar, se ele quisesse. E, mais uma vez, lá veio a hesitação. O mesmo tipo de ahns e huns antes do "não, obrigado". O pior, porém, foi quando ele subiu. Eu estava me maquiando e, podem me chicotear por isso, minhas coisas estavam em cima da bancada. Jack olhou para aquilo de um jeito... chateado e... alerta. Avisei que ia parecer bobagem.

– Não é bobagem, não – observou Parker. – Isso fez você se sentir uma intrusa.

– É – concordou Emma, fechando os olhos. – Exatamente. Não acho que tenha sido intencional ou que ele tenha feito aquilo conscientemente, mas...

– Isso não importa. Na verdade, desconsiderar o inconsciente é a pior coisa possível.

– É – repetiu Emma, lançando à amiga um olhar cheio de gratidão. – Obrigada.

– E o que você fez? – perguntou Laurel.

– O que eu fiz?

– É, Emma: o que você fez? Disse que ele podia ficar tranquilo? Que aquilo era apenas uma escova de dentes ou um tubinho de rímel?

– Ele saiu para trabalhar e passei meia hora garantindo que não tinha deixado nem um pingo de rímel no seu preciosíssimo espaço.

– Ah, claro! Isso lhe daria uma lição – acrescentou Laurel. – Eu teria tirado o sutiã, pendurado dentro do box e deixado um bilhetinho sarcástico escrito no espelho com batom. Rá, rá... E teria saído para comprar uma embalagem econômica de absorventes internos só

para botar em cima da bancada. *Assim* ele teria entendido.

– Mas isso não seria reforçar a ideia de que ele tem razão?

– Não, porque ele não tem razão. Vocês estão dormindo juntos. Seja de quem for a cama que entrou na dança, o outro precisa ter algumas coisinhas básicas à mão. Você fica brava se ele deixa a escova de dentes ou o barbeador na sua casa?

– Ele não deixa. Nunca.

– Ah, espere aí! Não me diga que ele nunca esquece...

– Nunca.

– Meu Deus! – exclamou Laurel, deixando-se cair de novo no sofá. – Obsessivo, não?

Mac levantou a mão, com um sorrisinho meio tímido.

– Só quero dizer que eu era um pouco assim. Não tão... ok, obsessiva. Esquecia ou deixava alguma coisa na casa de Carter, e ele fazia o mesmo. Mas o que fez a ficha cair foi aquele dia que você mencionou, Em. O casaco dele, o estojo do barbeador, o sei lá o que dele, tudo misturado com as minhas coisas. O problema não eram as coisas em si, mas o que aquilo significava. Ele está aqui. Está aqui de verdade. Não é só uma questão de sexo. Não é uma relação ocasional. É real. – Mac deu de ombros, abriu as mãos espalmadas. – Entrei em pânico. Tinha aquele homem maravilhoso que me amava e estava apavorada. É provável que Jack esteja se sentindo assim.

– Eu nunca mencionei a palavra amor.

– Talvez devesse – sugeriu Parker, remexendo-se para pôr o pé em cima do sofá. – Fica mais fácil saber como jogar quando as cartas estão na mesa. Se ele não sabe quais são os seus sentimentos, Emma, como pode levá-los em consideração?

– Não quero que ele leve meus sentimentos em consideração. Quero que ele sinta o que sente, que seja quem é. Ora, se não fosse assim, eu não o amaria. – Suspirou e tomou um gole de vinho. – Por que sempre achei que estar apaixonada seria algo maravilhoso?

– E é mesmo, depois que começa a entender as coisas – disse Mac.

– Parte do problema é que eu já o conheço tão bem que reparo em todos os pequenos... – Emma bufou e tomou mais um gole de vinho. – Acho que tenho que deixar de ser tão sensível e de romantizar tudo.

– Você tem que sentir o que sente, ser quem é.

Quando Parker usou as próprias palavras que ela usara antes, Emma piscou.

– Acho que sim, não acham? E acho que talvez deva conversar com Jack sobre tudo isso.

– Pois eu prefiro a embalagem econômica de absorventes. Ela dispensa palavras – retrucou Laurel, dando de ombros. – Mas, se você quer ter uma atitude madura...

– Não é que eu queira, mas já cansei de passar quase metade dos dias chateada. Também preciso ver aonde uma conversa sensata pode nos levar. Na semana que vem, talvez. Acho que nós dois precisamos de um tempinho.

– Devíamos ter uma noite sem homens e sem trabalho uma vez por mês.

– Mas fazemos isso – observou Mac.

– Só por coincidência, o que é bom. Mas, agora que metade do grupo está envolvida com homens, devíamos oficializar a coisa. Uma injeção de estrogênio.

– Sem homens, sem trabalho – repetiu Emma, assentindo com um gesto. – Parece...

O telefone de Parker deu sinal de vida e ela checou o visor.

– Willow Moran, primeiro sábado de junho. Deve ser coisa rápida. Oi, Willow! – disse, então, com entusiasmo, levantando e saindo da sala. – Problema algum. É para isso que estou aqui.

– Bom, praticamente sem trabalho. E mais pizza para mim – observou Laurel, pegando uma segunda fatia.

Apesar de umas poucas interrupções, Emma achou que a noite havia sido exatamente o que ela precisava. Algum espaço, um tempinho com as amigas. Foi para casa sentindo um cansaço agradável. Quando ia subir, passou os olhos na agenda dos dias seguintes e percebeu que mal teria tempo de respirar. Ótimo! Também estava precisando muito disso.

Entrou no quarto, pegou o celular que não tinha levado consigo de propósito e viu que havia uma mensagem de voz de Jack. Teve um sobressalto. Mais que depressa, decidiu deixar o celular onde estava. Não devia ser nada urgente, caso contrário, ele teria ligado para a mansão.

Podia esperar até o dia seguinte.

A quem ela estava querendo enganar?

Sentou-se na cama para ouvir a tal mensagem.

Oi. Desculpe, mas fiquei com saudade. Olhe, Del e eu vamos prosseguir com o plano de corromper Carter e arrastá-lo para um jogo domingo. Achei que talvez pudesse passar aí no sábado. Quem sabe não lhe dou uma mãozinha? Poderia até retribuir o que você fez hoje e preparar o seu café da manhã antes de sequestrarmos Carter. Ligue quando der. Vou ficar trabalhando nuns desenhos para a sua reforma, portanto...

O que você está vestindo?

Aquilo a fez rir. Ele sempre conseguia fazê-la rir, pensou. Era uma mensagem bem legal. Interessada, carinhosa, engraçada.

O que mais podia querer?

Tudo, admitiu Emma. Queria tudo.



Aquilo podia esperar. Emma disse a si mesma que estava ocupada demais para a tal conversa madura. Maio significava uma agenda repleta de casamentos e chás de panela, além do Dia das Mães. Quando não estava mergulhada em flores até o pescoço, estava planejando os arranjos do próximo evento.

Com uma agenda daquelas, o melhor mesmo era Jack vir à sua casa quando os dois estivessem disponíveis. Considerou também que devia ser grata por estar saindo com um homem que não reclamava por ela trabalhar até tarde e nos fins de semana e que, além disso, podia lhe dar uma ajuda quando estava por perto.

Numa tarde de maio, quando, lá fora, caía o maior temporal, Emma estava trabalhando sozinha. Graças a Deus. Os ecos das conversas entre Tink e Tiffany estariam retinindo em

seus ouvidos. Mas, agora, as trovoadas, o barulho da chuva e do vento haviam diminuído.

Terminou o buquê da dama de honra e se levantou para esticar o corpo. Ao se virar, pulou de susto quando viu Jack.

O grito se transformou em riso.

– Céus! Você me assustou! – exclamou ela, pondo a mão no coração.

– Desculpe. Desculpe. Bati e chamei, mas é difícil superar a cólera divina...

– Você está encharcado.

– Deve ser por causa da chuva – disse Jack, passando a mão pelo cabelo que pingava. – Acabou com a minha última visita a uma obra, então, aproveitei a oportunidade e resolvi dar um pulinho aqui. Que lindo! – acrescentou, fazendo um aceno de cabeça na direção do buquê.

– Está mesmo, não é? Eu ia justamente levá-lo para a câmara fria e começar a trabalhar no da noiva. Por que não se seca e toma um café?

– Era exatamente isso que eu queria ouvir. – Avançou para lhe dar um beijo e passou as mãos pelas suas costas. – Trouxe os desenhos para você dar uma olhada. Quando tiver um minuto. Se o tempo permitir, começamos a reforma da casa de Mac na segunda de manhã. Bem cedo. Pode ir se preparando.

– Que legal! Eles já sabem?

– Passei no estúdio antes. Quer um café?

– Não, obrigada.

Emma foi até a câmara fria e, na volta, se postou diante das flores com seus apetrechos e começou a criar mentalmente o que pretendia fazer.

Ergueu os olhos quando ele voltou.

– Na verdade, nunca vi você trabalhando, nessa fase. Atrapalho?

– Claro que não. Sente-se aí. Converse comigo.

– Vi sua irmã hoje.

– Ah, é?

– Nós nos encontramos lá na cidade. Não precisa de um desenho ou, pelo menos, de um esboço?

– Em geral, uso ambas as coisas, mas esse... – replicou Emma, batendo com um dedo numa das têmporas. – Rosas spray brancas e esse viburnum bem clarinho para dar um destaque. Formando uma ligeira cascata. Vai ficar suave e romântico quando eu conseguir fazer essas mocinhas se abrirem completamente.

Jack ficou olhando enquanto Emma ia juntando as flores, passando arame por elas com a trilha sonora dos trovões ao fundo.

– Achei que você tinha dito que era um buquê...

– E é.

– Então, para que o vaso?

– Encharquei a espuma, prendi o suporte. Está vendo isso aqui? – perguntou ela, inclinando o vaso. – Desse jeito, posso trabalhar com as flores aí dentro e obter o formato certo, fazer a cascata como planejei.

– Como você faz quando estão trabalhando juntas?

– Hein?

– Ficam todas enfileiradas? Tipo esteira de linha de produção?

– Sim e não. Ficamos todas sentadas aqui, mas cada uma trabalha no arranjo que eu tiver determinado. Não é assim, tipo, faço uma parte, passo para Tink continuar...

Ficou ali trabalhando em silêncio, um silêncio apenas pontuado pelo barulho da chuva e das trovoadas.

– Precisa de uma bancada em forma de L – disse Jack, observando o espaço, as ferramentas, os tubos de sustentação. – Em forma de U talvez seja até melhor. Com vasilhames e gavetas abaixo e acima da bancada. Você trabalhava praticamente sozinha quando projetei esse lugar. Mas as coisas mudaram. Além disso, você precisa de espaço na parte de baixo, para uma caixa com rodízios, para os resíduos orgânicos, e outra para os não orgânicos. Seus clientes vêm aqui quando você ou uma das meninas está trabalhando?

– Claro que sim. Às vezes eles passam aqui – respondeu ela, chupando o polegar que havia espetado num espinho.

– Ok.

Jack se levantou, deixando Emma intrigada.

Quando voltou, mais uma vez encharcado, trazia um caderno que ela deduziu que tinha ido buscar no carro.

– Pode continuar seu trabalho – disse ele. – Só vou fazer uns ajustes no projeto que já tinha começado. Vamos remover essa parede.

– Remover? – exclamou Emma, voltando-se para Jack. – A parede?

– Recuá-la, para ampliar a sua área de trabalho e de exposição. Vai melhorar a circulação e criar um espaço de trabalho mais eficaz. É muita coisa para fazer sozinho... Desculpe – disse ele, erguendo os olhos do projeto. – Estava pensando alto. Que chatice...

– Não tem problema.

Mas Emma pensou que era meio esquisito: os dois ali, trabalhando juntos, numa tarde chuvosa.

Por algum tempo, continuaram o que estavam fazendo, em silêncio, embora ela tenha descoberto que Jack resmungava o tempo todo quando estava com um lápis na mão. Mas aquilo não a incomodava. Só ficou espantada ao perceber que ainda tinha coisas a aprender sobre ele.

Quando terminou, Emma ergueu o buquê e o virou e revirou para analisá-lo por todos os ângulos. De repente, viu que ele a estava fitando.

– Vai parecer mais cheio e mais suave quando as rosas se abrirem.

– Você é rápida.

– Essas coisas não exigem muito trabalho. – Levantou-se e dirigiu-se ao espelho de corpo inteiro. – O vestido tem um monte de detalhes bem intricados. Assim, um buquê mais simples e mais leve vai combinar com ele. Sem fitas, sem nada pendurado. Só a discreta cascata. Ela vai segurá-lo aqui, na altura da cintura, com ambas as mãos. Vai ficar...

Deu com os olhos de Jack que a fitavam pelo espelho e percebeu que ele tinha a testa ligeiramente franzida.

– Não se preocupe – disse Emma. – Não estou treinando.

– Hein?

– Tenho que levar isso para a câmara fria.

Quando saiu para levar o buquê e colocá-lo no lugar, ouviu a voz dele dizendo:

– Estava pensando que o branco fica bom em você... Ou fica bem? Seja como for... tudo fica bem em você. E também me ocorreu que nunca usa flores. Provavelmente porque seria muito corriqueiro. Então, talvez eu tenha cometido um erro...

Emma se pôs de pé, cercada pelo cheiro das flores.

– Um erro?

– É. Já volto.

Ela meneou a cabeça ao vê-lo sair de novo. Deixou a câmara fria e fechou a porta. Tinha que limpar a área de trabalho. Depois, precisava repassar as anotações para o dia seguinte.

– Sempre experimento os buquês – disse, quando ouviu que ele vinha entrando. – Para ter certeza de que não ficaram incômodos de segurar, para verificar se a forma, a mistura de cores e de texturas deram certo.

– Claro. Entendo. Sempre pego a marreta pelo menos uma vez em cada obra, só para criar um vínculo com a construção.

– Tudo bem, eu só queria... – Parou de falar quando se virou e viu uma caixa fina e comprida nas mãos dele. – Oh!

– Tive uma reunião na cidade e isso aqui praticamente me chamou lá da vitrine, gritando: "Ei, Jack! Emma precisa de mim." Aí eu pensei: "Claro que precisa." Então...

– Trouxe um presente para mim! – exclamou ela, quando ele lhe estendeu a caixa.

– Você disse que gostava de ganhar flores.

Ela abriu a caixa.

– Ah, Jack!

A pulseira reluzia com as cores fortes das pedras lapidadas, cada uma delas no formato perfeito de uma rosa.

– Mas você não usa flores...

Emma ergueu os olhos onde se viam nitidamente a surpresa e o prazer.

– Pois vou passar a usar. É lindo. Simplesmente lindo – disse, tirando a joia do estojo e pondo-a sobre o pulso. – Estou encantada...

– Também fiquei. O joalheiro me mostrou como é feito o trabalho. O engaste fica aqui, por isso não dá para vê-lo.

– Obrigada. É... Ah, olhe só as minhas mãos...

Estavam sujas e arranhadas por causa do trabalho. Ele as pegou e as beijou.

– Sempre olho para elas. Muito.

– Sou grossa e você me dá flores – disse Emma, aninhando-se nos braços dele. – Tenho que ser grossa mais vezes. – Com um suspiro, fechou os olhos. – A chuva parou – murmurou ela. E recuou. – Tenho que limpar isso aqui e ir ajudar no ensaio de hoje à noite. Mas depois podemos tomar um drinque, talvez comer alguma coisa ali no pátio. Se quiser ficar, é claro.

– Quero ficar. – Seu olhar se tornou subitamente mais intenso fitando o rosto dela. – Emma.

Acho que nunca lhe disse quanto você é importante para mim.

– Eu sei que sou – replicou ela, erguendo-se para lhe dar um beijinho. – Eu sei.



Mais tarde, quando Emma já tinha saído para a mansão, ele vasculhou a cozinha e encontrou o que precisava para preparar uma rápida refeição para os dois. Era perfeitamente capaz de cozinhar se fosse preciso, pensou. E não contava que Emma tivesse que cozinhar para ele quando estivesse na casa dela.

Como acontecia quase sempre, percebeu.

Era até capaz de preparar uma comidinha bem caprichada: saldo positivo de ter namorado uma *sous-chef* algum tempo atrás.

Um pouco de alho e azeite de oliva, umas ervas, tomates picados e teriam uma massa deliciosa. Nada de mais.

Já tinha preparado o café da manhã para Emma, não tinha?

Uma vez só.

Por que, de repente, lhe ocorria que estava abusando dela, agindo como se ela estivesse à sua disposição como tantas vezes achou que os outros faziam?

Sabia por quê. Sabia exatamente por quê, admitiu, enquanto ia cortando e picando as coisas.

A expressão do rosto dela quando seus olhos se encontraram no espelho; aquela fração de segundo de mágoa que logo foi substituída pela irritação.

Não estou treinando.

Estava *mesmo* pensando nas flores, na pulseira. Mas os instintos de Emma não a enganaram inteiramente. Em algum ponto dentro de si, ele se sentiu... desconfortável. Ou... sabe-se lá o quê. Mas vê-la ali, segurando o buquê foi... um susto, tinha que admitir. Só por um segundo, mas foi.

E ele a magoara, ferira seus sentimentos. Essa era a última coisa que queria no mundo.

Ela o havia perdoado, ou deixado para lá. Não por causa da pulseira, pensou. Emma não era do tipo que ficava insinuando que queria presentes, ou que ficava emburrada por qualquer bobagem.

Ela era... Emma.

Talvez às vezes não lhe desse o devido valor... Mas ia parar com isso agora que tinha se dado conta dessa atitude. Teria mais cuidado, e pronto. Só porque estavam juntos havia...

O susto foi tão grande que Jack chegou a cortar o dedo. Sete semanas. Não, quase oito, o que significavam dois meses. Praticamente toda a estação.

Um quarto do ano.

Fazia muito tempo que não contava em meses a duração de seu relacionamento com uma única mulher.

Mais algumas semanas e teriam passado a primavera inteira juntos, e começando o verão.

E percebeu que estava achando aquilo bom. Mais que bom.

Não havia mais ninguém com quem quisesse ficar.

Era uma sensação gostosa. Fosse lá o que isso significasse, era uma sensação gostosa saber que Emma logo estaria de volta e que os dois iam jantar ali fora, no pátio.

Serviu-se de uma taça de vinho e começou a refogar o alho.

– Ao resto da primavera – disse, erguendo a taça. – E, depois, ao verão.



"Alerta vermelho!" Do alto da escada, com as mãos cheias de guirlandas delicadas, Emma inclinou a cabeça para ler a mensagem no rádio que tinha pendurado na calça.

– Droga! Droga! Alerta vermelho. Você vai ter que terminar as guirlandas, Beach. Tiff, os festões. Tink, assuma o controle.

Quando estava descendo a escada às pressas, Jack veio ver o que estava acontecendo.

– Cuidado! Afinal, não é uma emergência nacional.

– Sempre é, quando Parker manda um alerta vermelho. Venha comigo. Às vezes, umas mãos a mais, principalmente masculinas, podem ser muito úteis. Se for só coisa de mulher, você talvez possa voltar e ajudar a cobrir as cadeiras. Que droga! Eu estava no prazo.

– Vai dar tempo.

Emma atravessou o terraço a toda, subiu a escada – que ainda precisava ser decorada – e passou pela porta do corredor onde ficava a Suíte da Noiva.

O clima era de histeria geral.

Um grupinho de pessoas se apinhava no corredor, cada qual numa etapa da sua preparação. Vozes se erguiam tão estridentes que só cachorros poderiam ouvi-las. Lágrimas escorriam como vinho derramado.

No meio daquilo tudo, Parker parecia uma ilha de tranquilidade num mar revolto. Mas Emma pôde perceber o desespero corroendo-a pelas bordas.

– Gente, gente! Vai dar tudo certo. Vocês só precisam se acalmar e me ouvir. Por favor, Sra. Carstairs, sente-se aqui. Sente-se e respire fundo.

– Mas a minha filhinha, a minha filhinha...

Carter foi abrindo caminho – que alma caridosa! – e pegou pelo braço a mulher que choramingava.

– Venha até aqui. Sente-se.

– Alguém precisa fazer alguma coisa! Alguém precisa fazer alguma coisa!

Emma reconheceu a mãe da noiva. Ela não estava chorando – ainda –, mas tinha o rosto vermelho como um pimentão. No exato momento em que se aproximava para tirá-la – a ela ou a quem quer que precisasse de ajuda – das mãos de Parker, um apito estridente cortou o ar, gerando um silêncio chocado.

– Tudo bem, gente! Vamos parar com isso! – exclamou Laurel. Estava usando um avental sujo de algo que parecia calda de framboesa.

Parker surgiu na porta.

– Por que não se senta um pouco com sua esposa, Sr. Carstairs? Noivo, Carter vai acompanhar você e os padrinhos de volta para a suíte. Laurel vai levar a senhora e seu marido

lá para baixo, Sra. Princeton. Para tomar um chá. Só preciso de uns quinze minutos. Jack, será que você pode ajudar Laurel? Vamos trazer um chá para o Sr. e a Sra. Carstairs aqui em cima mesmo.

– Poderia ser um uísque? – indagou o Sr. Princeton.

– Claro. Basta dizer a Jack o que deseja. Emma, vou precisar de você na Suíte da Noiva. Quinze minutos, pessoal. Fiquem todos calmos, por favor.

– O que aconteceu? – perguntou Emma.

– Atualização rápida: duas damas de honra estão com uma ressaca braba, e uma delas vomitou gloriosamente no banheiro ainda há pouco. A mãe do noivo teve um faniquito quando foi ver o filho na suíte dele, o que deixou a mãe da noiva furiosa. As duas não se dão muito bem. Trocaram insultos, os ânimos se exaltaram, e continuaram assim até as duas virem brigando até a Suíte da Noiva. Ao que parece, a confusão fez a madrinha, grávida de oito meses, entrar em trabalho de parto.

– Ai, meu Deus! Ela está em trabalho de parto? Agora?

– É o casamento dos Braxton Hicks. – O rosto de Parker era um modelo de determinação e força de vontade. – E vai acontecer. O marido dela ligou para o médico e a madrinha o convenceu a nos deixar controlar o tempo entre as contrações por ora. Ela está com Mac, a noiva e o restante do cortejo que não está vomitando ou gemendo. As únicas que estão mantendo o controle são a madrinha e a noiva. Além de Mac. Então...

Parker respirou fundo e abriu a porta do aposento.

A madrinha estava recostada no divã que havia ali dentro, pálida, mas aparentemente calma, com a noiva – apenas de corpete e ligas, coberta por uma daquelas capas de salão de beleza – ajoelhada ao seu lado. Na outra extremidade do aposento, Mac oferecia uma compressa gelada a uma das damas de honra.

– Como você está? – perguntou Parker, aproximando-se da mulher grávida a passos largos. – Quer que eu chame o seu marido?

– Não. É melhor ele ficar com Pete. Estou bem. Não aconteceu nada nos últimos dez minutos.

– Quase doze – disse a noiva, entregando o cronômetro a Parker.

– Ai, Maggie, me desculpe.

– Pare de dizer isso – rebateu a noiva, acariciando o ombro da amiga. – Vai dar tudo certo.

– Você devia terminar o cabelo e a maquiagem. Devia...

– Isso pode esperar. Tudo pode esperar.

– Na verdade, é uma boa ideia – disse Parker num tom de voz que conseguiu ser, a um só tempo, ríspido, profissional e animador. – Se não estiver se sentindo confortável aqui, Jeannie, podemos ir para o meu quarto. É bem mais tranquilo.

– Não, estou bem aqui. De verdade. E adoraria ver tudo. Acho que ele adormeceu de novo – acrescentou, dando uns tapinhas na barriga. – Sinceramente, Jan está pior que eu.

– Sou uma idiota – disse Jan, muito pálida, fechando os olhos. – Pode me bater, Maggie...

– Vou mandar subir um chá com torradas. Vai ser bom para todas. Nesse meio-tempo, Emma e Mac estarão aqui para ajudá-las. Volto logo. Se vier mais alguma contração –

acrescentou baixinho, dirigindo-se a Emma –, chame-me pelo rádio.

– Com certeza. Venha, Maggie, vamos deixar você maravilhosa. – Ela ajudou a noiva a se levantar e a entregou à cabeleireira. Cronômetro na mão, dirigiu-se então à futura mamãe. – Quer dizer que é um menino, Jeannie?

– É. O primeiro. Ainda faltam quatro semanas. Fiz o pré-natal quinta-feira. Está tudo bem. Nós dois estamos ótimos. E minha mãe?

Emma levou alguns segundos para lembrar que Jeannie era irmã do noivo.

– Está bem. Aflita e emocionada, claro, mas...

– Ela está arrasada – atalhou Jeannie, rindo. – Bastou ver Pete de smoking para ela desmoronar. Dava para ouvir os lamentos daqui.

– O que, é óbvio, deixou minha mãe furiosa – acrescentou Maggie, acomodada na cadeira de salão. – De repente, estavam brigando como dois pitbulls. Jan correu para vomitar no banheiro e Shannon se encolheu toda.

– Agora está tudo bem – disse a tal Shannon, uma moreninha que tomava algo que parecia ser Ginger Ale.

– Chrissy estava legal, então resolveu levar as crianças lá para fora. A essa altura, já devia ter voltado...

Considerando que, quanto a este aspecto, estava tudo sob controle, Emma deu uma olhada em Maggie.

– Pelo visto, passamos a marca dos quinze minutos. Se Shannon estiver livre, cuidará do cronômetro enquanto vou procurar Chrissy e as crianças. Dama, menina das flores, menino que vai carregar as alianças...

– Ah, por favor, faça isso. Muito obrigada. Tudo isso é muito louco.

– Já tivemos situações bem piores – disse Emma. Entregou o cronômetro a Shannon, deu mais uma olhada em Jeannie. O rosto da futura mamãe tinha recuperado a cor. Ela parecia tranquila. – Você assume aqui, Mac?

– Sem problemas. Ei, que tal tirar umas fotos?

– Você é cruel – murmurou Jan.

Emma saiu quase correndo. Avistou a mãe do noivo no terraço, soluçando, com o rosto escondido num lenço de papel, enquanto o marido lhe dava uns tapinhas no ombro, dizendo:

– Ora, vamos, Edie. Pelo amor de Deus!

Desviou-se e dirigiu-se para a escadaria principal. Parker já vinha descendo.

– Condição atual?

– Acho que baixamos para o amarelo. Jeannie não teve mais nenhuma contração, uma das sobreviventes recuperada, a outra... não sei, não. A noiva está fazendo o cabelo e saí para procurar uma das damas e as crianças.

– Estão na cozinha, tomando leite com biscoitos. Cuide da menina das flores e do pajem, e mande a dama subir. A Sra. G está preparando chá com torradas. Quero ver como está o noivo e dizer ao papai aflito que está tudo bem.

– Estou indo. A mãe do noivo está lá no terraço, aos prantos.

– Deixe que cuido dela – replicou Parker, empinando o queixo.

– Boa sorte.

Emma desceu correndo e já ia para a cozinha quando Jack apareceu, vindo do salão principal.

– Por favor, diga que não é verdade que uma mulher está dando à luz aí em cima?

– Aparentemente, essa crise já passou.

– Ah, graças a Deus.

– E os pais da noiva?

– Carter se encarregou deles. Parece que ele é professor de um dos sobrinhos do casal. E a mãe foi retocar a maquiagem ou coisa do gênero.

– Ótimo. Tenho que mandar a última dama subir e cuidar da menina das flores e do pajem.

– Boa sorte.

Detendo-se por um instante, Emma o encarou.

– Pelo que me lembro, você leva muito jeito com crianças.

– É, mais ou menos. Eles são apenas pequenos.

– Se puder se encarregar do pajem, que tem 5 anos, e distraí-lo por uns quinze minutos vai ajudar bastante. Assim que tudo estiver resolvido, pode entregá-lo na Suíte do Noivo. Vou cuidar da menina, ajudá-la a se vestir. – Deu uma olhada no rádio quando sentiu que ele vibrava. Depois, soltou um suspiro. – Mantendo-se no amarelo. Ainda bem.

– Essas crianças não têm pais? – indagou Jack indo atrás dela até a cozinha.

– Têm, e os dois fazem parte do cortejo. São irmãos. Gêmeos. A dama que está com eles é a mãe da menina. O pai do pajem é o padrinho do noivo, então pode entregar o menino lá em cima daqui a dez ou quinze minutos. É só dar mais um tempinho até as coisas se acalmarem. Assim que eu tiver terminado de arrumar a menina das flores, volto lá para fora para terminar a decoração do espaço externo. Depois...

Parou, abriu um sorriso feliz e seguiu para a cozinha.

Uma hora mais tarde, a noiva e suas damas estavam devidamente embelezadas; o noivo e seus padrinhos, devidamente arrumados. Enquanto Mac organizava os respectivos acompanhantes para as fotos formais e Parker mantinha as respectivas mães longe uma da outra, Emma terminou a decoração externa.

– Quer um emprego? – perguntou a Jack, que ajudava a cobrir a última fileira de cadeiras.

– De jeito nenhum. Não sei como vocês conseguem fazer isso todo fim de semana.

Emma prendeu uns cones com as peônias mais claras em determinadas cadeiras.

– Não tem a menor chance de sentir tédio. Tink! Você tem que ir para casa se trocar. Os convidados estão chegando.

– Terminamos aqui.

– Parker calcula que só teremos uns dez minutos de atraso, o que é um milagre. Tem comida para todo mundo na cozinha quando tudo estiver pronto. Volto em quinze minutos. Vá se servir de um drinque, Jack.

– Era exatamente o que eu estava planejando.

Emma voltou vinte minutos depois. As roupas de trabalho haviam sido substituídas por um discreto terninho preto. Começou a prender *boutonnières* e a voz de Parker soou nos seus

fones de ouvido.

– Cortejo da noiva pronto. Começar a introdução da música. Recepcionistas, estejam a postos para guiar as pessoas.

Ouviu a contagem regressiva aproveitando para ajeitar algumas lapelas e brincar com o noivo. Viu Parker levando as famílias aos seus lugares e Mac se posicionando para as fotos.

Tirou um momento, um momentinho só, para admirar a vista da parte externa. As capas brancas das cadeiras eram um pano de fundo perfeito para as flores. Todos aqueles tons de verde e de rosa, indo dos mais claros aos mais intensos, destacando-se contra o brilho do tule e da renda.

Mas o seu momento acabou assim que o noivo ocupou seu lugar e as mães – uma, toda chorosa; a outra, talvez um pouco alta por causa do uísque – foram acompanhadas até o lugar onde iam ficar.

Emma se virou para pegar os buquês e distribuí-los enquanto Parker arrumava o cortejo da noiva.

– Vocês estão lindas! Tudo certo, Jeannie?

– Ele acordou, mas está se comportando.

– Maggie, você está simplesmente deslumbrante!

– Ah, por favor... – replicou a noiva agitando uma das mãos diante do rosto. – Não imaginei que fosse ficar assim, mas estou nervosíssima. Estou praticamente competindo com a minha futura sogra.

– Inspire, expire – disse Parker. – Bem devagar. Sem forçar nada.

– Ok, ok, Parker. Se algum dia eu precisar declarar guerra a alguém, você vai ser o meu general. Emma, as flores estão... Inspirar, expirar. Pai...

– Não comece – atalhou ele, apertando a mão da filha. – Quer que eu a leve até o altar chorando feito um bebê?

– Vamos lá – disse Parker, enxugando delicadamente os olhos da noiva por baixo do véu. – Levante a cabeça e sorria. Ok, número um, pode entrar.

– Vejo você do outro lado, Mags. – Jan, ainda um tanto pálida, mas com um sorriso radiante no rosto, começou a andar em direção ao altar.

– Número dois... Pode ir.

Tendo terminado o seu trabalho por ora, Emma saiu dali deixando Parker comandar o espetáculo.

– Preciso admitir – disse Jack, postando-se ao lado dela – que não achei que vocês fossem conseguir dar conta. Não com tanta facilidade. Estou mais que impressionado: estou praticamente atônito.

– Já tivemos coisa pior.

– Ora, ora! – exclamou ele, quando viu que os olhos dela estavam marejados.

– É... Às vezes essas coisas me tocam. Acho que foi o jeito como a noiva conseguiu se controlar, afinal, foi uma crise atrás da outra, e começou a desmoronar no "seu" momento. Mas ela está aguentando firme. Olhe só aquele sorriso. E o olhar do noivo para ela. – Emma suspirou. – Às vezes essas coisas me tocam... – repetiu.

– Acho que merece isso – disse Jack, estendendo-lhe uma taça de vinho.
– Nossa, se mereço. Obrigada.
Passou o braço no dele, recostou a cabeça no seu ombro e ficou assistindo ao casamento.

capítulo dezesseis

Depois do evento, foram descansar um pouco na sala. Apreciando cada instante, Emma tomava sua segunda taça de vinho naquela noite.

– Aparentemente, não houve nenhum problema – observou, mexendo os ombros e os dedos dos pés. – E é isso que importa. Por várias semanas, os convidados vão ter histórias para contar das ressacas, do bate-boca das mães e do alarme falso sobre o nascimento do bebê. É esse tipo de coisa que faz de cada casamento um evento único.

– Eu não teria acreditado que alguém seria capaz de chorar por quase seis horas seguidas, praticamente sem fazer uma pausa – disse Laurel, tirando duas aspirinas da cartela para em seguida engoli-las com um pouco de água com gás. – Dava para pensar que era o funeral do filho dela, e não o casamento.

– Vou ter que tratar no Photoshop uma quantidade absurda de fotos em que ela aparece. E mesmo assim... – interrompeu-se Mac, dando de ombros. – Uma mulher cuja futura sogra literalmente uiva na hora do "sim" tem que ser muito corajosa.

Virando a cabeça para trás, Mac fez uma torturante e perfeita imitação do pranto da Sra. Carstairs.

– Ai, minha cabeça – reclamou Laurel. – Estou com dor de cabeça.

Sentado no braço do sofá, Carter sorriu para Mac, embora tenha também passado a mão no ombro de Laurel tentando confortá-la.

– Não sei vocês, mas essa mulher me deixou assustado – comentou ele.

– Acho que parte disso tem a ver com o incidente com o neto que está para nascer. Foi muita coisa para ela.

– Alguém devia ter lhe dado um Valium – disse Laurel para Emma. – Estou falando sério. Fiquei esperando a hora que ela ia se agarrar ao bolo, como se ele fosse uma pira funerária.

– Caramba, que foto isso não daria, hein? – disse Mac, suspirando. – Uma pena!

– Carter, Jack – chamou Parker, erguendo sua garrafa d'água. – Vocês deram uma ajuda e tanto. Se eu soubesse que a mãe do noivo era uma chorona, teria tomado as devidas precauções, mas ela se comportou bem no ensaio. Parecia até bastante entusiasmada.

– Aposto que alguém a drogou – disse Laurel.

– Que tipo de precauções teriam sido? – perguntou Jack.

– Ah, temos uma enorme gama de estratagemas – respondeu Parker, com um sorriso que dava a entender que aquilo era secreto. – Talvez eu não tivesse sido capaz de fazê-la parar de chorar durante a cerimônia, mas teria impedido que aborrecesse os noivos quando estavam se vestindo. Se Pete e Maggie não tivessem mantido a cabeça fria, teríamos um desastre nas mãos. Manter ocupadas as pessoas que têm um perfil exageradamente emocional, atribuindo-

lhes algumas tarefinhas, costuma funcionar.

– Agora sei o que me impediu de chorar – concluiu Jack.

– Amanhã teremos que nos virar sem as tropas de reserva – disse Mac, dando um chute carinhoso em Carter. – Vão nos trocar pelos Yankees.

– Falando em amanhã, vou subir e desmaiar na minha cama para ver se consigo levantar para o próximo evento – anunciou Laurel, pondo-se de pé. – Boa noite, crianças.

– É a nossa deixa. Vamos nos mandar, professor. Nossa, meus pés estão me matando.

Carter se virou e apontou para as próprias costas. Com uma risada, Mac se agarrou nele para se deixar ser carregada.

– Isso é que é amor – disse ela, dando um sonoro beijo no topo da cabeça do noivo. – Da parte dele pela oferta, da minha por confiar em que o Sr. Sem Jeito não vai tropeçar e me derrubar. Nos vemos amanhã.

– Que fofos – comentou Emma, sorrindo ao vê-los sair. – Nem Linda Assustadora consegue embaçar o brilho deles.

– Ela ligou para Mac hoje de manhã – contou Parker.

– Inferno!

– Para dizer que mudou de ideia e espera que Mac e Carter estejam presentes em seu casamento, na Itália, semana que vem. Fez o drama de sempre, apelando para o sentimento de culpa quando Mac disse que seria impossível ir à Itália de uma hora para outra.

– Mac não me contou essa história.

– Não queria que isso interferisse no evento. Linda, é claro, ligou justo quando Mac estava organizando as coisas para o casamento desta manhã. Mas o que importa é que você tem razão: ela não consegue embaçar o brilho deles. Antes do Carter, uma ligação como essa teria deixado a Mac na maior fossa. Claro que não foi agradável, mas ela superou e conseguiu deixar a história de lado.

– O Poder de Carter vence o Poder de Linda. Tenho que dar um enorme beijo nele.

– Se quiser, pode dar em mim, pois vou vê-lo amanhã – sugeriu Jack.

Ela se inclinou na direção dele e lhe deu um selinho.

– Que mão de vaca!

– É um beijo para um amigo. Ok, levante-se, vamos para casa.

– Temos reunião às oito, hein? – Parker fez questão de lembrar.

– Eu sei, eu sei – disse Emma, abafando um bocejo. – O que acha de me carregar nas costas? – perguntou a Jack.

– Acho que assim é melhor. – Com um gesto deliberadamente teatral, ele a pegou no colo.

– Uau, também acho. Boa noite, Parker.

– Boa-noite.

Com uma pontinha de melancolia, Parker viu Jack levar Emma no maior estilo galã de antigamente.

– Grande saída! – exclamou Emma, encantada, antes de dar um beijo no rosto de Jack. – Não precisa me levar no colo o caminho todo.

– Acha que vou deixar Carter levar a melhor? Você não entende nada de competição. É bom

que Mac esteja tão feliz – acrescentou ele. – Presenciei algumas ligações da Linda para ela. É duro de ver.

– Eu sei. – De um jeito preguiçoso, Emma acariciou o cabelo castanho-claro de Jack. – Ela é a única pessoa de quem eu efetivamente não gosto. Antes eu tentava achar desculpas para as coisas que ela faz, mas acabei percebendo que não há desculpa possível.

– Uma vez ela deu em cima de mim.

Emma teve um sobressalto.

– Como é? A mãe de Mac fez o quê?

– Foi há muito tempo. Na verdade, teve outra vez, que não foi há tanto tempo assim. Então, ela deu em cima de mim duas vezes. Na primeira, eu ainda estava na faculdade e vim passar umas semanas aqui no verão. Íamos todos a uma festa, e eu disse que passava para buscar Mac. Ela não tinha carro na época. Foi a mãe dela que abriu a porta e me deu as boas-vindas de um jeito que as mães normalmente não fazem. Depois, me encurralou num canto até Mac descer. Foi, digamos... interessante, e com certeza assustador. Linda Assustadora. É um bom apelido.

– Quantos anos você tinha? Uns 20? Ela devia se envergonhar. Ou ser presa. Agora gosto menos ainda dela. Não pensei que isso fosse possível.

– Eu sobrevivi. Mas, se ela tentar algo de novo, conto com você para me proteger. E vai ter que se esforçar bem mais do que naquele dia com a Kellye Assustadora.

– Um dia desses ainda vou dizer cara a cara o que penso a respeito dela. Estou me referindo a Linda, não a Kellye. E se ela se atrever a aparecer no casamento de Mac para tentar aprontar uma das suas, vou reagir com violência.

– Posso assistir?

Emma encostou a cabeça no ombro dele.

– Vou ligar para a minha mãe amanhã só para dizer que ela é maravilhosa. – Beijou de novo o rosto dele. – E você também. Essa é a primeira vez que sou carregada no colo sob o luar.

– Na verdade, está nublado.

Ela sorriu.

– Não do meu ponto de vista.

Jack analisou todas as suas cartas. Até o momento, a noite tinha sido boa para ele, mas o par de dois não parecia nada promissor. Passou a vez; ficou esperando as apostas surgirem. O Dr. Rod apostou 25 dólares. Ao seu lado, Mal passou. Del apostou suas fichas. Frank, o paisagista, fez o mesmo. O advogado Henry passou.

Jack hesitou por um instante e pôs os 25 dólares na mesa.

Del queimou a primeira carta e virou o flop. Ás de paus, dez de ouros, quatro de ouros.

Um possível flush, um possível straight. E ele só tinha um mísero par de dois.

Rod apostou mais 25.

Carter passou. Del e Frank pagaram para ver.

Seu idiota, pensou Jack, mas estava com um pressentimento. Alguns pressentimentos valem 25 dólares.

Pôs suas fichas na mesa.

Del queimou uma carta e virou a seguinte. Dois de ouros.

Agora a mesa estava ficando interessante. Mesmo assim, sabendo como Rod jogava, ficou atento.

E Rod apostou mais 25. Del dobrou a aposta.

Frank passou. Jack pensou na trinca de dois. Mas continuava com um pressentimento.

E pagou os 50 dólares.

– Que bom que não se assustaram. Estou tentando conseguir alguma coisa. O bolo ainda precisa melhorar – disse Rod, com um risinho. – Acabei de ficar noivo.

Del olhou ao redor.

– Sério? Estamos sendo abatidos como moscas.

– Meus parabéns – disse Carter.

– Obrigado. Ponho mais 50. De repente, pensei: o que estou esperando? Então me joguei de cabeça. Shell está louca para dar uma olhada na casa da sua irmã. Quem sabe você não pode me dar o desconto dos companheiros de pôquer?

– Sem chance – disse Del, contando as fichas. – Mas pago os seus 50. Para ver o que deve ser o fim do pôquer e dos charutos para você.

– Caramba, Shell não é assim. Sua vez, Jack.

Com certeza, tem um par de ases. Rod nunca blefava ou, quando tentava, ficava evidente para todo mundo. Um par de ases ou umas cartinhas de ouros. Mesmo assim...

– Eu pago. Considere isso um presente de noivado.

– Obrigado. Estamos pensando em junho. Shell quer toda aquela papagaiada. Pensei que poderíamos ir para alguma ilha, pegar sol, pegar umas ondas e casar. Mas ela quer tudo a que tem direito.

– É assim que começa – observou Mal, com voz soturna.

– Você também vai se casar, não é, Carter?

– Mac é do ramo. Elas fazem um ótimo trabalho. É tudo muito especial, personalizado.

– Não precisa se preocupar com isso – disse Mal, dirigindo-se a Rod. – Não vai ter escolha mesmo. Basta aprender a repetir "está ótimo, amor" para tudo o que ela perguntar se você gostou, se você quer ou se vai fazer.

– Sabe bastante para quem nunca passou pela experiência, hein?

– Quase passei, mas não disse "está ótimo, amor" tantas vezes quanto era necessário. – Mal deu uma olhada para a ponta do seu charuto. – Felizmente.

– Vou gostar de me casar – disse Rod, ajeitando os óculos. – Sossegar um pouco. Imagino que esteja se encaminhando para essa direção, Jack.

– O quê?

– Já está saindo com a florista gata há um tempinho. Não está mais na pista.

Del mordeu a ponta do charuto.

– Estamos jogando pôquer ou vamos começar a falar do cartório que Rod deve escolher?

Três jogadores para a quinta carta.

Del virou a última carta, mas Jack estava tão ocupado reparando em Rod que não se deu conta.

– Aposto tudo.

– Interessante, Rod. – Sem esboçar qualquer reação, Del soltou uma baforada do charuto. – Cubro a aposta. E você, Jack? Vai ou não?

– O quê?

– É a sua vez, cara.

– Claro. – Ele estava fora da pista? O que aquilo *queria dizer*? Jack tomou um gole de cerveja e se obrigou a se concentrar. Então viu que a última carta era um dois de copas. – Eu vou.

– Tenho uma trinca de ases.

– Então ganhei de você – disse Del, mostrando as cartas –, porque tenho um flush. E de ouros, como o da aliança que você pôs no dedo da sua amada. E a maior carta é o rei.

– Filho da puta! Achei que tivesse uma quadra de dez.

– Achou errado. E você, Jack?

– O quê?

– Cacete, Jack, mostre as cartas ou saia do jogo.

– Desculpe – disse ele, voltando a si. – Lamento muito pelos ouros. Mas tenho esses dois que com este par somam quatro. Acho que essa é minha.

– Conseguiu uma quadra de dois na quinta carta? – Rod meneou a cabeça. – Você é um desgraçado de um sortudo.

– É, sou um desgraçado de um sortudo.



Depois do jogo, Jack embolsou os 50 dólares de cada jogador e foi com Del para a varanda bater papo.

– Como está tomando outra cerveja, imagino que esteja pensando em dormir aqui.

– A ideia me ocorreu – disse Jack.

– Mas você faz o café da manhã.

– Tenho uma reunião bem cedo, então o café estará pronto às seis.

– Tudo bem. Tenho um caso de divórcio. Cara, odeio quando uma amiga me pressiona para tratar do divórcio dela. Odeio com todas as forças esse tipo de caso.

– Quem é a amiga?

– Você não conhece. Saímos algumas vezes na época da escola. Ela acabou casando com esse cara e se mudou para New Haven uns cinco anos atrás. Tem dois filhos.

Balançou a cabeça e tomou um gole de cerveja.

– Agora não conseguem nem olhar um para a cara do outro, e ela se mudou de volta e está na casa dos pais até decidir o que vai fazer da vida. Ele está puto por ela ter resolvido voltar para cá, o que vai dificultar bastante a questão das visitas às crianças. – Rolou a garrafa para a esquerda. – Ela está puta porque deixou sua carreira de lado para assumir o papel de mãe e

dona de casa. – Rolou a garrafa para a direita. – Ele não sabia valorizá-la, ela não entendia a pressão que ele tinha que suportar. O de sempre.

– Achei que não pegasse mais casos de divórcio.

– Se você já tocou nos peitos de uma mulher e ela entra no seu escritório pedindo ajuda, é meio difícil dizer não.

– É verdade. Não é o tipo de coisa que aconteça na minha profissão, mas você tem razão.

Del deu um risinho sacana e tomou mais um gole de cerveja.

– Ou talvez eu tenha pegado em mais peitos que você.

– Podíamos contar para ver quem ganha.

– Se consegue se lembrar de todos os peitos que já passaram pelas suas mãos, então não foram tantos assim.

Jack riu e se recostou na cadeira.

– Tínhamos que ir a Las Vegas.

– Para pegar mais peitos?

– Para... ir a Las Vegas. Passar alguns dias nos cassinos e ir a shows de striptease. É, então, acredito que peitos fariam parte da viagem. Seriam só uns dias.

– Você odeia Las Vegas.

– *Odiar* é uma palavra forte demais. Tenho uma ideia melhor, então. Que tal irmos para St. Martin, St. Barts ou algum lugar parecido? Jogaríamos, iríamos à praia. Poderíamos até fazer pesca submarina.

Del franziu as sobrancelhas.

– Está querendo pescar? Pelo que eu saiba, você nunca pôs as mãos numa vara de pesca.

– Para tudo há uma primeira vez.

– Está querendo pôr o pé na estrada?

– Só tenho pensado em tirar uns poucos dias para descansar. O verão está chegando. Fiquei trancado no escritório trabalhando durante todo o inverno e a semana que eu passaria em Vail foi reduzida a três dias. Por isso pensei em descontar agora.

– Talvez eu possa me organizar para um fim de semana prolongado.

– Ótimo. Vamos fazer isso. – Satisfeito, Jack tomou mais um gole de cerveja. – Estranha essa história do Rod.

– O quê?

– De ficar noivo tão de repente.

– Ele já está com a Shelly há uns dois anos. Não foi tão de repente.

– Mas nunca deu nenhuma pista de que estava pensando em se casar – insistiu Jack. – Não acho que ele tenha nascido para isso. Quero dizer, um cara como o Carter, tudo bem. Ele se enquadra bem no tipo. Chega em casa todo dia depois do trabalho, calça uma pantufa...

– Uma pantufa?

– Você sabe o que estou querendo dizer. Ele é desses que chega em casa, faz um jantarzinho, acaricia o gato de três patas, vê um pouco de televisão, trepa com a Mac se estiverem num bom dia...

– Você sabe que tento não pensar nas palavras “Mac” e “trepar” juntas numa mesma frase.

– Acorda na manhã seguinte e faz tudo de novo – prosseguiu Jack com um tom que mais parecia uma declamação. – Adicione-se a isso um casal de filhos daqui a algum tempo e talvez um cachorro de um olho só para combinar com o gato de três patas. As trepadas vão diminuir, porque agora há crianças correndo pela casa. A pesca submarina e os shows de striptease ficaram no passado, já que é preciso fazer excursões aos centros comerciais, aqueles verdadeiros pesadelos, contratar uma babá, ter uma medonha minivan e economizar para a faculdade dos filhos. E, meu Deus – Jack ergueu as duas mãos –, meu Deus, chegam os 40 anos, o sujeito vira treinador de uma liga infantil e provavelmente está com uma bela barriga, afinal quem consegue ir à academia quando se tem que passar no mercado para comprar pão e leite? Aí, num piscar de olhos já está com 50 anos, meio cochilando numa poltrona reclinável enquanto assiste a reprises de *Law and Order*.

Del ficou em silêncio por um minuto, só observando o rosto de Jack.

– É um interessante resumo dos próximos vinte anos da vida de Carter. Espero que um dos meninos tenha o meu nome.

– É assim que as coisas acabam acontecendo, não acha? – Que pânico era esse, esse alerta que crescia em seu peito? Não queria pensar a respeito. – A parte boa é que Mac não vai procurar você para cuidar do divórcio porque provavelmente vai dar tudo certo no casamento deles. Ela não é do tipo que surta porque o marido sai uma vez por semana para a Noite de Pôquer ou que enche o saco com aquele drama de "você nunca me leva a lugar nenhum".

– E Emma é desse tipo?

– O quê? Não. Não estou falando de Emma.

– Não?

– Não. – Jack respirou fundo, propositadamente, e percebeu que estava meio chocado com as bobagens que tinha dito. – Está tudo bem com Emma. Bem mesmo. Estava só generalizando.

– E em geral o casamento consiste em poltronas reclináveis, minivans e no fim dessa vida que levamos?

– Pode ser também uma poltrona da marca La-Z-Boy e uma perua, dessas que cabem uma família grande. Acho que elas estão voltando ao mercado. O que quero dizer é que Mac e Carter vão gostar de tudo isso. Então... bom para eles. Mas isso não é para todo mundo.

– Acho que depende da dinâmica.

– A dinâmica muda. É por isso que vai tratar de um divórcio amanhã. – Mais calmo, Jack deu de ombros. – As pessoas mudam, assim como os elementos, as circunstâncias e a situação que envolve tudo isso.

– É verdade, mudam mesmo. E os que querem manter o relacionamento vão se adaptando a essas evoluções.

Aturdido e inexplicavelmente incomodado, Jack fechou a cara para o amigo.

– De repente você virou um defensor do casamento?

– Nunca fui um oponente. Descendo de uma longa linhagem de casais que deram certo. Imagino que seja preciso ter muita coragem ou uma fé cega para se meter numa coisa como essa, além de muito esforço e uma flexibilidade considerável para seguir em frente. Se

levarmos em conta Mac e Carter e a história de vida de cada um, eu diria que ela fica com a parte da coragem, ao passo que ele contribui com a fé cega. É uma boa combinação.

Del fez uma pausa e ficou contemplando sua cerveja.

– Está apaixonado por Emma?

O pânico voltou, mas Jack o engoliu junto com a cerveja.

– Eu disse que não tinha nada a ver com ela. Ou conosco. Nada disso tem.

– Que mentira, Jack! Estamos sentados aqui, tomando uma última cerveja depois de uma noite em que você se deu bem e eu saí depauperado. Em vez de estar se vangloriando, está falando de casamento e pesca submarina. Duas coisas pelas quais nunca demonstrou interesse.

– Estamos sendo abatidos como moscas. Foi você mesmo que disse.

– Disse, sim. Porque é o que está acontecendo. Com Tony aconteceu há uns três anos, talvez quatro. Frank embarcou nessa ano passado. Rod está noivo. E não deixe de acrescentar Carter. Não estou envolvido com ninguém em particular no momento, nem Mal, pelo que sei. Sobraram você e Emma. Por isso, seria de espantar que a notícia do casamento de Rod não deixasse você na dianteira.

– Talvez eu esteja começando a pensar nas expectativas dela, afinal de contas, trabalha nesse ramo.

– Nesse ramo, só, não. Ela trabalha numa empresa de casamentos.

– Ok, é isso. Ela pertence a uma grande família, unida e aparentemente feliz. E embora a festa e o casamento sejam coisas diferentes, uma coisa leva a outra. Uma das melhores amigas de infância vai se casar. Você sabe como são essas quatro, Del. São como unha e carne. Elas podem ter suas atividades individuais, mas são inseparáveis. Como disse, você e Mal estão na pista e, pelo que sei, Laurel e Parker também. Mas Mac? Isso muda as coisas. E agora, um dos meus amigos de pôquer vai lá falar com elas sobre os preparativos para o casamento dele. Isso *muda* as coisas.

Ele falava, gesticulando com a cerveja na mão.

– Se *eu* estou pensando nisso, é claro que ela também deve estar.

– Você poderia agir de forma radical e introduzir o assunto numa conversa com ela.

– Ter uma conversa sobre isso é como dar um passo adiante.

– Ou um passo atrás. Em que direção você quer ir, Jack?

– Está vendo? Você está me fazendo essa pergunta. – Para enfatizar ainda mais o que dizia, Jack apontou para o amigo. – Com certeza ela também deve estar se fazendo. E o que eu tenho que responder?

– Mais uma vez, tente algo radical. Que tal a verdade?

– Não sei qual é a verdade. – Ok, pensou, é exatamente isso que está me deixando em pânico. – Por que acha que estou apavorado?

– Acho que é você que vai ter que descobrir. Você nunca respondeu à questão principal: está apaixonado por ela?

– Que droga, como se pode saber uma coisa dessas? Mais que isso: como é que se sabe que as coisas vão continuar desse jeito?

– Coragem, fé cega. Você tem ou não tem. Mas pelo que estou vendo, meu camarada, a única pessoa que o está pressionando é você mesmo. – Del cruzou as pernas e tomou o resto da cerveja. – Pense nisso.

– Não quero machucá-la. Não quero decepcioná-la.

Ouça o que está dizendo, pensou Del. Já mergulhou de cabeça e não percebe.

– Também não quero ver isso acontecer – disse Del num tom casual. – Porque ia odiar ter que arrebentar a sua cara.

– Ia me odiar ainda mais por arrebentar a sua por tentar arrebentar a minha.

Continuaram se insultando amigavelmente enquanto tomavam a saideira.



Como queria inspecionar de perto a ampliação do estúdio de Mac, Jack tentava passar lá todos os dias. Com isso, tornou-se um espectador da vida de Mac e Carter.

Todas as manhãs ele os via na cozinha. Um deles alimentava o gato, o outro fazia o café. Em determinado momento, Carter saía com sua pasta com o laptop e Mac ia trabalhar no estúdio.

Se sua visita fosse de tarde, podia ver Carter vindo da mansão em direção ao estúdio, mas, pelo que notou, isso nunca acontecia quando Mac estava com clientes. O cara devia ter um radar, concluiu Jack.

Ocasionalmente, um deles, ou os dois, vinha ver os progressos da obra, fazia perguntas, oferecia café ou uma bebida gelada, dependendo da hora em que passava por lá.

Esse ritmo o fascinava tanto que um dia deteve Carter para comentar.

– As aulas terminaram, não é?

– E o verão de diversões começou.

– Percebi que tem ido até a mansão muitas vezes.

– O estúdio tem andado bem cheio de gente por esses dias. E barulhento. – Carter olhou na direção da obra, de onde vinha barulho de serras e furadeiras. – Dou aula para adolescentes, então tenho uma alta tolerância para confusão, mesmo assim, não consigo entender como ela consegue trabalhar em meio a essa balbúrdia. Nada parece incomodá-la.

– O que você faz o dia todo? Fica bolando testes-surpresa para o próximo semestre?

– O que é encantador nos testes-surpresa é que posso repeti-los por anos a fio. Tenho vários arquivos.

– Ah, sim, acredito. E então o que faz?

– Na verdade, uso um dos quartos de hóspedes como um escritório temporário. É silencioso e a Sra. Grady sempre me arranja algo para comer.

– Está estudando?

Carter assumiu uma postura que Jack identificou como ligeiramente constrangida.

– Estou meio que tentando escrever um livro.

– Puta merda! Sério?

– O resultado deve estar uma merda mesmo. Partes dele provavelmente estão. Mas resolvi

me dedicar a isso neste verão.

– Que legal! Como sabe quando ela está livre, quero dizer, que os clientes foram embora? Ela liga para avisar que já pode voltar para casa?

– Ela tenta agendar os clientes de manhã se tem que fazer sessão de estúdio e, enquanto durarem as obras, tem transferido a maior parte das reuniões para a mansão. Dou uma olhada na agenda dela para não voltar no meio de uma sessão, estragar o clima e acabar com sua concentração. É um sistema bem simples.

– Parece que está funcionando para vocês.

– Por falar em funcionar, não esperava que fosse ver resultado tão depressa – comentou Carter, apontando para o estúdio. – Todo dia tem uma coisa nova por aqui.

– O tempo está ajudando e as vistorias já acabaram, por isso pudemos estabelecer um bom ritmo. É uma excelente equipe. Eles deveriam... Desculpe – disse, quando o celular tocou.

– Pode atender. Também tenho que começar minha tarefa.

Jack pegou o celular enquanto Carter se afastava.

– Cooke. Isso, estou na obra dos Browns. – Enquanto falava, foi se aproximando do barulho. – Não, não podemos simplesmente... Se é o que eles querem, precisamos desenhar as mudanças e conseguir uma nova licença.

Ouvia tudo sem parar de caminhar.

Suas visitas de trabalho também lhe deram um bom panorama da rotina básica de Emma. Os clientes iam e vinham pontualmente no início da semana. Lá para quarta e quinta, ela recebia as encomendas. Eram caixas e mais caixas de flores. A essa hora devia estar trabalhando nelas, pensou. Começava cedo, sozinha. Tink ou outra de suas ajudantes provavelmente chegaria mais tarde para fazer o que quer que lhe fosse atribuído.

No meio do dia, quando sobrava um tempinho, fazia uma pausa e ia se sentar no pátio. Estando por ali, Jack aproveitava para ficar um pouco com ela.

Que homem podia resistir a Emma sentada sob a luz do sol?

E lá estava ela, percebeu. Não no pátio, mas ajoelhada no chão, com o cabelo preso por um chapéu, cavoucando a terra com uma pá.

– Diga a eles que dentro de duas ou três semanas – prosseguiu Jack, e Emma se virou, ergueu a aba do chapéu e lhe deu um sorriso. – Estou saindo daqui em poucos minutos. Vou falar com o mestre de obras. Estarei no escritório em algumas horas. Não tem problema.

Desligou o celular e deu uma olhada geral nos montes de plantas.

– Já não tem flores o bastante?

– Nunca. Queria pôr aqui na frente mais algumas anuais. Vão ficar bem vistosas lá das áreas onde os eventos acontecem.

Ele se agachou e lhe deu um beijo.

– Você, sim, está bem vistosa. Achei que estaria trabalhando lá dentro.

– Não consegui resistir, e isso não vai me tomar muito tempo. Posso trabalhar uma hora a mais no fim do dia, se for preciso.

– Vai estar muito ocupada no fim do dia?

Emma inclinou a cabeça e, sob a aba do chapéu, lançou-lhe um olhar fulminante.

– Depende da proposta.

– Que tal irmos jantar em Nova York? Em algum lugar onde os garçons sejam esnobes, a comida, um absurdo de cara e onde você vá tão bonita que eu não vou me importar com mais nada.

– Definitivamente não estarei ocupada no fim do dia.

– Ótimo. Passo às sete para buscá-la.

– Estarei pronta. Mas já que está aqui... – Emma passou os braços em volta do pescoço dele e lhe deu um beijo profundo, lânguido. – Para que possa esperar até lá – murmurou ela.

– Arrume uma mala.

– O quê?

– Ponha o que precisar para uma noite e reservarei uma suíte de hotel em Nova York. Vamos esticar o nosso programa.

– Sério? – perguntou ela, fazendo uma dancinha. – Me dê dez minutos e faço a mala agora mesmo.

– Então, estamos combinados.

– Tenho que estar de volta cedo, mas...

– Eu também. – Desta vez foi ele quem a beijou, segurando seu rosto com as mãos e puxando-a para si. – Para que *você* possa esperar até lá. Sete horas, ok? – repetiu ele e se levantou.

Satisfeito com a própria ideia e com a reação dela, Jack pegou o celular e, dirigindo-se para a sua caminhonete, pediu que seu assistente fizesse as reservas.

capítulo dezessete

– Disse a ele que faria a mala em dez minutos. Como sou mentirosa! – Depois de terminar sua jornada de trabalho diária, de hidratar e perfumar cada parte do seu corpo, Emma dobrou uma camisa e pôs na mala. – Obviamente a roupa para usar no quarto do hotel não era importante, mas...

Virou-se e ergueu uma camisola branca de seda para saber a opinião de Parker.

– O que acha?

– É maravilhosa! – Dando um passo à frente, Parker passou a mão na delicada renda que emoldurava o corpete. – Quando a comprou?

– No inverno passado. Não consegui resistir e disse a mim mesma que a usaria ainda que sozinha e em casa. Mas é claro que não fiz isso. Ela tem esse robe combinando. Adoro robes sensuais de hotel, mas este é tão romântico... Quero vestir algo romântico depois do jantar.

– Então está perfeito.

– Nem ao menos sei onde vamos jantar ou dormir. Estou adorando isso. Estou amando a sensação de ser surpreendida. – Fez uma rápida pirueta e pôs o robe na mala. – Quero champanhe e luz de velas e, quanto à sobremesa, vou ser absolutamente indulgente comigo mesma. E quero que ele me olhe à luz das velas e diga que me ama. Não posso evitar.

– Por que deveria?

– Porque devia estar satisfeita com a ideia de ser surpreendida, de estar com um homem que planejou uma noite como essa. Ele me faz feliz. Isso devia bastar.

Enquanto Emma continuava a fazer a mala, Parker chegou perto dela e afagou seus ombros.

– Não precisa impor limites a si mesma, Emma. Se está sentindo isso, tudo bem.

– Não imponho limites. Não acho que eu faça isso. Sei que tenho uns altos e baixos a respeito desse relacionamento, então, só estou tentando adequar as minhas expectativas. Tenho que agir como me propus a fazer quando comecei a sair com ele. – Virando-se, Emma apertou as mãos da amiga. – Disse que queria me divertir e que aceitaria as coisas como elas fossem. Sou apaixonada por ele há muito tempo, mas isso é coisa minha. Na verdade, só estamos juntos há uns dois meses. Não é preciso ter pressa.

– Emma, desde que conheço você, ou seja, desde sempre, nunca a vi ter medo de dizer o que está sentindo. Por que está com medo de dizer ao Jack?

Emma fechou a mala.

– Se eu contar e ele não estiver preparado, pode se sentir obrigado a dar um passo atrás, voltar a ser só meu amigo. Acho que eu não iria suportar isso, Parker. – Ela se virou e encarou a amiga. – Acho que não quero pôr em risco nosso relacionamento de agora. Pelo menos, não ainda. Então, vou aproveitar nossa noite, sem fazer qualquer tipo de pressão. Caramba,

preciso me vestir. Bom, estarei de volta às oito, oito e meia no máximo. Se por acaso ficarmos presos no trânsito...

– Ligo para Tink e a obrigo a sair da cama. Sei como fazer isso. Ela fica encarregada da entrega da manhã e de começar o trabalho.

– Obrigada. – Confiante nas habilidades da amiga, Emma se enfiou no vestido. – Mas estarei aqui a tempo. – Virou-se de costas para que Parker fechasse o zíper.

– Linda cor. Cítrico. Dá raiva saber que não cai bem em mim. Em você fica deslumbrante. – Pelo espelho, olhou nos olhos de Emma e passou os braços pela cintura dela para abraçá-la. – Aproveite bastante.

– Pode deixar.

Vinte minutos depois, quando abriu a porta para Jack, ele a fitou com um grande sorriso no rosto.

– Que excelente ideia a minha. Devia ter proposto isso antes. Você está simplesmente estonteante.

– Estou fazendo jus a um lugar onde os garçons são esnobes e a comida um absurdo de cara?

– Muito mais. – Ele pegou sua mão e beijou o pulso que ostentava a pulseira reluzente que tinha lhe dado.

Até o trânsito em Nova York a deixou impressionada: era perfeito, tanto nas situações em que fluía quanto nos congestionamentos. A luminosidade do dia ia dando lugar a um entardecer suave. Tinham a noite toda pela frente, pensou ela.

– Sempre acho que tenho que vir à cidade mais vezes – observou Emma. – Para me divertir ou fazer compras, para dar uma olhadinha nas floristas e nos mercados. Nem de longe venho aqui tanto quanto gostaria. Então, quando venho, fico bem empolgada.

– Você nem perguntou aonde estamos indo.

– Não importa. Adoro surpresa, espontaneidade. No meu trabalho, como no seu, aliás, tudo tem que ser tão programado... Então, isso que estamos fazendo é como uma espécie de minifférias mágicas. Se me prometer comprar um champanhe, não vai ficar faltando nada.

– Tudo o que você quiser.

Quando Jack estacionou diante do Waldorf, ela ergueu as sobrancelhas.

– E as excelentes ideias não param de lhe ocorrer.

– Achei que fosse gostar de algo tradicional.

– Acertou em cheio.

Emma esperou na calçada que o carregador pegasse as malas e depois deu a mão a Jack.

– Obrigada, de antemão, pela noite maravilhosa.

– De nada, de antemão. Só vou fazer o check in e pedir que levem as malas lá para cima. O restaurante fica a três quarteirões daqui.

– Podemos ir a pé? Está uma noite tão bonita.

– Claro. Só vou demorar uns cinco minutos.

Emma deu uma volta pelo saguão; ficou admirando as vitrines das lojas, os magníficos arranjos florais, as pessoas entrando e saindo, até que Jack se juntou a ela e, passando a mão em suas costas, perguntou:

– Pronta?

– Absolutamente. – Deu a mão para ele e foram andando pela Park Avenue. – Tenho uma prima que se casou no Waldorf, antes de existir a Votos, é claro. Foi uma festa formal, ultrachique, como os Grants tendem a fazer. Eu tinha 14 anos e fiquei muito impressionada. Ainda consigo me lembrar das flores. Eram montanhas de flores. As rosas amarelas foram o destaque. Suas damas de honra estavam vestidas de amarelo também e pareciam biscoitos amanteigados, mas as flores, ah... Montaram uma pérgula toda elaborada enfeitada com rosas amarelas e glicínias bem no salão de baile. Isso deve ter exigido um exército de floristas. Mas é a coisa de que mais me lembro, então deve ter valido a pena.

Ela sorriu para Jack.

– O que mais o atrai num edifício a ponto de deixá-lo impressionado?

– Várias coisas. – Jack dobrou a esquina para o lado leste; Nova York fervia ao redor. – Mas quer saber honestamente? Um dos maiores impactos para mim foi a primeira vez que vi a propriedade dos Browns.

– Sério?

– Havia muitas mansões em Newport, onde cresci, e algumas com uma arquitetura incrível. No entanto, essa propriedade tem algo a mais que a distingue das outras. O equilíbrio e suas linhas, uma grandeza discreta, a segurança de combinar dignidade com toques de fantasia.

– Ela é exatamente assim – concordou Emma. – Dignidade e toques de fantasia.

– Quando se anda pela mansão, é possível sentir imediatamente que há pessoas morando ali. Ela tem vida e, mais que isso, as pessoas que moram ali amam aquela casa e o terreno à sua volta. Ela toda. Por isso continua a ser um dos meus lugares favoritos de Greenwich.

– Com certeza é um dos meus.

Ele virou de novo, agora para abrir a porta do restaurante. Assim que pôs os pés lá dentro, Emma notou que o ritmo e a pressa da rua tinham desaparecido. Até o ar parecia mais calmo.

– Bela escolha, Sr. Cooke – elogiou ela baixinho.

O maître fez um aceno elegante com a cabeça.

– *Bonjour, mademoiselle, monsieur*.

– Cooke – disse Jack de um jeito meio inexpressivo que lembrava James Bond. Ela teve que morder as bochechas por dentro para não cair na gargalhada. – Jackson Cooke.

– Sr. Cook, *bien sûr*, queiram me acompanhar.

Foi abrindo caminho em meio a elaborados arranjos florais e velas bruxuleantes, entre o brilho da prata e do cristal sobre toalhas de linho branco com a neve. Sentaram-se com toda a esperada pompa e circunstância e lhes ofereceram um coquetel.

– A senhora prefere champanhe.

– Muito bem. Vou avisar ao sommelier. Tenham uma noite agradável.

– Já estou tendo – disse Emma, inclinando-se para Jack. – Muito agradável.

– Todos ficaram olhando quando você passou.

Ela deu um sorriso sexy e provocante.

– Somos um casal muito atraente.

– E agora todos os homens desse restaurante têm inveja de mim.

– Isso só faz com que a noite seja ainda mais divertida. Mas, prossiga, não quero interrompê-lo.

Olhando à sua volta, Jack viu o sommelier se aproximar.

– Deixe-me voltar a falar de você.

Depois de escolher a garrafa, que foi aprovada com veemência pelo especialista, Jack pegou as mãos de Emma.

– Bom, onde eu estava mesmo?

– Fazendo eu me sentir incrivelmente especial.

– Uma tarefa fácil, considerando-se o que tenho diante de mim.

– Agora está me fazendo perder a cabeça. Prossiga, por favor.

Ele riu e beijou a mão dela.

– Adoro estar com você. Você deixa meu dia muito melhor, Emma.

O que estava acontecendo com ela?, perguntou a si mesma. Bastara ouvir a frase "adoro estar com você" para seu coração ficar aos pulos.

– Por que não me conta como foi o seu dia?

– Bem, descobri o mistério de Carter.

– Havia um mistério?

– Para onde ele vai e o que ele faz? – começou Jack, e contou sobre a rotina que vem observando lá estúdio. – Só estou lá por curtos períodos – prosseguiu –, mas eles variam entre parte da manhã e finalzinho da tarde. Então, minhas astutas observações se basearam em fatias diferentes do dia deles.

– E a que conclusões chegou?

– Nenhuma, mas elaborei várias teorias. Estaria ele saindo sorrateiramente para ter encontros tórridos com a Sra. Grady ou teria se deixado capturar por um ciclo desesperado e destrutivo de apostas on-line feitas em seu laptop?

– Talvez as duas coisas.

– Verdade, Carter é um sujeito eficiente. – Jack fez uma pausa para aprovar o selo da garrafa que lhe era mostrada. – A dama vai provar o champanhe.

Assim que o ritual de tirar a rolha se iniciou, Jack se inclinou para se aproximar de Emma.

– E logo ali, está a nossa amada Mackensie, sem saber de nada, confiando no sujeito e trabalhando como uma escrava. Poderia o aparentemente inocente e afável Carter Maguire estar escondendo vergonhosos segredos? Eu tinha que descobrir.

– Você usou um disfarce e o seguiu até a mansão?

– Pensei nisso, mas tive que descartar a ideia. – Ele esperou o sommelier pôr uma prova do champanhe na taça de Emma. Ela deu uma bicadinha, fez uma pausa, e por fim lançou para o especialista um sorriso que derreteu sua pose gelada e profissional.

– Está maravilhoso. Obrigada.

– É um prazer, *mademoiselle* – respondeu ele, servindo a taça habilmente. – Espero que aprecie cada gole. *Monsieur*... – Deixou a garrafa no gelo e, com uma reverência, afastou-se.

– Muito bem, como conseguiu solucionar o mistério de Carter?

– Só me dê um minuto. Perdi o fio da meada diante do virtuosismo com que ele verteu o

champanhe na sua taça. Ah, sim, meu método foi engenhoso: perguntei a ele.

– Diabólico.

– Ele está escrevendo um livro. Coisa que você já deve estar sabendo – concluiu Jack.

– Eu os vejo todos os dias, ou quase. Mac me contou, mas o seu método é muito mais divertido. Está há anos escrevendo esse livro, quando tem um tempo livre. Mac deu um empurrão para que ele trabalhasse nisso durante o verão em vez de dar aulas de apoio. Acho que ele é bom.

– Já leu o original?

– Esse não, mas ele tem uns contos e ensaios publicados.

– Tem? Ele nunca disse nada. Esse é outro mistério de Carter.

– Não acredito que seja possível saber tudo a respeito de uma pessoa, mesmo conhecendo-a há muito tempo ou muito bem. Tem sempre um lado oculto que nos escapa.

– Acho que somos prova disso.

Ela o fitou com um sorriso cálido e tomou mais um gole do champanhe.

– Acho que somos.



– Os garçons não são esnobes o bastante. Como você os encantou, estão querendo agradá-la.

Com a colher, Emma pegou um tiquinho do suflê de chocolate que sugeriu que dividissem.

– Para mim eles alcançaram o nível perfeito de esnobismo – disse ela, aproximando a colher dos lábios. Com um gemido quase silencioso mostrou o que tinha achado da sobremesa. – Está quase tão bom quanto o de Laurel, e o dela é o melhor que já provei.

– *Provar* é uma palavra muito operacional. Por que não come simplesmente?

– Estou saboreando – respondeu ela, pegando mais uma quantidade ínfima com a colher. – Nós fizemos uma refeição de cinco etapas. – Suspirou, olhando para o café à sua frente. – Estou me sentindo como se tivesse feito uma pequena viagem a Paris.

Com um dedo, Jack acariciou o dorso da mão dela. Emma nunca usava anéis, pensou. Por causa do seu trabalho e porque não queria chamar atenção para as próprias mãos.

Engraçado é que ele achava que era uma das partes mais atraentes nela.

– Já esteve lá?

– Em Paris? – perguntou ela, saboreando mais um pouquinho do suflê. – Da primeira vez era pequena demais para me lembrar de alguma coisa. Tem uma foto da minha mãe empurrando meu carrinho pelos Champs-Élysées. Fui de novo com 13 anos, com Parker e seus pais, Laurel, Mac e Del. No último minuto, Linda disse que Mac não poderia ir, com a desculpa de que ela teria feito alguma coisa errada. Foi horrível. Mas a mãe de Parker falou com ela e ajeitou as coisas. Nunca nos disse como fez isso. Foi muito divertido. Passamos uns dias em Paris e, depois, duas incríveis semanas na Provença.

Permitiu-se comer mais uma colherzinha do suflê.

– E você?

– Del e eu fizemos uma viagem pela Europa, estilo mochilão, nas primeiras férias da

faculdade. Foi uma experiência e tanto.

– Ah, eu me lembro. Vocês mandaram um monte de postais, fotos e uns e-mails engraçados de cybercafés. Nós quatro também íamos fazer isso, mas quando os Browns morreram... foi uma barra, e havia tanta coisa para resolver... Parker canalizou tudo isso para a organização de uma empresa, a Votos. E acabamos nunca fazendo a viagem.

Ela se recostou na cadeira.

– Eu realmente não aguento nem mais um pouquinho.

Jack fez sinal para que o garçom levasse a conta.

– Mostre-me um dos seus lados ocultos.

– De que lado está falando?

– Uma coisa que eu não saiba a seu respeito.

– Ah, sim – disse Emma, rindo, e tomando um gole de café. – Humm, deixe-me ver... Já sei. Você não deve saber que fui a campeã do condado de Fairfield no concurso de soletração.

– Não acredito. Isso é sério?

– É, sim. Na verdade, cheguei a passar para a fase da competição estadual e não ganhei por muito pouco – contou ela, mostrando para ele o polegar e o indicador separados por um espaço mínimo. – Faltava isso para vencer quando fui eliminada.

– Qual era a palavra?

– Autocéfalo.

Jack estreitou os olhos.

– Essa palavra existe mesmo?

– Vem do grego e significa ser independente de uma autoridade externa, particularmente uma autoridade patriarcal – explicou e soletrou a palavra. – Por causa da pressão do momento, soletrei um "e" no lugar do segundo "a", e perdi. De todo modo, continuo fera em palavras-cruzadas.

– Sou melhor em matemática – disse Jack.

Ela se inclinou na direção dele e pediu:

– Agora, conte-me um dos seus.

– Tenho um bom – começou ele, pondo o cartão de crédito dentro do porta-conta de couro que havia sido posto discretamente ao lado de seu cotovelo. – É bem parecido com ser campeã de soletração.

– Cabe a mim julgar.

– Fiz o papel de Curly, quando montamos *Oklahoma* no colégio.

– Fala sério! – exclamou Emma, apontando para ele. – Já ouvi você cantar. Até que leva jeito. Mas não sabia que tinha interesse por atuar.

– Não tenho nenhum. Meu interesse era por Zoe Malloy, que era cotada para interpretar a Laurey. Eu era louco por ela. Por isso, dei tudo de mim quando cantei "Surrey with the Fringe on Top" e acabei conseguindo o papel.

– E conseguiu ficar com a Zoe?

– Consegui. Foram umas poucas semanas maravilhosas. Depois, ao contrário de Curly e Laurey, nós terminamos. E esse foi o fim da minha carreira de ator.

– Aposto que fez um ótimo caubói.

Ele deu um sorriso brincalhão.

– Bem, com certeza essa foi a impressão de Zoe.

Com a conta paga, ele se levantou e estendeu a mão para Emma.

– Vamos voltar pelo caminho mais longo – propôs ela, entrelaçando os dedos nos dele. – Aposto que está uma noite linda.

Estava mesmo. Era uma noite quente e estrelada, e mesmo o tráfego intenso contribuía para deixar as ruas mais resplandecentes. Passearam, caminhando por alguns quarteirões até chegar de volta à grandiosa porta de entrada do hotel.

Muita gente circulava por ali, vestidas com roupa de trabalho, ou jeans, ou arrumados para sair à noite.

– Sempre ocupados – disse ela. – Como num filme em que ninguém nunca diz "corta".

– Quer tomar um drinque antes de subir?

– Hum, não. – Apoiou a cabeça no ombro dele quando estavam a caminho do elevador. – Já tenho tudo o que quero.

No elevador, ficaram abraçados, olhos nos olhos, e Emma sentiu sua pulsação acelerar, subindo mais e mais, a cada andar que passava.

Quando ele abriu a porta do quarto, Emma entrou e se viu em meio à luz de velas. Numa mesa coberta com uma toalha branca, um balde de prata mantinha gelada uma garrafa de champanhe. Uma única rosa vermelha foi posta num vaso fino e por todo lado havia velas em *réchauds* bruxuleando dentro de suportes de vidro. Uma música de fundo soava como um delicado sussurro.

– Ah, Jack.

– Como isso tudo veio parar aqui?

Rindo, ela pôs as mãos no rosto dele.

– Você acabou de transformar um belo encontro noturno num encontro noturno dos meus sonhos. É incrível. Como conseguiu fazer isso?

– Pedi ao maître que avisasse ao hotel quando nos trouxessem a conta. Está pensando que só você sabe planejar as coisas?

– Bem, gostei do seu planejamento. – Ela lhe deu um beijou bem demorado. – Gostei muito.

– Tinha um pressentimento de que ia gostar. Devo abrir a garrafa?

– Claro que deve. – Ela foi até a janela. – Olhe essa vista! Tudo continua reluzindo e agitado, e nós dois estamos aqui.

A garrafa abriu com o estouro característico. Jack encheu as taças e foi se juntar a ela, que propôs um brinde:

– A um excelente planejamento.

– Conte-me mais alguma coisa – pediu Jack, acariciando o cabelo dela só com as pontinhas dos dedos. – Algo novo.

– Outro lado oculto?

– Já conheço agora a campeã de soletração e a habilidosa jogadora de futebol. São facetas

suas bem interessantes.

– Acho que já descobriu todas as minhas habilidades secretas – observou, passando um dedo na gravata dele. – Fico me perguntando se você saberia lidar com meu lado negro.

– Não quer me testar?

– Às vezes, quando estou sozinha à noite, depois de um dia longo... especialmente se estou chateada. Ou no limite... – interrompeu-se e ergueu a taça para tomar mais um gole. – Não sei se devo confessar uma coisa como essa.

– Estamos entre amigos.

– Verdade. Mesmo assim, muito poucos homens são capazes de entender algumas necessidades femininas. E alguns não conseguem lidar com o fato de que há certas necessidades que eles não conseguem satisfazer.

Jack tomou um longo gole do champanhe.

– Ok, não sei se estou com medo ou fascinado.

– Uma vez pedi a um cara com quem eu estava saindo que viesse me encontrar de noite para praticarmos uma atividade em particular. Ele não estava preparado para aquilo. Nunca voltei a pedir isso a ninguém.

– Tem a ver com algum tipo de "ferramenta"? Sou bom com ferramentas.

Ela meneou a cabeça e foi encher sua taça até a borda, depois ficou com a garrafa na mão como um convite.

– O que faço é o seguinte... – Verteu o líquido borbulhante na taça dele. – Primeiro, levo uma enorme taça de vinho para o meu quarto. Depois, acendo velas. Visto alguma coisa macia e confortável, algo que me deixe relaxada, me sentindo... feminina. Então, vou para a cama com todos os travesseiros arrumados, porque estou prestes a embarcar numa jornada só para mim mesma. E quando estou pronta... quando estou pronta para mergulhar... assisto ao meu DVD de *Um romance do outro mundo*.

– É um filme pornô?

– Não, não é um filme pornô. – Rindo, Emma lhe deu um tapinha no braço. – É uma incrível história de amor. Juliet Stevenson fica devastada quando o homem que ela ama, Alan Rickman, morre. É uma dor inconsolável. Ah, é insuportável ver seu sofrimento. – Com os olhos irradiando emoção, Emma levou a mão ao pescoço. – Eu choro horrores. Depois ele volta como um fantasma. Ele a ama tanto... É de cortar o coração, e também faz a gente rir.

– Corta o seu coração e a faz rir ao mesmo tempo?

– É. Homens não conseguem entender isso. Não vou lhe contar a história toda, só posso dizer que é dolorosa, encantadora, triste e positiva. É inexplicavelmente romântica.

– E é isso que você faz, em segredo, na sua cama à noite, quando está sozinha?

– É. Centenas de vezes. Tive que substituir o DVD duas vezes.

Nitidamente perplexo, Jack tomava o champanhe olhando para ela com atenção.

– Um cara morto é romântico?

– Caramba, estamos falando do Alan Rickman. E sim, nesse caso, é maravilhosamente romântico. Depois de assistir ao filme e chorar, durmo feito um bebê.

– O que acha de *Duro de matar*? Ele também atua em *Duro de matar*. Esse sim é um filme

para se ver centenas de vezes. Talvez pudéssemos fazer uma sessão dupla qualquer dia desses. Se você conseguir lidar com isso. Escolha uma noite da próxima semana. Mas vai ter que ter pipoca. Não dá para assistir a *Duro de matar* sem pipoca.

– Me parece justo. Aí veremos do que você é feito. – Ela roçou os lábios nos dele. – Vou trocar de roupa. Já, já estou de volta. Quem sabe você não leva o champanhe para o quarto?

– Posso fazer isso.

No quarto, ele tirou o blazer e a gravata e ficou pensando nela. Nas surpresas que reservava, suas facetas e camadas ocultas.

Era muito curioso pensar que era possível conhecer uma pessoa por dentro e por fora e descobrir que havia muito mais para se conhecer. E quanto mais se conhece aquela pessoa, mais se tem vontade de saber sobre ela.



Num impulso, ele pegou a rosa que estava no vaso e a deixou em cima do travesseiro.

Quando ela reapareceu à luz das velas, Jack perdeu o ar. O cabelo preto estava solto sobre a seda branca, a pele macia e dourada contrastava com a renda branca. E aqueles olhos escuros e profundos fitavam os seus, pensou.

– Você disse algo a respeito de um encontro noturno dos sonhos, não foi? – ele conseguiu articular.

– Queria representar bem o meu papel.

À medida que ela vinha se aproximando, a seda ia tomando a forma das suas curvas. Quando o abraçou daquele jeito que só Emma sabia fazer, seu cheiro impregnou o ar como o aroma das velas.

– Já agradeci a você pelo jantar?

– Já.

– Bem... – Ela mordiscou o lábio inferior de Jack, bem de levinho, antes de beijá-lo. – Obrigada novamente. E pelo champanhe? Já agradeci?

– Acho que sim.

– Pelo sim, pelo não... – Com um suspiro, sua boca encontrou a dele. – E obrigada pela luz de velas, pela rosa, pela longa caminhada, pela vista. – Ela mexia o corpo contra o dele, conduzindo-o numa dança lenta, circular.

– De nada.

Ele a puxou para mais perto, de modo que o corpo de Emma pressionou o seu. O tempo passava enquanto giravam, as bocas pregadas uma na outra, os corações batendo no mesmo compasso.

Ela se embebia daquele cheiro, daquele gosto. Eram tão familiares e tão novos... Seus dedos acariciaram o cabelo de Jack, castanho com mechas douradas pelo sol. Curvou-se de repente, trazendo-o mais para perto de si.

Deitaram-se juntos nos lençóis brancos macios, inebriados com o perfume daquela única rosa vermelha. Mais suspiros, mais movimentos de sonho. Um toque leve acendeu toda a pele

dela. Ela acariciou o rosto de Jack e se abriu para ele, de corpo e alma, arrebatada pelo fogo de uma paixão alimentada pelo romantismo.

Aquilo era tudo o que ela queria, tudo com que sempre sonhou. A doçura e a paixão. E se entregava cada vez mais, sentindo-se inteiramente embriagada pelo amor.

Aquela pele tão quente roçando a sua provocava nela uma sensação de alegria tranquila que contrastava com a pulsação cada vez mais acelerada. Jack encostou os lábios em seu peito, na altura do coração que batia por causa dele.

Será que sabia que era por isso? Podia sentir?

Quando ele a tomou, lentamente, seu nome, apenas o seu nome, inundou o coração de Emma.

Ela nublava a mente de Jack como uma névoa prateada, borbulhava em seu sangue como o champanhe. Cada movimento lânguido, cada sussurro, cada toque o seduziam, deixando-o em transe.

Quando Emma chegou ao clímax, elevando-se como uma onda, murmurou o nome dele em meio a um suspiro. E sorriu.

Algo dentro dele parecia querer sair.

– Você é tão bonita – murmurou. – Inacreditavelmente bonita.

– Eu me sinto bonita quando você me olha.

Jack passou de leve a mão em seu seio e viu os olhos dela reagirem com um brilho de prazer. Substituiu a mão pela boca. Passava delicadamente a língua e os dentes ali e sentiu que o corpo dela tremia com uma necessidade de prazer renovada.

– Como desejo você... – Com a respiração entrecortada, ela arqueava o corpo sob o dele. – Você é tudo o que desejo, Jack.

Ela o envolveu com seu corpo, tomando-o, movendo-se com um ritmo lento, saboreando aquele compasso. Entregue, ele se abandonou dentro dela.

Saciado, Jack apoiou o rosto no peito de Emma e deixou o pensamento vagar.

– Você não tem a menor chance de matar o trabalho para ficarmos por aqui amanhã?

– Hum. – Ela passava os dedos pelo cabelo de Jack. – Não desta vez. Mas gostei muito da ideia.

– Do jeito que estão as coisas, vamos ter que acordar de madrugada.

– Prefiro ficar acordada direto a dormir apenas umas horinhas.

Ele ergueu a cabeça e sorriu para ela.

– Que engraçado. Estava pensando a mesma coisa.

– Seria uma pena desperdiçar o resto do champanhe e todos esses morangos cobertos com chocolate.

– Um crime. Fique exatamente aí. Não se mexa. Vou buscá-los.

Ela se espreguiçou e suspirou.

– Não vou a lugar nenhum.

capítulo dezoito

CINCO MINUTOS DEPOIS QUE EMMA chegou em casa, Mac apareceu na sua porta.

– Esperei até ele ir embora – disse Mac, subindo a escada. – Foi uma tarefa hercúlea. – Franziu o cenho quando entrou no quarto de Emma. – Está desfazendo a mala. Pondo tudo no lugar certo. Odeio esse nível de eficiência. Por que nem ao menos uma de vocês pode ser desleixada como eu?

– Você não é desleixada. É um pouco relaxada com seu espaço pessoal.

– É, gostei da definição. Relaxada com meu espaço pessoal. Bom, agora chega de falar de mim. Conte-me tudo. Afinal, deixei meu amor sozinho com sua tigela de cereais só por isso.

Segurando o vestido usado na noite anterior, Emma deu uma voltinha de felicidade.

– Foi maravilhoso. Cada minuto.

– Detalhes, detalhes, detalhes.

– Um elegante restaurante francês, champanhe, uma suíte no Waldorf.

– Caramba, isso tudo é a sua cara. Um encontro em alto estilo, outro casual, talvez com um piquenique na praia, sob a luz do luar, vinho tinto e velas dentro de pequenas conchas.

Emma fechou a mala vazia.

– Por que não estou saindo com você?

– Seríamos um casal encantador, com certeza – retrucou Mac, passando um braço pelo ombro da amiga e virando-se para o espelho a fim de admirar seu reflexo: Emma com seu jeans rasgado e uma regatinha, ela com uma calça de moletom e a camiseta com que havia dormido. – Estonteante, na verdade. Bom, podemos deixar isso como plano B caso as coisas não deem certo.

– É sempre bom ter uma alternativa. Ai, Mac, meu Deus, foi uma noite perfeita! – Ela se virou, deu um abraço apertado na amiga e deu mais uma voltinha. – Nós não dormimos. Nem um segundo. É incrível pensar que temos tanto assunto, tantas coisas para descobrir um a respeito do outro. Conversamos durante todo o jantar, depois fomos dar uma longa caminhada. Ele tinha pedido que levassem champanhe para o quarto, acendessem velas, pusessem uma música de fundo.

– Uau!

– Tomamos mais champanhe, conversamos e fizemos amor. Foi tão romântico... – Fechou os olhos e abraçou a si mesma, com um gemidinho. – Depois, conversamos, bebemos mais champanhe e fizemos amor de novo. Tomamos café da manhã à luz de velas e...

– Fizeram amor mais uma vez.

– Sim. Quando voltamos para casa, com a capota do carro abaixada, pegamos um engarrafamento horrível e não demos a menor importância. Nada nos aborrecia. Nada podia

nos afetar. – Deu outro abraço em si mesma. – Mac? Sou uma pessoa feliz a maior parte do tempo.

– É, o que às vezes chega a ser irritante.

– Eu sei, o que é uma pena. De toda forma, sou uma pessoa feliz, mas nunca soube que podia ser tão feliz assim. Não sabia que podia me sentir desse jeito. Como se só quisesse pular e dançar e rodar e cantar. Como Julie Andrews no alto da montanha em *A noviça rebelde*.

– Ok, mas não faça isso porque seria ainda mais irritante.

– Eu sei, por isso estou fazendo só por dentro. Por mais que eu tenha imaginado muitas vezes como seria estar perdidamente apaixonada, não fazia a mais remota ideia de que seria assim.

Ela se deixou cair na cama e ficou rindo, olhando para o teto.

– Você se sente assim o tempo todo com Carter?

Mac se sentou ao seu lado.

– Nunca pensei que fosse me apaixonar de verdade. Nunca fiquei procurando por isso ou pensando nessas coisas como você disse que fazia. Sob certos aspectos, foi tudo meio inesperado, mas sob outros, desabou em cima de mim como uma pilha de tijolos. Ainda é um choque perceber que tenho isso dentro de mim, não a parte de rodar e cantar, porque, mesmo por dentro, esse tipo de coisa me irrita. Mas tenho esse ímpeto de pular e dançar. E existe outra pessoa que sente o mesmo *por mim*. Conte-me sobre o seu choque.

Emma se aproximou para pegar a mão de Mac.

– Não sei se Jack sente o mesmo por mim, desse jeito que sinto por ele. Sei que ele se importa comigo. Sei que sente algo. E tenho tanto para dar, Mac. Preciso acreditar que todo esse amor que sinto... vai criar raízes, por assim dizer. Achava antes que o amava, mas agora penso que é um tipo de paixão misturado a desejo. Porque é bem diferente.

– Não pode dizer a ele?

– Uns dias atrás, eu diria que não. Não queria destruir tudo, não queria pular etapas. Na verdade, eu disse que não quando conversei sobre isso com Parker. Mas, agora, acho que posso. Acho que devo. Só preciso descobrir como e quando.

– Eu fiquei assustada quando Carter disse que me amava. Não fique chateada se isso o assustar um pouco, pelo menos no princípio.

– Não acho que temos que esperar algo quando dizemos a alguém que o amamos. Acho que falamos porque temos algo a oferecer.

– Você desfaz a mala assim que volta da viagem. E é naturalmente feliz. Além de sábia a respeito do amor. Fico surpresa por nós três não nos reunirmos para lhe dar uma boa surra de tempos em tempos.

– Não poderiam fazer isso. Vocês me amam.

Mac se virou e ficaram de frente uma para a outra.

– Amamos, sim. Estou feliz por você. Todas nós estamos.

– Então, como pode dar errado?

Batidas na porta interromperam Emma, que estava no meio do processamento da entrega da manhã. Resmungando um pouco, deixou as flores e se encolheu quando viu Kathryn Seaman e a irmã pelo vidro da porta. Suada e desarrumada como estava, não tinha como impressionar clientes tão importantes.

Sem ter outra saída, forçou-se a estampar um sorriso no rosto e abriu a porta.

– Sra. Seaman, Sra. Lattimer, que prazer em vê-las.

– Peço desculpas por aparecer assim, sem avisar, mas Jessica e suas amigas escolheram os vestidos. Então, quis trazer para você uma amostra do tecido.

– Ah, perfeito. Por favor, entrem. Gostariam de beber alguma coisa? Talvez um chá gelado? Está tão quente...

– Eu adoraria – disse Adele, de imediato –, se não for incomodar.

– Imagina, de jeito nenhum. Por que não se sentam para ficarem mais confortáveis? Volto em um minuto.

Chá, pensou Emma correndo até a cozinha. Rodelas de limão e copos apresentáveis. Merda, merda. Um pratinho com uns cookies. Graças a Deus tinha a caixa de emergência providenciada por Laurel. Pôs tudo numa bandeja e passou a mão no cabelo para ajeitá-lo.

Pegou o brilho labial de emergência numa prateleira da cozinha, passou um pouco nos lábios e nas bochechas para ficarem coradas.

Como isso era o melhor que podia fazer nessas circunstâncias, respirou fundo duas vezes para garantir um aspecto mais tranquilo. Voltou a passos lentos e encontrou as duas mulheres falando sobre o local em que recebia seus clientes.

– Kate estava comentando que você tem um ateliê muito agradável. Ela tem razão.

– Obrigada.

– E lá em cima são os cômodos particulares?

– Isso mesmo. Acaba não sendo só conveniente, mas muito prático.

– Percebi que sua sócia, Mackensie, está ampliando o estúdio.

– Está, sim. – Emma serviu o chá, e ficou de pé, já que nenhuma das duas mulheres parecia inclinada a se sentar.

– Mac vai se casar em dezembro, e eles vão precisar de mais espaço na área privada, por isso resolveram fazer a obra no estúdio todo.

– Deve ser tão empolgante! – Tomando um gole do chá, Adele continuou vagando pelo aposento, mexendo nas flores, observando as fotos. – Estou pensando em vocês planejando o casamento de uma das sócias.

– A senhora tem razão. Somos todas amigas desde crianças.

– Reparei numa foto aqui. É você e duas de suas sócias?

– Isso mesmo, Laurel e Parker. Nós adorávamos brincar de Casamento – contou Emma, sorrindo para a fotografia. – Eu era a noiva nesse dia, e Mac, como se previsse o futuro, era a fotógrafa oficial. Ela sempre conta que foi nesse momento, da borboleta azul, que teve certeza de que queria ser fotógrafa.

– Que adorável! – Kathryn virou-se para Emma e disse: – Interrompemos o seu trabalho e estamos tomando muito do seu tempo.

– É sempre bom fazer uma pausa inesperada.

– Espero que esteja sendo sincera – acrescentou Adele –, porque estou louca para ver onde trabalha. Estava fazendo arranjos hoje? Algum buquê?

– Ah... Bem, na verdade, estava processando uma entrega da manhã, e é por isso que estou tão desarrumada.

– Sou uma cara de pau e vou pedir para ver onde você trabalha.

– Ah, é claro. – Emma lançou um olhar para Kathryn. – Não se preocupe.

– Eu já vi o local onde trabalha.

– Verdade, mas não enquanto eu estava trabalhando – observou Emma, indicando-lhes o caminho. – Processar significa... Bem, vocês vão ver. – Apontou para sua bancada de trabalho.

– Olhe só as flores! – exclamou Adele, chegando a corar de emoção e se aproximando da bancada. – Ah, e que aroma têm as peônias...

– São as favoritas da noiva – contou Emma. – Vamos usar esse maravilhoso vermelho vivo para o buquê, contrastando com o cor-de-rosa em vários matizes, do mais forte aos mais pálidos. Vai ter uma amarração manual com uma fita vinho pontilhada de rosa. As damas vão levar o mesmo buquê, só que em tamanho menor, com variações de tons de rosa.

– E como as mantêm conservadas nesses baldes?

– Em uma solução que as hidrata e nutre. Esse é um passo importante para mantê-las frescas, e para que durem um pouco mais depois da cerimônia. Deixo-as na câmara fria até começarmos a modelagem propriamente dita.

– Como você...

– Adele. – Kathryn estalou a língua. – Está fazendo um interrogatório outra vez.

– Tudo bem, tudo bem. Faço muitas perguntas, eu sei. Mas é que estou pensando seriamente nessa ideia de abrir uma empresa de organização de casamentos na Jamaica. – Assentindo, Adele deu mais uma boa olhada no aposento. – O que você tem aqui é uma combinação perfeita, por isso acho difícil conseguir aliciá-la a vir comigo.

– Mas fico feliz em responder suas perguntas. De toda forma, para dar uma visão geral do modelo da empresa, Parker é a pessoa mais indicada.

– Estamos indo para deixá-la trabalhar – disse Kathryn, pegando sua bolsa. – Tome a amostra.

– Ah, que cor linda. Parece uma folha primaveril vista através de uma gota de orvalho. É perfeita para um casamento de conto de fadas. – Emma se virou para seu expositor e escolheu uma tulipa de um branco sedoso. – Vejam como o branco fica reluzente ao lado deste verde-água!

– É, fica mesmo. Assim que tivermos a aprovação dos desenhos definitivos, enviaremos os esboços. Obrigada, Emma, por ter nos dedicado esse tempo.

– Estamos aqui para assegurar que Jessica tenha um casamento perfeito.

– Viu? – disse Adele, dando uma cutucada no braço da irmã. – Esse é exatamente o tipo de atitude que quero oferecer. Na verdade, acho que O Dia Perfeito é um nome maravilhoso para o meu negócio.

– Eu gosto – aprovou Emma.

– Fique com o meu cartão, caso mude de ideia – insistiu Adele. – Prometo lhe dar dez por cento a mais do que ganha por ano hoje em dia.



– Estou tentando não me aborrecer por ela ter tentado contratar você de novo. – Parker tirou os sapatos depois da segunda reunião.

– Quanto ela ofereceu para se mudar para a Jamaica? – perguntou Emma.

– Disse que me dava um cheque em branco, ao que respondi que aquilo era um erro rudimentar. Ninguém vale um cheque em branco, especialmente quando se está desenhando o projeto da empresa.

– Ela nada em dinheiro – comentou Laurel. – Sei que isso não faz diferença para uma empresa em termos práticos, mas está acostumada a nadar em dinheiro.

– A ideia é boa. Abrir uma empresa de organização de casamentos exclusiva e com tudo incluído num destino muito procurado para esse fim. E ela é esperta de tentar aliciar pessoas que já têm uma sólida experiência na área. Mas tem que criar um orçamento e se manter dentro dele.

– Por que nós mesmas não fazemos isso? – indagou Mac. – Não estou dizendo para fazermos as malas e nos mudar para a Jamaica, para Aruba ou para outro lugar qualquer, mas poderíamos abrir uma filial da Votos em algum lugar exótico. Seria um arraso!

– Vamos arrasar é com *você*! – rebateu Laurel, fazendo um revólver imaginário com a mão e fingindo disparar. – Não acha que já temos trabalho suficiente?

– Pensei nisso também.

Laurel estava de boca aberta, olhando para Parker.

– Espere aí, vamos voltar a fita.

– São só umas ideias ainda não alinhavadas que tenho para o futuro.

– Quando aperfeiçoarem a técnica de clonagem humana, não é?

– Penso em fazermos uma franquia e não uma filial – explicou Parker. – Com especificações bem detalhadas. Mas ainda não bolei todos os detalhes nem pensei nos possíveis problemas. Se eu fizer isso, e quando fizer, discutiremos juntas. E todas teremos que estar de acordo. Mas, por ora, você tem razão, já temos trabalho suficiente. Exceto a terceira semana de agosto que até agora não tem nada marcado.

– Eu percebi isso. Ia perguntar o motivo – disse Emma, esticando-se para aliviar uma dorzinha na base da coluna. – Achei que tinha me esquecido de anotar.

– Não, não temos nenhum evento nessa semana porque resolvi deixá-la livre. Mas posso mudar isso, caso vocês não se interessem por uma semana de descanso na praia.

Fez-se um momento de silêncio e, em seguida, as três se levantaram de um salto e fizeram uma dancinha de felicidade. Laurel pegou a mão de Parker e a puxou para se juntar a elas.

– Eu aceito, caso queira saber.

– Já podemos fazer as malas? Hein? Hein? – perguntou Mac.

– Protetor solar, biquíni e um misturador para fazer margaritas. Do que mais poderíamos

precisar? – disse Laurel, virando-se depressa para Parker, sem parar de se mexer. – Férias!

– Para onde vamos? – Emma quis saber. – Que praia?

– O que importa? – retrucou Laurel, deixando-se cair no sofá de novo. – Vamos para a praia. Vai ser uma semana inteira sem ter que modelar massa de açúcar. Deixe-me secar a lágrima que escorreu do meu olho.

– Os Hamptons. Del comprou uma casa lá.

– Del comprou uma casa nos Hamptons? – exclamou Mac, erguendo os braços. – Ai, Del!

– Na verdade, a Brown Ltda. comprou. Os papéis que ele vinha trazendo para discutir comigo tinham a ver com isso. Surgiu a possibilidade de comprar esse imóvel. Era um bom investimento. Não disse nada, pois não sabia se ia dar certo, mas agora está tudo resolvido. Então, todos nós podemos fazer as malas para passar uma semana de férias na praia no fim de agosto.

– Todos? – repetiu Laurel.

– Nós quatro e Carter, Del e Jack, é claro. A casa tem seis quartos e oito banheiros. Tem espaço de sobra para todo mundo.

– Jack está sabendo disso? – perguntou Emma.

– Sabia que Del estava pensando em comprar a casa, mas não falamos das férias de agosto. Nós dois concordamos que seria uma bobagem falar em tirar uma semana de férias se não tivéssemos fechado o negócio. Agora já está tudo certo.

– Tenho que contar ao Carter. Eba! – Mac deu um beijo estalado em Parker e saiu correndo.

– Isso é maravilhoso. Vou anotar na minha agenda e desenhar um monte de coraçõezinhos e sóis cheios de raios. Passeios pela praia sob o luar. – Emma abraçou Parker. – É quase tão perfeito quanto dançar no jardim numa noite enluarada. Vou ligar para o Jack.

Quando ficaram sozinhas, Parker olhou para Laurel.

– Alguma coisa errada?

– O quê? Não. Caramba, o que poderia estar errado? Praia, uma semana. Acho que estou em choque. Precisamos de roupas de banho novas.

– Você tem toda razão.

Laurel se levantou de um salto.

– Vamos fazer compras.

Assim que teve a inspiração, Emma não deixou que passasse. Teve que fazer um certo malabarismo e deu sorte de conseguir que sua cliente fosse flexível o bastante para aceitar se reunir com ela em uma hora, o que deixou sua tarde de segunda livre.

Planejou fazer uma surpresa para Jack mudando de forma radical o encontro que normalmente tinham de noite.

De saída, deu uma passada na mansão para ir até o escritório de Parker, que andava de um lado para outro, com o fone no ouvido, e revirou os olhos quando viu Emma entrar.

– Tenho certeza de que a intenção da mãe de Kevin não foi criticá-la ou insultá-la. Você está

absolutamente certa, é o seu casamento, o seu dia, a escolha é sua. Tem todo o direito de... Ah, sim, ele é adorável, Dawn, e muito educado. Eu sei... eu sei.

Parker fechou os olhos e fingiu que ia se estrangular.

– Ah, por que não me deixa cuidar disso para você? Seria menos um estresse para você e Kevin. E às vezes alguém de fora consegue explicar melhor que... Tenho certeza de que não era a intenção dela. Sim, claro. Eu também ficaria irritada. Mas... Mas... Dawn! – Seu tom de voz endureceu um pouco. Só o suficiente para calar qualquer outra reclamação da noiva, percebeu Emma. – Você tem que lembrar, acima de tudo, acima de qualquer detalhe, complicação ou desentendimento, que esse dia e tudo o que o envolve será seu e de Kevin. E tem que se lembrar de que estou aqui para fazer com que esse dia seja do jeito que vocês querem.

Dessa vez, Parker olhou para o teto.

– Por que não propõe a Kevin que saiam para jantar, só vocês dois? Posso reservar uma mesa aonde quer que... Ai, adoro esse restaurante! – Parker anotou o nome num bloquinho. – Que tal às sete? Vou providenciar isso para você agora mesmo. E falo com a mãe dele hoje à noite. Amanhã tudo vai estar resolvido. Não se preocupe com nada. Falo com você em breve. Claro, Dawn, estou aqui para isso mesmo. Ótimo. Perfeito. Ahã. Tchau.

Parker levantou um dedo.

– Só mais um minuto. – Enquanto ligava para reservar uma mesa no restaurante escolhido pela noiva, tirou o fone de ouvido. Deu um suspiro profundo, deixou escapar um curto mas entusiasmado gritinho, depois assentiu. – Agora estou melhor. Muito melhor.

– Dawn está tendo problemas com a futura sogra?

– É. A mãe do noivo não entende e nem aprova quem a noiva escolheu para levar as alianças.

– Mas ela não tem nada com...

– O Fava, o bulldog francês da noiva.

– Ah, tinha me esquecido disso. – Emma franziu o cenho. – Espere aí. Eu sabia disso?

– Provavelmente não, já que ela só me disse há poucos dias. A mãe do noivo acha uma idiotice, disse com todas as letras que vai ser vergonhoso e indigno. A noiva, então, concluiu que a futura sogra odeia cachorros.

– Ele vai usar smoking?

Parker esboçou um sorriso.

– Até agora, que eu saiba, só uma gravata-borboleta. Ela quer o cachorro, terá o cachorro. Então, vou ter que chamar a mãe do noivo para tomar um drinque comigo, pois certas coisas é melhor fazer pessoalmente e com a ajuda de álcool, para tentar acalmar os ânimos.

– Boa sorte. Estou indo à cidade. Quero fazer uma surpresa a Jack e preparar o jantar, então só devo voltar amanhã de manhã. Mas também verei se você e Laurel deixaram sobrar alguma roupa sexy de verão nas lojas de Greenwich.

– Talvez ainda encontre um top frente única. E quem sabe também uma sandalinha?

– Vou encontrá-los. Vou passar no mercado e no horto. Está precisando de alguma coisa? Posso trazer amanhã de manhã.

– Vai passar pela livraria?

– Vou para a cidade; o que minha mãe diria se eu não passasse por lá?

– Verdade. O livro que encomendei já chegou.

– Eu pego para você. Se lembrar de mais alguma coisa, dê uma ligada para o meu celular.

– Ok. Divirta-se. – Enquanto Emma saía, Parker verificou seu BlackBerry. Suspirou. Depois ligou para a mãe de Kevin.



Encantada por poder ter algumas horas livre, Emma passou primeiro no horto. Deu-se ao luxo de simplesmente passear e aproveitar antes de começar seu trabalho de seleção.

Gostava tanto dos cheiros – de terra, plantas, verde – que tinha que se controlar para não sair comprando um pouco de cada. Mas prometeu a si mesma que voltaria na manhã seguinte para escolher umas plantas para a propriedade dos Browns.

Por ora, queria pensar que tipo de vaso combinaria com a entrada dos fundos da casa de Jack. Achou duas jardineiras estreitas num tom de bronze envelhecido e decidiu que eram perfeitas para ladear a porta da cozinha.

– Nina? – chamou ela, gesticulando para a gerente. – Vou levar essas duas.

– São lindas, não acha?

– São mesmo. Pode pedir que levem para o meu carro? Está bem aqui na frente. Vou precisar também de terra adubada. Só preciso escolher as plantas.

– Fique à vontade.

Emma encontrou exatamente o que estava querendo. Uma variedade de vermelhos e roxos intensos com toques de dourado para dar destaque.

– Maravilhoso – comentou Nina, quando Emma se aproximou do caixa com seu carrinho. – Cores fortes, lindas texturas. E esse heliotrópio está com um perfume delicioso. É para um casamento?

– Não, na verdade é um presente para um amigo.

– Amigo de sorte. Já levamos tudo para o carro.

– Obrigada.

Na cidade, circulou pelas lojas, comprou uma sandália e uma saia fresquinha, e, pensando num verão de anos atrás, uma echarpe com estampado vistoso para usar de canga.

Entrou na livraria, cumprimentou a moça do caixa que estava registrando um produto.

– Oi, Emma! Sua mãe está lá atrás.

– Obrigada.

Encontrou a mãe abrindo caixas com livros que tinham acabado de chegar. Assim que viu a filha, Lucia deixou a mercadoria de lado.

– Que surpresa boa.

– Resolvi sair para gastar dinheiro – disse Emma se inclinando para beijar o rosto da mãe.

– Minha atividade favorita. Ou quase. Comprou alguma coisa que a tenha deixado feliz ou... – interrompeu-se e tocou na pulseira de Emma. – Ou só está feliz?

– As duas coisas. Vou fazer um jantar para Jack, então ainda tenho que passar no mercado.

Mas achei uma sandália lindinha, que, é claro, fui obrigada a estrear.

Emma deu uma voltinha para mostrar a nova aquisição.

– É uma *graça*!

– E... – Emma passou os dedos pelos brincos de ouro para fazê-los balançar.

– Ah, que lindos.

– Também comprei uma saia bem de verão estampada com flores vermelhas. Uns dois tops, uma echarpe e... mais umas coisinhas.

– Essa é a minha menina! Vi Jack hoje de manhã. Acho que ele disse que vocês iam ao cinema à noite.

– Mudança de planos. Vou preparar para ele os seus escalopes. A Sra. G tinha uma peça fatiada no congelador, então eu implorei que me desse para poder deixar marinando a noite toda. Está lá fora no carro, dentro de uma bolsa térmica. Pensei em fazer também umas batatas assadas com alecrim, aspargos e um pão com azeite. O que acha?

– Bem masculino.

– Ótimo, essa é a ideia. Não consegui que Laurel fizesse uma sobremesa. Ela está atolada de trabalho. Pensei então em comprar um sorvete e servir uns morangos.

– Um jantar masculino e equilibrado. É alguma data especial?

– Em parte quero agradecer pela incrível noite que passamos em Nova York, mas também... Vou dizer a ele, mãe. Vou dizer o que sinto por ele, que estou apaixonada. Parece quase um crime ter tanta coisa aqui dentro – pôs a mão no coração – e não contar a ele.

– O amor exige coragem – disse Lucia. – Vejo que quando ele diz o seu nome fica com uma expressão de felicidade. Estou contente que tenha me contado. Agora posso mandar boas vibrações para vocês dois hoje à noite.

– Eu agradeço. Ah, e você está com um livro que Parker encomendou? Fiquei de levar para ela.

– Vou lá buscar. – Lucia passou o braço pela cintura da filha e as duas saíram do estoque. – Você me liga amanhã? Quero saber como foi o jantar.

– Claro, assim que puder.

– Emma?

Ela ergueu os olhos e sorriu, tentando desesperadamente se lembrar de onde conhecia a bela moreninha que a chamara.

– Oi.

– É você? Oi, Emma.

De repente se viu envolvida num abraço entusiasmado, sendo balançada de um lado para o outro. Atordoada, retribuiu de um jeito amistoso, enquanto lançava à mãe uns olhares interrogadores.

– Rachel, você voltou da faculdade? – exclamou Lucia, toda sorridente, dando uma pista à filha. – Parece que foi ainda na semana passada que Emma ia trabalhar como babá para seus pais.

– Verdade, mal posso...

– Rachel? Rachel Monning? – disse Emma, desvencilhando-se do abraço e fitando aqueles

olhos azul-claros. – Meu Deus! Olhe só isso! Nem a reconheci. Você cresceu e está linda. Quando deixou de ter 12 anos?

– Já faz algum tempo. O bastante para ter entrado na faculdade. Ah, Emma, você está incrível. Aliás, sempre foi. Não consigo acreditar que nos encontramos assim, desse jeito. Estava mesmo pretendendo ligar para você.

– Está na faculdade agora? Voltou para casa para as férias de verão?

– É. Ainda falta um ano. Estou trabalhando em Estervil, no setor de relações públicas. Hoje é meu dia de folga e passei aqui porque estou precisando de um livro sobre planejamento de casamentos. Fiquei noiva.

Rachel ergueu a mão para exibir o brilho do diamante.

– Noiva? – repetiu Emma, depois de um instante em que a surpresa a deixou sem palavras. – Mas você brincava com suas Barbies há dez minutos...

– Acho que está mais para dez anos – disse Rachel, com o rosto iluminado pelo riso. – Você precisa conhecer Drew. Ele é incrível. Mas claro que você vai conhecê-lo, vamos nos casar no próximo verão. Depois que eu me formar. E quero mesmo que você cuide das flores, bom... de tudo. Pelo que minha mãe diz, a Votos é "o" lugar. Dá para acreditar? Vou me casar e você vai fazer o meu buquê. Lembra que fazia aqueles buquês de lenço de papel para mim? Pois agora vai ser de verdade.

Emma sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Odiou-se por isso, mas foi o que sentiu.

– Estou tão feliz por você. Quando foi?

– Há duas semanas, três dias e... – Rachel olhou o relógio – dezesseis horas. Ah, adoraria poder ficar mais tempo, mas tenho que pegar o livro e ir embora correndo, senão vou me atrasar. – Deu outro abraço em Emma. – Vou ligar para você e falaremos de flores, bolos, tudo. Tchau, Sra. Grant. Até logo.

– Rachel Monning vai se casar.

– É – disse Lucia, dando uns tapinhas no ombro da filha. – Vai.

– Tomei conta dela. Fazia tranças no seu cabelo e a deixava ir para a cama mais tarde. Agora vou preparar as flores do casamento dela. Meu Deus, mãe...

– Ei – replicou Lucia sem se preocupar em disfarçar o riso. – Você não vai passar essa noite com um homem maravilhoso?

– É. Verdade. Tem razão. Cada um tem seu caminho. Mas... meu Deus.

Conseguiu esquecer o trabalho de babá e essa história de casamento para terminar as compras. Mal tinha saído do mercado, teve outro encontro surpreendente.

– *Buenas tardes, bonita!*

– Rico! – Em vez de um abraço, ganhou dois beijos carinhosos, um de cada lado do rosto. – Como você está?

– Melhor agora que encontrei você.

– Por que não está voando para algum lugar fantástico?

– Acabo de voltar de uma viagem à Itália. Meu chefe levou a família inteira à Toscana para uns dias de férias.

– Ah, que vida dura essa de piloto particular. E como vai Brenna?

– Terminamos há uns dois meses.

– Ah, sinto muito. Não fiquei sabendo.

– As coisas são assim mesmo – disse ele, dando de ombros. – Deixe-me carregar isso para você. – Pegou os sacos de compras e deu uma espiada dentro deles enquanto se dirigiam até o carro. – Hum, parece bom. Muito melhor que o jantar de lanchonete que espera por mim.

– Ah, coitadinho... – Emma riu, abrindo a porta do lado do carona. – Ponha aqui, por favor. O banco de trás já está bem cheio.

– Estou vendo – disse Rico, olhando as plantas e as sacolas. – Parece que você terá uma noite bem ocupada. Mas, se quiser mudar de ideia, posso levá-la para jantar – acrescentou ele, passando o dedo pelo braço de Emma num gesto insinuante. – Ou, melhor ainda: lhe dar aquela lição de pilotagem sobre a qual tanto falávamos.

– Obrigada, Rico, mas estou saindo com alguém.

– Ah, devia ser comigo. Fique à vontade para mudar de ideia a esse respeito também. Quando quiser, é só me ligar.

– Se isso acontecer, você vai ser o primeiro da lista. – Emma lhe deu um beijo de leve no rosto e se dirigiu à porta do outro lado. – Lembra de Jill Burke?

– Hum... Uma lourinha que costuma rir muito?

– Isso mesmo. Ela também está solteira agora.

– Ah, é?

– Que tal ligar para Jill? Aposto que ela adoraria uma aula de pilotagem.

Rico abriu um sorriso que deu mais brilho ao seu olhar. Emma lembrou por que gostava tanto de estar com ele. Entrou no carro e acenou para se despedir, enquanto se afastava.

Pensando nas jardineiras, nas plantas, nas compras, resolveu estacionar nos fundos do prédio de Jack, o mais perto possível dos degraus da entrada. Inclinando a cabeça, examinou a varandinha diante da porta da cozinha e assentiu com um gesto. Com certeza as jardineiras ficariam muito bem ali, muito bem mesmo.

Ansiosa para começar, deu a volta para passar pela porta da frente. O vidro bisotado da porta e as janelas altas da fachada traziam uma bela claridade para o interior do prédio, dando uma sensação de estilo e conforto à sala de recepção. Jack fez bem em manter aquele ambiente aconchegante em vez de refinado, pensou ela. Aquilo dava ideia de uma dignidade calma, serena, ao passo que nos escritórios individuais e ambientes bem-planejados, como ela bem sabia, geralmente reinava o caos.

– Oi, Michelle.

– Emma. – A mulher que trabalhava no computador, diante de uma mesa impecavelmente organizada, parou o que fazia e virou a cadeira. – Como vai?

– Estou ótima. E você, como vão as coisas?

– Vinte e nove semanas e contando – respondeu Michelle, dando uns tapinhas na barriga de grávida. – Está tudo bem conosco. Adorei sua sandália.

– Eu também. Acabei de comprar.

– É linda. Para o encontro de segunda à noite, certo?

– Exatamente.

– Você chegou um pouco cedo.

– Mudança de planos. Jack está ocupado? Na verdade, ainda não lhe disse nada sobre isso.

– Ele ainda não voltou. Está meio atrasado, teve um problema numa obra. Não está nada feliz com alguns caras da equipe do empreiteiro, nem com o novo inspetor da prefeitura. Na verdade, não anda feliz com praticamente nada.

– Ah! – exclamou Emma, fazendo uma careta. – Pelo visto, nessas circunstâncias, meu novo plano vai ser excelente ou péssimo.

– Dá para contar?

– Claro. Pensei em fazer um jantar e surpreendê-lo com isso e com algumas floreiras na varandinha ali de cima. Um jantar e um filme em casa em vez de... sairmos.

– Se quer minha opinião, é uma ótima ideia. Acho que ele vai ficar animado com um jantar feito em casa depois de um dia como este. Você pode ligar para verificar, mas talvez ele apareça aqui por volta das três com o tal inspetor.

– Por que simplesmente não pagamos para ver? O problema, Michelle, é que não tenho a chave.

Por um breve instante, Michelle demonstrou surpresa.

– Ah, pode deixar, não tem problema. – Abriu uma gaveta da escrivaninha e pegou a cópia que tinha ali.

– Tem certeza de que não vai ter problema?

Que humilhação, pensou Emma, ter que fazer essa pergunta.

– Não sei por que teria. Você e Jack são amigos há anos e agora estão...

– É, estamos – disse Emma, num tom deliberadamente animado. – Mas tem um segundo problema. As duas jardineiras que eu trouxe pesam mais de 20 quilos cada uma.

– Chip está lá atrás. Vou chamá-lo.

– Obrigada, Michelle – disse Emma, pegando as chaves. – Você foi uma salvação.

Fechou os dedos em volta da chave e voltou para os fundos da casa. Não havia por que se sentir constrangida, disse a si mesma. Não tinha motivo para se sentir envergonhada porque o homem com quem estava saindo havia quase três meses e que conhecia por mais de dez anos não tinha pensado em lhe dar uma chave.

Pelo amor de Deus, aquilo não era um símbolo. Jack não a estava trancando do lado de fora, estava apenas...

Ah, pouco importa. Ia seguir em frente com seus planos para a noite. Dar flores a ele, preparar um jantar e dizer que o amava.

E, droga, ia pedir uma chave.

capítulo dezenove

Passou uma hora inteira toda feliz, organizando mantimentos, arrumando os girassóis que havia trazido do estoque para enfeitar a bancada da cozinha e, depois, fazendo os arranjos nas floreiras.

Tinha razão em achar que ficariam perfeitas ladeando a porta. Uns focos de cor forte, profunda, decidiu, começando a enfiar ramos de sálvia vermelha por trás dos heliotrópios roxos. A combinação de plantas que havia escolhido proporcionaria a Jack cor e flores em todas as estações, e tudo ficaria ainda mais exuberante quando as lobélias brotassem e o doce álisso começasse a transbordar das floreiras.

Seria uma boa forma de lhe dar boas-vindas sempre que ele subisse a escada. E seria também uma lembrança viva da mulher que havia preparado essa recepção, pensou com um sorrisinho.

Sentando-se sobre os calcanhares, observou o resultado.

– Modéstia à parte, ficou maravilhoso.

Depois de empilhar os vasos já vazios e o papel celofane, tratou de reproduzir o arranjo na segunda floreira.

Será que ele teria um regador? Provavelmente não. Devia ter pensado nisso, mas as flores resistiriam bem até ele comprar um. Feliz por estar revolvendo a terra com as mãos, começou a cantarolar, acompanhando a música que vinha do rádio. Enquanto trabalhava, ocorreu-lhe que as jardineiras da entrada precisavam de mais vigor. Tentaria arranjar mais algumas coisinhas, talvez na semana seguinte.

Quando terminou, varreu a terra que caíra no chão e levou as bandejas de plástico, os vasos e as ferramentas de jardinagem para o carro. Limpando as mãos, ergueu os olhos para admirar o trabalho que havia feito.

Sempre achou que flores eram um elemento essencial numa casa. Agora Jack tinha as dele. E sempre acreditou que flores plantadas com amor ficavam muito mais bonitas. Se fosse verdade, aquelas ali ficariam perfeitas até a primeira geada mais forte.

Quando olhou a hora, desceu correndo a escada. Tinha que se lavar e preparar o jantar, principalmente porque havia decidido acrescentar um aperitivo ao cardápio.

Sujo, suado e ainda furioso com o bombeiro que sumira e o inspetor da prefeitura, novato e cheio de pose, Jack seguiu para os fundos do prédio.

Queria tomar um banho, uma cerveja e talvez um punhado de aspirinas. Se o empreiteiro

não demitisse o babaca do bombeiro – que, por acaso, também era seu cunhado –, *ele* que explicasse o atraso ao cliente. *Ele* que se entendesse com o tal inspetor que resolveu criar caso por causa da porta de entrada que estava uma fração de centímetro mais para fora que o estipulado.

Ok, talvez primeiro a aspirina, depois a chuveirada e só então a cerveja.

Quem sabe aquilo não melhorasse um dia que havia começado às seis da manhã, com um telefonema de um cliente furioso porque, quando entregaram o balcão do seu bar, ele estava medindo 1,72 metro em vez de 1,75 metro?

Não que o cliente não tivesse razão. Ele próprio ficou para morrer. Se no projeto está 1,75 metro, tem que ser 1,75 metro no trabalho feito, e não o que o sujeito decidisse fazer...

E depois disso o dia só piorou, pensou Jack, tentando relaxar um pouco os ombros tensos. Se era para trabalhar doze horas por dia, queria ao menos terminar com a sensação de ter feito alguma coisa em vez de ficar circulando pela cidade inteira apagando um incêndio aqui, outro ali.

Na última virada do trajeto, sentiu-se satisfeito por o escritório já estar fechado e por poder ficar em casa, onde ninguém – por favor, meu Deus! – viria lhe pedir para consertar, negociar ou discutir alguma coisa.

Quando avistou o carro de Emma, lutou para refletir, apesar da dor de cabeça. Será que tinha feito alguma confusão? Será que combinaram de se encontrar ali para ir à cidade?

Não, não, só um jantar, talvez um filme – que ele pretendia trocar por um DVD – e, depois, poderia relaxar e descansar. Mas tinha esquecido de telefonar para Emma, dizendo-lhe que estava atolado em meio a crises e reclamações.

Mas, se ela estivesse por ali, em algum ponto da cidade, sempre poderia...

Sua cabeça deu um nó quando ele reparou que a porta dos fundos estava aberta, com uma floreira de cada lado. Ficou parado por um instante e depois tirou os óculos escuros com um gesto brusco. Ao descer da caminhonete, ouviu a música que saía pela porta.

De onde teriam vindo aquelas plantas?, perguntou-se Jack sentindo que uma nova irritação se juntava à dor de cabeça já latejante. E, droga, por que a porta estava aberta?

Queria ligar o ar-condicionado, tomar um banho quase frio e ter uns míseros cinco minutos para se livrar das piores coisas do dia. Agora tinha flores que precisaria se lembrar de regar, e havia alguém em casa que exigiria a sua atenção e com quem teria que conversar.

Subiu os degraus se arrastando, olhou feio para as plantas, empurrou a porta de tela.

E lá estava ela, cantando junto com o rádio – que ressoava aumentando a sua dor de cabeça –, preparando alguma coisa no fogão quando ele pretendia pedir uma pizza. A cópia das suas chaves estava em cima da bancada, junto de um vaso com uns girassóis imensos que chegavam a queimar seus olhos.

Emma sacudiu a frigideira com uma das mãos, estendeu a outra para pegar uma taça de vinho. Foi então que o viu.

– Ai! – exclamou, rindo, e quase soltando a frigideira. – Não ouvi você entrar.

– Claro que não, já que está fazendo a vizinhança inteira ouvir... Meu Deus, é ABBA?

– O quê? Ah, a música. Está um pouco alta. – Sacudiu a frigideira mais uma vez e reduziu o

fogo. Com um movimento ágil, deslocou-se para o lado, pegou o controle remoto e diminuiu o volume. – Música para cozinhar. Achei que fosse lhe fazer uma surpresa com um jantar prontinho. Só mais um minuto e os escalopes ficam prontos. O molho já está. Então, vai poder comer daqui a pouco. Quer uma taça de vinho?

– Não, obrigado. – Estendeu a mão por sobre a cabeça de Emma para pegar um frasco de aspirina no armário.

– Foi um dia difícil – observou ela, passando a mão pelo braço de Jack, que lutava para abrir o frasco. – Michelle me disse. Por que não se senta um pouco, para se recuperar?

– Estou imundo. Tenho que tomar um banho.

– Bom, nesse ponto, tem toda razão – disse Emma, ficando na ponta dos pés para lhe dar um beijinho. – Vou arranjar um pouco de água gelada para você.

– Pode deixar – respondeu Jack, indo até a geladeira. – Foi Michelle que lhe deu a chave?

– Ela disse que você ia ficar até mais tarde numa obra e que estava tendo um dia péssimo. Eu tinha essa comida no carro, então... – Deu mais uma sacudidela na frigideira e desligou o fogo. – Tem um bom bife marinando. Carne vermelha deve fazer a sua cabeça melhorar. Pode ir tomar seu banho e relaxar. Ou, então, deixo para preparar o jantar um pouco mais tarde, se quiser se deitar até melhorar.

– O que é tudo isso, Emma? – Mesmo com o volume mais baixo, aquela música estava lhe dando nos nervos. Passou a mão no controle e desligou o som. – Foi você que trouxe esses vasos para cá?

– Chip fez o trabalho pesado. Fiquei com a melhor parte, escolhendo as floreiras e as plantas. – Borrifou os escalopes com uma mistura de coentro, alho e limão, e despejou o molho que tinha preparado. – Ficaram lindos ao lado da porta, não é? Queria fazer alguma coisa para lhe agradecer por Nova York e, quando a inspiração veio, juntei umas coisinhas e pus o pé na estrada. – Pôs a tigela vazia na pia, virada de cabeça para baixo. E o sorriso desapareceu do seu rosto. – Mas errei nos cálculos, não é?

– Tive um dia péssimo, é só isso.

– E, óbvio, eu vim piorar tudo.

– É. Não... – replicou Jack pressionando a cabeça com os dedos como se quisesse perfurar as próprias têmporas. – Foi um dia horrível. Só preciso relaxar um pouco. Você devia ter ligado perguntando se eu queria... fazer isso.

Sem pensar, de um jeito puramente mecânico, ele pegou a cópia das chaves e as enfiou no bolso.

Foi como se tivesse dado um tapa nela.

– Não se preocupe, Jack. Não guardei nada meu no armário ou numa gaveta sequer. A escova de dentes continua na minha bolsa.

– Do que você está falando?

– A minha invasão se limitou à cozinha, e não vai acontecer de novo. Não saí para fazer uma cópia das suas preciosas chaves e espero que não brigue com Michelle por isso.

– Ah, pelo amor de Deus, Emma!

– Pelo amor de Deus digo *eu*! Faz ideia da humilhação que foi ter que dizer a ela que não

tenho a chave daqui? Saber que estamos juntos desde abril e que você ainda não confia em mim?

– Não é uma questão de confiança. É que eu nunca...

– Mentira, Jack. Pura mentira. Sempre que fico aqui, o que, aliás, é bem raro, já que é o *seu* espaço, tenho que prestar a maior atenção para não esquecer nem um grampo, porque, senão, sabe-se lá o que vai ser depois. Uma escova de cabelo? Uma camiseta? Num piscar de olhos, eu me sentiria bem-vinda aqui.

– Mas você é! Não seja ridícula. Não quero brigar.

– Que pena... Porque eu quero. Você está irritado porque estou aqui; porque invadi o seu espaço e me senti à vontade. E isso me diz que estou perdendo meu tempo, que estou desperdiçando meus sentimentos, porque mereço coisa melhor.

– Olhe, Emma, isso tudo me pegou num mau momento.

– Não é uma questão de momento, Jack. Não mesmo. É sempre assim. Você não me deixa ficar aqui porque isso teria um ar de compromisso.

– Meu Deus, Emma. Assumi um compromisso com você. Não existe outra pessoa. Nunca houve ninguém desde que toquei em você.

– Não tem nada a ver com outra pessoa. O problema é com você e comigo. Você me quer, mas só nos seus termos, dentro do seu... projeto – disse ela, gesticulando. – Enquanto ficarmos desse jeito, tudo bem. Mas, para mim, chega. Não dá para continuar assim, se não posso pegar um copo de leite para você ou esquecer um maldito batom no seu banheiro. Ou lhe dar umas malditas plantas sem que você fique irritado.

– Leite? Que leite? Pelo amor de Deus, não sei do que você está falando...

– Não dá para continuar se o simples fato de preparar a porra de um jantar para você parece um crime. – Pegou a travessa com os escalopes e a jogou na pia. Só se ouviu o barulho de louça quebrando.

– Ok, basta.

– Não basta, não. – Emma se virou, afastando-o com ambas as mãos. Seus olhos estavam turvos pelas lágrimas de raiva e de tristeza, e a sua voz, embargada. – E não vou aceitar o que não é o bastante. Estou apaixonada por você e quero que também esteja. Quero viver com você. Casamento, filhos, um *futuro*. E então? Então, isso não basta. Nem de longe. Acontece que você tinha razão. Tinha toda razão. A gente dá a mão, elas querem o braço...

– O quê? Como é? Espere!

– Mas não se preocupe, não precisa fugir. Sou responsável por meus sentimentos, minhas necessidades e minhas escolhas. E acabou. Essa história acabou.

– Ei, espere! – Jack não sabia como a sua cabeça ainda não tinha explodido. Talvez já tivesse... – Só me dê um minuto para pensar...

– Não tem mais o que pensar. E não me toque – disse Emma, quando ele fez um gesto na direção dela. – Nem pense em encostar a mão em mim. Você teve a sua chance. Eu lhe dei tudo o que tinha. Se precisasse de mais alguma coisa, eu teria encontrado e lhe dado também. É assim que eu amo. É a única forma de amar que conheço. Mas não posso dar o que não é desejado, nem valorizado. E não estou sendo.

– Fique brava! – exclamou ele. – Quebre a louça! Mas não fique parada aí dizendo que não quero você, que não sei lhe dar valor.

– Não do jeito que eu quero ou que preciso. E, ainda por cima, tentar não querer, Jack? Tentar não amar você do único jeito que sei amar? Isso está me fazendo sofrer muito – acrescentou ela, pegando a bolsa. – Fique longe de mim.

Jack meteu a mão na porta de tela e ficou segurando, para impedi-la de sair.

– Quero que se sente. Você não é a única que tem algo a dizer.

– Pouco importa o que você quer. Já não ligo mais. Eu disse para ficar longe de mim!

Nesse instante, Emma ergueu o rosto para ele. Não havia raiva nem irritação nos seus olhos. Isso Jack poderia ter ignorado até resolverem aquela história. Mas não podia fazer nada diante do sofrimento.

– Emma, por favor...

Ela apenas balançou a cabeça e, passando por ele, correu para o carro.



Não sabia como tinha conseguido controlar as lágrimas. Só sabia que não conseguia enxergar por causa delas e precisava voltar para casa. Precisava da sua casa. Suas mãos queriam tremer e, para evitar isso, agarrou o volante com mais força. Cada respiração doía. Como era possível? Como o simples ato de inspirar podia arder tanto assim? Ouviu o próprio gemido e apertou bem os lábios para que não viesse mais nenhum. Parecia até um animal ferido.

Não ia se permitir sentir aquilo. Não agora. Ainda não.

Ignorando o telefone que tocava insistentemente, manteve os olhos fixos na estrada.

A barragem não resistiu: as lágrimas começaram a rolar assim que ela entrou na alameda da mansão. Emma as enxugou, com um gesto rápido, impaciente, até que tivesse se aproximado do meio-fio e estacionado.

Então o tremor começou. Tremia tanto que seu corpo se sacudia quando ela saiu do carro, trôpega, e começou a subir a rampa. Conseguiu entrar. Estava a salvo, em casa, quando veio o primeiro soluço.

– Emma? – disse a voz de Parker lá de baixo. – O que está fazendo em casa tão cedo? Achei que fosse...

Em meio às lágrimas, Emma viu Parker subir a escada correndo.

– Parker!

E logo se sentiu abraçada, um abraço forte e apertado.

– Ah, Emma. Ah, querida. Venha comigo.

– O que está acontecendo? O que...? Ela está ferida? – Como Parker, a Sra. Grady acorreu o mais depressa possível.

– Fisicamente, não. Vou levá-la lá para cima. Pode ligar para Mac?

– Claro. Não chore, querida – disse a Sra. Grady, acariciando o cabelo de Emma. – Agora, você está em casa. Vamos cuidar de tudo. Suba com a Parker.

– Não consigo parar. Não consigo fazer isso parar.

– E nem precisa. – Passando o braço pela cintura da amiga, Parker a levou escada acima. – Chore quanto quiser, enquanto precisar. Vamos lá para a sala de estar. Para a nossa sala.

Quando começaram a subir para o terceiro andar, Laurel veio correndo ao seu encontro. Sem dizer nada, limitou-se a abraçar Emma pelo outro lado.

– Como pude ser tão idiota?

– Não foi, não – murmurou Parker. – Você não é idiota.

– Vou pegar um pouco de água – disse Laurel. Parker assentiu com um gesto e levou Emma até o sofá.

– Dói tanto... tanto... tanto... Como alguém consegue aguentar isso?

– Não sei.

Quando todas se sentaram, Emma se enroscou e deitou a cabeça no colo de Parker.

– Eu tinha que chegar em casa. Tudo o que queria era chegar em casa.

– Pois, agora, você está em casa – disse Laurel, sentando-se no chão e entregando a Emma lenços de papel.

Escondendo o rosto nos lenços, ela caiu em prantos. A tristeza e a dor latejavam no seu peito, retorciam o seu ventre. Soluços doloridos continuaram a arranhar a sua garganta até que se esgotaram. Mas as lágrimas ainda lhe escorriam pelo rosto.

– Parece até uma doença terrível – observou ela, apertando os olhos por um instante. – Como se eu nunca fosse ficar boa novamente.

– Tome um gole d'água. Vai ser bom – disse Parker, ajudando-a a se erguer um pouco. – E tome também essa aspirina.

– É como uma gripe forte. – Emma bebeu a água, respirou fundo e engoliu o comprimido que a amiga lhe estendia. – Daquelas que, mesmo depois que terminam, a gente se sente fraca, indisposta, desamparada.

– Tem chá e sopa aqui. – Como Laurel, Mac sentou no chão. – Foi a Sra. G que trouxe.

– Ainda não. Obrigada. Mas ainda não dá.

– Não foi só uma briga – arriscou Laurel.

– Não. Não foi só uma briga. – Exausta, Emma recostou a cabeça no ombro de Parker. – E o pior é que a culpa foi toda minha.

– Não se culpe – atalhou Laurel, apertando ligeiramente a perna da amiga. – Nem pense nisso.

– Não estou tentando livrar a cara dele, pode acreditar. Mas fui eu que armei a confusão toda. E, hoje à noite, principalmente hoje à noite, estava querendo... Na verdade, criei a maior expectativa – emendou ela –, com relação a coisas que não iam acontecer. Conheço Jack, e, mesmo assim, me joguei de cabeça.

– Por que não nos conta o que aconteceu? – perguntou Mac.

– Está bem.

– Tome um pouco de chá antes – disse Laurel, estendendo-lhe a xícara.

Emma tomou um gole, soltou o ar pela boca e disse:

– Tem uísque aqui dentro.

– A Sra. G mandou você tomar. Disse que vai ajudar.

– Parece remédio. E acho que é mesmo – acrescentou, depois de mais um gole. – Como podem imaginar, ultrapassei os limites dele. Não acho esses limites aceitáveis. Por isso, terminamos. Precisávamos terminar porque não consigo viver assim.

– Que limites são esses? – indagou Parker.

– Jack não me dá espaço – respondeu Emma, meneando a cabeça. – Queria fazer alguma coisa para ele. Com toda certeza, parte disso era para mim, mas queria fazer algo especial. Então, fui até a estufa – começou Emma.

Quando terminou o chá, a dor continuava a incomodando, mas bem de leve.

– O momento crucial foi quando tive de dizer a Michelle que não tinha a chave da casa dele. Parte de mim recuou, dizendo "pare".

– Mas por quê? – perguntou Laurel.

– Era exatamente o que o resto de mim dizia. Estamos juntos, somos um casal. E, além disso, bons amigos. Qual o problema de ir à casa dele e preparar um jantar surpresa? Mas eu sabia. Aquela outra parte de mim sabia. Talvez fosse uma espécie de teste. Não sei. Pouco importa. E talvez fosse mais que isso: a gota d'água, o meu limite. Porque passei na livraria e vi Rachel Monning. Lembra-se da Rachel, Parker? Fui babá dela.

– Tenho uma vaga lembrança.

– Ela vai se casar.

– Você foi babá *dela*? Hoje em dia é permitido casar aos 12 anos?

– Rachel já está na faculdade. Vai se formar no ano que vem. E, depois, vem o casamento. Que, aliás, ela quer fazer aqui. E, quando consegui superar o choque, tudo o que me veio à cabeça foi: também quero. Quero o que essa menina de quem cuidei tem. Que droga! Quero o que vejo no rosto dela. Toda aquela alegria, aquela confiança, aquela vontade de começar uma vida nova junto com o homem que ela ama. Por que eu não deveria querer isso? Por que não mereço isso também? Querer se casar é tão legítimo quanto não querer...

– Ensinando o padre a rezar a missa... – observou Mac.

– Pois bem, é isso que quero. Quero o compromisso, o trabalho, os filhos e tudo o mais. Tudo. Sei que também quero um conto de fadas. Dançar num jardim à luz da lua, mas é só... Ora, é como um buquê ou um lindo bolo. Um símbolo. Quero o que isso simboliza. Mas ele não... – Recostou-se no sofá e fechou os olhos por um instante. – Nenhum de nós está errado. Simplesmente não queremos a mesma coisa.

– Foi o que ele disse? Que não queria o que você quer?

– Jack ficou bravo quando me viu lá na casa dele – respondeu ela, dirigindo-se a Parker. – Bravo, não. Pior. Ficou chateado. Fui muito presunçosa.

– Ah, pelo amor de Deus! – murmurou Mac.

– Bom, eu presumi. Presumi que ele adoraria me ver, me ter ali, disposta a cuidar um pouco dele depois de um dia longo e difícil. Tinha levado comigo o DVD de *Um romance do outro mundo*. Outro dia, brincando, combinamos de fazer uma sessão dupla para ele entender por que gosto tanto desse filme. Depois, íamos ver *Duro de matar*.

– Alan Rickman – observou Laurel, com um aceno de cabeça.

– Exatamente. Levei girassóis e vasos – Nossa! Eles estavam tão lindos... E estava quase terminando de preparar os aperitivos quando ele chegou. Demorei um pouco para entender. "Quer um vinho? Por que não vai relaxar um pouco?" Céus! Que burrice! De repente, tudo ficou claro como água. Ele... pegou a cópia da chave e enfiou no bolso.

– Sacanagem – observou Laurel, com uma raiva contida. – Isso foi uma grandessíssima sacanagem.

– A chave dele – declarou Emma. – O direito dele. Então, eu disse tudo o que pensava, como me sentia e que já não dava mais para tentar *não* querer e *não* sentir. Disse que eu o amava. E tudo o que ele conseguiu dizer foi me pedir um minuto para pensar...

– E a burra é você...

Emma quase conseguiu esboçar um sorriso diante do tom enojado de Mac.

– E, depois, ainda ouvi coisas como "você me pegou desprevenido", "não contava com isso" e até mesmo "não é a melhor hora"...

– Ai, meu Deus!

– Isso foi antes de eu dizer que o amava, mas pouco importa. Então, terminei tudo e vim embora. Dói tanto... Acho que ainda vai doer por um bom tempo.

– Ele ligou – disse Mac.

– Não quero falar com ele.

– Imaginei. Queria saber se você estava aqui. Se tinha chegado bem. Não estou tentando defendê-lo, pode acreditar. Mas ele parecia bastante abalado.

– Estou me lixando. Não quero nem saber. Se eu o perdoar agora, se voltar atrás, me acomodando ao que ele pode me dar, vai ser o fim. Preciso superar essa história antes – disse Emma, voltando a se encolher no sofá. – Só preciso esquecer. Não quero vê-lo nem falar com ele até conseguir. Ou, pelo menos, até eu me sentir mais forte.

– Então, pronto! Vou desmarcar seus compromissos de amanhã.

– Ah, Parker...

– Você está precisando de um dia de folga.

– E ficar de bobeira?

– Exatamente. Agora, precisa de um bom banho quente, e vamos requentar essa sopa. Depois da primeira crise de choro... vai ter outra.

– Vai – suspirou Emma. – É verdade...

– E, então, vamos botar você na cama. Vai dormir quanto quiser.

– Mas, quando acordar, vou continuar amando Jack.

– Vai.

– E essa tristeza vai continuar.

– Vai.

– Mas vou estar um pouquinho mais forte.

– Claro que vai.

– Vou preparar o seu banho. Tenho uma receita infalível – disse Mac, levantando-se. Inclinou-se, deu um beijo na amiga e acrescentou: – Estamos todas aqui.

– Vou cuidar da sopa e pedir à Sra. G que faça um balde daquelas batatas fritas incríveis. Sei

que é um clichê – disse Laurel, apertando novamente a perna de Emma. – Mas é por um bom motivo.

– Obrigada.

Emma fechou os olhos e procurou a mão de Parker quando ficaram sozinhas na sala.

– Sabia que podia contar com vocês.

– Sempre.

– Ai, meu Deus, Parker. Ai, meu Deus, a segunda crise está chegando.

– Tudo bem – sussurrou a outra, acariciando as costas da amiga que tinha recomeçado a chorar. – Tudo bem.



Enquanto Emma chorava, Jack bateu à porta de Del. Precisava fazer alguma coisa, caso contrário, iria direto para a casa dela. Se ela já não tivesse deixado bem claro que não queria saber dele – e tinha –, Mac se encarregou de fazê-lo.

Del abriu a porta.

– O que houve? Meu Deus, Jack, você está um lixo!

– Combina perfeitamente com o que estou sentindo.

– Cara! – exclamou o outro, franzindo a testa. – Se veio aqui para afogar numa cerveja uma briga com a Emma...

– Não foi só uma briga...

Del olhou melhor para o amigo e deu um passo atrás.

– Vamos tomar uma cerveja.

Jack fechou a porta às suas costas e, então, reparou que o amigo estava de terno e gravata.

– Vai sair?

– Ia, sim. Só um minuto. Pegue uma cerveja. Tenho que dar um telefonema.

– Eu deveria dizer que não tem problema, que o assunto pode esperar. Mas não.

– Pegue a cerveja. Já volto.

Jack pegou duas garrafas e foi para o terraço dos fundos. Mas não se sentou. Aproximou-se do parapeito e ficou olhando a escuridão. Tentou lembrar se já tinha se sentido assim antes. Chegou à conclusão de que, a não ser quando acordou no hospital com uma concussão, um braço quebrado e algumas costelas fraturadas depois de um acidente de carro, a resposta era não.

E, mesmo nessa ocasião, o sofrimento foi apenas físico.

Então lembrou. Houve um momento em que se sentiu assim antes, ou quase assim. O estômago embrulhado, a cabeça atordoada, inteiramente confuso. Foi quando seus pais mandaram que se sentasse, de um jeito muito civilizado, e lhe disseram que iam se divorciar.

"Não tem nada a ver com você", disseram. "Nós ainda o amamos e vamos amá-lo para sempre. Mas..."

Naquela hora, seu mundo virou de pernas para o ar. Por que, então, o que sentia agora parecia pior? Por que era pior entender que Emma podia deixá-lo e tinha feito isso? Podia, e

deixou, pensou Jack, porque ele a tinha feito se sentir *péssima* quando deveria ter feito tudo o que estivesse ao seu alcance para que ela se sentisse o *máximo*.

Ouviu a porta se abrindo.

– Obrigado – disse, quando Del apareceu. – De verdade.

– Eu deveria dizer que não tem problema, mas não.

Jack esboçou um sorriso.

– Céus, Del, ferrei com tudo. Ferrei com tudo e nem sei exatamente como. Tudo o que sei é que a magoei. De verdade. Então pode arrebentar a minha cara como prometeu. Mas vai ter que esperar até eu contar a história toda.

– Pode deixar. Eu espero.

– Ela disse que me ama.

– Qual é, Jack?! – exclamou Del, tomando um gole de cerveja. – Você não é nenhum idiota. Vai me dizer que não sabia?

– Não exatamente... Não tinha certeza. As coisas apenas aconteceram e... Não! Não sou nenhum idiota! Sabia que estávamos caminhando para alguma coisa. É isso. Mas, de repente, tudo se precipitou e fiquei sem chão. Não consegui reagir, descobrir como lidar com a situação ou o que dizer. E ela ficou tão magoada, tão magoada e furiosa que nem me deu uma chance de tentar. É raro Emma ficar furiosa. Você a conhece. Quase nunca explode. Mas, quando acontece, não há nada que se possa fazer.

– Por que ela explodiu?

Jack retomou a cerveja, mas continuou de pé.

– Tive um dia péssimo, Del. Um daqueles dias que fazem o inferno parecer a Disney World. Cheguei em casa imundo, irritado e com uma senhora dor de cabeça. Quando abri a porta, lá estava ela. Dentro de casa.

– Não sabia que tinha lhe dado uma chave. Que progresso, Cooke...

– Não dei. Ela pegou uma cópia com Michelle.

– Hum! Ultrapassou o limite, não foi?

Jack estancou e fitou o amigo.

– É assim que eu sou? Qual é!

– É exatamente assim que você é. Com as mulheres.

– E isso faz de mim um monstro? Um psicopata?

Del se recostou no parapeito.

– Não. Talvez um tanto fóbico. Mas e aí?

– Bom, eu estava imundo e o meu humor combinava perfeitamente com minha aparência. Chego e encontro Emma lá dentro. Ela tinha posto umas floreiras no terraço. Por que está rindo?

– Estou só imaginando o susto que você levou...

– Meu Deus! Ela estava cozinhando, tinha flores na bancada, a música estava aos berros e a minha cabeça estourando. Se pudesse, voltaria atrás. Voltaria mesmo. Jamais a teria magoado.

– Eu sei.

– Ela ficou magoada e furiosa porque... estou sendo um babaca. Sem dúvida alguma. Mas,

em vez de brigar, talvez gritar um com o outro de vez em quando, pôr as cartas na mesa... As coisas tomaram outro rumo. – Como a dor de cabeça estava querendo recomeçar, Jack esfregou a garrafa gelada nas têmporas. – De repente, tudo mudou: não confio nela, não a recebo bem na minha casa. Ela disse que não estava aguentando mais. Que me ama e quer...

– Quer o quê?

– O que você acha? Casar, ter filhos, o pacote completo. Fiquei tentando aguentar firme, evitar que minha cabeça explodisse, porque, só assim, eu ia conseguir *pensar*. Mas ela não me deu tempo. Não me deixou assimilar o que tinha acabado de dizer. Terminou comigo. Terminou tudo. Disse que seu coração estava partido. Gritou. E foi embora chorando.

O rosto de Emma não lhe saía da cabeça, a tal ponto que ele estava cheio de remorso.

– Tudo o que eu queria era que ela se sentasse por um minuto. Que me desse um minuto. Só queria recuperar o fôlego e poder pensar. Mas ela não quis. Disse para eu ficar longe dela. Preferia que tivesse me dado um tiro a ver o olhar que ela me lançou quando me disse para ficar longe.

– Então foi isso? – indagou Del, depois de um breve silêncio.

– Acha pouco?

– Já fiz essa pergunta antes e você não me respondeu. Vou repetir agora. E, desta vez, diga sim ou não. Está apaixonado por ela?

– Ok. – Jack tomou um bom gole de cerveja. – Estou. Acho que precisei de um belo pé na bunda para perceber isso. Estou, sim. Eu a amo. Mas...

– Quer consertar o estrago?

– Acabei de dizer que a amo. Por que não iria querer?

– Quer saber como fazer isso?

– Que inferno, Del! – exclamou ele, bebendo mais um pouco. – Claro! Já que você é tão esperto, como é que eu conserto todo esse estrago?

– Rastejando.

– Posso fazer isso – disse Jack, com um suspiro.

capítulo vinte

Jack começou a rastejar pela manhã. Tinha na cabeça o discurso que passou a noite toda editando, revisando e aumentando. O problema, pelo que podia imaginar, seria conseguir fazer com que ela o ouvisse.

Ela ouviria, disse a si mesmo, ao se dirigir à propriedade dos Browns. Era Emma. Ninguém era mais gentil, mais generoso, que ela, e não era esse um dos tantos motivos pelos quais a amava?

Tinha sido um idiota, mas ela o perdoaria. Tinha que perdoá-lo porque... era Emma.

Ainda assim, sentiu um embrulho no estômago quando viu o carro dela estacionado na mansão. Não tinha ido para casa.

Não teria que encarar apenas ela, pensou, sentindo um verdadeiro frio na espinha, mas as quatro. E, de quebra, a Sra. Grady.

Eram capazes de arrancar o seu fígado.

E sem dúvida estava merecendo. Mas, caramba, por que tinha que lidar com as quatro de uma vez? Que merda!

– Aceite, Cooke – murmurou ele e saiu do carro.

A caminho da porta, pensava se um condenado tinha essa mesma sensação de desgraça e terror ao percorrer o último trecho do corredor da morte.

– Controle-se, cacete. Elas não vão matar você.

Mutilar talvez; com certeza teria que enfrentar um embate verbal.

Pela força do hábito, já ia abrir a porta quando se deu conta de que, agora que era *persona non grata*, tinha perdido esse direito. Tocou a campainha.

Pensou que podia amaciar a Sra. G. Ela gostava dele, de verdade. Podia começar implorando sua piedade e depois...

Parker veio atender. Ninguém, pensou ele, absolutamente ninguém conseguia amaciar Parker Brown.

– Hum... – começou ele.

– Oi, Jack.

– Quero... Eu preciso ver Emma. Pedir desculpas por... tudo. Se eu puder falar com ela por alguns minutos e...

– Não.

Era uma palavra tão pequena, pensou ele, dita de forma tão fria.

– Parker, eu só quero...

– Não, Jack. Ela está dormindo.

– Posso voltar outra hora, ou esperar, ou...

– Não.

– Isso é tudo o que tem a me dizer? Simplesmente não?

– Não – repetiu ela, sem nenhum traço de ironia ou humor. – Isso não é tudo o que vamos lhe dizer.

Mac e Laurel se postaram atrás dela. Tinha que admitir, por aquele plano de batalha, que o adversário era superior. Não tinha a menor chance, a não ser se render.

– O que quer que venham a dizer, eu mereço. Querem que eu admita que errei? Eu errei. Que sou um idiota? Pois sou. Que...

– Pensei em algo como canalha egoísta – comentou Laurel.

– Sou isso também. Talvez tenha havido algumas razões, talvez tenham sido as circunstâncias, mas nada disso importa. Com certeza não para vocês.

– Não mesmo – confirmou Mac, adiantando-se. – Não se você magoou a melhor pessoa que conhecemos.

– Não posso consertar isso, não posso ajeitar as coisas se não me deixarem falar com ela.

– Ela não quer falar com você. Ela não quer ver você – disse Parker. – Não agora. Não posso dizer que sinto muito por ver que também está machucado. Dá para ver que está, mas não lamento por isso. Não agora. Nesse momento, temos que pensar em Emma, não em você. Ela precisa de tempo, precisa que você a deixe em paz. Então, é isso que vai fazer.

– Por quanto tempo?

– Quanto for necessário.

– Parker, se ao menos você ouvisse...

– Não.

Jack a encarava, quando Carter veio da cozinha em direção ao hall. Ele lhe lançou um breve e compadecido olhar, depois se virou e foi embora.

A solidariedade masculina só chegava até ali.

– Não pode simplesmente fechar a porta.

– Posso e é o que vou fazer. Mas vou lhe dar algo antes, porque amo você, Jack.

– Ai, caramba, Parker.

Por que simplesmente não arrancavam seu fígado?, pensou ele. Seria menos doloroso.

– Amo você. Você não é simplesmente *como* um irmão para mim. Você *é* um irmão para mim. Para todas nós. Por isso, vou lhe dar uma coisa. E vou acabar o perdoando.

– Eu já não sei se concordo com isso – atalhou Laurel. – Tenho as minhas ressalvas.

– Vou perdoar você – prosseguiu Parker – e seremos amigos de novo. Mas o mais importante é que Emma vai perdoá-lo. Ela vai encontrar um jeito de fazer isso. Mas até lá, até que ela esteja pronta, você vai deixá-la em paz. Não vai ligar, tentar entrar em contato ou tentar vê-la. Não vamos contar a ela que você esteve aqui hoje de manhã, a menos que ela pergunte. Não vamos mentir para ela.

– Você não vai poder vir aqui, Jack. – A voz de Mac traiu uma pequena nota de compaixão. – Se tiver algum problema ou questão a ser resolvida com a obra no estúdio, vamos resolver por telefone. Você não vai poder vir aqui até que Emma seja capaz de lidar bem com essa história.

– Como vão saber se ela já está bem? – perguntou ele. – Acham que ela vai dizer: "Ei, meninas, já não me importo se Jack aparecer por aqui"?

– Nós saberemos – disse Laurel, curta e grossa.

– Se você gosta dela, vai lhe dar todo o tempo que for necessário. Preciso que dê a sua palavra.

Ele passou a mão pelo cabelo enquanto Parker aguardava sua resposta.

– Está bem. Vocês, todas vocês, a conhecem melhor que ninguém. Se estão dizendo que é disso que ela precisa, é porque é disso que ela precisa. Vocês têm a minha palavra que vou deixá-la em paz até... até.

– E... Jack? – acrescentou Parker. – Aproveite esse tempo. Pense sobre o que realmente quer, sobre o que realmente precisa. Quero a sua palavra para mais uma coisa.

– Quer que eu assine com sangue?

– Uma promessa bastará. Quando ela estiver pronta, vou ligar para você. Vou fazer isso por você e por ela, mas só se prometer vir aqui falar comigo antes de ir falar com ela.

– Tudo bem. Eu prometo. Mas podem entrar em contato de vez em quando só para me dar notícias dela? Para eu saber como ela...

– Não. Até logo, Jack. – Parker fechou a porta, calmamente, na cara dele.

Do outro lado, Mac deixou escapar um suspiro.

– Não acho que estou sendo desleal se disser que senti um pouco de pena dele. Sei como é ser um completo imbecil nesse tipo de situação. Ter alguém apaixonado por você e ser um cretino com a pessoa.

Laurel assentiu.

– É, você sabe. Tire um minutinho para sentir um pouco de pena dele. – Ela esperou, deu uma olhada no relógio e disparou: – Pronto?

– É, acho que deu.

– Acho que também vou dedicar um minuto a ele, afinal, o cara parecia péssimo. – Laurel olhou para a escada. – Mas ela está pior. Vamos até lá vê-la.

– Já vou. Acho que deveríamos nos ater à nossa rotina o máximo que pudermos – sugeriu Parker. – Ela só vai se sentir pior se as coisas se acumularem, se isso afetar os negócios. Então, por ora, vamos trabalhar e, se houver atrasos ou surgir imprevistos, vamos tentar mantê-la fora disso até que esteja recuperada.

– Se precisarmos de uma ajuda extra, podemos pedir socorro a Carter. Meu homem é o melhor.

– Você não se cansa de se gabar disso? – perguntou Laurel.

Mac pensou um pouco.

– Na verdade, não. – Passou um braço pelos ombros da amiga. – Acho que foi por isso que senti um pouco de pena de Jack, e sinto tanto por Emma. O amor pode ferrar bastante com você antes que descubra como conviver com ele. E uma vez que você descobre, fica se perguntando como conseguiu viver até ali sem ele. Acho que preciso ir dar um baita beijo em Carter. Voltarei de tarde para ver como ela está – acrescentou Mac já se dirigindo para a cozinha. – Liguem se ela precisar de mim antes disso.

– “O amor pode ferrar bastante com você antes que descubra como conviver com ele.” – Laurel estreitou os lábios. – Sabe, acho que podíamos pôr essa frase no nosso site.

– É um bom mote.

– Ela tem razão a respeito de Carter. Ele é o melhor. Mas esse homem não vai entrar na minha cozinha enquanto eu estiver trabalhando. Não quero ter que machucá-lo, Parker. Me avise se Em precisar de outro ombro para se lamentar ou se você precisar de um soldado na frente de batalha com as noivas.

Parker assentiu e subiu a escada.



Lá em cima, Emma se obrigava a sair da cama e parar de ficar sentindo pena de si mesma. Mas, em vez disso, abraçou o travesseiro e encarou o teto.

Suas amigas tinham fechado as cortinas, o que fez com que o quarto permanecesse escuro e silencioso. Elas a estavam tratando como uma inválida: fazendo tudo para ela. E ainda puseram travesseiros extras e um vaso com frésias na mesinha de cabeceira. Ficaram sentadas ali com ela até que pegasse no sono.

Devia se envergonhar, disse a si mesma. Devia se envergonhar de ser tão dependente, tão fraca. Mas só conseguia ficar grata por tê-las ali, por entenderem as suas necessidades.

Mas esse era outro dia. Precisava se mexer, lidar com a realidade. Corações partidos se curavam. Talvez as marcas ficassem para sempre, como cicatrizes, mas iam sarar. As pessoas viviam e trabalhavam, riam e comiam, andavam e falavam sem ligar para essas marcas.

Para muitos, as cicatrizes chegavam a desaparecer e podiam voltar a amar.

Mas quantas dessas pessoas tinham uma proximidade tão grande com aquele que havia partido seu coração a ponto de ter que vê-lo com frequência? Quantas dessas pessoas o consideravam como parte integrante de um tapete que podia ser inteiramente destruído caso esse fio fosse puxado?

Não tinha a opção de eliminar Jack da sua vida. De não vê-lo mais ou só se deparar com ele em determinadas ocasiões.

Por isso que relacionamentos amorosos no local de trabalho eram sempre cheios de riscos, concluiu. Quando acabavam mal, era preciso encarar a dor diariamente. Nove horas por dia, cinco dias na semana. Ou você se demite, pede transferência, se muda para outra cidade. Tenta escapar para poder se curar e seguir adiante.

Não era uma opção para ela porque...

Jamaica. A oferta de Adele.

Não seria apenas outro trabalho, nem outra cidade, mas outro país. Um começo inteiramente novo. Podia continuar a fazer o trabalho que amava, mas seria uma nova pessoa. Não se envolveria em relacionamentos complicados, não teria laços que a amarrassem. E não teria que encarar Jack quando ele desse uma passadinha na mansão nem correria o risco de encontrá-lo por acaso no mercado. Também não seriam convidados para as mesmas festas.

Não haveria os olhares de compaixão daqueles que sabiam das cicatrizes em seu coração.

Poderia fazer um bom trabalho com todas aquelas flores tropicais... Seria uma primavera e um verão eternos. Talvez tivesse uma casinha na praia, onde poderia escutar toda noite o barulho das ondas do mar.

Sozinha.

Mexeu-se quando ouviu a porta se abrindo.

– Estou acordada.

– Quer café? – Parker foi até a cama, levando uma xícara e um pires. – Eu trouxe, caso quisesse.

– Obrigada. Muito obrigada, Parker.

– Que tal tomar café da manhã? – Foi abrir as cortinas para deixar a luz entrar.

– Não estou com fome.

– Tudo bem. – Parker se sentou ao lado dela na cama e pôs para trás uma mecha de cabelo que caía na bochecha de Emma. – Conseguiu dormir?

– Consegui, sim. Acho que foi como uma válvula de escape. Agora estou me sentindo péssima e embotada. Uma estúpida. Não estou sofrendo por causa de uma doença fatal. Não estou com fraturas ou hemorragia interna. Ninguém morreu, caramba. E nem sequer tenho forças para sair da cama.

– Não passou nem um dia inteiro ainda.

– Vai dizer para eu dar tempo ao tempo. Que vai passar.

– E vai mesmo. Algumas pessoas dizem que separação é pior que a morte. Acho que é verdade. E acho que é bem parecido o que acontece quando se perde um amor tão grande, tão profundo. – Os olhos de Parker, calorosos e azuis, irradiavam compaixão. – Vai ter que passar pelo luto.

– Por que não posso simplesmente ficar com raiva? Xingá-lo de babaca, canalha ou outra coisa qualquer? Não posso pular a parte do luto e simplesmente odiá-lo? Nós todas podíamos sair, tomar um porre e ficar falando mal dele.

– Você não é assim, Emma. Se eu achasse que isso lhe faria bem, íamos tirar o dia de folga para ir beber e falar mal dele agora mesmo.

– Faria isso? – Enfim dando um sorriso, Emma se recostou nos travesseiros e ficou examinando o rosto da amiga. – Sabe o que eu estava pensando aqui no meu oceano de autopiedade um pouco antes de você chegar?

– O quê?

– Que eu deveria aceitar a proposta de Adele. Poderia ir para a Jamaica e ajudá-la a tocar seu negócio. Faria isso bem. Sei como montar uma empresa como essa, saberia geri-la. Ou pelo menos saberia encontrar a pessoa certa para cuidar da gestão. Seria um recomeço tranquilo para mim, e eu poderia fazer dar certo. Poderia fazer o negócio deslanchar.

– Claro que poderia. – Levantando-se, Parker foi até a janela de novo ajeitar as cortinas. – É uma decisão importante para se tomar, especialmente quando se está passando por um período de instabilidade emocional.

– Andei me perguntando como, meu Deus, eu poderia lidar com a perspectiva de ver Jack o tempo todo. Aqui, na cidade, nos eventos. Ele é convidado para um dos nossos eventos pelo

menos uma vez por mês. Todos nós temos tantos conhecidos em comum, nossas vidas são tão interligadas... Mesmo quando chegar um tempo em que eu puder pensar nele, em nós, sem... – Emma fez uma pausa para tentar se controlar. – Sem querer chorar, como vou conseguir lidar com tudo isso? Sabia que poderia ser dessa forma, sabia que isso podia acontecer, mas...

– Mas – repetiu Parker assentindo e se virando para ela.

– Então fiquei deitada aqui imaginando que podia aceitar a proposta, começar do zero, construir algo novo. A praia, o clima, um novo desafio a enfrentar. Pensei nisso por cerca de cinco minutos. Não, na verdade devem ter sido três. Aqui é minha casa, esta é minha família, é você, somos nós. Trata-se de mim. Então, tenho que descobrir um jeito de lidar com isso.

– Fico muito furiosa com ele por ter levado você a pensar numa coisa dessas, mesmo que por apenas três minutos.

– Mas, se eu tivesse decidido que isso seria o melhor para mim, você teria que me deixar ir.

– Teria tentado argumentar com você. Ia fazer planilhas, destacar os pontos principais, desenhar gráficos e mapas, fazer muitas e muitas listas. E ainda poria tudo num DVD.

As lágrimas voltaram a surgir nos olhos de Emma.

– Amo tanto você, Parker.

Parker se sentou de novo e envolveu a amiga num abraço bem apertado.

– Vou levantar, tomar um banho e me vestir. Vou tentar achar uma forma de enfrentar essa situação.

– Combinado.

Conseguiu sobreviver àquele dia e ao dia seguinte. Fez arranjos, criou buquês, encontrou clientes. Chorava e, quando a mãe passou para vê-la, chorou um pouco mais. Mas enxugou as lágrimas e foi em frente.

Lidou com crises, conseguiu aguentar a solidariedade verbal e não verbal da sua equipe quando estava preparando um evento. Viu noivas segurando suas flores, indo ao encontro do homem que amavam.

Viveu e trabalhou, riu e comeu, andou e falou.

Embora houvesse um vazio dentro dela que nada parecia capaz de preencher, Emma o perdoou.

Chegou à reunião do meio da semana com alguns minutos de atraso.

– Desculpem. Queria esperar a entrega da remessa para o evento de sexta à noite. Tiffany estava vendo isso, mas eu queria checar especialmente os copos-de-leite coloridos. Vamos usar muitas deusas-verdes e, antes de começar o trabalho, eu queria ver se o tom delas combina com o das orquídeas.

Foi até o aparador e pegou uma Coca-Cola Zero.

– Perdi alguma coisa?

– Ainda não. Na verdade, você é que vai começar – respondeu Parker. – Já que na sexta

temos o maior evento da semana e que as flores acabaram de chegar... Algum problema?

– Com as flores, não. Chegou tudo o que pedi e a aparência delas está ótima. A noiva queria alguma coisa ultracontemporânea com um toque de rústico. Copos-de-leite verdes, cymbidium, de um amarelo-esverdeado bem suave, com alguns lírios brancos para destacar as cores no buquê. As dez, isso mesmo, dez damas vão levar três deusas-verdes presas, formando um pequeno buquê. Mais um pequeno buquê de lírios brancos e um arranjo de cabeça de orquídeas para a menina das flores. Em vez de pulseira de flores ou porta-buquês, a mãe da noiva e a mãe do noivo vão levar uma única orquídea. Haverá vasos para tudo isso nas mesas do jantar e da recepção.

Emma baixou a tela do laptop.

– Também teremos deusas-verdes nas floreiras da entrada com bambus, orquídeas, pencas de amarantos pendentes e...

Baixou a tampa do computador.

– Preciso fugir do assunto de negócios por uns minutinhos. Primeiro, só para dizer que amo vocês, e que não sei o que teria feito sem vocês três na semana passada. Devem ter ficado de saco cheio de me ver me arrastando e choramingando...

– Fiquei mesmo – disse Laurel, erguendo a mão e acenando. O que fez Emma rir. – Na verdade, você se arrasta sem classe alguma. E ainda tem muito o que aprender quanto a choramingar. Espero que melhore no futuro.

– Vou tentar me esforçar. Mas nesse meio-tempo acabou. Estou bem. E como Jack não passou por aqui nem tentou me ligar, mandar e-mail ou sinal de fumaça, imagino que vocês tenham dito a ele para não fazer isso.

– Fizemos, sim – confirmou Parker.

– Obrigada por isso também. Eu precisava de tempo e distância para digerir tudo o que aconteceu e, bom, sair do buraco. Como também não vi sinal de Del, deduzo que vocês lhe pediram que ficasse longe por algum tempo.

– Parecia a melhor coisa a fazer – disse Mac.

– É provável que vocês tenham razão. Mas o fato é que somos todos amigos. Somos uma família. E temos que voltar a ser assim. Portanto, se vocês descobrirem um jeito de indicar que o campo está livre, podem mandar o sinal. Jack e eu podemos esclarecer as coisas, se for necessário, e tudo pode voltar ao normal.

– Se acredita que já está preparada...

– Estou, sim – disse ela, fazendo um aceno de cabeça na direção de Parker. – Então, passando ao vestíbulo...

Jack se sentou à mesinha do café.

– Obrigado por vir me encontrar, Carter.

– Estou me sentindo um espião. Tipo agente duplo – disse o outro, examinando o chá-verde à sua frente. – Acho que gosto disso.

– E então, como ela está? O que anda fazendo? O que está acontecendo? Diga alguma coisa, Carter, qualquer coisa. Já faz dez dias. Não posso falar com ela, não posso vê-la, nem mandar mensagens ou e-mail. Por quanto tempo vou ter que...? – ele se interrompeu, franzindo a testa. – Isso sou eu?

– Exatamente.

– Meu Deus, não aguento ficar perto de mim. – E, erguendo os olhos para a garçonete, pediu: – Morfina, por favor, dose dupla.

Ela reagiu com uma risada.

– Que tal um chá desses? – propôs Carter.

– Não cheguei a esse ponto. Ainda. Um café. Como ela está, Carter?

– Está bem. Há muito trabalho nessa época. Junho é... na verdade, é uma loucura. Ela está dedicando muitas horas ao trabalho. Todas estão. E Emma passa muito tempo em casa. Em geral, uma delas vai até lá, pelo menos por alguns instantes, à noite. A mãe de Emma também apareceu e sei que o encontro foi bem emocionante. Mac me contou. Esse é o papel do agente duplo. Emma não toca no assunto comigo. Não sou exatamente o inimigo, mas...

– Entendo. Também não tenho ido à livraria porque acho que Lucia não vai querer me ver.

Dividido entre o aborrecimento e a tristeza, Jack se recostou no banco.

– Del também não pode ir até lá. Por decreto da Parker. Meu Deus, parece até que eu a traí, a espanquei ou... É, estou tentando justificar. Como posso lhe dizer que lamento muito se não posso falar com ela?

– Você pode ir treinando o que vai dizer quando puder.

– Tenho feito muito isso. Com você é assim também, Carter?

– Na verdade não estou proibido de falar com Mac.

– O que estou querendo dizer é...

– Eu sei. É assim mesmo. Ela é a luz. Antes, você podia sair tateando no escuro ou se virar na penumbra. Aliás, nem sabia que estava na penumbra porque sempre tinha sido desse jeito, mas de repente ela é a luz. Tudo muda.

– E se a luz se apaga ou, o que é ainda pior, se você é imbecil o bastante para apagá-la, tudo fica infinitamente mais escuro que antes.

Carter se debruçou um pouco sobre a mesa.

– Acho que para ter a luz de volta, você precisa lhe dar motivo para isso. O que você diz é uma coisa, mas o importante é o que você faz.

Jack assentiu e pegou o celular que tinha tocado.

– É a Parker. Ok. Ok. É? – disse ele quando atendeu. – Ela está... O quê? Sinto muito. Ok. Obrigado, Parker. Ok, estarei aí.

Desligou o telefone.

– As portas se abriram. Tenho que ir, Carter. Há coisas que preciso...

– Claro, vá. Eu cuido disso aqui.

– Obrigado. Meu Deus, estou meio enjoado. Deseje-me sorte.

– Boa sorte, Jack.

– Vou precisar. – Levantou-se e dirigiu-se para a porta quase correndo.

Chegou à mansão exatamente na hora em que Parker havia marcado. Não queria irritá-la. O crepúsculo vinha descendo de mansinho, acompanhado do perfume de flores. Suas mãos estavam suadas.

Pela segunda vez em anos, tocou a campainha.

Parker veio abrir. O terninho cinza e o coque baixo na nuca lhe mostraram que ela ainda estava em clima de trabalho. Bastou vê-la, tão perto, tão jovial, tão linda, para Jack perceber como tinha sentido sua falta.

– Oi, Parker.

– Entre, Jack.

– Já andava me perguntando se voltaria a ouvir você dizer isso.

– Ela está pronta para falar com você. Então estou pronta para deixar que fale com ela.

– Será que você e eu voltaremos a ser amigos?

Ela o fitou, depois segurou o rosto dele com ambas as mãos e lhe deu um beijo.

– Você está péssimo, o que é um ponto a seu favor.

– Antes de falar com Emma, queria dizer que eu morreria se perdesse vocês. Você, Laurel, Mac. Morreria.

Desta vez, Parker passou os braços pela cintura dele e deixou que ele a abraçasse.

– A família perdoa. – Deu-lhe um abraço mais apertado antes de se afastar. – Que escolha temos? Vou lhe dar duas opções, Jack. E você vai fazer a sua escolha quando for ver Emma. A primeira: você não a ama...

– Parker, eu...

– Não, não me diga nada. Se você não a ama, se não pode lhe dar o que ela quer e precisa ter, não apenas por ela, mas também por você mesmo, termine tudo com uma conversa clara. Ela já o perdoou e vai aceitar isso. Não lhe prometa o que você não pode ou não quer lhe dar. Isso é algo que ela jamais vai superar, e você jamais será feliz. Segunda opção: se você a ama, se pode lhe dar o que ela quer e precisa ter, não apenas por ela, mas por você mesmo, posso lhe dizer como agir, o que vai fazer toda a diferença.

– Então me diga.



Emma ficou trabalhando até tarde e sozinha, como vinha fazendo quase toda noite. Isso logo ia passar, pensou. Sentia falta de gente, de conversa, de movimento. Estava praticamente pronta para voltar a sair da zona de segurança. Esclarecer as coisas, decidiu. Dizer o que precisava ser dito e então voltar a ser ela mesma.

Percebeu que também sentia falta da velha Emma.

Levou o trabalho recém-terminado para a câmara fria e voltou para limpar sua bancada de trabalho.

A batida à porta a deteve. Antes mesmo de abri-la, sabia que era Jack. Não havia ninguém mais eficiente que Parker.

Ele estava carregando uma enorme braçada de dálias de um vermelho forte. O coração de

Emma deu um pulo.

– Oi, Jack.

– Emma... – suspirou ele. – Emma... – repetiu. – Sei que é banal trazer flores para preparar o terreno, mas...

– Elas são lindas. Obrigada. Entre.

– Tem tanta coisa que eu queria dizer...

– Preciso pôr essas flores na água. – Virou-se, foi até a cozinha para pegar um vaso, um frasco do adubo que ela sempre mantinha já preparado e uma tesoura. – Compreendo que haja coisas que você queira dizer, mas tem algo que preciso dizer antes.

– Tudo bem.

Emma começou a cortar os caules sob água corrente.

– Primeiro, quero pedir desculpas.

– Não! – exclamou Jack, num tom de voz um tanto alterado. – Não faça isso.

– Vou pedir desculpas pelo jeito como agi e pelo que disse. Para começar porque, quando me acalmei, compreendi que você não estava bem, estava exausto, irritado. E eu, de forma muito deliberada, ultrapassei um limite.

– Não quero um maldito pedido de desculpas.

– Mas está recebendo um. Então, trate de lidar com isso. Eu estava com raiva porque você não me deu o que eu queria. – Emma começou a arrumar as flores, uma a uma. – Devia ter respeitado os seus limites, mas não fiz isso. Você foi grosso, portanto, isso seria culpa sua, mas eu o provoquei, então a culpa é minha. O mais importante, porém, é que prometemos um ao outro que continuaríamos amigos, e não mantive minha palavra. Quebrei essa promessa e sinto muito. – Nesse momento, Emma olhou para ele. – Lamento tanto por isso, Jack...

– Tudo bem. Já terminou?

– Não exatamente. Continuo sendo sua amiga. Só precisava de algum tempo. É muito importante para mim continuarmos amigos.

– Emma – começou ele, pondo a mão sobre a dela na bancada da cozinha. No entanto, ela retirou a mão e tratou de se ocupar com as flores.

– São lindas mesmo. Onde as conseguiu?

– Com seu fornecedor. Liguei, implorei, disse que eram para você.

Emma sorriu, mas manteve a mão fora de alcance.

– Está vendo? Como podemos não ser amigos se você tem a ideia de fazer algo assim? Não quero nenhum sentimento ruim entre nós. Ainda nos gostamos, vamos deixar todo o resto para trás.

– É o que você quer?

– É.

– Então está bem. Suponho que agora vamos tratar do que eu queria dizer. Vamos dar uma volta. Preciso de um ar fresco para começar.

– Claro.

Orgulhosa de si mesma, Emma deixou de lado a tesoura e o vaso.

Assim que chegaram ao lado de fora, ela enfiou as mãos nos bolsos. Podia perfeitamente fazer isso, pensou. Estava fazendo, e bem. Mas não conseguiria se ele a tocasse. Não estava pronta para isso, ainda.

– Naquela noite – começou ele –, eu estava exausto, irritado e tudo o mais, só que você não estava enganada quando disse o que disse. Eu, por minha conta, não tinha entendido. Não mesmo. Que eu tinha erguido todos aqueles escudos e barreiras. Tenho pensado nisso desde então. No por quê. A melhor ideia que tive é que quando meus pais se separaram e eu fiquei com o meu pai, havia coisas... de outras mulheres. No banheiro ou pela casa. Aquilo me deixava chateado. Eles tinham se separado, mas...

– Eram seus pais. Claro que aquilo o deixava chateado.

– Nunca superei o divórcio deles.

– Ah, Jack.

– Um clichê, mas é verdade. Eu era criança, vivia despreocupado e de repente... Um dia eles se amavam, eram felizes. De repente não se amavam mais nem eram felizes.

– Essas coisas nunca são tão fáceis, não é algo que se decide e pronto.

– Isso é lógica e razão. Não é o que eu sentia. Recentemente me ocorreu que eles eram capazes de se comportar de forma civilizada, de construir uma vida boa e feliz separados, sem viver numa guerra constante e sem fazer de mim uma vítima. Peguei isso e distorci o seu sentido. Não faça promessas, não construa um futuro porque sentimentos mudam e acabam.

– É verdade. Você não está errado, mas...

– Mas – atalhou ele – deixe que eu diga isso a você. Mas se você não pode confiar em si mesmo e em seus próprios sentimentos, se não pode se arriscar nesse sentido, de que serve tudo isso? É um salto, e acho que, se você decide saltar, se você diz que vai fazer isso, tem que saber o que está fazendo. É melhor ter certeza porque você não é a única pessoa envolvida e não é só o agora. Você tem que acreditar para dar o salto.

– Tem razão. Agora entendo melhor por que as coisas... Bom, o porquê.

– Acho que nós dois entendemos melhor. Sinto muito por ter feito você não se sentir acolhida. Sinto muito por você estar achando que ultrapassou um limite ao tentar fazer alguma coisa para mim. Alguma coisa que eu deveria ter valorizado. Que eu valorizo – emendou Jack. – Tenho regado as plantas.

– Ótimo.

– Você tinha... Meu Deus, senti tanta saudade... Não consigo me lembrar de nada que pensei em dizer, que ensaiei. Não consigo lembrar porque estou olhando para você, Emma. Você tinha razão. Eu não soube lhe dar o devido valor. Será que pode me dar outra chance? Por favor, me dê outra chance.

– Jack, não podemos voltar atrás e...

– Voltar atrás, não, seguir adiante. – Pegando-a pelo braço, ele a virou para ficarem frente a frente. – Seguir adiante. Tenha dó de mim, Emma. Me dê outra chance. É só você que eu quero. Preciso da sua... luz – disse ele, lembrando-se da palavra usada por Carter. – Preciso do seu coração e do seu riso, do seu corpo, do seu cérebro. Não me dispense, Emma.

– Começar daqui quando nós dois queremos coisas diferentes, precisamos de coisas

diferentes... Não seria certo para nenhum de nós. Não posso fazer isso.

Quando os olhos dela se encheram de lágrimas, ele a puxou para si.

– Deixe-me tentar. Deixe-me dar o salto. Por sua causa, Emma, eu acredito. Com você não é só o agora, é amanhã e o que quer que ele traga. Amo você. Amo você.

Quando a primeira lágrima rolou, ele se moveu um pouco junto com ela.

– Amo você. Estou tão apaixonado por você que nem consegui perceber. Não consegui ver porque isso é tudo, você é tudo. Fique comigo, Emma, fique comigo.

– Estou com você. Quero... O que você está fazendo?

– Dançando com você – respondeu ele, levando a mão dela aos lábios para beijá-la. – No jardim, à luz da lua.

O coração de Emma estremeceu, pulou no seu peito e todos os pedacinhos se juntaram.

– Jack.

– E estou lhe dizendo que a amo. Estou lhe pedindo para construir uma vida comigo. – Ele a beijou enquanto giravam, deslizavam. – Estou lhe pedindo para me dar o que preciso, o que quero, embora eu tenha demorado tanto para descobrir isso. Estou lhe pedindo para se casar comigo.

– Casar com você?

– Casar comigo. – O salto foi tão fácil, a aterrissagem tão suave e certeira... – Viver comigo. Acordar comigo, plantar flores para mim e provavelmente me lembrar de regá-las. Vamos fazer planos e mudá-los à medida que o tempo for passando. Vamos construir um futuro. Vou lhe dar tudo o que eu tiver e, se precisar de mais alguma coisa, vou buscar e lhe dar também.

Emma ouviu suas próprias palavras voltarem para ela no ar perfumado, sob o luar, enquanto o homem que ela amava a fazia girar numa valsa.

– Acho que acabou de fazer exatamente isso. Acabou de me dar um sonho.

– Diga que sim.

– Tem certeza?

– Até que ponto você me conhece?

Sorrindo, ela piscou os olhos para secar as lágrimas.

– Muito bem.

– Eu lhe pediria para se casar comigo se não tivesse certeza?

– Não, não pediria. Até que ponto você me conhece, Jack?

– Muito bem.

Ela procurou os lábios dele, toda entregue à felicidade.

– Então, sabe qual é a minha resposta.

Na varanda do terceiro andar, as três mulheres estavam paradas olhando, abraçadas pela cintura. Atrás delas, a Sra. Grady suspirou.

Quando Mac fungou, Parker enfiou a mão no bolso para pegar um pacote de lenço de papel.

Ofereceu um a Mac, um a Laurel, um à Sra. Grady e pegou um para si mesma.

– Que lindo – Mac conseguiu dizer. – Eles estão tão lindos. Olhem só essa luz, o tom prateado, as sombras das flores, o brilho e a silhueta formada por Jack e Emma juntos.

– Você está pensando em fotos – disse Laurel, secando os olhos. – O que há ali é romance de verdade.

– Não só em fotos. Em momentos. Esse é o momento de Emma. Sua borboleta azul. E provavelmente não deveríamos estar aqui olhando. Se eles nos virem, o encanto vai se quebrar.

– Eles só conseguem ver um ao outro. – Parker pegou a mão de Mac e a de Laurel, e sorriu quando sentiu que a da Sra. Grady tinha pousado em seu ombro.

Aquele momento estava sendo exatamente como deveria ser.

As três ficaram olhando, vendo Emma dançar, na noite branda de junho, ao luar, no jardim, com o homem que ela amava.

sobre a autora

© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios por vários de seus livros, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. O jornal *The New Yorker* já a chamou de "a romancista favorita dos Estados Unidos".

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e *À primeira vista,* de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

s u m á r i o

Créditos

prólogo

capítulo um

capítulo dois

capítulo três

capítulo quatro

capítulo cinco

capítulo seis

capítulo sete

capítulo oito

capítulo nove

capítulo dez

capítulo onze

capítulo doze

capítulo treze

capítulo catorze

capítulo quinze

capítulo dezesseis

capítulo dezessete

capítulo dezoito

capítulo dezenove

capítulo vinte

sobre a autora

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro